

LIVRO PRIMEIRO
DAS
SAUDADES DA TERRA

DOUTOR GASPAR FRUTUOSO
1522-1591

Livro Primeiro das Saudades da Terra
copyright © Capt. E. G. da Costa Duarte

SeaLegacy Publishing
A division of E. G. Duarte & Associates
New Westminster, BC
Canada V3M 5G7
www.sealegacy.com

All rights reserved. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means - graphic, electronic or mechanical - without the prior written permission of the publisher. Any request to photocopy any part of this book shall be directed in writing to Access Copyright (formerly Cancopy, the Canadian Copyright Licensing Agency), Toronto.

SeaLegacy Publishing gratefully acknowledges the assistance of the Resendes family in the production of this book.

Electronic data and word processing: Leticia Isibido
Cover design: E. G. da Costa Duarte

National Library of Canada Cataloguing in Publication Data

Frutuoso, Doutor Gaspar, 2005
Livro Primeiro das Saudades da Terra / Doutor Gaspar Frutuoso

ISBN 0-9737324-1-5



SeaLegacy Publishing

O MANUSCRITO ORIGINAL DAS SAUDADES DA TERRA

O manuscrito original das Saudades da Terra é um códice de 571 folhas, numeradas no retro e reunidas em cadernos de diferentes marcas e dimensões, com um formato que no seu conjunto mede 0,35m X 0,23m.

Está dividido em seis livros, cujos títulos, exceptuando o do Livro VI, foram escritos pela mão do autor, como se deduz da Forma e do talho da letra, facilmente identificável nos registos paroquiais da Matriz da Ribeira Grande, onde o Dr. Gaspar Frutuoso desempenhou o cargo de vigário desde 1565 até Agosto de 1591, mês e ano em que faleceu.

Por um velho hábito vêm os bibliófilos chamando autógrafo a este manuscrito; porém, manda a verdade que se diga que muitos dos respectivos capítulos, embora da sua autoria, não são do punho do Dr. Frutuoso, e em alguns, nem mesmo aquela lhe pode ser atribuída.

E, pois, um conjunto bastante heterogéneo de caligrafias e de cadernos com variados tipos de letra e papel de diversas marcas e espessuras, se bem que a escrita de Frutuoso apareça em todos os livros e chegue a preencher totalmente o livro V.

A única nota de uniformidade, que neste códice se observa, é a que respeita à numeração dos cadernos e dos fólhos; embora bastante esmaecida e, por vezes, quase ilegível, pelo que foi avivada nalguns sítios, é desde a primeira à última folha toda do mesmo punho e coeva da confecção da obra, não me repugnando acreditar que fosse esse punho o do autor.

Neste caso, temos de convir que não passa de acrescentamentos ou substituições feitas pelo cronista, ou, quando muito, com a sua conivência, o que à primeira vista poderá julgar-se uma fraude ou interpolação grosseira, cometida por outrem.

O Livro I, que contém 53 folhas, versa sobre as ilhas Canárias e de Cabo Verde, incluindo igualmente capítulos em que se relatam o

descobrimto das Antilhas e as questões suscitadas pela linha de demarcação do tratado de Tordesilhas, a empresa de Magalhães, as viagens de Drake e os seus actos de pirataria, e, a propósito da origem do Arquipélago dos Açores, se discute a existência da Atlântida de Platão.

O Livro II, com 79 folhas, trata das ilhas da Madeira e do Porto Santo, de cuja descoberta, capitães donatários, prelados etc., dá notícias bastante pormenorizadas. Para a sua elaboração, serviu-se Frutuoso, sobretudo, do trabalho que, a seu pedido, fez o cônego da Sé do Funchal, Jerónimo Dias Leite, o qual, inédito e de paradeiro desconhecido, só em 1947 foi dado à estampa pelo Dr. João Franco Machado, mediante um apógrafo existente na Academia das Ciências de Lisboa.

O Livro III, bastante mais pequeno conta 38 folhas apenas refere-se à ilha de Santa Maria, a primeira dos Açores por ordem da sua enumeração sueste-noroeste, e está redigido nos moldes do anterior, se bem que de dimensões muito mais reduzidas.

O Livro IV, que respeita à ilha de S. Miguel, terra da naturalidade do cronista e onde residiu uma grande parte da sua vida, é, por isso mesmo, o mais volumoso e rico de informações de variada natureza, abrangendo o longo período que vai desde a colonização no século XV até à data do seu falecimento, que, ocorreu a 24 de Agosto de 1591. São 251 folhas, em grande parte da sua própria mão, com abundante matéria genealógico, pelo que se considera fonte de inestimável apreço para os estudos desta especialidade na ilha de S. Miguel.

O Livro V ou História dos Dois Amigos, pequena novela de cavalaria, abrangendo 41 folhas, foi introduzida na obra, possivelmente com o fim de amenizar a severidade do assunto histórico que constitui o seu fulcro; é um documento assaz comprovativo da acentuada tendência do autor pelas belas-letas.

Finalmente, o Livro VI, com 106 folhas, condensa as notícias que Frutuoso pôde colher sobre as restantes ilhas dos Açores, todas de indiscutível interesse, mormente a aclamação de D. António, Prior do Crato, em Angra e os trágicos episódios da luta pela independência que se lhe seguiram, a qual, como se sabe, teve neste Arquipélago o seu último reduto.

LIVRO PRIMEIRO DAS SAUDADES DA TERRA

COMPOSTAS PELO DOCTOR GASPAR FRUCTUOSO, EM QUE SE TRATA COMO A FAMA VEIO TER COM A VERDADE, QUE ESTAVA SOLITÁRIA EM UMA SERRA DA ILHA DE SÃO MIGUEL: ONDE LHE A VERDADE CONTA O DESCOBRIMENTO DAS ILHAS CANÁRIAS, E DO CABO VERDE, E ÍNDIAS DE CASTELA; E DÁ RAZÕES PROVÁVEIS CONTRA DUAS OPINIÕES, QUE HÁ DAS ILHAS DOS AÇORES; E POR FIM PÕEM ALGUMAS CONJECTURAS DOS PRIMEIROS E ANTIGOS DESCOBRIDORES DELAS.

CAPÍTULO PRIMEIRO

DE UNS QUEIXUMES QUE FAZ A VERDADE, ESTANDO SOLITÁRIA
EM UMA SERRA DA ILHA DE S. MIGUEL

Engeitada nasci no Mundo, triste, sem ventura, e logo de pequena comecei ser desestimada por esta tacha. Seis horas, me dizem alguns, e outros uma só, que tive riqueza e alegria, quando meu Pai era inocente, rico e ledô. Mas, como por engano de um envejoso, me deitou minha ama fora do berço em que me embalava, ficando ele pobre e triste, fiquei eu também com esta herança dele. Que causa fosse, então, daquele meu desterro, era eu ainda pequena, não a soube. Mas depois vim a saber uma, que foi a desobediência do homem, a qual já eternamente estava prevista na mente divina, que é omnisciente, a quem tudo está presente, sem por isso o obrigar, forçar ou necessitar a pecar, se ele não quisesa, pois que, pondo-o na mão de seu conselho, lhe deu livre arbítrio pera escolher o que quisesse.

Ouvi que morava meu Pai em altos e sumptuosos paços, senhor de muitas riquezas, pagens e donzelas, sendo de cousas altas e baixas bem servido, sem temor nem sobressalto de perder alguma delas; perdeu-me a mim só e, perdendo-me, perdeu todas.

De altos montes e de alto lugar caí em baixos vales, de alegrias grandes vim a dar em dores tristes e de segura vida comecei ver morte incerta; vivendo, pois, pera ver tristezas tais e mágoas tantas, não é muito que só com minhas saudades de tanto bem perdido acabe ou comece a viver sem acabar, morrendo sempre por que esteja de confino em roda viva a minha morte e em roda mortal esteja voltando sempre à mortal vida.

Depois que desemparrados foram os campos verdes, depois de perdidas as claras fontes, ricos rios, deixados os jardins de doces frutos e fermosos, acabando de perder aquela quieta, segura e descansada vida, sem calmas nem frios, sem ventos nem chuvas, sem trabalhos nem dores, sem nenhuns perigos e infortúnios; vestidos de peles peregrinando pelo vale de lágrimas nossos ayos, começaram-se tantas envejas e contendas antre os filhos, começaram-se mais que civis batalhas e mortes cruas; tanto que, contendendo antre si, me perderam quase todos e fiquei, como digo, engeitada, desterrada e aborrecida no mundo e sem viver. Mas que fora de mim, se isto não fora, pois perdera mil coroas nesta safra bem lavradas! Não há mal, enfim, que pera algum bem não venha. Esta consolação de meus trabalhos e perdas só me fica, mas nem com isso têm repouso os meus cuidados, que, como descí doutra terra mui alta a esta baixa, logo fiquei estranhada e estrangeira em terra alheia.

Não entendo a linguagem das gentes, nem me entendem. Ouço tantos vasconços disfraçados, vejo disfraces novos vasconçados; sendo eu tão clara, fico obscura e triste. Nos desertos trajos brancos e a boca aberta trago, mas, se, a povoado vou, doutra cor me visto; cadeado mourisco que por dentro fecha os beijos nela levo, com silêncio dissimulando falas e obras mentirosas, que, se as resprendesse muito mais do que agora sou perseguida fora.

Quando meu Pai de ouro de altos quilates se Vestia, depois de perder o serviço das verdes esmeraldas, fermosos rubis, subidos topázios, claros diamaens, balais, hiacintos, safiras, jagonças, ametistes, crisólitas, perlas ricas, aljôfar e outra pedraria fina, resplandescia e soava no Mundo a fama do meu nome esclarecida.

Mas, depois que foi roubado dos vasos de ouro acendrado e puro, servindo-se já com branca prata, rica e limpa, veio outra manada de piratas roubadores e ficou com vasos de baixo cobre e metal servido. Foram suas riquezas sonhos sonhados de alegria, que lhe estava parecendo que tinha mui segura, mas ficou com dobradas penas e agonias tristes, quando, depois de acordado, em vão apertava a mão vazia; cuidando o pobrezinho que achava um grão tesouro, quando esperto olhou, viu e achou ser tudo nada e vento. Nem o metal e cobre ainda pôde logrã r por muitos anos o cansado velho, porque na partilha do ouro e prata, que roubada lhe era, houve antre os salteadores sobre isso tanta guerra, que, pêra mais crua lha fazer, fundiram dele artilharia tão cruel e fera, que lhe foi necessário vestir seus fracos e cansados ombros de pesado e duro ferro.

Em mancebo, sem armas, andava em toda a parte sem perigo, e em velho, carregado de ames e malha, quase de todos ofendido, andando em guerra campal com todos e consigo mesmo, nem ainda vestido de ferro se pôde bem livrar de seus contrários. Assi como ia crescendo a malícia dos homens que nascendo iam, assi ia minquendo a excelência do metal que dantes possuíam. Assi parece que de mal em pior vai, até que, por fim, meu Pai acabe o tempo e, já de muito velho, se torne em terra fria, sem moverse.

Não chorarei eu, então, sua morte, mas a vida sua choro, que mais digna é de chorar a vida de muitas mortes cheia que uma só morte, fim de tantas vidas tristes. Choro também a mim e a pouca ventura minha, pois, por mais que me fez Deus fermosá criatura antre as gentes, quase de ninguém sou vista, nem ouvida, nem querida.

Revolta desta sorte, que digo, a casa de meu Pai, quieta e leda, pêra maior mágoa minha nunca conheci mãe que me criasse, sendo assim mal criada de mães alheias e estranhas amas, como quem não tinha em mim parte pêra me bem criar e amar; e, como cousa doutro diferente sangue, casta e vida, caí em tanto avorrecimento às mulheres com meus queixosos choros até que também, por sua parte, dos homens vim ser avorrecida.

Já não havia pessoa que com direitos olhos me olhasse; nenhum me via, nem ouvia, que não me perseguisse e, se alguém me tinha afeição, não ma mostrava; quase de todos desestimada, de muitos nem vista nem querida, vivi eu alguns anos antre as gentes, onde vi tantas cousas de tristezas tão crescidas, que me faziam sentir menos as muito maiores que eu passava; e, vendo assi as alheias compassar as minhas, aprendi também a ser sempre sem ventura, que, se alguma agora me viesse, já me não faria leda. Desejava eu acabar, por ver se acabariam comigo minhas mágoas, mas não lhe vendo cabo, me vinham elas mais a pares.

Por a morte fugir tanto de mim, me veio já em algum tempo suspeita que poderia ela ser fim de meus desgostos, e que por isso fugiria, por me privar de um gosto tão crescido e desejado. Mas depois que por longos anos me vejo morta cada hora, sem alguma meus choros sé esgotarem, nem faltarem, vim a cair na conta que uma só morte, que de mim fugia, não era poderosa pêra matar tantas que cada dia viva me enterravam, que sempre ouvi dizer que os muitos faziam perder aos poucos esforço e valentia; e, pois, eu padecia tantas mortes, mal poderia uma só, que desejava, matar a multidão das muitas que eu sofria.

Outro erro, como este, me lembra ouvir, sendo minina, que a roda da Fortuna, costumada nunca estar em um ser, lugar e ponto, sempre andava; cria-o eu, porque era ainda moça de pouca experiência e tenra idade; mas do Tempp, meu Pai, tenho aprendido ser tudo abusão e fingimento daqueles que tiveram ou têm poucos cuidados, pois os primeiros que eu tive, de tantos anos a esta parte, nunca mais me deixaram a mim, nem a si mudaram; e, se por ventura tem alguma mudança a sua roda, não me digam que é pêra bens, pois eu a não sinto senão pêra mores males, que dos bens pêra eles, ou deles pêra outros peores, bem me vejo eu andar voltando nela; do mal pêra algum bem na casa da Verdade avorrecida não me tirará ninguém da fantasia; a não tem; e se, porventura, por esta via a

fortuna dalgum instrumento usa, poderá dizer ser quadrado, que assente e afirme, e não redondo, que rode, pois meus males nunca foram pêra bens, mas sempre fizeram firme e imóvel assento no que sempre foram e dantes eram, donde vejo eu que só herdei grande e firme estado. Porque os príncipes, herdeiros de impérios e reinos e grandes senhorios, não os herdaram mais que como emprestados, pois os tornam a deixar pêra outros que neles lhe são logo sucessores, mas meus acrescentados males e trabalhos estão tão firmes, sem fazer de mim mudança pêra outra parte, que eles com tanta ânsia se podem chamar estado. E bem sei eu que depois de minha morte, se me vier, ninguém os sustentará em tanta perpetuidade de firmeza e grã ndeza, como eu faço. Assi que em mim são os desgostos, como modronhos que nunca saem da árvore, uns maduros, outros verdes, uns caídos, outros nascidos. Parece que é já esta doença hereditária e justa, ou injusta herança de meus primeiros avoengos mal logrã dos, que, em mim, sem avante passar, há de fazer seu fim, termo e remate. E já com isto me contentaria, se presto acabasse eu, ou acabassem eles, mas parece que levam o seu passeio tão vagaroso, como se afirma levar o nono Céu, a que chamam Cristalino, o qual dizem dar sua volta natural em quarenta e nove mil anos. Poderá ter tudo, e terá este Céu, período de acabar seu curso em determinado tempo, mas as mágoas e saudades, que em mim vejo, não têm outro mais limitado fim que não ter termo. Se eu alguma consolação tenho, é não a ter; e, se alguma vida vivo, é não viver antre as gentes.

Já em outro tempo vivi antre os homens mui honrada, mas, agora, sem honra e sem vida, sou pêra todos quase morta, mais porque eles assi o quiseram que porque eu lho mereça, nem me lembra que nunca lho merecesse; antes o desejo que eu tenho de viver em sua companhia, e o que eles houveram de ter da minha, nunca lho eu desmereci, nem nunca mo eles mereceram.

Agora quero antes morar antre estas sombrias e frondosas árvores e repousar sobre estas verdes e frescas ervas e encostar-me a estes duros e lisos penedos, das contínuas correntes tão lavados, que viver onde a vida me era morte de cada dia e cada hora; que, quem tem razão, mortes suas pode chamar às sem razões alheias. E por as gentes se governarem já por opinião e pompa, deixando a Verdade aparte, quis eu fugir dantre elas e vir-me morar neste solitário ermo, onde não há senão cousas governadas na obediência do Criador que as criou todas. Aqui espero passar alguns dias com

menos mortes, que não tratarei neste lugar, ao menos com quem mas dê contínuas; e as que comigo trouxe dos povoados cuidarei que, pelo descostume, se me irão gastando e consumindo; e, assi, poderei ter confiança nalgum tempo de algum descanso neste ermo, o que no povoado jamais pude esperar, por mais que o desejasse, pois nunca lá esperei bem, senão como a má paga tarde, mal e nunca.

Mas, coitada de mim, que estou falando e não vejo que até neste lugar não estou segura, que, pois não há cousa que por tempo se não descubra, como, se souber que eu aqui estou e moro, me hão de fazer os homens guerra a ferro e fogo.

Nos breves dias que aqui estiver, sem que de mim se saiba parte, quero escrever o que nesta terra passei e vi, antes que pêra outra mude o meu desterro. Saberão, ao menos, as gentes a quem perseguem, querendo, ou acertando, depois algum triste ler o que eu aqui deixar escrito, que eu não hei de escrever senão tristezas, pois no mundo já não há contentamentos, e os que há, ou houve, são e foram breves e mui pequenos, por grandesque eles pareçam e parecessem, depois que se vem a descobrir a mistura e liga do mal encoberto que consigo trazem e com que aguados foram. E ainda que compridas e perfeitas fossem as alegrias, como logo foram salteadas com ciladas de tristezas, ainda que mui pequenas quantas vimos, vem cada um experimen-tar em si, ou em seu vizinho, que nunca nesta vida triste os grandesbens se igualam com pequenos males, porque, enfim, mais magoa uma pequena mágoa do que deleita um gosto grã nde. E se por algum caso, neste mundo me dessem algum bem e gosto de tristeza isento e forro, ainda esse não escaparia do seu desgosto, quando se acabasse e conhecesse, pois todos confessam ter o bem este mal, que nunca se conhece, senão depois que se não pode cobrar e é já perdido. Pêra os contentes se vá o prazer, e a mim tristeza me contente, que ela é o manjar deste mundo e os prazeres não são dele, e, se os há, ou têm algumas das tachas que ditas tenho, ou são de todo contrafeitos, e com feitos de enforcado pois se acabam. Nem cuide ninguém que foram neste choroso vale dados os olhos pêra ver prazeres, que não há nele; seu ofício não é senão chorar mágoas tristes, porque pêra rir já não há alegrias; houve-as elas na Terra (como dizem) só por espaço de seis horas, ou de uma só, antes que o Criador dela a maldisresse, mas tudo se depois tornou trabalho e tristeza obscura, quando com espada de fogo deitaram os homens do lugar alegre a este triste, onde, como em prisão e desterro, foram todos postos.

Suspendidos e destemperados estão os instrumentos da alegria. Sem eles, quem cantará cantar alegre em terra alheia? Se não for insensível, que preso engorda e folga, e, sem lhe lembrar soltura, pela doce pátria e casa não suspira?

Com mostras de prazeres enramados, engana o mundo a muitos; com heras em seus vãos e podres troncos abraçadas e empinadas apascenta os olhos sós, mas faminto fica o gosto, e, se ele algum fruto gosta, é verde e azedo e desgostoso, donde nasce o triste pranto meu e as vãs querelas. Pêra ver mágoas, ou chorá-las, nos foram os olhos dados, pois já todos os contentamentos se acabaram; mas porque se acham alguns tão duros que nunca choram, supriu nisto a Natureza, como próvida e sábia mestra, criando em seu lugar árvores que pêlos tais chorassem, como vemos claramente umas chorar resina e goma, e outras bálsamo, e licores outras; até as ervinhas do campo não estão sem sua parte de choro, quando as pisam, e, sem serem pisadas, lhe veremos seus olhos de lágrimas arrasados, se as formos ver antes que o Sol as veja.

Em umas ilhas do mar Oceano setentrional, em cima da Alemanha, nasce o fino electro, que as gentes daquela região chamam glesso, pela qual causa os que andavam com Germânico César por aquelas partes, a uma ilha daquelas, onde mais abundantemente se criava, puseram nome Glessária, havendo-se chamado primeiro Austrária. E o electro (que os latinos chamam succino e os vulgares âmbar ou ambre) uma goma estilada de certas árvores, mui semelhantes a pinhos, e, por isso, esfregado antre as mãos cheira como pinho e, caindo na terra, se congela e endurece, e, dali arrebatado com a crescente fúria das ondas do mar, que, ensorbecidas como vento, entram em os vizinhos matos, é levado com a volta da maré à costa da terra firme de Alemanha, como de Adão e Eva, com o vento e soberba enchente de seu pecado, foi levado o choro de Eva, da costa de Adão formada, à costa de toda a Terra e vale de lágrimas sobre todos os desterrados filhos de Eva, de cuja costa procederam, e, com tal naufrágio, deram à costa.

A este electro chamaram os árabes médicos charabe, e os espanhóis âmbar amarelo, por diferença do âmbar gris cheiroso, porque todo o riso humano tem cor amarela de morte e cheira a choro. Acha-se natural em algumas veias da terra e faz-se também por arte, como o choro nos é natural, ainda que alguns algumas vezes artificialmente choram. E é nascido como electro ou goma, de que se fazem contas,

a que chamam alambres, que se trazem ao pescoço, em que trazemos dependuradas diante do peito as tristezas, rezando os humanos por elas como por lágrimas daquelas árvores, que, esfregadas, atraem a si as palhas, apegando-se e grudando-se em choro (sendo bem considerada e rumiada) toda a vaidade humana, pois caindo, como electro, em terra ou no pó que o vento leva, pela morte, em que tudo nesta triste vida fenece, se endurece e esquece, e fica pesada e fria terra na obscura sepultura de terra. E, se alguns por desastres ou naufrágios se sepultam nas águas, nelas vão enfim parar (como rios no mar salgado), donde traziam sua origem os choros, prantos e lágrimas que em toda a vida choraram.

De lágrimas de uma erva fazem também muitos contos. E haver entre nós contos deste nome não parece sem mistério e causa grande, pois não temos com outras maior conta, nem entre os mortais neste vale por outras mais se reza. Tudo, enfim, entre nós lágrimas são, ou suas companheiras. E, se alguns, nalgum tempo, cuidaram que riam em seus prazeres, é certo que depois vieram a entender e crer que foi chorado quanto riram. E isto me faz, a mim, desejar de escrever chorando quanto vejo, porque, quantos risos vi, vi tornados choros.

Nisto me satisfaz muito o filósofo Heráclito, que, cada vez que saía de sua casa, pelas ruas e lugares públicos, sem cessar ia chorando e derramando lágrimas, dizendo que fazia isto movido de compaixão de quanto via, porque toda esta vida lhe parecia miséria estranha e tudo quanto os homens passam coisa péra muito haver dó e sentimento dela, assi pêlos males e trabalhos que sofrem, como pêlos males e pecados que fazem. E dizia que chorava as maldades e misérias humanas, vendo que todos os mortais, que habitam sobre a face da Terra, vão desviados, e muito longe, da justiça e da verdade, servindo quase todos a avareza e vanglória com loucura e torpeza tão perdida, que, por escusar a pena e dor que de conhecer e ver isto sentia, não queria estar onde visse hamens, contentando-se com ter o necessário estreitamente, vivendo o mais do tempo solitário, comendo ervas e naturais e singelos e não contrafeitos mantimentos. Quando era moço dizia que nenhuma coisa sabia e, sendo homem de antiga idade, se louvava que já sabia tudo, afirmando que de ninguém aprendera, senão que só a soidade e contemplação lhe fora mestra. Era tal a imaginação deste filósofo, que abastava fazê-lo andar sempre chorando, como a de Demócrito, em contrário, o fazia andar alegre e rindo. E ainda que a Séneca

e a Juvenal e a outros este Demócrito mais contente, o Heráclito, a mim, me quadra, por me ser em tudo mais conforme. Pois também o Filósofo Supremo, que ensinou a filosofia cristã e é fonte dela, nunca neste mundo o viram rir, mas, com grandesentimento, chorou algumas vezes; e, pois, ao autor da verdade, nunca ninguém o viu rir, mas chorar o viram, não é muito, se eu seguindo a tam bom e certo mestre, me incline mais a chorar na vida toda. Chorando, entramos neste mundo triste, e, com tristezas e não com alegrias, vivemos nele, e não há ninguém que dele, sem seu choro próprio ou doutrem, por ele se aparte.

São os homens nesta vida como flores que, graciosas e enfeitadas com cores diversas, se alevantam e vêm logo murchas e secas cair quebrantadas em terra seca, e, em breve tempo, não têm ser, nem nome, nem fruto, nem lugar onde o achar cuidavam e pretendiam. E vimos muitos maus alevantados, como os empinados cedros do monte Líbano, e, tornando, logo, a atentar por eles, já não eram nem se viam, porque perece a figura deste mundo, e o dia, que um falece, se acaba tudo o que o mundo tem pêra ele e, naquele dia, se põe fim derradeiro a toda concupiscência e desejo da condição humana.

E por não conhecermos neste corpo grosseiro a brevidade destas cousas da Terra, cuja figura perece o dia que a vida neste mundo se acaba, não sabemos, nem acabamos de entender, que é esta vida breve até que, de improviso, sua brevidade antre as mãos fenece, pelo que não será bem tachar-me querer eu escrever, saudosa, cousas tristes, pois que, por fim, não há no mundo senão esperanças vãs dalgum bem desejado ou saudades certas dalgum prazer perdido. E nenhuma destas se pode bem contar sem tristeza grã nde, principalmente as destas duas ilhas, de quem mais particularmente contar pretendo, pois estão tão cheias de esperanças e desejos que esperam, sem chegarem, e atormentados de agonias mortais com as saudades que têm dos bens que já tiveram, sem tornarem.

Bem sei que nenguem pode chorar bem o que muito sente, nem bem poderá sentir de todo o que não chora nem magoa, e, por isso, não quisera eu chorar isto que escrever desejo, porque, com contar menos do que sinto, farão grandesenrrazão a meu mal minhas palavras, e os que lerem meu choro me terão por menos triste, porque não poderão sentir tanto o que não choraram nem passaram. Contento-me com ter coração pêra sentir os males alheios e os meus próprios, ainda que me falte a língua pêra saber contar tanto número deles, pois até

nisto se ordena maior a minha mágoa em não saber dizê-la.

Se, nalgum tempo, algum triste acertar de ler isto que escrevo, bem cuido que o meu mal lhe parecerá maior a ele, como a moeda dentro na água maior parece, e, assim, antre choros, poderá minha tristeza dar de si mais grandemostra; e bem sei que, lá consigo, me escusará de minhas faltas, que a sua triste mágoa o terá já ensinado que nunca a tristeza soube, nem saberá, contar nada por arte. E, se alegres o lerem, pêra mim só seja chorado isto, e pêra eles historiado seja. Nem queria que o sentisse nenguem tanto como eu sinto, pois abasta nascer pêra mim só minha dor e não pêra outrem. A duas pessoas poderá isto doer como a mim mesma, mas não quis minha desventura que eu soubesse parte delas, por que só comigo sentisse mais meu sentimento e choro, pêra melhor me acompanharem meus desgostos, sem sua companhia.

Ir್ಮãos meus alongados, quem vos apartou e levou de mim e me deixou assi tão só comigo? Não sabia que vós sem mim não viveríeis, como eu sem vós não vivo? Não me bastava não conhecer mãe de pequena e ser, de porta em porta, enjeitada antre as gentes, mas ainda me estava estoutro maior mal guardado, que, depois que por irmãos vos vim a conhecer, vos perdesse logo. Se pêra o Céu subistes, porque cá nesta baixeza me deixastes? E se, porventura, viveis ainda em algum lugar da Terra, porque consentis que viva eu, neste ermo, de vós deseparada? Se não ousais aparecer, porque também vos perseguem a vós, como a mim, os homens, vamos viver todos três antre os animais brutos e bestas feras, que, antre elas, é certo que não nos faltará melhor gasalhado e companhia, e, se lá faltar, agasalhar-nos-á a terra em alguma cova obscura.

Bem vejo que só com estes cedros e faias falo, e não convosco, mas pode ser que estas mesmas árvores vos dirão, em algum tempo, meus queixumes e me serão, diante de vós, testemunhas fieis de minhas mágoas, que eu vos escreverei nelas minha solitária vida, meus cansados cuidados, meus alongados desejos, minhas crescidas saudades. E pode ser (como espero) que, andando vós peregrinando pelo mundo, como eu também, algumas vezes, peregrinar costume, venhais descansar à sombra destas faias algum dia e vejais escritas nelas as mágoas de vossa irmã Dederva, sem ventura. E se de Deus está ordenado que ainda em algum tempo nos vejamos tarde ou cedo, como vos vir, ou de vós tiver novas certas e aprovadas, logo poderemos morar nos povoados sem arreceio, que eu descerei

das montanhas, onde ando, pêra ver-vos; antretanto, irmãos meus tão desejados, viverei sem vós e morrerei comigo. Se ainda tendes vida, Deus vos faça melhor afortunados do que até aqui fostes, que eu não tenho outra ventura mais ditosa que andar de monte em monte, de vale em vale antre serras e antre gados desconhecida, homiziada, abscondida, avorrecida e sem prazer; parece que, quando eu nasci, já isto pêra mim nascera.

Se não foram as muitas cousas tristes que eu com estes meus chorosos olhos vi no mundo, muito tempo há que desejara menos vida. Mas vi, antre meus pesares, tantos outros de outras muitas donas e donzelas tristes e tão desastrados casos de muitos e esforçados cavaleiros, aventureiros sem ventura, que não estranho tanto os meus em vendo tantos, e não me pesa de viver, pois só pêra tristezas vivo e vou vivendo.

Esses dias, que da vida me ficam, que não sei quantos poderão ser, ainda que cuido que não podem já ser muitos, quero gastá-los em escrever minhas saudades e máguas neste pequeno livro e deixá-lo nesta obscura cova, onde aqui perto moro, pêra os que nele e nestas faias virem algumas cousas por mim escritas possam conhecer que o fez e escreveu Dederva, que já, em algum tempo, morou na cova obscura e triste, onde o deixa. E por que as tristezas me não acabem de todo, se só me acharem, porei muitos e muitas diante, em que elas a todo seu poder se entregaram quase todas. Indo, ao menos, muitos por esta triste estrada com suas mágoas, ainda que as alheias me não façam sentir as minhas menos, por-me-ão, sequer, coração pêra as melhor sofrer, que eu não desejo a vida pêra alegrias, pois bem sei que ninguém dá o que não tem, e que as não pode dar o mundo a outrem, pois pêra si lhe faltam. E, se desejo viver, é pêra ser mais triste, e, já agora, os contentamentos me seriam mores mágoas, ainda que, se pêra isto me aproveitas-sem, os não enjeitaria.

Ameaçam-nos, cada momento, tantas mortes, enquanto temos tão perto e tão duvidosa a certa que esperamos, que não sei se é melhor passar uma só morrendo, se viver e temer vivendo tantas; e não duvido eu que escolho mal em querer a vida com temor de muitas, que melhor era escolher uma só pêra não temer mais outra; mas, porque nunca se me levedou bem cousa que eu muito desejasse nesta vida e me vem muitas vezes o mal que eu não queria, a não quero desejar por que me venha e ainda temo que me não virá ela, sabendo

que, por isto, a não desejo. Ora venha ou não, venha quando e como quiser, que, já agora, as minhas longas mágoas não podem ser maiores.

CAPÍTULO SEGUNDO

DE UM SONHO QUE SONHOU A VERDADE

Nesta solitária serra, onde, por acerto ou desastre, me trouxe um dia o meu cuidado (a qual eu escolhi por couto de meu longo homezio, pela soidade que nela achei conforme á que comigo vinha), vivo eu de poucos dias a esta parte, porque, logo, quando fugi dos povoados, não foi este o primeiro lugar pera onde vim, que urn grandee espesso bosque, que, aqui, corn ela está apegado, foi a primeira pousada onde me agasalhei os primeiros anos de minha fugida triste. Ali vivia eu acompanhada de minhas dores e das muitas árvores, que nele havia, e não quero dizer que estava também cercada de minhas soidades sós, porque também o bosque tinha as suas.

Avorrecida eu, assi, das gentes e de mim mesma, costumava muitas vezes correr grã parte do deleitoso bosque, que era bem lugar de gosto, mas não pera mim, que, de longos tempos, o tinha ja perdido. E com eu saber de mim que nenhuma alegre cousa me podia fazer contente e leda pera enganar este meu importune pensamento, fazia por não estar ociosa antre aquele mato espesso e andava os mais dos dias, que o Céu pera isso aparelhava, ora de penedo em penedo, ora de sombra em sombra, pera que, vendo a pintura alegre daquelas verdes e espessas árvores, pudesse mudar a negra cor da tristeza, que em mim havia, que era uma cruel enfermidade que naquele tempo me não deixava e ainda agora me não deixa.

E acertou, assi, que urn dm, estando mais agastada de mim que nunca, indo corn maior desassossego a buscar o costumado remédio (se remédio se pode chamar o que o mal não cura), corri todo o bosque sem achar cousa que nele me contentasse, havendo-me ele já dado por vezes algum alívio. E parece que me dizia o coração que me fosse a serra, onde poderia achar o lugar que eu buscava. Nisto acabei de crer quão perto da morte as minhas dores me traziam, pois já desejava, como em agonia dela, mudar camas.

E, assi, corn esta doença (como não tinha muitas alfaias que mudar, senão só este pobre vestido, que sobre mim trazia), sem por contradição, entrei muito dentro por esta grande serra, onde agora ando, por dar mais lugar a meus pensamentos tristes, pela condição, que já deles tinha conhecida, que se não queriam senão sós, sem companhia; por isso me meti pelas soidades desta serra, que são muitas, ainda que muitos passes achava tão travados de ramos e de arvoredos, que não podia passar adiante, senão por rodeios mui compridos.

Assi andei, por grande espaço, cansando o corpo por ver se podia algum pouco descansar o espírito. E, depois de haver dado a meus pensamentos bem de comer de muitas cousas passadas, que eram tudo lembranças cheias de alegria pera maior pena, passando de uma sombra em outra sombra, fui ter a uma, onde (não sei se acordada, se dormindo) me vi antre uns álemos, que artificialmente pareciam prantados, pela boa ordem com que estavam postos, e, a seus pés, ao longo de uma grande ribeira, estavam muitos limoeiros, que, com seus sobejos espinhos, quase tolhiam o passeio por antre eles.

Ali havia também muitas ervas de aromáticos e confortáveis cheiros, tanto que, com eles, podia o estômago humano por longo espaço escusar qualquer necessário mantimento. E pareceu-me lugar conveniente só a meu pesar e cuidado. Assentei-me, então, sobre aquelas cheirosas ervas e debaixo daquela desejada sombra, e meus olhos começaram dar fé da grande ordem que os álemos tinham e das ruas que mostravam. Pareceu-me que nos troncos tinham abertas umas mossas á maneira de janelas, por que não faltasse nada pera as ruas que antre si faziam e, correndo com os olhos um e um, vi que em todos, ou nos mais deles, estavam cortadas aquelas mossas, que amarelas ao longe pareciam. Deu-me o coração uma volta grande, cuidando o que poderia ser aquilo, que em um ermo, que parecia nunca ser trilhado de pé humano, não podia haver cousa que, como aquela, parecesse de arte humana.

Depois que assosseguei, lancei os olhos ao pé de um álemo, de que eu mais perto estava; e, atentando bem pelas mossas que tinha, então senti tal sobressalto, que perdi a fala e quase ceguei de todo, porque acabei de ver que aquelas cortaduras do casco dos álemos, que dantes me pareceram janelas ou frestas das ruas que eles faziam, eram letras cortadas na casca deles, que, como vi as do primeiro, logo pude conhecer as dos outros ser do mesmo jeito e sorte.

Naquele instante, não posso eu negar que não tive temor de poder haver ali algum encantamento grande. Mas o lugar era em si tão alegre e bem assombrado, que me não deixou levar este medo mais avante, porque logo me assegurei que isto que eu cuidara não podia ser, não por ver eu tantas razões pera isso, mas porque o consentiu assi, naquela hora, o meu juízo.

Vendo eu, como vi, que eram letras, desejei e procurei saber o que diziam; e quis minha ventura, ou minha tristeza (a que aquele bem

estava, parece, ali guardado), que fossem as letras romanas, pera que eu não deixasse de as poder ler, como, pela ventura, as não lera, se outras foram.

Comecei, então, a ler no primeiro álemo, que era começo de rua, à mão esquerda, e vi, logo nas primeiras regras, que se podiam bem ler, ainda que eram letras de muito tempo escritas; antes que nada entendesse, li primeiro muitas regras até o pé do álemo. E começando ler no outro, que junto daquele estava, pareceram-me as razões de ambos atadas, o que me fez confiar que alguma cousa viria entender adiante, como, de feito, foi assi, porque, chegando ao terceiro álemo, comecei de ir entendendo e sentindo muito do que lia, até que, por fim, cai na conta de tudo, depois que tudo tive lido.

E a passos que ia entendendo, iam meus olhos chorando a pintura que me representava meus pesares, porque tudo aquilo eram mágoas que aqui, nesta ilha, e em outras terras se passaram em outro tempo passado, escritas em prosa e versos naqueles altos álemos, que, por serem cantares tristes e lamentações chorosas, acordei, por me ser cousa tão conforme, notar tudo o que alcançar pude pera minha companhia. Arreçando que, mudando o lugar, me não lembrassem, tresladei, então, na memória alguns versos e cousas que aqui. antre esta história, neste papel escrevo, ficando-me por notar muitas cousas que no mais alto dos álemos estavam escritas, apartadas em outra ordem, que a minha curta vista não compreendia, as quais eu bem ler não alcançava; e antes quis que me ficasse este pouco que ficar sem nada.

Tudo eram elegias e choros de cavaleiros, que nesta terra em outro tempo andaram, muitos dos quais eu alcancei ver vivos com estes meus olhos tristes.

Adiante contarei quem eram todos, pois um deles é principal desta minha história dos álemos, que eu contar quero.

Depois de notado dos álemos tudo o que alcançar pude e que a rneu propósito mais quadrava, renovou-se-me tanto o choro com a lembrança do tempo quando aquilo naqueles álemos se escrevera, que, de desfeita em lágrimas ou de transportada em pensamentos, ou dantes dormia, ou então adormeci ali, não sei quando, nem como, nem senti que dormira senão depois de acordada, porque,

acordando, não vi álemo nenhum dos que dantes vira, senão faias e cedros e outras árvores de menos conta que eles; e os álemos com que eu dantes a tivera já ali os não contava. Algum espaço estive, assi, confusa sem que me entendesse, mas depois vim a entender e suspeitar ser ou sonho ou encantamento o que dantes vira; porque não havia álemos nesta terra, o que eu de princípio não atentei, que se bem advertira nisso, logo crera o que era. Adiante contarei eu a razão disto tudo, como o contei a uma donzela que neste ermo comigo veio ter um dia.

Agora não direi mais senão que o que dantes vi julguei por sonho, por serem cousas de verdade; que, mal pecado, já ela não anda no mundo senão sonhada.

Por isto, que nesta serra achei ou sonhei que achara, e por outras cousas muitas que nela vi (como contarei a seu tempo), vive a minha tristeza aqui tão contente nesta minha soidade, que mais me contento já do mal que tenho que do bem que tive, sendo o bem passado cousa que muitas horas me apresenta grande contentamento no pesar que ainda hoje me dá sua lembrança. Porque o bem se não pode chamar bem, se não se comunica, se fizeram, pera os que o tivessem, as cidades e povoados; mas pera os tristes guardou (parece) a Natureza os lugares sós, como este, porque adivinhava, ou sabia, que dão mais contentamento a quem o tem, como dão maior mágoa a quem a teve; por isso digo que ninguém haja de mim dó, enquanto eu estiver só nesta morada, porque nela tem a minha tristeza lugar de se estender por antre estas árvores e comunicar com elas sem estorvo algum nem embaraço, o que antre as gentes não podera ser com os negócios delas, a que o Mundo, por não chamar embaraços, cobriu com a capa de tão honesto norne.

Aqui me ando sem eles de sombra em sombra, de penedo em penedo, sem me empedirem as praças cheias de murmuradores e lisonjeiros, eu e o meu pesar diante, com milhões de tristezas após mim, que me levam pera onde vão e vão pera onde eu quero, que a conformidade que elas comigo e eu com elas tenho, e a vizinhança das árvores deste lugar, que nos não impede nosso querer conforme, nos faz viver com assossego em nosso mal neste deserto, porque, nos povoados, nem quem tem bem, nem quem tem mal, vive com repouso.

Aqui ando vendo novas cousas e novas soidades, que, cada dia, pelo tempo se me descobrem; ora antre as árvores, ora antre as ribeiras,

que por antre elas correm, ando suspendendo o meu cuidado. E tudo isto abastava pera muito o enganar, se ele tão desenganado não fora.

CAPÍTULO TERCEIRO

COMO VIU A VERDADE FIGURADA SUA TRISTEZA
EM UMA RIBEIRA

Muito poucos dias se passaram depois daquele em que vi as letras nos sonhados áleamos, quando eu logo vim pera esta serra, em que não tornasse a ver nela cousas novas, ainda que o não eram elas na tristeza que me representavam, que esta sempre foi pera mim velha.

E foi assi que um dia destes passados me alevantei mais cedo que os passados dantes, mas a estrela de alva vinha alevantada do horizonte um bom espaço, preparando o claro caminho a seu amado esposo, e ouvi tantos cantares e assovios de passarinhos, e antre eles, de quando em quando, uns brados de muitos melros, que me fizeram uma saudade tamanha, quanta nunca me lembra ter por cousa que visse nem ouvisse. Porque uns cantavam de perto e outros davam aqueles brados de longe tão saudosos, que me alevantaram os pensamentos a meus prantos, que costumam vir de muito longe pera os prantear de mais perto. Já o dia dantes eu começara a dormir corn os cantares que eles fizeram, quando se recolhiam pera seus ninhos, e nunca noite me deu o meu cuidado tanto lugar pera o repouso como aquela.

Vendo eu a manhã, após ela, tão festejada daqueles alegres cantos pera os alegres, que em mim se tornavam todos tristes, pus-me a cuidar muito queda quão grande era o meu mal, pois me não deixava ouvir aquelas alegrias daqueles passarinhos, senão pera mas converter em meus pesares. E, lembrando-me muitas cousas doutro tempo e muitos contentamentos feitos mágoas, me transportei toda nisto e não acordei, senão quando o Sol me levou os olhos aos montes, que ele, já saído, alumiaava.

Pareceu-me aquele dia tão diferente dos outros na sua alegre sombra, que o Ceu mostrava, que desejei buscar também melhor lugar onde o passasse; e, passo a passo, me dei tanto a andar por esta serra, que vim ter a esta grande ribeira, que nunca dantes vira, onde ouvi o tom das suas aguas baixo e rouco, mais conforme a mim que o cantar das avezinhas. Pus-me antre uns lisos e lavados penedos, que a beira da água dela estavam a ouvir e olhar o tom e correr dela, que parecia que me estava dizendo tudo quanto eu cuidava.

Espelho me foram aquelas águas com seu correr continuo, trazendo-as aquela ribeira de novo sempre novas, sem cessarem, porque, como umas águas chamam outras águas e uma ribeira outras ribeiras,

vejo que também as minhas mágoas chamam outras e sempre correm novas, sem nunca cessar seu continuado curso de perturbar o meu descanso, se algum posso ter, e encadeando as gentes e travando antre si, com as antigas costumadas, perpétuos fuzis de outras novas correntes de frescas mentiras, no tão frequentado correr delas vejo eu, claramente, que assi correu sempre, como elas e como as águas, e corre e correrá o mentiroso mundo, e o meu grave mal comigo.

Estive assi até que meus descuidados descuidos me deixaram alevantar os olhos pera uma grande e alta rocha, que perto da outra parte da ribeira defronte estava, e vi, por antre umas murtas e uns pés de feitos, vir feitas umas grossas gotas de água que, lágrimas me pareceram, de duas em duas e de três em três vinham cair em uma grande alagoa, que, pera a banda de baixo, a grande ribeira ali fazia, sobre que a alta rocha quase dependarada estava; e, caindo no grande remanso, como a água estava queda e sossegada, cada gota daquelas fazia uma grande roda e muitas rodas de ondas pequenas, que vinham acabar onde eu sobre o penedo me encostava,

Ali não puderam meus olhos (vendo cousa que também os figurava) deixar de fazer outro tanto de sua parte, e, soltas três e três, me começaram correr as lágrimas pelas faces, apressurando-se por enviar suas rodas pela água do remanso, em que caíam a receber as outras que visitar as vinham da outra banda, e no meio da água se abraçavam tão passo e brandamente, como amigas muito conhecidas de longo tempo absentes e de novo juntas.

Vi-me ali toda figurada naquela pequena fonte que, caindo naquela grande alagoa do remanso, fazia tão grandes rodas, porque assi as faço eu, quando as minhas lágrimas pelo rosto me caem nos peitos, onde o meu coração tem feito um grande remanso delas, com que me faz dez mil rodas de pensamentos tristes, que não vão acabar senão onde estender-se mais não podem.

Tornando a levantar os olhos pera aquela fonte, que assi chorava daquele alto, deixou-se cair juntamente um grosso tronco de uma árvore, que, seco, sem ramos estava, e uma pedra pequena de junto dele, tudo em um mesmo tempo e ponto; e primeiro chegou o grande tronco à água que a pequena pedra, porque era mais pesado, mas a pedra, chegando, foi-se ao fundo e o tronco ficou nadando.

Também estive cuidando nisto, vendo que sem causa se não fazia, dando-me a entender minha tristeza que, como aquela pequena pedra se deteve mais tempo em chegar à água, mas, depois de chegada, logo se foi ao fundo, assi, quando eu mais me detenho em algum triste pensamento, ainda que com mais detença, venho a chegar a alguma profunda tristeza, onde me alago toda, como a pedra.

E, como desceu o tronco do ar mais azinha, por ser mais pesado que a pequena pedra, e nadou, chegando à água, assi eu das alegrias, quando as vejo, porque minhas grandes mágoas são mais pesadas, antre elas desço mais ligeira pera as lágrimas e, depois que nelas me acho, polas ver tanto amigas minhas e conformes companheiras, nado nelas, como aquele tronco, que, com a humidade da água se criou, na água nadava. E, já agora, com elas sustento melhor a vida do que sustentaria com alegrias, se me viessem algum dia. Mas jamais me virão bater a porta, que pera elas sempre a tive cerrada e bem fechada, assi como pera as tristezas nunca a deixei, nem deixarei, de ter aberta e rasa.

Com a queda daquela árvore sem ramos a pequenina fonte esteve um pouco sem deitar gota alguma, mas logo tornou a correr água dela em fio com muito maior presteza e mais profia; parece que o cair da árvore ou da pedra lhe fizeram caminho pera que mais corresse.

Também aquilo vi eu em mim, nem mais nem menos, que, assi como aquela fonte fez cessar o estrondo da árvore, quando caiu por ela, e depois correr em fio, também o estrondo e arruido das alegrias, quando as vejo, me fazem estar um pouco sem chorar, calada; mas, aquele tempo que não choro, estou cobrando forças e abrindo caminhos pera chorar depois dobrado. E, se dantes choro gota e gota, depois de ver alegrias soltam-se-me as lágrimas, como de represa em fio, e não sabem então tornar-se-me a esgotar nem um momento.

Se andássemos sobreaviso em tudo quanto vemos, tudo parece que nos representaria as tristezas e mágoas que em nós passamos; mas andamos em nosso favor, alegres entendimentos dando a nossas cousas, não havendo cousa bem vista cá da Terra que tristes e chorosos os não encubra e tenha.

CAPÍTULO QUARTO

COMO A VERDADE VIU VIR VOANDO A FAMA, E, VENDENDO-A
A FAMA, SE DESCEU ONDE ELA ESTAVA, E DA
PRÁTICA QUE AMBAS TIVERAM

Transportava-se o meu sentido nisto que, assi tristemente, entendendo estava, quando ouvi um tom espantoso que, de muito longe, parecia vir soando. E, alçando os olhos pera o Céu, vi vir pelo ar não sei quê como voando; sòmente enxergava um vulto grande, que, por ser de tão longe visto, não pude divisar bem o que em si era. Mas veio-se-me logo assi chegando pera tão perto, que vi o que nem naquela hora, nem nunca ver quisera, tanto foi o temor que tive daquela vista tão medonha e nova; porque era uma fermosa donzela, assentada sobre um espantoso grifo, que, de quando em quando, tangia uma trombeta. que nas mãos trazia, rodeada toda com umas bandeiras de cendal de muitas cores.

Houve eu temor do grifo, da donzela não, porque era mulher como eu. Mas o pouco medo dela de como vinha, assi pelo ar, em um animal tão fero, me pôs ainda muitas e muitas vezes muito maior medo.

Chegando ela, então, a um escampado, que junto daquela mais alta rocha estava, deixou-se vir a ele, abaixando (parece por me ver ali perto, como eu, depois, dela ouvi e soube) e descendo logo do grifo, tirando-lhe o freio e dependurando-o em um ramo de um castanheiro, que ali grande sombra fazia, o deixou ir solto por antre o arvoredado e bravo mato, dando saltos. E assi, em pé, tirou do seio um espelho e uma fita azul, com que enastrou os seus compridos e dourados cabelos, que, soltos e espalhados, como voando trazia e, sem por outro toucado, se olhou no espelho, que do seio tirara, em que viu sobre a sua cabeça, da fita e cabelos tecida e trançada, uma rica coroa feita toda e bem lavrada de ouro e azul. E, tornando com muita graça a recolher seu espelho, sem mais outra detença, deu a andar pera mim, que a estava olhando como aquilo assi fizera tão bem feito e como vinha vestida de penas, que de aves pareciam de mil cores. Quanto mais se vinha chegando, tanto mais me confortava e consolava com a flagrância de sua pessoa e de seus vestidos, de que saía um mais odorifero e confortativo cheiro que quantos aromáticos a Índia cria.

Vendo-a eu vir, já tão perto de mim, com doces e quedos passes e tão boa sombra, me alevantei pera a ir receber, ou pera esperar alevantada o que ela faria ou queteria, quando, chegando a mim, abriu os bracos (rindo-se toda), como que me queria abraçar e agasalhar como amiga. Abri eu, então, os meus, sem entender o que fazia de confusa, e abraçando-nos ambas, como conhecidas, ainda

que eu a não conhecia, dizendo-me ela ao abraçar estas palavras: – “Sejais bem achada, Senhora, quem quer que vós sejais, porque, achando-vos em tal lugar, não pode deixar de me dar contentamento vossa vista”. – “E vós bem chegada”, The respondi eu, com a voz rouca, que quase se não ouvia. O que ela, vendo-me, tornou a dizer:–E certo, Senhora, que vos pôs algum espanto o meu vir voando pelo ar, ou o grifo que me trazia, ou ambas estas coisas”. – “Qualquer dessas (The disse eu, cobrando já mais forças) bastava, como sobejaram ambas, pera me enrouquecer de medo, mas por isso basta vossa boa sombra pera mo tirar do vosso voar ousado, e sobeja vossa fermosura pera me dar seguro de vosso grifo”.–“Palavras são essas (me tornou ela) pera muito me obrigardes, se já o vosso bom parecer o não tivera feito”.

Tomando-me, então, as mãos, se inclinou pera se assentar e assentamo-nos ambas sobre aqueles seixos, que, ao longo da água, estavam, dizendo-me:–“Assentemo-nos aqui, Senhora, se vos apraz, e dir-me-eis algumas coisas que perguntar-vos quero, se quizerdes. Mas primeiro me dissei porque estais tão triste, que o vosso rosto me dá a entender que não deveis de ter o coração mui ledo”.– “Nem muito, nem pouco» (The respondi, como por antre dentes), e ela, prosseguindo em suas razões, dizia:–“Que, se vós, Senhora, alguma mágoa tendes e sois triste, não cuideis que, por eu vir vestida nestes alegres vestidos, vos não ajudarei a sentir o vosso mal, se o tendes assi interior, como mostrais de for a”. A isto The respondi eu: – “Não tenho, Senhora, o meu mal tão pequeno, que se possa ver e enxergar com tão pequenas mostras, nem contar com minhas curtas palavras, que têm muitas faltas e descontos. Mas as vossas, com a vossa presença, me obrigam tanto, que vos não saberia negar já cousa alguma, por mais dificultosa e trabalhosa que ela fosse. As minhas tristezas todas mal vo-las posso eu contar, porque não posso viver tantos dias pera contar tantas, mas o que agora mas renovou me faz estar chorosa, ainda que poucas são as horas que eu assi não esteja”. A estas palavras não pude eu refrear as lágrimas, as quais vendo ela, parece que de compaixão das minhas não pôde ter as suas.

E, vendo que tardava eu em The dar de mim conta, me disse, já chorando:–“Ora dissei, Senhora, quem sois e o vosso mal tão grande, que, pois já as vossas lágrimas me vão charnando as minhas, também o meu sentido vos ajudara a sentir o vosso sentirmento; e, pois, eu me assentei, não tenho tanta pressa que não folgue muito de

vos ouvir, enquanto vós o contar quiserdes. Se também vos pesa de minha companhia, não vos pejeis de mo dizer desembugadamente, que ali tenho o grifo, que me trouxe hoje, que logo me poderá levar a outra parte, e ainda que me seja grande mágoa deixar-vos assi, sem saber de vós outras novas, por fazer vossa vontade torcerei a meu pesar e forçarei a minha». –“Já vos disse, Senhora, (The disse eu) que vos não saberia negar coisa alguma, quanto mais esta, que eu vos fico devendo, querer dela vós ouvir de mim, além das vossas lágrimas que já vos devo. Da tristeza, que me dizeis que vos conte, digo isto: que, de dizer-vos quem sou, espero paga igual, com saber também de vós quem é a quem já tanto devo e dever quero”.

CAPÍTULO QUINTO

EM QUE A VERDADE DIZ Á FAMA QUEM É

–“Se eu deixar áparte as minhas mágoas, de mim não tendes muito que saber, pois, brevemente, vos posso contar tudo.

Eu sou uma pobre donzela, ainda que em outro tempo já fui rica. Sou um igual fiel da coisa e do entendimento dela e uma virtude pela qual o ser das coisas é mostrado. Sou objecto e perfeição da razão humana e lei de todas as artes, e minha natureza é mestra. Sou mais forte que todas as cousas fortes, ainda que, algumas vezes, pareça ser fraca antre as gentes, mas, contudo, só por mim mesma, sem buscar ajuda, me defendo. Sou conservadora da companhia humana e dos contratos dela, a qual, sem mim, presto desfalece e se desfaz de todo. E, ás vezes, comigo se escandalizam os amigos companheiros, porque ofendo na presença a quem resisto; quando açoitada sou, apareço mais asinha, e em sobejas altercações logo sou perdida.

Muitos me buscam mais em vaidade que em verdade, mas só aos humildes me manifesto. E, algumas horas, saio á luz, quando não sou buscada; sendo impugnada, mais fermosa resplandesço. Mais, seguramente, sou ouvida que pregada, e, quase como em deserto, pregada sou antre os mentirosos. Aos que me não querem seguir sou mal aceita e nisto pareço bem parenta da justiça, tão chegada, que, como por ela clamam todos e a louvam e desejam sempre feita em outros, sem ninguém a querer ver em sua casa propria, assi, não há ninguém que me deixe de louvar e engrandecer em repreensão alheia, mas nenhum, em seus erros, me quere receber em seus ouvidos. Muitas vezes, em muitas coisas, estou encolhida e abscondida, e, quando desato qualquer dúvida, então me acham. Sou suspeitosa na boca dos mentirosos e não sou crida.

Minha natural forma é singela e sem posturas, nem afeites de palavras bem ornadas, com que desagrado a muitos; mas a forma contrafeita e enfeitada me dá lustro, porque tem tanto poder a força da eloquência e língua solta, que mais doce e aceita é na orelha e no ânimo dos ouvintes curiosos uma fábula composta com o decoro que The convém e uma mentira bem feita e afeitada, que uma verdade sem ordem e sem ornato, que é a forma natural e própria dela.

Visto branco vestido, por mostrar o singelo e não contrafeito, nem enfeitado natural de minha condição e estado. Não uso de outro toucado senão destes meus cabelos crespos e arrepiados, arrecoosa já, neste tempo, de aparecer antre as gentes, por ver quão espreitada

e caluniada sou de meus inimigos mentirosos. Nem trago coberta a cabeça de outra coisa alguma, porque descabelada quase sempre choro, pranteando todos os dias a minha pouca dita, que neste mundo tenho. E também porque, por eles assi soltos, tirando-me da cova obscura em que agora moro e das em que costumei morar em outras partes, me leva e levava meu pai algumas vezes presa, alevantando-me por esses claros ares, e ainda forçando-me algumas horas com açoites, quando se não contenta, nem contentava, que esteja ou estivesse eu assi abscondida; e, depois de muitas porfias, suspeitas e opiniões diversas, me quere ou queria mostrar clara e manifestar as gentes ou ignorantes ou porfiosas ou enganadas. E, quando vou ter a quaisquer dos povoados de toda a redondeza do Universe, trato e comunico com os mais virtuosos e prudentes, com os mais magnânimos e fortes e com os mais letrados e sábios que acho neles, e só destas gentes magnificas sou honrada.

Sou filha de el-rei Ponte; mãe não a conheci e fui enjeitada antre as gentes e mal criada, já ora vedes, por casas alheias, como filha sem mãe e sem abrigo. Tinham-me as gentes ódio e má vontade, mas, por amor de um irmão e uma irmã, que tinha, mo não mostravam tanto. Andavam-me encobriendo suas más vontades, tão danadas, por temor de meu irmão Torme, que assi se chamava ele. Minha irmã, que Nhevorga era seu nome, também me defendia muito e era muro.

Mas todo o mundo me quera mal, porque era assi enjeitada, que ele (como sabeis) não estima, nem nunca estimou as pessoas por que são, senão por filhos de quem foram. E as gentes não me conheciam pai pera, por ele, me estimarem e, posto que o conheceram, não lançaram mão da sua perfeição, senão da minha falta de enjeitada. Deixo isto que é cegueira velha e já não tem emenda, nem remédio. Mas torno-vos a contar, Senhora, como, por causa do emparo que meus irmãos me davam, vieram os maus, corn falsos testemunhos, a degradá-los pera onde eu não sei deles novas nem mandado.

Vendo-me eu assi desemparrada, porque não tinha, por fim, outro emparo nem socorro, vim-me, então, pera esta ilha que descoberta estava; e, sendo povoada, andei algum tempo dissimulada, e encolhida quase, antre os primeiros habitantes dela alguns anos, mas vieram a crescer depois nos povoados tantos males, que foi forçado acolher-me com o meu pera um bosque que aqui estava, junto desta serra, onde passei alguns tempos com a miserável vida que em tal lugar

passar podia. Como a truta se torna desatinada e sobreaguada, quando The turbam e envolvem corn cal o rio em que anda, assi eu, como fora de mim, sem tino, vendo turbados e revoltos os lugares e povoados quase todos com falsidades, me vim pera onde a água em volta me não afogasse de todo. Porque tinham os homens condição de caçadores, que só presam, querem e seguem a lebre que The foge, fugi eu pera estes ermos por ver se buscavam absente a quem, sendo presente, avorreciam.

Mas em tudo eles têm esta condição de caçadores cobiçosos, senão em buscar esta Dederva fugitiva, triste e perseguida. Não sómente sou, Senhora, assi tão maltratada pela falta do favor de meus irmãos, o Temor de Deus e Vergonha do Mundo, que não sei onde andam, e por a Mentira, minha contrária quase continuamente me dar e atirar de rosto, e arrogância e dissimulação (extremes de excesso e defeito) me ferirem dos lados, que é uma continua e quase doméstica batalha. Mas Afeição, Odio, Ternor Mundano e demasiada Ousadia e Aderência me sepultam, e, muito mais que todas estas coisas, o vil e cego interesse por qualquer pequeno ganho quase continuamente me desterra, o que tanto mais alta baixesa é quanto nos mais altos se acha.

Dederva me chamo agora, por mudar o nome quando mudei a terra e casa, mas nem por isso se mudaram de mim os meus desgostos.

Não há muitos dias que eu vim ter daquele bosque, em que estava, a esta serra e vi nela tantas soidades e coisas tristes, que me julgo por menos triste por achar pera o meu mal tal companheira. Cada dia, vou vendo nela mais quanto me é conforme.

Aqui, vi uns sonhados álemos com muitos versos escritos e, posto que nunca mais os tornei a ver, me deixaram tanto em que cuidar, que sempre cuido neles. Porque conheci muito bem os cavaleiros, que os versos neles escreveram, e vi-lhe, passar muitas mágoas no tempo que eu no povoado passava as minhas. E, ainda que eu digo ver isto sonhando, todavia, obras acordadas foram que estes cavaleiros fizeram e escreveram, não em altos álemos, que esta terra nunca criou, nem cria, mas em altíssimos pensamentos que neles houve, nela nascidos.

Aqui ouço o cantar dos passarinhos, o bradar dos melros, o gritar dos pavões, o arruido das árvores e o roncar destas ribeiras. E

hoje, por novo caso (porque vos havia, Senhora, porventura de ver), vim ter a esta ribeira, onde dantes não viera, pera ver o que nunca vira. Porque jamais aqui vi pessoa nascida senão vós e os meus pensamentos, que nascem da minha dor e cuidado. Quando vós, Senhora, chegastes, estava eu acabando de estilar umas poucas de lágrimas, porque vi aquela pequena fonte, que naquela rocha podeis ver, estar chorando gotas de água, feitas como as lágrimas que eu quase sempre choro. E bem vedes as rodas que fazem, quando caem neste remanso, que outras maiores fazem as minhas, quando nos meus peitos vêm descendo.

Aqui as árvores deitam de si folhas em que eu me deito, lançam de si ramos com que me cubro, produzem também fruto com que me sustento, e, ás vezes. nas suas folhas acho águas e rocio do céu, que bebo; quanto mais que há aqui tantas ribeiras, que, além de me darem de beber das suas águas frias, ajudam a meu pranto com o tom, que fazem rouco, e a meus suspiros com as querelas com que correm. Ora, julgai. Senhora, se é bem que viva eu neste deserto, pois tal companhia nele a meu mal acho. Se ás gentes avorreço e os matos só me querem, quero neles antes estar só que nos lugares povoados mal acompanhada”.

CAPÍTULO SEXTO

COMO A FAMA CONHECEU A VERDADE E LHE DISSE
TAMBÉM QUEM ELA ERA

Toda esta conta lhe andei encurtando, porque lha não podia bem contar com choro, e ela também não deixava o seu, como quem se doía de minha pena.

Alimpando, então, o seu fermoso rosto com um lenço, e eu o meu com os meus cabelos crespos, por não ter mais outra alfaia nem toucado, em alta voz me disse estas palavras, assi, chorando:—“Filha de el-rei Ponte, tanto meu amigo, filha, meu amor!” — E tornou-me a abraçar de novo assi assentada, tendo-me abraçada grande espaço, junta sua face à minha e as lágrimas de ambas juntas. Passou ali calada muitos saluços e suspiros tristes, até que, mais adiante, disse: — “Eu sou Mafa, duquesa no seu grande reino, e vós sois a sua filha, de que eu grande fama tinha. Amor meu, quem vos a vós persegue e enjeita, por não vos co-nhecer, vos desestima tanto. Oh! ditoso dia que aqui me trouxe e mais que ditosa hora que aqui me tem, Senhora, em tal ventura! Vós sois Dederva, desconhecida no mundo e já perdida, que eu agora vim conhecer e achar neste deserto mato! As minhas lágrimas, Senhora minha, até aqui foram de tristeza, que a vossa dor me dava, mas agora choro de contentamento, porque vos acho e vejo. Como vos atreveis. Senhora, sendo donzela sem forças, sem mais companhia estar nesta serra solitária, sem temer as bestas feras, que por aqui podem andar fazendo seu cruel ofício, que, segundo este mato é cerrado e espesso, não devem elas andar daqui mui longe?”

Nessas palavras, lhe respondi eu: — “Vejo serdes estrangeira nesta terra, posto que o vosso novo traje mo não dissera, o que me faz ser-vos mais afeiçoada, além do que vossa presença e o conhecimento, que de mim tendes, e as lágrimas, que comigo agora chorastes, me obrigam a amar-vos. Sabei, Senhora, que nesta terra estou segura dos animais feros, que não há nela, mas não dos murmuradores e envejosos, que ela tem tão imigos meus, que melhor me vem vizinhar com estas altas árvores e com estas duras pedras, que me não fazem mal nem dano, que antre gentes que, sem porquê, me perseguem tanto a cosso. Vereis, se bem atentardes, que até esta terra, no que de si produz, demostra e sente melhor o que nela vai passando, porque cria muitas e viçosas malvas; cuido que não pêra mais que pêra dar a entender que, com o seu viço, vão muitos e viçosos males nela. Se as bíboras ou outros peçonhentos animais pêra aqui vieram doutra parte, já muito tempo há que foram mortos, que a peçonha de alguns maus, maior que a que eles de lá trariam, os matara cá logo e acabara. E, de não haver aqui animais peçonhentos, não vos

deveis espantar, Senhora, que claro está que foram eles nesta terra sobejos, pois a peçonha, que neles houvera de andar, se encerrou contra mim em alguma gente que anda nela. Não queria que se agravassem os bons, porque dos maus me queixo, que bem sei que, assi como onde há os bons há os maus, também, onde há os maus há os bons, cujos louvores ousarei também dizer em algum tempo, como agora só dos maus apresento meus queixumes”.

–“Não é muito isso que dizeis (me disse ela) terdes, Senhora, mil contrários, pois é fama que, sendo vós tão boa mãe, paristes um ruim e avorrecido filho chamado Odio, o qual dizem que é contrário vosso e vos faz guerra”.

–“Nessa guerra que me faz (lhe respondi eu) vereis bem claramente ser estranho, nem me perseguira ele se o eu parira ou concebera; mas, como eu costumo mostrar maior ousadia onde se me faz mais força, e sempre clamo pelas mentiras, que reprendo, e pelas verdades, que às gentes falo sem temor nenhum e sem receio, vêm elas, em suas danadas vontades, conceber tal filho desse nome de Odio e o vêm a parir nas obras e falsos testemunhos que contra mim murmuram, vindo-me, por fim, deitar à porta, parindo-o elas. Não curo já das palavras das gentes, nem das obras. As vossas desejo ouvir, Senhora, com que me contai, por mercê, quem sois e donde vindes, que eu não sei mais de vós que ouvir-vos falar em meu Pai, que agora, com tanto amor e choro, como mui conhecido, nomeastes”.

–“A quem tanta mercê me faz em se me dar a conhecer (disse ela), muito pequeno serviço lhe faço eu em fazer o mesmo”.

Então me começou a contar de si desta maneira:

–“Já vos disse, Senhora, que era Mafa, duquesa no grande reino del-rei Ponte, vosso pai, meu Senhor e superior, a que obedeco. E por serdes vós sua filha, como pelo discurso da vossa vida e irmãos, que nomeastes, e pelo lugar onde vos acho e no vosso branco e claro vestido que eu vos vejo, logo caí na verdade de quem éreis; gritando, como vistes, de prazer, vos abracei por amiga e rendi obediência por Senhora.

Sou bom nome, bom rumor e boa opinião de qualquer que dos outros em algum bem se extrema e quase um acidente que da substância da virtude emana. Sou um licor odorífero de cousas boas; como vemos que as boas árvores e aromáticas, como o cedro e acipreste, de sua

interior substância soem deitar exteriormente alguns bons cheiros e licores, assi eu sou, como acidente que das virtudes do varão perfeito se deriva e procede, porque como o cheiro se sente ao longe da cousa donde sai, assi eu mui longe me posso estender e dilatar a remotíssimos lugares, como agora vim de remotas terras a estas ilhas por saber as coisas delas. Sou um estado de ilesa dignidade com leis e com costumes aprovado. Anuncio muitas vezes a soma das coisas, não a ordem.

Faço viver os meus vassallos depois da morte, e, como cada um deles tem necessidade da consciência pêra si e da fama pêra seu próximo, é às vezes cruel o que, confiado em sua consciência, me despreza, porque sou uma boa estimação que o povo tem de alguma pessoa, que nunca costumo nascer senão de algum bem verdadeiro ou aparente, o qual bem é de duas maneiras, ou temporal ou espiritual. Quando meu nascimento é dos que têm bens temporais, também sou temporal, e dos que os têm espirituais, fico espiritual. Tem um fama de rico por ter fazenda, boa casa, criados bem tratados, sem ter necessidade de ninguém, sem ver cousa que lhe contente que não compre. Outro tem fama de valente, fere a um, mata a outro, faz fugir a quatro; andou em Itália, devulgou-se a fama de sua valentia como a dos gigantes antigos, de que se escreve no Génesis, que eram no princípio varões poderosos e famosos.

Tudo isto é bem exterior e temporal, que o que o tem pode ter em pouco, sem lhe dar nada ao rico que o tenham por rico ou pobre e ao valente em conta de covardo e à fermosa que seja julgada por feia, porque as coisas de que nasce esta fama se podem licitamente desprezar, como são as forças, fazenda e fermosura.

Mas há aí outros bens espirituais, como são misericórdia, humildade, paciência, caridade e outros desta sorte, dizendo de um que é homem piedoso, humilde, paciente, caritativo; esta fama é bem espiritual, porque a causa donde nasce são bens espirituais, donde resulta ser também espiritual o efeito, que é a fama, o qual bem não é só da pessoa que o tem, senão da república toda. E não abasta pêra que um seja afamado de esmoler que faça todas as obras de misericórdia e dê muitas esmolos, porque ainda fica em liberdade do povo estimar estas obras, que o tal faz por boas. Exemplo disto temos que Cristo, Nosso Deus, fazia boas obras, mas infamavam-no os fariseus com malícia e enveja de cegos entendimentos e depravadas vontades, di-zendo que eram más, pelo que duas cousas se requerem

à boa fama da pessoa: a primeira, fazer boas obras; a segunda, que o povo as estime em bem.

E, assi, esta fama aproveita a ambos, a quem as faz e ao povo que as vê e ouve, e faz e causa dois bens, ou dois efeitos.

O primeiro é freio pêra não pecar, porque muitas vezes deixam os homens de pecar por não perder a fama e bom nome, que têm, de virtuosos, e, por isso, amoesta S. Crisóstomo aos superiores que se hajam com os súbditos como se hão os pais com os filhos, quando os acham em algum delito, do qual secretamente os amoestam e castigam, porque, se uma vez o filho, ou súbdito, se vê desonrado, fará e cometerá dali por diante quantas maldades houver. Cristo, Nosso Redentor, quando ressuscitou a filha do Arquisinagogo, que é figura do pecado, secretamente o fez, não com brados, nem chamou gente que entrasse a vê-lo, mas mandou lançar fora toda que não estivesse em casa. Santo Augustinho diz que, ao tempo que um emenda a alguém e lhe quere dar castigo, não o faça em presença de outros, principalmente que ainda o não sabem, por que não perca a fama. Daqui vem que onde os efeitos são espirituais e a causa donde nascem é espiritual, a fama não se pode satisfazer com dinheiro. Se se dá uma cutilada na cabeça, cura-se, mas uma cutilada na fama não tem cura, e muitas destas feridas trago eu, Senhora, abertas e incuráveis, que cubro com minhas penas.

O segundo bem que faz a fama, e em que aproveita à república, é que excita a outros pêra que sejam bons, porque os exemplos os constroem e obrigam. Por isso os romanos punham estátuas aos passados pêra que excitassem aos presentes, porque, segundo diz Salamão a boa fama engrossa e engorda os ossos, que são as virtudes, como declara São Jerónimo; e, como diz Ovídio de Ponto, a virtude louvada açora e esperta o desejo do ouvinte. Donde venho a concluir o que acima dizia, que, pois a boa consciência é necessária, pêra quem a tem, e a boa fama pêra o próximo, pêra este, ao menos, e pêra a república é cruel quem a própria fama espiritual despreza, pois lhe era esporas pêra ir correndo à glória. E não lhe aproveitara dizer, como alguns dizem, que se lhe não dá nada de perder a fama, já que sua consciência está segura, pois é dano da república perdê-la. E ainda que a rica consciência a despreza, a república necessitada a estima. Donde vem que o que diz mal de alguém não somente faz mal a ele, mas à república, de que o murmurado é membro, e o que murmura de uma pessoa

honrada ofende a todo o povo e a toda a cidade. Como, segundo diz Salamão, é melhor o bom nome e a boa fama que as muitas riquezas, pelo que avisa a todos que tenham cuidado dela, pois fica depois da morte. Se os ladrões têm obrigação a restituir o dinheiro que furtam, muito mais obrigados são os infamadores e roubadores do bom nome a restituir a fama que roubam, ainda que esta restituição seja mui dificultosa.

Mas, com toda esta doutrina tão pregada no Mundo, em cujos ouvidos cabem muitos brados, como nas orelhas do lobo estragador das ovelhas, não deixo eu de ser muitas vezes roubada e infamada, o que sufro com paciência em desconto do vão contentamento que levo, quando de alguns sou de fora dourada e esmaltada do bem que não tenho, sendo eu só comigo, interiormente, de baixo metal e barro, de que já estou arreceando mostrar minha baixeza e falta, sendo e parecendo outra no último juízo, diante daquele Divino Tribunal, onde, então, cada um aparecerá e será visto claramente quem é e quem foi e quem procurou ser, e não o que agora parece.

Os que me servem não procuram conhecer a muitos, mas trabalham por onde de nenhum deixem de ser conhecidos. E os que por só amor divino fazem grandes virtudes e ocultas, sem querer nem desejar de ser vistos nem ouvidos, estes, como mais apurados servidores meus, vêm ter e alcançar muito maior nome, porque quem com magnanimidade e humildade me sabe e quere enjeitar no bem que faz, sendo vivo, esse me vem ter e alcançar depois de morto, e ainda em vida, com mais glória. E assi faço vivos os defuntos e presentes os absentes, e quantos eu estou engrandecendo desejam de se ver e viver juntos.

Quando o ócio do povo alevanta alguns rumores, sou vão rumor da alguma cousa, ou bom ou mau, sem conhecimento da verdade. E não só sou fama da cousa fresca, como sou quando rumor me chamo, mas também tenho este nome de fama de cousa introduzida e afirmada na opinião dos homens, ainda que seja incerta; e quando sou verdadeira, sem ter dúvida, à porfia dos que não me crêem, me acende e, então, fico com mais fermoso rosto. Só as costas tenho feias, porque, virada da outra parte, sou infâmia, que não é outra cousa senão perda da boa fama, ou diminuição, ou nódoa nela, e desta maneira me temem, a mim, muitos e poucos a consciência.

Muitos me buscam no mal que fazem, e tanto, às vezes, se acende

o sacrílego desejo de me alcançar fermosa, que vêm alguns a fazer vilezas e maldades por ter fama, que se lhe torna infâmia, e assi nunca me alcançam estes ver o rosto, mas só as costas me vêm de longe, ficando infames.

E como o moinho, andando, ganha, e ventando os ventos, com seu circular movimento ao longo da fria terra, com a frescura dela se vão acrescentando e correm, soprando com mais fúria e força, assi, correndo eu por toda a redondeza mui ligeira, as línguas das gentes filhas da Terra me vão dando tanto favor e alento, que, andando voando, pêra mais andar e voar, ganho, acquirio e cobro sempre novas forças e vou crescendo; às vezes, em línguas de harpias vou voando, conturbando os custosos banquetes com ruins cheiros e com a sombra de minhas feias costas profanando as sacras mesas. E por isso dizem alguns que sou um monstro e mal ligeiro, quando os males conto. Verdade é que o sou, por ser castigo certo de maus, que mal vivem e obram, porque, por seus vícios secretos, permite Deus que venham a dar deles mostras de fora, ou fazer outros públicos, confiados com a cobiça de por isso ter e alcançar grande nome e fama, com que eu, virando-lhe as costas e abscondendo-lhe o rosto, por não ver sua vileza e ousadia, abrindo as asas e espartando melhor os olhos, e ouvidos dobrados e línguas e bocas, que, debaixo de cada uma das penas delas, trago tantos como elas, voando de noite pela sombra da terra, sem dormir, com as mesmas asas dos pés e ombros com velocíssimo curso, alegre com a novidade da obra que contar quero, anunciando e afirmando com perseverância o feito e não feito, o fingido e verdadeiro do que, assentada sobre os telhados das altas casas, espiando, vi fazer de dia e em qualquer tempo; e virando-me e tornando-me assi cruel, venho a ser algoz e açoite de todos eles e sua infâmia; e, desta maneira, o desfavor e desonra, que lhe dou por azeda pena de sua culpa, lhe fica por amargoso galardão de seu desejo.

Muitas vezes, nas obras, palavras e peito dos maus ou envejosos sou infâmia dos bons e virtuosos, que merecem ser louvados, e não caluniados, no que dizem ou fazem. E, algumas horas, sou bom nome daqueles que têm más obras, os quais, com nomes de doctores ou fidalgos, sem terem letras de letrados nem grandezas de fidalguias, levam o lugar, honra, prêmio e proveito aos que têm as obras sem nome.

Às vezes, sou infâmia de inocentes, mas pouco prudentes, porque,

ainda que não fazem algum pecado, com a familiaridade suspeitosa que têm, todos o suspeitam deles; por onde a fama dos tais, que deve ser clara, se torna obscura no coração das gentes, e tornadas denegridas suas faces, não é conhecida sua virtude em público, nem nas praças, como nos *Trenos* diz *Jeremias*, onde a fama se chama face ou rosto, porque, como pelo rosto é conhecido cada um, assi se conhece também pela fama com que é divulgado.

E, pois, pela fama são conhecidos os homens, os bons pela boa fama, e os maus pela má se conhecem, pelo que tenho o rosto fermoso diante, onde a ocasião tem gadelhuda sua fronte, e a cara feia detrás, onde ela tem o toutiço calvo; e, por isso, com alguma razão ficam os sem pecado escavados, esbulhados e infamados, pois, sabendo ser castos, não sabem ser cautos, os quais publico ao *Mundo* com outra trombeta, que nas costas dependurada trago, que não soa senão faltas e infâmias. Mas, mostrando o rosto, sou duquesa e coroa de muitas gentes, todas de altos pensamentos e de heróicos feitos e obras grandes, cujos louvores apregoa esta trombeta dourada que diante do peito me vedes.

E crede, *Senhora*, (como já tereis sabido) que nenhum destes meus vassallos vos desestima, como as outras gentes de pouca estima fazem; antes nas mininas dos seus olhos vos dão o vosso lugar e assento, porque, sem vos honrar muito, não podem fazer grandezas. Se eles viveram juntos em uma terra só, pedira-vos que fôreis morar nela, pêra serdes de todos juntamente bem servida e venerada; mas vivem derramados por toda a redondeza do *Universo*: uns, confessando a fé diante dos cruéis tiranos e esmaltando suas alvas esfolas com seu roxo sangue, outros, com a pureza da vida, lavrando pêra si lauréolas resplandescentes; uns, fazendo nos ermos solitária e santa vida, outros, como claros espelhos de todos nos povoados, esmerando-se em virtudes; uns, em guerras servindo o belicoso *Marte*, outros, em ciências em serviço de *Minerva*, nascendo em diversos lugares, onde uns dos outros apartados andam, sem por isto vos poder ser boa nem valer com eles.

Da língua dos sábios e curiosos falando e muito mais da sua pena escrevendo, como de meus fiéis caixeiros, me sirvo, passando por letra minhas riquezas de umas terras a outras, espalhando-as e assoalhando-as por diversas partes do *Mundo* todo, onde tenho meu comércio. Meu ofício é andar de terra em terra, de porto em porto e de lugar em lugar, e às vezes de praça em praça, de rua em rua,

de canto em canto, de porta em porta e de casa em casa. E assi, voando, vou celebrando seu nome de geração em geração té fim do Mundo, onde a memória de todalas cousas por fim acaba. Outras vezes, rodeando o Universo, ora por mar em navios, ora a pé por terra, ou em andadores dromedários, ou cavalos mui ligeiros, e muitas vezes pela posta ou com correios, ora pêlos ares com estas minhas asas voando, ora em aquele meu grifo, que tenho ensinado ao freio e faço subir quanto quero com a cobiça que ele tem (enganado cuidando que são carne) destas bandeiras de cendal encarnado, que trago ao redor desta trombeta, com que ando apregoando no Mundo os serviços que meus vassallos me oferecem, estendendo estas asas de tantas cores, em que cada um deles traz uma pena com que o seu nome e a sua fama voa, e são as penas tão diversas, porque foram diferentes e diversos seus serviços.

“Das pretas vereis aqui mais penas e maiores, porque são mais os tristes, a que as suas mágoas grandes deram grande fama. Os alegres, embebidos em seus contentamentos, esqueceram-se mais do tempo, que foge à rédea solta, gastando-o só em cousas que acabaram com eles juntamente. E vós, Senhora, me deveis mais do que cuidais, ou podeis cuidar agora, porque, debaixo de cada pena destas (sobre que está uma orelha com que ouço), trago um olho com que vejo aquele que ma oferece e me está servindo, e, com todos eles (ainda que só përa ver os trago), vos ajudei a chorar nesta hora o vosso desterro saudoso, que, tão tristemente, me contastes. Estas fitas azuis, com que enastro os meus cabelos, são os arreceies que os grandes têm de morrer sem fama, o que depois, por fim, lhe fica na cabeça por coroa.

Em outro tempo me lembra ter novas de vossos irmãos, que degradados andam; mas, estes anos, em que tenho de novo corrido o Mundo todo, nunca deles ouvi fazer menção que lembrar-me possa; eu me tivera por muito maior senhora e mui ditosa, se agora deles vos pudera contar e dera novas certas, que, por dar algum alívio a vossa desconsolação tamanha, ficara eu maior e mais alegre em meu estado. Mas as que deles em outro tempo soube vos contarei logo, brevemente, pois vos não alcancei achar nem ver mais cedo e pois também as não tendes doutrem ainda ouvidas.

Aqui comecei eu de chorar de contentamento de tais novas, misturado com a tristeza, com que havia de ficar, vendo-me sem eles. Ela, então, com os seus fermosos olhos arrasados de água, por ter aos

meus a acostumada companhia, me foi contando assi, com palavras tristes.

CAPÍTULO SÉTIMO

DAS NOVAS QUE DEU A FAMA Á VERDADE DE SEUS IRMÃOS
O TEMOR DE DEUS E A VERGONHA DO MUNDO

“De vosso irmão Torme, Senhora, não sei eu mais que o que agora sei de vós e vossa vida, porque assi me disseram peregrinos, que de remotas terras vinham, que vivia ele nos desertos encoberto, como eu vejo que vós viveis aqui secreta, fugida e abscondida. Mas de vossa irmã Nhevorga muito bem me lembra que, andando eu peregrinando pelo mundo, como é meu costume e sempre uso, me vim ajuntar em um comprido caminho com uns romeiros, com que, caminhando alguns dias, viemos um, de palavra em palavra, a falar em vós e em vossos irmãos, de que não havia nova alguma. Dizendo eu o que de Torme ouvira a outros, que morava nos desertos abscondido, me disse um peregrino, daqueles de mais dias que os outros de toda aquela companhia: – “Eu ouvi em outro tempo, sendo ainda minino de pouca idade, que Nhevorga e o Fogo, o Vento e a Agua andavam todos quatro juntos e tiveram companhia muitos anos, mas não eram os anos de agora, senão os da idade dourada já perdida, e querendo-se cada um já por sua parte recolher e aposentar, como velhos que eram, enfadados de ver o dourado tempo já passado, não se atrevendo ter em outra mais baixa idade companhia, determinaram antre si apartar-se, vendo que não se escusava aquela triste despedida, posto que a saudade os apertava muito, arreceando de se apartar pela amizade que antre eles tinha criada a conversação passada. Mas forçando-os mais a necessidade que a vontade, apesar de si, se vieram a despedir, com condição, porém, de se tornarem a ajuntar em um certo lugar e tempo antre eles concertado, quando alguma sombra da dourada idade apparecesse, ou se achasse, dando cada um sinais como depois se conhecessem todos juntos sem se errar e se tornassem à mesma liança e liga dantes sem se negar (como alguns costumam), porque sabiam que a Fortuna, e a mudança, muda às vezes os amigos de maneira que uns a outros se não conhecem; não que o pobrezinho, que desceu de seu estado, a memória perca, mas por ficar sem ela o que a Fortuna subiu, com esquecimento eterno. Por isso, despedindo-se, disse o Fogo: – querendo-me buscar, senhores companheiros, ferindo a dura pederneira, me achareis sempre nela. Depois disse o Vento: – se vós outras, senhoras, me quizerdes achar, não me busqueis pêlos vales, onde acaso ando e mui forçado; buscai-me nos montes, onde os ramos das árvores ou folhas das ervas se moverem, e lá me achareis em todo tempo que buscar me fordes. A Agua disse: – se vós, companheiros, me quizerdes buscar, dar-vos-ei um sinal certo com que me não possais perder, porque em qualquer prado ou vale, em que no seco estio virdes ervas muito frescas e verdes juncos, chegai-vos ali, que, logo, antre elas, no meu peito vereis

as vossas figuras, que nele esculpidas levo com a grande saudade que de vosso apartamento me leva. Nhevorga (magoada, parece, ou do sentimento daquelas palavras, ou daquela tão triste despedida de seus amigos), como, arrebatadamente, com cólera, disse: – não tenho, senhores companheiros, sinal nenhum que vos possa dar pêra depois me conhecerdes; só este sinal vos dou, que, se uma vez me perderdes, nunca mais me vereis. E assim se apartou logo deles, sendo no sinal a derradeira e no apartar a primeira”.

“Esta história de vossa irmã me contou aquele romeiro, que, Senhora, vos digo; e disse mais que ouvira em muitas terras, por onde depois andara, que o Fogo, Vento e Agua se achavam sempre nos lugares onde disseram e ele o experimentara algumas vezes em algumas rochas e serras altas, que em logos caminhos fora atravessando, e em alguns fundos vales, por onde já caminhara. Mas que de Nhevorga nunca mais se soubera dela parte nem mandado. Não vos quisera, Senhora, dar estas novas por não serem alegres, como eu quisera, mas onde as alegres faltam as tristes vos poderão dar prazer no vosso descontentamento, que também o pesar duvidoso descansa quando vem saber a certeza do seu pouco descanso”.

Isto dizia ela por me ver desfazer com choro. E sem me deixar dizer palavra, por me tirar (parece ser) dele, me foi assi dizendo mais adiante.

CAPÍTULO OITAVO

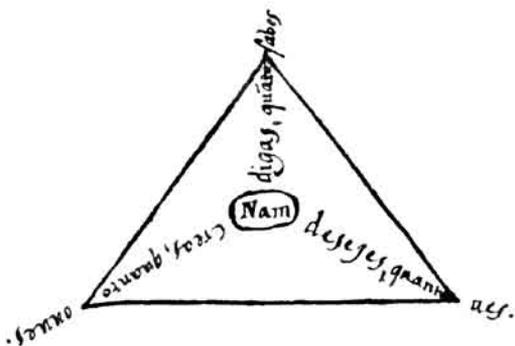
EM QUE A FAMA PEDE À VERDADE QUE LHE CONTE AS COUSAS
DAS ILHAS, E A VERDADE LHE DECLARA UMAS LETRAS DO
TRIÂNGULO QUE TRAZ NO VESTIDO, E A FAMA A CONSOLA

“Cheguei agora a estas ilhas por saber a fama que delas corre, pois já tenho sabida a maior parte de todas as outras partes. E quis minha boa ventura que, vindo pelo ar no grifo, vos visse aqui estar nesta ribeira. Abaixei logo por saber de vós algumas novas, e achei-as mais e melhores que quantas achar podia, com vos achar no mundo viva. Porque muitas cidades e povoações corri por vos ver, sem o poder alcançar, e não corria os desertos, porque vós pêra eles não nascestes, ainda que as condições das gentes os fez pêra vos nascer contra direito.

“E, pois aqui vos achei, determino não passar adiante, porque de vós posso saber melhor a certeza das cousas e das gentes destas terras, ao menos destas duas ilhas que aqui vejo. Não vos enfadeis, Senhora, de me dizer quanto aqui pêra contar vistes, porque me escusareis o trabalho que, passando eu a outras partes, se me ordena, e ordenareis cousa com que passemos tão bom e alegre dia. E, primeiro que tudo, vos peço que me deis a entender essas letras que trazeis escritas no peito e no vestido, que, pois as vós trazeis, não devem ser sem causa grande”.

“Não as trago (lhe disse eu) pêra mim, senão pêra quem de mim as quiser ouvir pêra seu aviso; trago-as no peito por que sejam espelho daqueles que pêra mim olharem; mas as gentes já me não olham só por isto, que ninguém quer já ser enganado de seu erro”.

Então, lhe li as letras que, por esta ordem, estavam em um triângulo que tem três cantos e assi diziam: - Não creias quanto ouves; não digas quanto sabes; não desejes quanto vês.



“Estão escritas neste triângulo, que é uma só figura e tem três cantos, porque pêra as três potências da alma de cada um se fez semelhante espelho. Com a memória recebe homem e crê o que ouve; com o entendimento diz o que sabe; com a vontade deseja o que vê.

“Este é o sinal que trago por ser enjeitada, o qual é espelho da vida humana, mas ninguém se quer ver nele, porque torna feios aos que dele mal usam. Vendo-se, o que crê quanto ouve se acha mentiroso, porque muitos falam muitas mentiras que não devem de ser cridas. Vendo-se, o que diz quanto sabe se acha néscio, pois há muitas verdades sabidas que se devem calar a seus tempos. Vendo-se, o que deseja quanto vê se acha cubiçoso e ladrão, ao menos na vontade.

“Aos maus mostra este espelho o rosto às vessas, mas aos bons às direitas lho está mostrando, pois eles são os que diretamente não crêm quanto ouvem, nem dizem quanto sabem, nem desejam quanto vêem, como diz este espelho. E de as gentes se não quererem ver no direito dele, senão no avesso, daqui nascem todos os desconcertos e erros da vida humana, que são: confiança da carne mentirosa, concupiscência e desejo dos olhos cobiçosos, soberba da vida vã; por onde muito poucos são os que do mal e do duvidoso muitas vezes não criam mais do que ouvem, nem digam mais do que sabem, nem desejem mais do que vêem. E, desta maneira, se vem no mundo a perder e desterrar a verdade, que sempre traz estas letras nos peitos, pêra que nunca erre.

“E, como dizem os filósofos não há cousa querida sem ser primeiro conhecida, assi, pêra usar bem dos cinco sentidos, principalmente do ver, ouvir, falar e obrar, é necessário ir o entendimento escudeirando, como escudeiro diante da vista, do ouvido, da fala e da obra, pêra saber ver o que vê, ouvir o que ouve, falar o que diz, acertar o que faz; porque, ficando atrás o entendimento, fica nossa vista cega, às escuras, sem tocha, vendo o que não vê, e nosso ouvido surdo, ouvindo o que não ouve, e nossa voz falsa e enganosa, falando o que não é, e nossa obra errada, obrando o que primeiro não entende.

“Esta é a causa por que muitos, por ser largos no passo, empeçam em grandes erros e vêm cair em falsidades, e outros, por curtos, dão muitos cincos, sem chegar à casa da verdade, o que vem ser grande seminário de muitas mentiras.

“Estoutras letras do brial, que eu nele lavrei depois que estou neste desterro, dizem: –Eu sou Dederva, que estou aqui escondida, porque meu irmão Torme se perdeu e minha irmã Nhevorga é já perdida.

“O vestido trago branco por ser mais simple e verdadeira cor antre as cores, que não havia eu de andar buscando cousa que bem parecesse, senão pano com que me cobrisse; assi como não busco manjares compostos e forjados, senão singelos, com que me sustente.

“O Mundo todo não vai desta maneira, senão a velas despregadas; em outra volta e rodeio, após o apetite e vontade, vai buscando seu porto.

“Ninguém quer o que deve querer, e cada um quer o que quer.

“Já não quero eu senão tristezas, porque elas também a mim me querem, em me virem tanto a pares; e em mim só vejo mais verdadeiro o que comumente dizem, que se vai, por fim, o bem pêra o bem e o mal pêra quem o tem.

“Porque vós só, Senhora, (me disse ela) sois pêra querer, vos não quer ninguém. Pode ser que desse vosso claro espelho lhe vem nascer esta cegueira, que, mal pecado, já o Mundo as cousas claras o cegam e as cegas lhe dão claridade, porque amaram mais os homens as trevas obscuras e feias que a luz fermosa e clara. E os que deviam ser mais favorecidos, esses têm menos favor das gentes e vemos mais abatidos e enjeitados. Quantos, ora, merecem muito (como vós mereceis, Senhora), que moram em casas pobres, e outros, de nenhum merecimento, que vivem em altos paços e dourados, favorecidos e privados de grandes senhores! São assi as vezes das cousas distribuídas por sorte e trocadas como em feira de cega lagarta, e a pobre balança de ferrugem se cobre, sem com ela pesarem, por faltar o fiel, de muitos dias perdido, guia de todo o peso.

“Lembra-me agora uma reposta que o Emperador Sigismundo deu a um seu criado, que disto se aqueixava, porque, havendo-o servido muitos anos sem receber dele mercês, como outros de menos ou nenhum serviço recebiam, aconteceu que, passando por uma ribeira, viu urinar o cavallo nela, e aqueixou-se que era o cavallo naquilo

como seu senhor era, o que ouvindo Sigismundo, lhe perguntou porque o dizia. Respondeu ele que como o cavalo urinava na ribeira, onde já havia tanta água e tão sobeja, assi César fazia mercês a quem tinha dos bens do Mundo, que tinha menos necessidade deles. Entendeu Sigismundo que o criado o mordia do pouco galardão que lhe havia dado pêlos muitos serviços que lhe tinha feito, e respondeu-lhe dizen-do:—“Nunca me a mim me faltou vontade de tu me ficares devendo, mas as mercês dos príncipes não são dos que as merecem, senão daqueles que por acerto as alcançam”. O que lhe provou depois ser assi, mandando aparelhar duas bocetas de uma mesma feição e igualdade; uma encheu de ouro, e outra de chumbo, e, chamando o creado, lhe mandou que escolhesse uma delas, qual quisesse; abaixou-se o malditoso servo e, sopesando ora uma, ora outra, duvidando qual escolheria, veio, finalmente, escolher a que tinha o chumbo. Então se viu que a desventura do criado era pèra culpar, e não a vontade de César.

“Mas, posto que o Emperador não tinha vontade danada, todavia digo eu que tinha esquecimento insofrível e descuido culpável, porque, ainda que um seja monarca do Mundo, tão obrigado é, como qualquer pequeno do povo, a dar a cada um o que se lhe deve, o do pobre ao pobre, o de Deus a Deus, e o de César a César. E não fazendo isto, sendo vigilantíssima sobrerrolada dos que manda governar seu povo, ainda que tenha boa vontade de dar o seu a seu dono e fazer em tudo o que deve, nunca a pouca dita do bom servidor, rico ou pobre, o poderá escusar de culpa diante de Deus, que é maior Senhor que ele.

“Se na pouca dita de seu criado, coube escolher a boceta de chumbo, na justiça de César devera caber dar-lhe a de ouro, se a ele merecia. De Deus vem o sucesso próspero das cousas e também o adverso, pois não há mal de pena na cidade que o mesmo Deus não faça, ou por castigar a uns, ou por avisar a outros, e o coração dos reis em sua mão se encerra. São secretos juízos seus que a nosso juízo não pertencem.

“Se vós, Senhora, andais sopeada e carregada com o grave peso da mentira em que, atada, como cortiça em pedra, fostes lançada e abscondida no alto e profundo pego das inquietas e salgadas ondas de línguas mentirosas, ou, pouco e pouco, se irá rompendo e cortando esse laço e atadura, ou, com o medo de alguma grande tormenta ou temor de algum perigo ou castigo, se desatará de todo

algum dia e vireis aparecer e nadar como a mesma cortiça sobre as águas, mostrando o vosso peso leve e claro rosto. Abasta que, se agora estais abatida, pode ser, e sem pode ser, que é pêra mais merecerdes e pêra melhor subirdes; que, assi como já em a dourada idade fostes estimada, com o andar do tempo podereis vir a ser conhecida e posta no alto lugar que merece o vosso nome”.

“—Palavras são essas (lhe disse eu) pêra muito me consolar, se o meu mal neste mundo pudera ser consolado. Mas umas tristezas me chamam outras tristezas e um desgosto outros desgostos, e eu não vivo senão na esperança de se me acabarem, e nunca se me acabam, que eu vejo já sinais pêra acabar primeiro. Mas deixemos isto, Senhora, pêra quando eu estiver só; nem sei pêra que é mostrar-me tão triste diante de vós, que pêra as tristezas não nascestes; eu só pêra elas nasci, ou elas sós pêra mim nasceram”.

“—Nestas penas pretas, que trago (me disse ela), vereis se pude eu escapar delas. Mas lembre-vos, Senhora, de me contardes novas destas ilhas deste mar Oceano Ocidental, e principalmente desta e daquela outra mais pequena, que ali vejo, pois eu as não queria saber doutrem, se vós contar-m’as quiserdes, como espero. Sendo vós quem sois, sei eu que haveis de conceder o que vos peço”.

“—Mandar-me podeis vós, Senhora (lhe disse eu), em qualquer cousa que quiserdes, porque tudo farei de boa vontade, enquanto me não mandardes ser alegre, pois que isto não me lembra que jamais, em algum tempo, o pudesse acabar comigo, nem quisesse.

“As novas que desejais saber destas duas pobres ilhas, em comparação do que foram, porque foram já mui ricas, não vos espanteis se as der chorando, pois pêlos males e misérias, que presentes vejo, e pelas alegrias e riquezas passadas e saudades delas tanta, razão de chorar tenho.

“Quem não quereis, Senhora, que chore no Mundo a bondade e singeleza dos homens antigos, que nele foram, tão mal imitada e seguida dalguns presentes que agora vivem? Que, com a pobreza em que caíram, vieram a ser tão amigos de demandas e tão expertos nelas, que, se Lucifer a eles viera, lhe ousaram dar esperança (sem efeito) de ser, em algum tempo, ainda livre.

“Mas, se têm esta tacha alguns dos homens com pobreza, bem a

recompensam com outra grande e mais que liberal virtude, pois por um, que devem, pagando cento, são os melhores pagadores que há no Mundo todo. E, pêra pagar tão liberalmente, entesouram as verdades e não as falam, porque dizem que as têm alguns guardadas pêra irem acompanhados delas quando deste mundo partirem. E com este tesouro abscondido e junto se fazem alguns fidalgos, a quem seus pais deram os brasões detrás das brasas nas longas noites dalgum chuivoso inverno, e outros mais altivos e empinados se fazem reis, mas a nenhuns vejo reinos de que o sejam. E, ainda que o inundo todo se perde por três MMM, entre alguns o vejo por isto mais perdido, porque tudo é muito gastar e pouco ter, muito falar e pouco saber, muito presumir e pouco valer.

“Já, em outro tempo, valiam alguns tanto quanto tinham; agora já não valem pelo que têm, senão pelo que presumem, e não deixam de ser príncipes na presunção os que são nus e probres na fazenda. A qual presunção lhe ficou em lugar das riquezas, que dantes eles tinham e tiveram seus avós e estão agora em estrangeiros; pelo que dizem que disse o Infante D. Henrique, descobridor desta ilha e das outras, que os primeiros povoadores delas roçariam e os filhos comeriam, os netos venderiam, e os bisnetos fugiriam; porque três cousas os deitaram a perder: vaidade, demandas e fianças, com um contrapeso de deitar em rendas, cuidado que alguns, ou com cobiça ou sem conselho, quizeram tomar sobre seus ombros, com que vieram a dar no chão com toda a carga junta do seu e alheio, ficando-lhe somente a opinião por riqueza, com que cada um dos que a governam quer acabar o que começa e poucos dão fim à obra começada por outro, causa de serem perdidos negócios de muita importância, e, em seu lugar, sucederam grandes inconvenientes; e, quando alguns se soldaram, foi à custa de El-Rei ou da República, ou de ambos juntamente, pelo que tudo aqui são aliceses e ali cessam. Como se não fosse mais glorioso dar bom fim a um honrado negócio que principiá-lo, pois sabemos que o fim, e não o principio, é o que aprova ou reprova todas as coisas.

“É certo que já agora nesta ilha (pois os homens têm por melhor coisa a mais nova) seria maior novidade acabar alguém o começado por outrem, que principiá-lo por si mes-mo, pois quem quer dá princípios sem cabos e ninguém dá fim e cabo ao começado. E, por alguns quererem em seu tempo começar e acabar as cousas que começam, lhe ficam elas tão mal feitas e com tantas faltas, que lhe vêm a faltar a eles a fama e louvor que em fazê-las pretenderam.

“Assi que sendo os homens bons, ricos e poderosos nesta terra, vieram muitos a enfadar-se e enfastiar-se tanto das grandes rendas e riquezas que quietamente possuíam, que, de muito bons que pêra outros foram, ficaram maus pêra si; e, com lançarem em rendas e com fianças que sobre si tomaram, sem nunca quererem deixar de entrar no atoleiro em que viram perdidos e afogados seus vizinhos, foram tão fiéis vassallos a seu Rei e ao senhor da terra, como vos tenho dito, que, de enfadados e enfastiados das abundantes e ricas fazendas que tinham, as deixaram e entregaram de sua livre vontade à Coroa, ou ao senhor da terra, ou a estrangeiros.

“E esta é uma das cousas de que eu mais saudade tenho e que mais choro nesta terra aque outras muitas; porque, se se perderam por desastre, caso fortuito ou naufrágio, cuidara que vinha isso da mão de Deus ordenado; mas vejo-os vendo e querendo aceitar tão livremente sua perda, que claramente se vê vir da mão dos homens, ainda que também isto Deus o permite pêra seu castigo.

“E assi, tendo eu dó de quem de si o não tem, choro o que eles riem e sinto o que eles choram. Sendo mancebos, se correm de ter malícia e vaidade, e, velhos, se presam disso, tendo-o por prudência e grande honra. Assi que o tempo da velhice é como os dias da feira franca, que têm liberdade de se vender neles, sem direito, aquilo que nos outros depois e dantes se defende. Vieram, enfim, a ser os homens moços na velhice e velhos na mocidade nestes nossos tempos tristes.

“Dizia um estrangeiro que esta ilha era terra das igualdadas, por ver presumir tanto a uns como outros.

“Eu digo que não é senão terra das desigualdades e sem igual, porque mais brasona aqui de fidalguia o rico vilão que o fidalgo nobre, e mais presunção tem de saber o tosco néscio que o discreto sábio. Os que nunca vestiram arnês, nem malha, dizem que são fortes cavaleiros, e os que não aprenderam letras se prezam de letrados extremados, e isto com tanto despejo e ousadia, com meneios e com tão pouco pejo o afirmam e sustentam com palavras, que, até a quem os está conhecendo, põe em dúvida se será assi o que dizem, quanto mais aos que vêm de fora e a quem os não conhece.

“Com ameaças sustentam sua fidalguia postiça. Com brados e porfias vãs querem acreditar por firme ciência sua vã ignorância,

sendo nisto como as más mulheres, que, quanto mais perdidas são, tanto com maior soltura e mais desavergonhadamente, até no seu rosto, desonram as boas, honradas e virtuosas com palavras feias, dignas de quem as diz, mas não de quem as ouve. E, às vezes, com testemunhos falsos e com aleives, presumindo igualar-se com elas na bondade, honra e virtude, em que ainda se apregoam por maiores e de vantagem, o que é mais certo sinal de sua maldade e pouca vergonha (com que todo mundo é seu), como o é de sua baixeza, nos baixos, presumir de se empinar com os altos, e, nos néscios e ignorantes, de sua maior ignorância e cegueira querer-se igualar com os sábios.

“E, se quisessem ver bem suas mãos e obras, elas lhe mostrariam, como claro espelho, que não são iguais (como dizem) todos os dedos.

“E é tão certa esta verdade que não convém despender muito almazém de razões na prova dela, nem é necessário sobre esta questão porfiar nem contender o fidalgo com o vilão, dizendo-lhe e provando-lhe que é mais nobre que ele, nem o virtuoso com o mau, nem o sábio com o rústico, pêra lhe fazer evidente que tem mais virtude ou ciência, pois isto é demonstração e passa já em causa ou cousa julgada em que pez a baixos e néscios, por mais que eles apelem da sentença, de que se lhe não deve nem pode receber apelação nem agravo, nem passar estromento; antes, de nenhuma qualidade deviam ser ouvidos antre discretos e honrados. E se não fôssemos cristãos ou próximos, ou não fosse proibido, em começando a falar os tais tão soltamente, logo era bem que pagassem os próprios e as custas de seu atrevimento, pêra lhe dar livramento com o castigo. Porque assi como o servo não se emenda com razões, senão com açoites, assi do vil e rústico atrevido (que é de sua natureza servo) diz o provérbio castelhano que el nescio por la pena es cuerdo.

“Só o fidalgo é aqui vilão antre vilãos, e só o sábio é nesta terra néscio antre néscios, sem poder achar a água que dizem que em outro tempo choveu pêra emprasto e mezinha disto. Não é aqui (segundo se diz) tão bom Pedro como seu amo, mas muitas vezes melhor sem conto. E bem se parece nos vestidos, em que o nobre e poderoso, contentando-se com o honesto, se refrea, e o baixo e pobre à rédea solta corre, como desenfreada besta. E assi se ficam e ficarão nesta terra estas enfermidades sem remédio.

“Ora se choram todos o enfermo que, sem ter cura, vai morrendo, como não chorarei, Senhora, estas perigosas doenças tão cegas e incuráveis? Estas são as gerais condições quase antre as gentes todas do Universo, que em outras terras se podem melhor sofrer que nestas, em que não há lugar pêra onde subir; pêra descer si, e este sempre o houve, porque, como a justiça da terra seja como o vinho dela, que não tem força alguma, onde não há prêmio pêra bons nem castigo pêra maus tudo são descidas.

“Já esta terra não é terra, mas é desterro; e, quando era desterro de alguns, era verdadeiramente terra. Mas, agora, foi-se fazendo tão estéril dos bens que tinha e dos mantimentos que dantes, com grande abundância, dava, e envelheceu tão azinha, que quem se lembra dos bens, que nela houve, e tem experiência das misérias, que nela agora vê, não pode deixar de chorar com saudade daquele bom tempo passado e consumido, vendo que vão os pecados das gentes enchendo e suprimindo o lugar dos frutos que a terra nega. E o que digo desta (pois correm a igual passo), entendo também destoutras ilhas, suas vizinhas, que em tudo vizinham bem com ela.

“Crede-me, Senhora, que por nenhuma outra cousa tanto vivo triste e trago as letras do meu nome assi mudadas, senão porque vejo o bom tempo tam mudado.

“Algumas cousas contarei destas ilhas, como testemunha de vista, e outras, que não vi, direi, como as pude saber doutrem, que não me faltou diligência pêra inquirir e examinar a verdade delas com assaz trabalho e custo, ainda que em algumas não pude bem descobrir a certeza que eu quisera. Recebereis, Senhora, esta vontade e história, sabida pelo melhor modo que alcançar pude, mas não como a vosso saber se deve. E aceitai por obra o meu desejo, porque, desta maneira, o trabalho de a contar se me tornará descanso”.

CAPÍTULO NONO

EM QUE A VERDADE, RESPONDENDO A UMA DE DUAS PERGUNTAS
QUE LHE FEZ A FAMA, TRATA EM GERAL DO DESCOBRIMENTO
DAS CANÁRIAS E DALGUMAS COISAS DELAS

E, querendo eu começar a contar o que destas ilhas sabia, me disse ela:

Vejo, Senhora, estas ilhas dos Açores estarem neste grande mar Oceano e nele mesmo estar a ilha da Madeira e Porto Santo e outras que são de El-Rei de Portugal, tão perto das Canárias, que são de Ei-Rei de Castela, e, logo, as ilhas do Cabo Verde, povoadas de portugueses, e não entendo esta mistura, como neste mar houve dois senhores diversos. Também me faz duvidosa a terra das Antilhas, como, passando por este mar da navegação de Portugal, as mandaram descobrir e povoar e possuem, pacificamente, os Reis de Castela. E, pois, em vós se acha o desengano de muitas dúvidas, mercê receberei desenganardes-me nesta.

O coração (lhe disse eu) desenganado o tenho pêra todos, e muito mais pêra vós, Senhora, que tão obrigada me tendes. E o desengano, que quereis saber de mim nisso que me perguntais, sou contente de o dar da maneira que o soube de diversos cronistas e autores e de meu antigo pai, que o contava.

Verdade é que os Reis de Portugal tiveram alguns anos a conquista do mar do Ocidente, até que em tempo de El-Rei D. João, o segundo do nome, houve nisso alguma mudança, que depois contarei, como também deixo pêra contar adiante o descobrimento destas duas primeiras ilhas dos Açores e das sete mais abaixo que desejai saber. Mas, por agora, quanto à dúvida delas e das outras que dizeis, sabei, Senhora, que os legistas e canonistas têm uma regra que diz: “*primo occupanti conceditur locus*”, que quer dizer: o primeiro, que ocupa e possui algum lugar, fica pelo mesmo caso senhor dele. Isto se usava, antigamente, nos descobrimentos das terras, antes de serem dadas as conquistas delas. O que primeiro descobria alguma ficava senhor dela, se queria e podia sustentar sua posse. Até que pelo Santo Padre (como senhor que é supremo e logo-tenente de Deus na Terra, do espiritual e temporal do Universo) foi isto determinado e limitado entre os Reis de Portugal e Castela, como claramente vereis nisto que irei dizendo.

Quatrocentos e quarenta anos antes da vinda do Salvador do Mundo a ele, um Hanom, capitão cartaginense, partiu de Andaluzia com sua armada contra a costa d’Africa e Guiné, e dizem que este foi o primeiro que neste caminho e jornada descobriu as ilhas Bem Afortunadas, que agora chamamos Canárias, e, além delas,

outras, que dizem Dórcadas, Hespérias e as Gorganas, que se agora chamam do Cabo Verde, mas não ficaram suas, porque não teve mais que de passada a vista delas.

E depois da vinda de Cristo Nosso Deus, no ano de mil e trezentos e quarenta e quatro, reinando D. Pedro de Aragão, o quarto, dizem os cronistas de seu tempo que lhe pediu ajuda D. Luís de Gacerda, neto de D. João de Gacerda, pèra ir conquistar as ilhas Canárias, que estão em vinte oito graus desta mesma banda, por lhe serem dadas pelo Papa Clemente sexto, natural de França. E, segundo isto, já naquele tempo havia muita notícia daquelas ilhas por toda Europa, quanto mais em Espanha, porque tamanhos príncipes não se haviam de mover a esta empresa sem muita certeza.

Também querem (como escreve, o capitão António Galvão no livro que fez de diversos descobrimentos) que neste meio tempo fosse a ilha da Madeira descoberta, que está em trinta e dois graus, por um ingrês, que se chamava Machim, que, vindo de Ingraterra pèra Espanha com uma mulher furtada, foram ter à ilha com tormenta e surgiram naquele porto que agora se chama Machico, de seu nome tomado. E, por a amiga vir do mar enjoada, saiu em terra com alguns da companhia, e a nau com tempo se fez à vela e ela faleceu de anojada. Machim, que a muito amava, pèra sua sepultura fez uma ermida de Bom Jesú, e escreveu em uma pedra o nome seu e dela e a causa que os ali trouxera, e pôs-lha por cabeceira. E ordenando um barco do tronco de uma árvore, que ali havia muito grossa, e embarcando-se nele com os que tinha, foram ter à costa de Africa, sem velas nem remos (porque, quando a fortuna a alguém começa ser contrária, de todo o despoja); os mouros, que os acharam, e os mais, que os viram, houveram isto por coisa milagrosa e por tal os apresentaram ao senhor da terra. E ele, pela mesma causa, os mandou a El-Rei de Castela, que era naquele tempo D. Anrique terceiro, e, pela informação que desta ilha deram este ingrês Machim e a nau de sua companhia, reinando em Castela este mesmo Rei D. Henrique terceiro, no ano de mil e trezentos e noventa e três se moveram muitos de França e Castela a irem descobri-la e a Gram Canária, principalmente andaluzes, biscainhos, lepuscanos, levando assaz gente e cavalos, mas não se sabe se foi isto à sua custa, se de El-Rei. Como quer que seja, querem que fossem os primeiros que houvessem vista das Canárias e saíssem nelas e cativassem cento e cinquenta pessoas. Outros querem que fosse no ano de mil

e quatrocentos e cinco. Mas por mais verdadeiro tenho o que de Machim se conta na história e crónica dos illustres capitais da ilha da Madeira, como direi adiante, quando particularmente tratar deles e do descobrimento dela.

No ano de mil e quatrocentos e dezassete, governando a Castela a Rainha D. Caterina, mulher que foi de El-Rei D. Henrique, terceiro do nome, pelo príncipe, seu filho, D. João (que foi o segundo rei do nome), como governadora dos reinos, um Mossem Rubem ou, segundo outros, Rubim de Bracamonte, almirante de França, que com cópia de franceses dizem que ajudou a El-Rei de Castela em uma certa guerra, com este merecimento e por este serviço lhe pedira a conquista das Canárias, com título de rei, pèra um fidalgo francês seu parente, chamado Mossem ou Mosiur João de Betancurt, a quem outros chamam Letencor ou Betencor, e que a Rainha lhas dera e o ajudara, partindo, então, de Sevilha com boa armada o novo rei de Canária. E querem ainda que a principal causa, que a isto o movera, era descobrir a ilha da Madeira, que Machim achara. E não a achando, mas (segundo dizem alguns) descobrindo a ilha do Porto Santo, foram ter às Canárias. E chegado às ilhas, saindo em terra, ganhara Lançarote, Forteventura e a do Ferro, ou (como outros dizem) a do Inferno. E, segundo diz João de Barros, somente Lançarote, Forteventura e a do Ferro. Mas não pôde conquistar a Gram Canária, por achar nela muita resistência de mais de dez mil homens de peleja. Na de Lançarote fez um bom castelo, ainda que de pedra e barro, com que conservasse o que tinha ganhado. E, começando contratação de escravos, couros, cevo, mel, cera, cânfora, urzela, figos, sangue de dragão e outras algumas cousas, que daquelas ilhas mandava a Espanha, tirava interesse e ganhava bom dinheiro o Rei João de Betancurt ou Betancor.

E, logo, no ano de mil e quatrocentos e vinte foi descoberta pêlos portugueses a ilha da Madeira, perto das Caná-rias, como em seu lugar contarei adiante.

Estando assi o Rei Mossem João Betancor na conquista das Canárias, como dito é, dizem que o mataram. E deixara por seu herdeiro um parente, chamado Mossem Menante ou Menaute, o qual dizem que, com ajuda de alguns castelhanos, conquistou depois a Gomeira.

Outros querem dizer que Mossem João Betancor se fosse a França refazer de novo pêra esta conquista e deixara ali um sobrinho, que se chamava Mossem Menante, e, como nunca mais de lá viera, o parente, que não podia sustentar a guerra, vendera as Canárias ao Infante D. Henrique por certa cousa que lhe dera na ilha da Madeira, como direi adiante. E porque, de doze ilhas que elas são, ainda ficavam por conquistar estas, Gram Canária, Palma, Graciosa, Inferno, Alegança, Santa Clara, Roque e a dos Lobos.

No ano de mil e quatrocentos e vinte e quatro mandou o mesmo Infante fazer uma armada pêra conquista destas ilhas Canárias. Ia por capitão-mor dela D. Fernando de Castro, e como as gentes delas eram belicosas, defenderam bem suas casas, e vendo D. Fernando o grande gasto que fazia, se tornou. E depois o Infante largou estas ilhas à coroa de Castela pelas ajudas que a Betancort dera.

Mas os castelhanos contam isto doutra maneira: que nem El-Rei de Portugal, nem o Infante D. Henrique, as quise-ram largar até chegarem a direito diante do Papa Eugênio quarto, veneziano, o qual, vendo isto, deu a conquista daquelas ilhas por sentença a El-Rei D. João de Castela no ano de mil e quatrocentos e trinta e um, por onde cessou esta contenda das Canárias antre os Reis de Portugal e Castela.

Mas, como ia contando e segundo outros dizem, morto ou ido a França, sem mais tornar, o rei João Betencor, sucedeu no reino das Canárias seu parente, chamado Mossem Menante ou Menaute. E provendo o Papa Martinho por bispo destas ilhas a um religioso chamado Frei Mendo, começaram os insulanos a receber a santa fé. Mas, vendendo El-Rei Menante por escravos a muitos que a santa fé haviam recebido, se aqueixou o bispo a El-Rei D. João, pedindo-lhe que deitasse este príncipe daquela terra. Por esta causa havendo algumas diferenças, mandou lá El-Rei a um Pero Barba de Campos, vizinho de Sevilha, com três naus armadas, e, por fim, El-Rei Menante, por concerto e licença da Rainha D. Caterina, vendeu as ilhas ao mesmo Pero Barba. E Pero Barba fez o mesmo a um fidalgo de Sevilha, chamado Fernão Peres, em cujos descendentes e de outros vizinhos de Sevilha se conservaram até os tempos dos Reis Católicos, D. Fernando quinto e D. Isabel. Porque, reinando eles em Castela no ano de

mil e quatrocentos e setenta e oito, mandaram uma boa armada com Pedro de Vera, fidalgo natural de Xarez, pêra conquistar as Canárias. E surgindo em Gram Canária, foram notáveis as cousas que castelhanos fizeram em as conquistas delas, que duraram três anos.

E no ano de mil e quatrocentos e oitenta e três, ainda que os Reis Católicos, D. Fernando o quinto e D. Isabel, sua mulher, tinham começada a guerra de Granada e esperavam a de Navarra, acometeram outra contra estas ilhas do oceano Atlântico, à Gram Canária, Tenarife e à da Palma, que, de sete principais e descobertas que elas são, restavam de conquistar estas três, (porque as outras estavam em poder de vizinhos de Sevilha desde os tempos de El-Rei D. João segundo, como atrás tenho dito), mandando com uma boa armada Afonso de Muxica e Pedro de Vera, capitais destros assi no mar como na terra, os quais deram de súbito sobre a Gram Canária, em a qual achando dois reis bárbaros que pugnavam sobre o domínio, favoreceram a um, com cujo favor veio em breve tempo ao domínio dos Reis de Castela toda a ilha.

Desta maneira contam esta história os cronistas castelhanos.

Mas o doctíssimo João de Barros, no livro primeiro da primeira Década de sua Asia, no capítulo doze, diz: - “que depois de tornar das Canárias D. Fernando de Castro, pêra favorecer os canários que lá ficavam convertidos à fé, mandou o Infante alguma gente, e por capitão dela Antão Gonçalves, seu guardaroupa. E passados alguns anos, desistiu o Infante delas por se antremeter nisso El-Rei de Castela, dando razões como lhe pertenciam, porque, se Maciot vendera a fazenda e terras que tinha aproveitado, não podia vender o senhorio e jurdição, que era da coroa de Castela. Depois, em tempo de El-Rei D. Henrique, o quarto do nome em Castela, quando casou com a Rainha D. Joana, filha de El-Rei D. Duarte de Portugal, D. Martinho de Ataíde, conde de Atouguia, que a levou a Castela, houve de El-Rei D. Henrique estas ilhas de Canária per doação que lhe delas fez. E ele as vendeu depois ao marquês D. Pedro de Meneses, o primeiro deste nome. E o marquês as vendeu ao Infante D. Fernando, irmão de El-Rei D. Afonso e sobrinho do Infante D. Henrique. E mandou logo tomar posse delas por um Diogo da Silva, que depois foi conde de Portalegre. Em meio do qual tempo veio a Portugal um cavaleiro castelhano, por nome Fernão Peraza, pedindo restituição delas,

porquanto ele as tinha comprado a um Guilian (ou Guiliare?) de Las Casas, o qual as comprara a D. Henrique, conde de Nebla, em quem Maciot Betancor as trespassara per via de doação, com procuração que tinha de seu tio João de Betancor, mostrando pêra isso bastantes procurações, escrituras e provisões dos Reis de Castela em confirmação das tais compras. E vendo El-Rei e o Infante sua justiça, desistiram delas. Por morte do qual Fernão Peraza as herdou uma sua filha, por nome D. Inês Peraza, com quem casou um D. Garcia de Herrera, fidalgo castelhano. E antre os filhos que houve dela, foi D. Maria de Aiala, com quem casou Diogo da Silva, português, estando ainda lá, por parte do Infante D. Henrique, na conquista e governança delas. E, porque as ilhas da Gomeira e Ferro eram feitas em morgado, de que hoje é intitulado conde D. Guillen de Peraza, seu filho, ficaram partíveis as ilhas de Lançarote e Forteventura, em que D. João da Silva, segundo conde de Portalegre, por parte de sua mãe, a condessa, tem herança, que lhe renderá passante de trezentos mil reis, o que é uma memória em Portugal dos trabalhos que o Infante D. Henrique levou na conquista destas ilhas, posto que o senhorio e jurdição delas fosse trespassado em Castela na maneira acima dita.

Além do que João de Banos no mesmo capítulo escreve dos ritos e costumes dos moradores destas ilhas, como nele se poderá ver, direi das sete mais principais algumas cousas, que mais pude alcançar saber, lidas e ouvidas.

Estas ilhas Canárias, que eram e são habitadas e que se chamam as Beatas ou Bem Afortunadas, estão quase todas arrumadas de leste-oeste e demoram da ilha da Madeira, do sul até o sueste, desta maneira: a Gram Canária, que está em vinte e oito graus e com Forteventura leste-oeste, doze léguas; demora-lhe o Cabo Bojador ao sueste e à quarta do sul; e Forteventura com Lançarote está norte-sul três léguas uma da outra, antre as quais está uma ilha pequena despovoada, chamada ilha dos Lobos. E de Lançarote à Alegrança serão duas léguas, e canal limpo antre uma e outra; e da Alegrança às ilhetas de Canária haverá trinta e três léguas; e de Lançarote à Graciosa, que é terra despovoada, haverá meia légua somente, que é um canal antre ambas. De Canária a Tenarife há treze léguas, a qual Tenarife está em vinte e oito graus e um terço e também leste-oeste com as ilhetas de Canária; e dela à Gomeira são seis léguas, a qual Gomeira está em vinte e oito graus menos

um quarto e vinte e cinco léguas da ilha Canária. E da Gomeira ao Ferro há seis léguas e está a ilha do Ferro em vinte e sete graus e dois terços e da ilha de Canária trinta léguas. De Canária à Palma são trinta léguas e está a Palma em vinte e oito graus e meio. E (como disse) correm-se estas ilhas principais umas com as outras quase leste-oeste, e são estas ilhas de Canária doze (como disse), contando a do Inferno, como diz João de Barros, ainda que não vi carta nenhuma de marear em que a achasse. Mas sete são as descobertas e mais principais.

Estão em vinte e oito graus da parte do norte. Tem o o maior dia treze horas e a maior noite outras tantas. Distam de Espanha duzentas léguas e da costa de Africa dezassete, ainda que de Forteventura ao Cabo Bojador, que está na Berbéria, há treze léguas, e este é o mais perto caminho das Canárias até à costa de terra de mouros.

A Gram Canária é a principal. Os naturais dela se chamam canários, por haver nela grandes cães, e desta tomaram o nome geral de canários os habitantes das outras, ainda que tenham também seus particulares nomes. Esta Gram Canária é redonda e a melhor de todas e bem povoada, e por isso tem o nome de grande, não por ser maior em quantidade. Tem muito gado, colhe-se nela muito pão e vinho e mel; há nela muitos engenhos de açúcar, e desta e dalgumas das outras se carrega muita quantidade dele pèra diversas partes.

Tenarife é outra ilha destas, maior de todas. Está bem povoada e dá muito pão e vinho. Os naturais dela se chamam Ganches, por serem muito enrochadores. Tem uma serra que alguns chamam o pico de Teide e outros de Tereira, do Duque de Maqueda, por particular mercê de Sua Majestade, que dizem ser uma das cousas mais altas que navegantes sabem e vêem claramente sessenta léguas antes de chegar a ela, e de um terreiro, que faz como praça no cume dela, quando o mar está em calma, se vêem todas as outras ilhas, e parece cada uma delas um bairro pequeno com estar algumas distantes mais de cinquenta léguas e ter outras tantas de circuito, a qual é verde no pé e sempre nevada no meio até o S. João, e dali até ao fim de Agosto podem subir a ela; está com neve, havendo nela muita o restante ano, com não nevar jamais em todas aquelas ilhas circunstantes. É rasa e fumosa, a tempos, no alto, pelo muito enxofre que nela se acha, de que levam a Espanha grande cópia.

A Palma é pequena; há nela muito gado, do qual se fazem muitos e bons queijos. Os naturais dela se chamam palmeiros por ter a ilha muitas palmas.

A Gomeira é boa ilha; tem grande abundância de gado e pão e vinho e açúcar e muita urzela; estes se chamam Gomeiros, como a ilha Gomeira, de um rei chamado Gomeiro ou Gomauro.

Forteventura, que é mais comprida, e Lançarote são duas ilhas algum tanto despovoadas, mas têm muito gado cabrum; estão mui juntas uma da outra, como um quarto de légua. E contam que uma mulher islenha nadou este espaço, de Forteventura a Lançarote, por livrar um seu filho da morte, a que ia condenado por justiça, levando provisão e perdão do governador que, então, estava em Forteventura, sem esperar por barco. Os moradores dela se chamam Maforeiros, não sei por que razão.

O Ferro tem um lugar de poucos vizinhos, que se chamam Ferrenhos, porque há nela pedras que parecem ferro, e a costa fragosa da mesma maneira, que parece escória de ferro, e as árvores são ásperas e ferrenhas; dizem que já alguns biscainhos, que vieram em ajuda de sua conquista, acharam e fundiram ferro nela. E ilha pequena e toda fragosa, Estes não tem água de rio, nem fonte, nem poços, mas uma árvore grande perto do lugar, em um alto, sobre a qual se assenta uma névoa pela manhã, à maneira de nuve branca, mui clara, e ali estila continuamente água pelas folhas, como rocio, a qual cai em um tanque, e dela bebem os homens e os animais, e é boa água; têm, além disto, algumas cisternas em que recolhem água pêra as bestas e pêra seu serviço; os gados se mantêm com ramos e erva verde. Esta árvore nunca envelhece, nem cresce, mas sempre está em um ser, com suas folhes verdes. Dizem que se quer parecer com o almástico, que dá aimécega, como há muitos na ilha de Tenarife, mas não o é; o almástico tem o parecer e rizeza e cortar do pau branco, que há nesta ilha de São Miguel, e ainda mais forte e rijo; e dizem que tem as folhas quase como maneira de três folhas de silva miúdas, que todas três e, às vezes, cinco juntas parecem uma só folha farpada.

Quando foram depois conquistadas estas Canárias (como tenho dito) pêlos espanhóis em tempo do Católico D. Fernando, Rei de Castela, no ano de mil e quatrocentos e oitenta e três, teve Pêro de Vera, cavaleiro, natural de Xarez, guerra mui rija com estes

canários, que eram de muito esforço, os quais ainda não tinham armas; usavam de varas, que aguçavam com pedras mui agudas (as pedras se chamam tubonas), e são pretas à maneira de azeviche, com as quais, como com dardos, passavam as adargas e escudos e, também atiravam pedras com muito grande força, porque eram todos mui valentes e desenvoltos; mas, por fim, foram vencidos e reduzidos a sujeição de Espanha e ao culto divino, que era o que mais lhe importava.

Antes disto, não usavam de pão nem de vestido, somente se cobriam com peles de animais, de cabras, de ovelhas, que havia na terra, cortidas com casca de pinho, cozidas com correias do próprio couro e com sovelas de osso, que aguçavam com as mesmas pedras tubonas; os trajos feitos destas peles chamam tamarcos e ficava o couro cortido delas à maneira de baio. Comiam raízes de ervas leite e carne de cabras e frutas de árvores, e alguns querem dizer que também comiam a carne crua por não ter fogo, e agora assada e cozida, depois que o tiveram, ou inventaram fazer com dois paus, um chamado teinaste, que é rijo, e outro tabaiba (de que se faz o visgo), que é brando, roçando um no outro. Comiam gofio de cevada torrada. Casavam-se com muitas mulheres e, primeiro que as cognecessem, as davam a seus senhores por grande honra e por outra razão que dá João de Barros. Tinham casas de ramos e covas, onde moravam. Careciam de fogo, ferro, letras e bestas de carrega, pêra seu serviço. Semeavam cevada sem nada, e algum trigo, lavrando a terra com cornos de bois, bodes e cabras, e colhiam muito fruto.

Há nestas ilhas uns pássaros que chamam canários, que em Espanha são de muitos estimados.

Adoravam a um só Deus, alevantando as mãos ao Céu, porque não tinham ídolos, e por esta razão foram bons de converter à nossa fé. Tinham seus oratórios que, cada dia, rociavam com leite de cabras, a que chamavam animais santos. Tinham também sua linguagem bárbara, cada ilha a sua, com que se entendiam. E, de todos eles ficaram muito poucos, porque todas estas ilhas estão povoadas já de gente de Espanha e doutras partes.

Contarei, Senhora, algumas cousas que, particularmente, pude saber de cada uma delas, dizendo primeiro o que se diz da variedade de suas linguagens.

CAPÍTULO DÉCIMO

DO QUE SE DIZ DAS LINQUAGES DE TODAS ESTAS
ILHAS CANÁRIAS

Já disse que tinham os moradores destas ilhas de Canária sua linguagem bárbara, cada ilha a sua, com que se entendiam.

Dizem que fazendo guerra os romanos aos de Cartago e vencendo-os nela, cortando as línguas a muitos, os puseram em navios no mar, os quais, saindo pelo estreito de Gibraltar, foram ter às Canárias, que naquele tempo estavam desertas, e destes cartaginenses se povoaram; e, como não tinham línguas inteiras com que falassem, seus filhos e descendentes inventaram, cada uns na ilha que habitavam, nova linguagem, e por isso cada uma destas ilhas tinha a sua diferente das outras, e em uma mesma ilha se achavam também diferentes linguagens em diversas partes dela, onde em diversos lugares desembarcaram com as línguas cortadas.

Também se diz nestas ilhas Canárias, e há esta presunção, que algum rei daquela parte de Berbéria, a elas mais chegava visinha, com algum nojo que teria de alguns seus vassallos ou povos seus súbditos, por castigo de alguma rebelião ou delito, lhe mandaria cortar parte das línguas com que os alvoroços e amotinações se fazem, e os deitaria fora de sua terra em embarcações, donde vieram ter às Canárias, a povoar aquelas sete ilhas desertas, e em cada uma delas inventaram os sem línguas, ou os seus descendentes, novas linguagens.

Também pode ser que, sem trazerem estes canários as línguas cortadas, cortou o discurso do tempo (que tudo muda) e mudou a primeira linguagem, que eles de princípio falavam, em diferentes e diversas, como agora têm, por se eles dividirem uns dos outros em diversas ilhas e em vários lugares de cada uma delas, e assi variaram as linguagens pelo muito número dos anos corromper a primeira língua antiga que todos traziam juntamente. E parece isto ser assi pela razão que deu um André Martins, homem nobre e honrado, filho de Antão Martins, da casta dos Monizes desta ilha de São Miguel, morador que foi no lugar de Rabo de Peixe, termo da vila da Ribeira Grande desta mesma ilha, o qual, passando à ilha de Tenarife, uma das sete ilhas Canárias, e havendo lá residido muitos anos, tendo particular amizade com um homem honrado canário, natural de Gram Canária, que se chamava Antão Delgado, espantando-se de não terem memória os naturais daquelas ilhas donde procederam, e, perguntando-lhe se tinha disso alguma notícia, lhe respondeu Antão Delgado, sorrindo-se, que donde podiam proceder senão dessa Berbéria, que estava ali tão perto.

E André Martins lhe replicou que não podia isso ser, porque, se foram daí, tiveram a lei e seita dos mouros e a mesma língua. Ao que Antão Delgado respondeu, dizendo “parece que naquele tempo em que os moradores destas ilhas Canárias vieram aqui ter da terra de África não havia ainda a seita de Mafâmède, que agora têm os mouros; porque eu entendo três línguas, convém a saber: a de Canária, e a de Tenariie e a de Gomeira, e todas vão quase parecendo a linguagem dos mouros”. E disse mais Antão Delgado que bem parecia isto ser assi, pois os canários toda a maneira tinham dos mouros em seus costumes, porque têm suas moendas de mão e usam de gofio como mouros e parece que, ainda que mudaram a linguagem que traziam de princípio, não mudaram alguns costumes de sua terra, que com os olhos viram e lá antre si costumavam. E ainda que os canários tinham variedade, suas linguagens quase todas têm um modo da dos mouros.

Mas, com todas estas razões sobreditas, nada disto afirmo pèra que se haja de ter por certo, porque outros afirmam que estas ilhas de Canária têm mui antigo princípio e foram já em tempo de Trajano, aquele insigne e notável emperador de Roma, descobertas e achadas por seu grande saber e indústria, e povoadas por seu mandado. Dizem que era este Emperador Trajano grão filósofo, astrólogo e matemático, e que foi natural de Cális de Espanha, o qual governando o Império e mandando fazer gente de guerra pèra ajuntar grande exército contra seus imigos, lhe foi dito que havia certa nação de gente belicosa e usada nas armas perto de seu Império, ou, porventura, seus súbditos, os quais, por serem montanheses, pelejavam a pé tão esforçadamente, que, havidos em seu exército, se podia haver com eles gram vitória, mas que arreceavam usassem os tais de sua má inclinação e costume, que era serem muito mudáveis e fáceis de tornar atrás, como dizem que fazem alguns tudescos, indo-se pèra quem mais soldo lhes dá, ainda que seja a tempo que os exércitos estão a ponto de se romper, pelo que se haviam causado já mui notáveis danos em outros encontros semelhantes e exércitos de alguns seus antecessores. Sabido isto por Trajano, e que sempre ficaram sem castigo, ordenou um meio por onde não pudessem executar sua malícia, nem causar algum dano sua mudança ou cobiça, mandando a seus capitais que a todos matassem, reservando vivos somente os velhos e mulheres e moços e os que não pudessem tomar armas, e, cortadas as línguas, lhos trouxessem. Trazidos diante dele, os mandou levar em navios, dando regimento que, entrados no Mar Oceano, navegassem não

muito longe da costa de África direito ao Sudoeste, e que a certos graus achariam as sete ilhas Bem Afortunadas e nelas deitassem aquela gente sem línguas, repartindo em cada ilha certo número deles, onde os deixassem, pêlos extinguir e apartar de seu mau nascimento e pêra que os que deles sucedessem não soubessem dar conta de seu principio.

O que parece ser assi, porque, em todas estas sete ilhas, os duma não entendiam a linguagem das outras, ainda que nos costumes eram e são semelhantes, porque todos são mui valentes e animosos, destros e ligeiros em todolos exercicios de guerra, correm, saltam, lutam e tiram funda e lança, mais que outra nação; são afáveis, alegres e amigos de banquetes, mas não dados a vinho. As mulheres são pela maior parte limpas, polidas, louçãs e de rara fermosura. pelo qual muitos dos conquistadores, ou quase todos, se casaram nestas ilhas e não tornaram a Espanha solteiros.

Agora, já têm perdido estes islenhos a constelação ou inclinação de mudáveis, e são firmes na amizade que prometem, e na religião cristã, e devotos de Nossa Senhora.

São dados a criações de gado e, não buscando curiosidade de casas, moram nas cavernas da terra e covas e furnas das rochas, ainda que na polícia e trajos do vestido são já agora quase todos tão custosos, eles e elas, como os mais polidos castelhanos de Espanha.

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

DE ALGUMAS COUSAS QUE OUTROS DIZEM DAS DUAS
ILHAS FORTEVENTURA E LANÇAROTE

Das sete ilhas de Canária, que estão povoadas, dizem alguns que a chamada Forteventura foi a primeira conquistada. E tem este nome por se achar nela uma escritura em pedra, que dizia ser povoada por forte ventura, e que a conquistou um Saiavedra, criado dos Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel. Tinha esta ilha três reis: um fora de Curralejo, à banda de Berbéria, e outro em Oliva, que está três léguas do porto de Roque, e outro, principal sobre estes dois, tinha mais dentro da ilha sua estância. E por não terem árvores de que pudessem fazer algum modo de armas, como os de Oram Canária e as demais ilhas, tirando Lançarote, foram fáceis de ganhar, ainda que com os gados e com suas fundas se defenderam alguns, mas como a terra é mui descoberta, ainda que é a maior ilha de todas, a houveram os espanhóis em pouco tempo e sem muito dano.

Tem esta ilha quarenta léguas em circuito, mas não é frutífera por ser pedregosa a maior parte dela. Tem quatro povoações pequenas, a Vila e Oliva, o Porto e Curralejo.

Os moradores são criadores de gado miúdo e de camelos, e já são liados com os espanhóis, com que casam seus filhos e filhas. Os islenhos e islenhas são grandes de estatura, quase morenos, bem dispostos e direitos, e elas alvas e fermosas, porque guardam bem o rosto do Sol e do ar. São leais a portugueses e a castelhanos, e inimigos de mouros de Berbéria, aonde vão fazer muitos saltos e trazem muita presa deles, que vendem pêra a ilha da Madeira, com quem têm grande trato e comércio, por causa do vinho e mel de canas que lhes levam por ser perto. Comem mais gofio que outro pão. São grandes comedores de carne de rês miúda; bebem o leite de cabras e de ovelhas por água, pelo que são frescos e gordos, ligeiros e fortes e muito membrudos.

Dizem alguns que foi tomada esta ilha dia de S. Filipe e Santiago, porque sua principal igreja é destes apóstolos. Antre os moradores dela há fidalgos dos Perdemos e Sayavedras e de outros apelidos.

A ilha de Lançarote dizem ter este nome por o rei principal dela ser assi chamado. E quase tão grande, como Forteventura, e está muito perto dela ao esnoroeste, a maior parte infrutífera.

Dizem que foi conquistada logo depois de Forteventura, também por outro capitão, criado da casa dos Reis Católicos, já ditos,

chamado Nuno Ferreira, português, muito parente do Conde da Castanheira. E outros dizem que deram os Reis Católicos a conquista e descobrimento destas ilhas de Canária a um fidalgo de sua casa, chamado D. Afonso de Lugo, ou D. Luiz de Lugo, e bem podia ser virem dois Sayavedra e Nuno Ferreira por seus ajudadores e, como eram valorosos, dar-lhes cargo de semelhante empresa.

Tem esta ilha duas povoações mediocres: a Vila e Faria.

Detiveram-se os conquistadores pouco em sua conquista, como na de Forteventura, por ser terra descoberta de arvoredo.

Os islenhos destas duas ilhas se chamam mahoreros, que em nossa linguagem quer dizer criadores de gados, porque este é seu ofício. São tão misturados com os da Berbéria, que há mui poucos que não tenham alguma cousa de mouriscos, por razão de se darem de princípio muito às entradas e saltos contra os alarves da Berbéria, que a elas está chegada e vizinha, como é Cabo Branco, Teide, S. Bartolomeu, o Rio do Ouro, que chamam Arguim, e outros lugares.

É agora condado, e conde destas duas ilhas D. Augustinho de Herrera, genro de Pero da Ponte, de Tenarife, o qual conde em sua mocidade foi mui dado a estas entradas e saltos em Berbéria, com que enriqueceu muito, mas depois lhe custou caro a ele e a toda sua ilha, como agora direi.

Vendo-se este senhor D. Augustinho de Herrera mancebo bem disposto de grandes forças e ligeiro, antes de ser casado, e com tal morgado e bons súbditos e parentes do mesmo esforço e altos espíritos, começou a dar-se a fazer saltos em Berbéria, o que fazia tanto a seu salvo, que quase não havia quem lho estorvasse, por não serem té li os inimigos deles salteados e viverem em seus aduares sem algum sobressalto.

Desta continuação deste Conde se vieram apelar e avisar os xilmeiros, alarves e berberiscos pela terra dentro, até que chegou notícia onde havia mouros de guarnição e polidos (porque estes xilmeiros são pobres criadores e pastores de vacas em aquela terra, chã e arenisca e campinas cobertas de uma mata baixa, povoada de uns aduares ou choças, onde com suas mulheres e filhos fazem

sua morada estes alarves, dados a buscar junto da costa ambre de baleias), e como os mouros de dentro da terra são destros de cavalo, ricos e versados na guerra, correndo a fama de tantos saltos e entradas que o dito D. Augustinho de Herrera com os seus lhe fazia, deram muitas vezes a paga aos de Lançarote e aos de Tenariê, como em seu lugar direi. E não podendo sofrer tantas afrontas e perdas (parece que pêra ter melhor vingança), se socorreram ao turco de Tarache e a outros cossaios turcos, como os de Argel ou seus semelhantes.

E estando D. Augustinho de Herrera com seus vassallos sem sobressalto nem receio de chegarem galês nem fustas de mouros à sua ilha, no ano de mil e quinhentos e sessenta e oito, ou nove, deram na dita ilha sobre eles sete ou oito fustas bem apercebidas e armadas, e, entrando na terra, quase a todos os moradores prenderam, mataram, cativaram e roubaram, levando consigo mulheres e mininos, que foi uma grande mágua e maior perda. O Conde e sua mulher escaparam como milagrosamente, escondidos em umas covas, e foram tão fiéis seus vassallos que, posto que os mouros ou turcos lhe prometiam soltar-lhe a presa e cativos, se lhe dessem somente o Conde, jamais puderam acabar isto com eles, ainda que se crê que muitos sabiam o lugar onde ele estava. Do qual feito se vê estar já mudada ou extinguida neles a mudança de seus predecessores.

Pelo grande desejo que estes infiéis mostraram de haver à sua mão o Conde e a Condessa, se suspeitou e afirmou que não eram estes turcos ali vindos pela causa, que atrás disse, da frequência das entradas e do dano que dele haviam recebido os ditos alarves, nem pela indústria dos mouros, senão por um feito que dizem cometer este senhor com uma mulher de um seu vassallo, natural de Tenarife, o qual indo negociar algumas cousas a uma das outras ilhas e deixando sua mulher e filhos pequenos em Tenarife, sendo ela muito fermosa e recolhida, dizem que entrou o dito senhor em sua casa contra sua vontade, fazendo pouco caso desta ofensa. Vindo o marido desta mulher e achando-a triste e coberta de dó, chorosa e tão dessemelhada, que quase a não conhecia, e perguntando a causa de tão estranha mudança, lhe contou ela sua desventura. Dissimulando ele esta injúria e consolando-a, dizendo que os senhores das terras tinham grande poder sobre seus vassallos, se partiu pêra Tenarife, onde vendeu a fazenda que lá tinha, e, tornando a Lançarote, deitou fama que se mudava a Tenarife. E embarcando-se ele e sua mulher e filhos com alguns parentes, que

por todos eram oito pessoas, como era homem de grande espírito, apartados do porto, fez por força navegar ao mestre pêra Larache, onde desembarcou com os sete de sua casa, dos quais não se soube mais que dizer o mestre depois que jurara este homem de não descansar até não haver à sua mão o dito D. Augustinho de Herrera, e pêra isso se passaria a Turquia, se em Africa não pudesse ser socorrido do Turquinho e de outros cossaios, pêra que com suas fustas viessem a Lançarote e o vingassem. Pelo que se crê trazer este os turcos a esta ilha e nela fazer o destroço já contado, em que não deixaram coisa que alguma coisa valesse, com que ficou tão destruída que, inda até hoje, não está restaurada, por ser terra pobre só de criações de gado miúdo e de camelos, como os de Forteventura, seus vizinhos.

Faz-se sal nestas ilhas muito alvo; são as salinas do Conde. Vão a elas por Faria, que é um lugar de criadores pequeno, distante légua e meia da vila. Fazem também bons queijos. A gente é mui afável. São destros a cavalo, como mostraram no triste successo dos turcos e com os franceses, duas ou três vezes que na terra quizeram entrar, porque, como este a vila do porto dos Arrifes quase légua e meia e tenham em um monte alto, perto da vila, uma torre pêra vigia, em descobrindo navios, logo se apercebem e defendem com ânimo valente, e, inda que são poucos, são de grande esforço e já fizeram render muito maior número de franceses cossaios, dando-se tanta pressa na defensão, que os franceses caíam vivos no mar e se afogavam a montes, por não poder aguardar sua forte e apressurada resistência. E finalmente terra belicosa e pêra a saúde de bons ares; nem se viu nem se soube em algum tempo haver nela, nem em nenhuma das outras, peste.

Do caso, atrás contado, da destruição que os mouros ou turcos fizeram na terra, os regentes e ouvidores de Gram Canária quizeram tomar conhecimento, mandando por ante si chamar ao Conde, o qual se partiu pêra a corte, querendo antes dar a conta disto a Sua Majestade, mas não foi ouvido, sendo remetido ao regente e ouvidores. E aparecendo diante deles, por do caso da mulher desonrada não se achar bastante prova e ele e a Condessa ficarem roubados de toda sua fazenda e tão descontentes, levando-lhe isto em conta, e que pela defensão da ilha e povo se pôs no campo como muito animoso e milagrosamente escapou dos inimigos, encomendando-se a Nossa Senhora da Candelária, de que todos os islenhos são mui devotos, ou (o que é mais pêra crer) por estar

inocente neste caso que dele se diz, foi Deus servido de o livrar e foi tornado e reduzido a seu estado, sem fazer mais entradas em Berbéria. Crê-se que lho proibiram.

No ano de 1586 dizem que vieram sete galés de mouros a esta ilha de Lançarote e cativaram até trezentas almas, e que, estando escondidas em uma cova a mulher e uma filha do Conde, as descobriu uma moura e foram cativas com toda a gente de sua casa, que resgataram por dezassete mil cruzados, e outra filha solteira, indo fugindo ao longo do mar, se acolheu em um barco pêra a ilha de Canária. E, depois de andarem os mouros alguns dias na terra, se foram, levando sòmente as trezentas almas cativas e muito despojo,

Há nesta ilha fidalgos Perdomos, Cifontes, Sayavedras, Herreras e Betencores, gente de muito lustro, subjectos a Gran Canária, como todas as mais ilhas destas sete. Tem uma igreja paroquial, bem ornada, e outras duas ou três ermidas.

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

DE ALGUMAS COUSAS DA ILHA CHAMADA GRAM CANÁRIA

Dizem alguns que a ilha chamada Gram Canária foi a terceira que, depois das de Forteventura e Lançarote, se conquistou, e dista delas vinte léguas, pouco mais ou menos, demorando-lhe a loes-sudoeste. E de quarenta léguas em circuito, quase redonda, alta e grossa; cabeça e metrópolis de todas as sete, onde reside o tribunal e audiência real e desembargo de três ouvidores seculares e regente, onde vão tãr todos os casos e negócios de todas as outras ilhas, senão os crimes, os quais julgam e sentenciam e executam os governadores de cada uma delas, porque nesta Gram Canária há, por si só, governador que tem jurisdição de barão e cutelo, e o mesmo tem cada uma das outras ilhas. E diocesis e cabeça de todo o bispado, cuja cidade das Palmas foi erigida em episcopal de todas sete, tresladando a ela a cadeira da de Lançarote, onde dizem que primeiro esteve. Onde tem assento a Santa Inquisição, com os necessários oficiais do Santo Ofício que Carlos quinto, felicíssimo Imperador, mandou à dita ilha pãra destruição de quaisquer heresias ou cismas que houvesse, por haver nestas ilhas um contínuo trato e comércio de diversas nações, por causa dos bons açúcares e vinhos, breu, lãs, queijos e outros frutos que em todas as mais delas há.

Como fica tocado atrás, pois D. Afonso de Lugo, ou D. Luiz, não conquistou mais das três, Palma, Tenarife e Gram Canária, e as outras couberam a diversos capitães, como adiante se dirá. Foi esta ilha a mais dificultosa de conquistar de todas elas. Defenderam-se os islenhos muitos dias. Tinha cinco ou seis reis e usavam de armas de pau lavradas com pedras queimadas e tostadas ao fogo, em tanta abundância e com tal artifício aguçadas que, defendendo-se duramente, puderam também ofender aos espanhóis, de que finalmente com grande dificuldade e trabalho foram vencidos, tomados e desbaratados. A principal e última pelega foi em Guimar, ainda que outros dizem que em Arucas.

E dali até estes nossos tempos foi sempre em crescimento e aumento de todas as cousas e grande comércio, porque, como os espanhóis a acharam disposta e fértil, a cultivaram tanto, applicando-lhe todos os frutos necessários à vida humana, que sempre será cabeça, como agora é, de todas as outras.

Chama-se Gram Canária (como tenho dito) por razão dos grandes cais que acharam nela, e ainda hoje em dia há alguns maiores que lobos; são brancos e malhados e de tal presa que sogigam a fortísimos touros, e por curiosidade dos mestres se tornam tão

domésticos, que levam na boca cestos de carne dos açougues e outras coisas, sem ninguém ousar de lhos tomar, por serem bravos contra quem não é seu dono.

Tem esta ilha estas povoações: a cidade de Santa Ana, principal cabeça, que terá mais de três mil vizinhos, bem assentada e situada com uma igreja catedral, grande e rica e de obra e traça mui custosa; tem outras duas ou três paróquias e dois mosteiros de franciscos e dominicos bem ornados. Está a igreja catedral situada em uma grande praça, onde há um formoso chafariz, servida com muitas dignidades e cônegos de grossas prebendas. O daião D. João de Padilha, antecessor do que agora é, tinha mais de mil e quinhentos cruzados de renda. O Bispo, sete ou oito contos, com que traz grande casa. O inquisidor dois contos. E executa-se com tanto rigor a justiça no crime, como na corte de Sua Majestade, com o que é nestas ilhas cada um senhor do que tem. Esta cidade de Santa Ana (que tem este nome por ser ganhada a ilha neste dia) é de tudo bem bastecida e de grossos mercadores que tratam quarenta e cinquenta mil cruzados, e mais e menos. O porto da banda de leste corre em praia quase uma légua norte e sul da cidade até uns ilhéus, onde está uma fortaleza bem situada, no qual comprimento estão a lugares baluartes e fortes bem artilhados; nunca foi de contrários entrada, ainda que muitas vezes cometida, pela boa ordem que há na defesa e armas. Onde tem muitas bandeiras, e são os moradores, de sua condição, belicosos e destros.

No cabo deste porto há umas estalagens que a cidade proveu pèra remédio e colheita de estrangeiros e navegantes; donde se começa uma ladeira pera o norte, que terá de subida quase meia légua e mais largura, no fim da qual, da parte de oeste pera a banda de Tenarife, está outro porto que chamam o Confeitai, por haver ao lado dele um cascalho que da terra sai tão branco e crespo, que parece confeitos de mui alvo açúcar. Neste porto se abrigam os navios quando venta leste e les-sueste, e por estar perto do dos Ilhéus se encontram os mares e ressacas em águas vivas e quase continuamente, tanto que algumas vezes aguardam pera passar os que vão da cidade às ditas estalagens ou pousadas, até que vaze mais a maré, pela qual causa se chamam os Ilhéus ou Ilhetas. Servem-se, nesta cidade e nos carretos do porto, de camelos, que há muitos na ilha. E temporã de frutos, porque em Maio se vendem uvas na praça, figos e beberas e melões de meado Abril, tudo tão bom e maduro como em Espanha no estio e outono. Parte esta

cidade uma grota que traz em tempo de chuvas grande enchente, ainda que não se viu nunca sair tanto de madre que faça dano.

Desta cidade, ao sul, distância de duas léguas, está Felde, nobre povoação, onde há dois ou três engenhos de açúcar da gente da terra, que são disto grandes lavradores e de vinhas e algodões, como ao redor da cidade. Os espanhóis ali moradores são tão benfeitores, que não há palmo de terra que não stè prantado e cultivado pera todo género de frutos; mas os islenhos são mais dados a criar gado, com que uns e outros dão muito proveito à terra e enriquecem o povo de Felde, vila de até quinhentos vizinhos, por causa dos engenhos. Tem aqui um Pero Seirão um engenho, onde mantém seis meses do ano mais de cento e cinquenta homens e dá de proveito a seu dono mais de quinze mil cruzados.

De Felde vão a Guia, vila em que também há outros engenhos, e a Guimar e Arucas, que tem outros, em que se faz açúcar que quere competir com o da ilha da Madeira, e dizem os moradores ser melhor.

Haverá em toda a ilha até vinte e quatro engenhos de açúcar, nenhum dos quais abaixa de safra de seis, sete mil arrobas, pelo que é tão frequentada de diversas nações e tão rica, fértil, abundante e sadia. Somente à banda do sudoeste, onde há também povoações e fazendas de açúcar, dão febres, de que alguns morrem. Mas não há outras enfermidades, se os homens se sabem reger. E inda das febres dizem ser causa estar esta ilha e outras perto do mais quente de Berbéria pera a parte do rio de Felde, e Sam Bartolomeu, que é mui torrada do Sol, pelo que estas ilhas não são húmidas, nem chove muito, nem muitas vezes nelas.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

DE ALGUMAS COUSAS DA ILHA CHAMADA TENERIFE

A ilha de Tenerife dizem que foi a quarta conquistada e é logo a segunda ilha depois da Gram Canária, mais principal de todas as outras, ainda que a Palma o seja nas escalas das armadas e navegações, como, antre estas ilhas dos Açores, a mais rica e principal é esta ilha de S. Miguel, pois ela rende só mais que todas as outras juntas, mas a ilha Terceira, além de ser mais principal por ser a cabeça do bispado, o é também por a razão das escalas, armadas e navegações que ali vão ter em diversos tempos.

Dizem que, quando a conquistou o primeiro adiantado (que dizem ser D. Luiz), foi a mais rija, trabalhosa e dificultosa de ganhar que todas as outras ilhas, por ser a gente dela muito belicosa e exercitada em guerras que antre si traziam. Chegando o adiantado a ela e assentando seu arraial onde agora está situada a cidade da Alagoa, que é uma légua de porto de mar pela terra dentro, costa arriba da banda do Oriente, em cujo porto está uma freiguesia de Santa Cruz, onde está uma fortaleza, e conquistando a terra o mesmo adiantado, quis um dia fazer um salto sobre um lugar grande, que agora se chama Orotava (que está quatro léguas do campo donde partiram, onde agora está a cidade), de um de sete ou nove reinos que havia na mesma ilha. Foram sobre ele pera lhe tomar seus gados e cativar os moradores, e tornando-os de sobressalto, todavia se acolheram à serra, e tornando-lhe seus gados, se tornaram os espanhóis. Mas os naturais da ilha, como homens mui ligeiros e desenvoltos que eram, vindo por riba, pela serra, que é de muitos pinhais e outras árvores de diversas maneiras, os esperaram em um lugar que agora se chama Montanha Obscura, e aguardando-os ali, como chegaram, falando a sua linguagem ao gado, o viraram sobre os espanhóis, com que os meteram em muito aperto, e morreu muita gente de ambas as partes, porque os da ilha pelejavam com grande ânimo com pedras e lanças de tea, que é um pau de pinho, do cerne do qual queimado se faz o breu, e estas lanças com as pontas feitas e tostadas no fogo, sem mais outro ferro, à maneira de azagaias.

Nesta guerra dizem que quebraram um olho ao adiantado e ficou sua gente muito desbaratada. E pela muita mortindade que ali houve nesta batalha se chamou, e ainda agora se chama, aquele lugar a Matança.

Vendo-se o adiantado desbaratado de gente, dizem que tornou a Espanha e que lá o favoreceu o Duque de Medina com oitocentos homens, com os quais se tornou a conquistar a mesma ilha de

Tenerife. E de caminho levou consigo muita gente dos naturais de Gram Canária, já convertidos e pacíficos, por serem homens fragueiros e valentes, prometendo-lhes dadas e repartições de terras na própria ilha de Tenerife depois da guerra acabada. E como os mesmos canários, naquele tempo, não faziam tanta conta das dadas, nem das terras, vindo depois o tempo de mais necessidade, alembRANDO-se seus filhos e netos e mais descendentes das promessas feitas a seus antepassados, se moveram e movem a fazer muitas demandas sobre elas.

Ando o adiantado com esta gente e dando modorra nos naturais de Tenerife, a foi vencendo e ganhando. E, porque foram tão trabalhosos de vencer e resistiram mais que nenhuns de todas as outras ilhas de Canária, os cativaram. Esta foi a causa por onde daquela só ilha traziam canários cativos, e não das outras, que mais facilmente se renderam. Mas depois os mesmos naturais de Tenerife, conhecendo a verdade, foram e são mui obedientes e bons cristãos.

Dizem que, se estes ganches foram concordes uns com outros, nunca os puderam vencer e sempre ficaram senhores de sua terra, porque era ilha muito fragosa. Mas foram vencidos, porque as mulheres beneficiavam a terra e faziam suas lavouras de cevada pera seu gofio, e os homens sempre andavam em guerra antre si, uns regnos com os outros, que eram nela uns dizem sete, outros nove. E por serem regnos divididos os puderam vencer.

Há nesta ilha de Tenerife umas árvores baixas como murteiras, que chamam lenhonor, o pau das quais é aromático e cheira bem, do qual levam pera Espanha pera fazer dele cofres e contas cheirosas. Também há outras árvores baixas e rasteiras que chamam lenhos santos, ou lenha santa, a qual, verde, arde e tem a cor como de losna. Há também outras duas maneiras e qualidades de árvores que chamam tabaibas; uma se chama tabaiba doce, que do leite dela, que se leva pera Espanha e pera outras partes, se faz visgo, o qual é alvo como massa de pão de trigo e algumas pessoas trazem esta massa dele na boca por dizerem ser boa pera alimpar os dentes. A outra espécie de tabaiba tem o leite, que deita de si, tão forte que não há dúvida, caindo nos olhos, cega-los, pelo que se guardam muito dele, e, se o deitam na água onde há peixe, logo fica amortecido e sobreaguado.

Há também umas ervas à maneira de árvores, que do pé lançam muitas hastes sem folhas; umas, que chamam cardões, que são maiores, e outras cardomilhos, mais pequenas, cujo sumo de ambas é peçonhento e muito mais posto ao sereno; e o cardomilho tem mais forte peçonha que o cardão.

Há nesta ilha muitos corvos, que fazem muito dano, assi nas sementeiras, quando as semeiam, como quando começam a engraccer, e também nos gados miúdos, quando nascem, porque lhe tiram os olhos e os matam e comem, pelo que as mães os ciam muito deles e guardam, enquanto são pequenos. Há também outras aves, quase tão grandes como patas, brancas e pretas, chamadas guirres, que comem animais que acham mortos. E há bilhafres e milhanos ou milãos, que são como bilhafres, e gaviães e açores e outras aves de rapina.

Nesta ilha de Tenerife (que parece que ardeu mais que nenhuma outra ilha) há grandes e altas rochas e grotas pela terra dentro, do mar à serra, e, principalmente, mais da banda do sul que do norte. E ficaram nestas rochas e grotas grandes algares ou covas à maneira de moradas, em que os ganches, naturais da terra, moravam. E há cova, antre elas tão grande, feita daquela rocha de pedra, que podem caber e morar nela duzentos e trezentos homens juntos. Estas estão mais baixas, ao longo da terra chã; e nos pináculos mais altos há muitas covas e algares, onde faziam suas sepulturas, as quais ordenavam desta maneira: quando faleciam, morrendo algum principal deles, lhe tiravam o ventre (como aos outros mais baixos faziam), embalsamando-o com manteiga de gado miúdo (porque não tinham outro, nem havia antre eles gado vacuum); assi os curavam ao Sol e ao ar e vestiam e atavam com suas correias de couro em peles curtidas, à maneira de mortalha, e os metiam em aquelas covas altas daquelas grotas e rochas como guardados, onde nenhuma cousa lhe chegasse. E, ainda agora, os que procedem deles se injuriam e afrontam muito, se lhe vão bulir com eles e se algum travesso lhe vai deitar algum daqueles corpos mortos e mirrados pela rocha abaixo.

Quando lhe faltava chuva pera suas searas e pastos e havia grande seca, pera a pedir a Deus faziam suas procissões, levando os gados a lugares grandes e espaçosos, como praças, que tinham já limitados pera isso, a que chamavam e chamam ainda hoje bailadeiros, e tangendo o gado ao redor, como quem debulha em eira, lhe faziam

dar tantas voltas até que de esvaecido o mesmo gado caía, um pera uma parte e outro pera outra; e, feito isto, se iam então dali com esperança da chuva que desejavam, a qual Deus mandava quando era a vontade do mesmo Deus e não a sua, deles, que com tal modo e superstição lha pediam.

Parece que, quando a gente que povoou estas ilhas das Canárias foi ter ali, nesta ilha de Tenerife saíram nove casais e desembarcaram e povoaram em diversas partes da mesma ilha, e ensenhoreando cada um o que pôde, se vieram a chamar nove reis nela. E nas outras ilhas, conforme ao número dos casais que em cada uma delas desembarcaram, assi foi o número dos reis que antre si tinham. Mas nesta ilha de Tenerife houve mais reis que em nenhuma das outras.

Lañzarote e Forteventura estão em algumas partes, três léguas uma da outta, e trinta léguas de Tenerife. E de Lañzarote e Forteventura dizem que se vê a costa de Berbéria, donde vieram a elas mouros por duas vezes e, roubando-as, levaram delas alguma gente cativa, porque estes e outros semelhantes gostos, ou desgostos, costuma dar a ruim vizinhança.

Dizem que dista Tenerife de Gram Canária quase quinze léguas. E terra mui alta e foi conquistada não muitos dias depois da Gram Canária. Os islenhos se chamam guanches, que em nossa language quer dizer valentes ou enrochadores, e assi o são os que há ainda agora.

Corre esta ilha leste oeste quinze léguas de comprido, e de largo a lugares oito e a lugares seis, e à banda de Teide quase dez, como é por Chasna, Eycode e Acadeixe. Tem em si doze ou treze povoações. A cidade e cabeça principal, chamada Alagoa, bem situada, dista do porto de Santa Cruz uma légua. Tem dois mil fogos, pouco mais ou menos. Há nela duas igrejas paróquias, a Conceção e São Cristóvão, por ser ganhada dia do mesmo santo. Tem um mosteiro de Dominicanos, outro de Augustinhos e outro de Franciscos, donde há sempre bons pregadores, e são conventos de muitos religiosos. Há também outro convento de freiras de Santa Clara, algum tanto fora da cidade, da qual não se vê o mar por estar situada em um campo chão, no meio da ilha, de mar a mar, à parte de leste, bem bastecida de todas as cousas, por ser toda a terra muito grossa, fértil e abundante, que quase não tem

necessidade de cousa alguma de fora, senão de especiaria. Panos se podiam escusar de fe a pelos fazerem na terra, de lã de muito gado ovelhum. Sedas também se dão, fiam e tecem nela. Linho, sombreiros, calçado, trigo, mel, vinho, açúcar, e, se tivera em si azeite, fora excelente, porque, além de ser fértil, é mui sã e de frescas águas, com que quase toda se pode regar, como regam as vinhas e canas.

Tem a cidade, à banda do norte, junto do mar, estes lugares: Tequeste, Tejina, Taguavava, Taraconte e a Matança.

Ando da cidade pera oeste, está a vila chamada Orotava, de até trezentos vizinhos, onde, como em outras vilas destas ilhas Canárias, não há mais justiça que um alcaide com alçada de até oitocentos reis, como juiz pedâneo, com seu meirinho e escrivão; em todo o mais vão à cidade ou cidades, como são Gram Canária e a Palma. Tem esta vila de Orotava lavradores ricos de pão, vinho e açúcar, como na cidade, onde há também mercadores ricos e os melhores e mais destros ginetairos que há em todas as sete ilhas. São os cavalos todos mouriscos, e haverá duzentos nobres de cavalo. Há doze regedores perpétuos, cuja primeira voz no Cabido vale dez mil cruzados, e os outros a quatro e a cinco mil, quando se vendem com licença de El-Rei, ou os dão em casamento. Destes doze saem, cada mês, dois por deputados que dão a execução às posturas da Câmara e põem preço às cousas comuns de pão e vinho, frutas e verdura, e trazem, nesta ilha e nas mais, tudo tanto a direito, que não se perde ponto de justiça. Há, além destes, um fiel executor que tem jurisdição sobre os pesos e medidas, o qual procede com tanto rigor, que a ninguém perdoa. Tem mais a cidade muita e honrada cleresia, de ricas prebendas, e os templos bem servidos.

A vila de Orotava está situada em um fresco sítio de águas e verduras. Há nela mais de quarenta homens de cavalo, que acodem aos alardos gerais da cidade, ainda que está quatro léguas dela. Logo adiante, caminhando pera Garachico, estão duas vilas, que chamam Realejos, Norte Sul uma da outra, e uma légua, cada uma delas, da Orotava. São povos, cada um, de mais de cem vizinhos, ricos de lavouras e açúcares. No Realejo de Riba está um engenho do Adiantado, que tem ali as mais das terras ocupadas de canas. Tem bons templos, e há também nelas gente de cavalo lustrosa.

Do Realejo de Baixo se vai à Rambla, onde há muitas vinhas e

malvazias, que se regam pelo pé com frescas águas, como todas se querem regadas. Logo adiante está S. João, no mesmo sítio, onde tudo são vinhas, e um povo pequeno, perto do mar, pela banda do Norte. E dai a duas léguas está Icode dos Vinhos, que também é vila de duzentos vizinhos, quase todos portugueses ricos de vinhos, lavouras e criações. Faz-se aqui muito vidro, que vai pera as outras ilhas e algumas vezes pera as Indias de Castela pera estilar e fazer águas fortes pera as minas, por ser vidro mui rijo.

Deste Icode dos Vinhos, a diferença de outro, que fica atrás, chamado dos Trigos, lugar de bons lavradores, até Garachico há duas léguas todas prantadas de vinhas e canas de açúcar. A esta vila de Garachico vem grande escala por ter bom porto, onde se carregam muitos vinhos e açúcares, que da banda do Norte se fazem, pera as Indias de Castela, Flandes e Inglaterra. Dista esta vila da cidade nove léguas; será de quinhentos vizinhos; há nela dois alcaides ordinários e dois meirinhos e guardas do porto e dois regedores e deputados, criados e eleitos pela cidade. Tem estalagens públicas bem providas, como na cidade.

Desta ilha não se pode levar dinheiro pera fora dela senão empregado. Assiste o Governador o mais do tempo na cidade e visita cada vila e lugar de três em três meses, ou per si ou per seu logotente.

Há nesta vila uma casa de seda, junto ao porto, onde se fia e tece muita. Tem boa igreja paroquial e um mosteiro de franciscos, cuja capela, com ser grande e de madeira bem lavrada e de artesão, certificam ser feita toda de um pau de tea, cousa que parece impossível, mas quem vir os pinhos, que há na ilha, e sua grandura não o terá em muito, ainda que são muito maiores na ilha da Palma.

É esta vila de Garachico abundante de mantimentos. Tem à entrada do porto por muro um rochedo mui alto de pedra viva com uma grande cruz em cima, o qual, sendo de altura de uma torre de boa altura, viram já os moradores coberto de mar, porque o ano de mil e quinhentos e cinquenta e nove foi esta vila quase alagada do mar, e entrou por ela, saindo de madre, pela banda de Malpais mais de dois tiros de besta, e foram as casas e ruas todas alagadas com uma grande maresia de levadia repentina, que durou cinco horas, sem perigar pessoa. As perdas que fez nas casas se repairaram logo por haver na dita vila ricos lavradores de vinte até trinta mil cruzados

de renda e de suas lavouras e engenhos próprios de açúcares.

Desta vila pera a banda de sudoeste está Boa Vista, que é pequeno lugar, onde, em um alto, tem a igreja de S. Pedro, de muita romagem.

Correndo a ilha ao redor, vão por Chasna a Adexe, à banda do Sul, onde o mais do ano há no mar calmarias. Estão aqui dois engenhos de açúcar dos Pontes, que moem cada ano nos seis meses da açafra oito, nove mil arrobas; os canaviais ocupam mais de quatro léguas de comprido. Daqui vão direitos ao pico de Teide, que está quase no meio da ilha, que por sua grande altura aparece do mar em distância de cinquenta e sessenta léguas, e afirmam os que o viram ser mais alto que o da ilha do Pico. Vindo pela parte do Sul, há alguns que o vêem da banda de Gram Canária, que demora ao Sueste deste pico, que parece se ajunta com o céu. Neva muitas vezes neste pico, com que muito tempo do ano está com as neves mui alvo, ainda que da banda do Sul, Sueste, Sudoeste tenha um vulcão que de si deita continuamente fumo, como o vulcão de Guatemala das Funduras, que correu no tempo do capitão Alvarado, quando, morto ele pelos índios, disse sua mulher, D. Beatriz, que não lhe podia Deus fazer maior mal, mas, dita esta blasfêmia à tarde do dia, ao outro pela manhã não ficou ela, nem cousa sua, nem quanto alcançou a terra, que correu do vulcão, que não fosse subvertido, como foi Vila Franca desta ilha de S. Miguel no ano de mil quinhentos e vinte e dois, a vinte e dois dias de Outubro.

De Adexe vão a Nossa Senhora da Candelária, que está menos de três léguas por chão e bom caminho, por ser pela faldra da ilha, pola parte do Sul. A qual igreja é de grande romagem, onde se fazem muitos milagres, como é notório em toda a ilha, nos naturais e nos de fora, que vêm a ela em romaria.

Também a ilha de Tenerife enriquece não somente a seus naturais, mas a estrangeiros portugueses, que nela moram, lavradores, e mercadores e oficiais, e a outros de diversas partes e reinos, que a ela vão. É abundantíssima em todos os frutos, de ares são e frescos, bem governada e regida. Seus moradores são tementes a Deus, afáveis e de boa conversação, mui exercitados em escaramuças e armas. É, finalmente, quieta e ditosa terra, pois nunca foi de inimigos entrada nem saqueada.

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

DE ALGUMAS COUSAS DA ILHA DA PALMA, PRINCIPALMENTE,
DE SUA PRINCIPAL CIDADE

A Palma, que é uma das maiores ilhas das sete de Canária, está ao Noroeste da ilha de Tenerife dezoito léguas pouco mais ou menos dela. E terra mui alta e frutífera. Foi (segundo alguns dizem) por D. Luiz de Lugo ganhada não muitos dias depois da de Tenerife. Chama-se Palma pelas muitas palmas que houve e há nela, grandes e mui altas, que dão tâmaras.

Tinha em si quatro reis. Não foi tão trabalhosa de conquistar como Tenerife e Gram Canária, porque os islenhos dela (ainda que grandes homens de corpo e bem dispostos) não eram guerreiros; dizem que as mulheres pelejaram e, não podendo mais, se renderam, e muitos de seus maridos se meteram nas covas das altas rochas e, não ousando sair, morreram nelas miseravelmente de fome, de que dão testemunho, hoje em dia, os ossos deles que estão nas mesmas furnas alvejando e se vêem no Barranco Seco, que é alta grotta, e em outros lugares. Os que ficaram destes e as mulheres trocaram depois as compreições, que os homens são agora tão esforçados, valentes e ligeiros que excedem a todos os das outras ilhas, e as mulheres, de feras, bravas e guerreiras, se tornaram umas cordeiras mansas, afáveis e conversáveis; são muito fermosas, alvas e discretas, corteses e bem ensinadas, algumas casadas com portugueses e algumas com castelhanos, ainda que são poucos os mestiços; são de gentil corpo e disposição, graciosas no falar, cantar e dançar, que é seu costume.

É fidelíssima gente a quem deles se fia, tanto que, se a algum português ou castelhano, ou pessoa de qualquer outra nação, de que agora está a cidade povoada, acontece algum homizio, eles o abscondem em lugares de covas tão secretos e mantêm com carne assada, gofio, leite e água, que, por mais que o busquem, pode ser achado nem descoberto pelos filhos pequenos de casa, por mais que os afaquem ou ameacem, até que busquem ordem pera os embarcar.

São todos criadores de ovelhas e cabras. Seu comer é gofio de trigo e cevada amassado com azeite, mel e leite; têm tostadores, que eles mesmos fazem de barro muito lisos e limpos, em que tostam ao fogo sobre brasas o trigo e cevada, e têm também moinhos pequenos de mão em que o moem; e comem disto com a carne tão assada, que quase a queimam, e com a cozida mal cozida, bebendo duas partes de leite e uma de água, tudo envolto (que eles chamam beberagem), duas vezes no dia, com o que andam tão luzidos e gordos, e são tão valentes e ligeiros, que põem espanto.

Lutam, saltam, tiram uma pedra à maneira de barra, tanto que nenhuma outra nação lhes pode ganhar. Tiram muito uma lança e um dardo tão certo a um alvo, que põem sobre um pau fincado no chão, de altura de sete ou oito palmos, como à barreira, de vinte, trinta passos atrás, e encravam no pau, e muitos no alvo. Deitam-se com uma lança levada ao comprido do corpo do homem, terçada de maneira que põem um terço primeiro na terra ou pedra, onde dão com um ferrão de aço, que a lança traz de um palmo de comprido com seu calço, sem poder fugir do lugar donde dá; e, ainda que seja três lanças de alto, se lançam abaixo e se vêm a pôr no chão com tanta facilidade que parecem aves.

Não são ciosos, não guardam mais que mulher, filhas e irmãs. Não têm por amigo o que não quiere comer e beber com eles. Quando vão à cidade, vão tam bem tratados e limpos, como os mais polidos castelhanos. Elas são tão galantes e vestem tão custoso, que parecem ter grossas rendas, e tudo sustentam com os queijos que fazem. Lavram bem, mas quase não sabem fiar nem tecer, o que deixam pera as portuguesas. Só em fazer camisas, pespontar jubões, lavar almofadas e fazer obras de rede, mui custosas, ganham pera todos os seus gastos, e assi andam tão cheias de ouro e se-das, que, quando vão pelas festas à cidade, são causa dos cavaleiros e senhores fazerem muitas gentilezas, a cavalo, e custosos serãos com librés de seda, que vão arrastando pelo chão de cima dos cavalos. São estas islenhas tão formosas, porque nunca as queima o Sol, posto que a terra é assaz calmosa, e porque, afora uns badulaques de que usam, que chamam mudas, andam embuçadas no campo com seus chapéus na cabeça e luvas nas mãos com as pontas dos dedos descobertas, com que conservam muito sua alvura, pelo que muitos filhos de regedores e de homens principais da cidade e de ricos mercadores se casam com elas.

Quanto à fundação e origem da cidade da Palma, os conquistadores, que a situaram e lhe deram principio, a chamaram muitos anos a vila de Apuron e S. Miguel de Santa Cruz da Palma. Mas depois foi feita cidade por Carlos Quinto, felicíssimo Imperador de Alemanha, invictíssimo Rei de Espanha, pai do católico Rei Filipe, que agora vive e viva muitos anos, como coluna e substentador da fé católica e de toda a república cristã, que há florescido e floresce com maravilhosos triunfos, tanto que, isso mesmo, é invictíssimo e sempre vencedor de seus contrários, a quem a maior monarquia do Mundo hoje por Deus Todo Poderoso está

entregada, a qual lhe deixe gozar muitos anos em paz e sossego pera extirpação e diminuição dos infiéis, herejes, cismáticos e incrédulos, pera glória do mui alto Senhor e memória de tão insigne e glorioso príncipe de gloriosa memória. Depois de feita pelo dito imperador cidade a vila de Apuron, a intitulou de S. Miguel de Santa Cruz da Palma.

Dizem os islenhos desta ilha que, antes e depois que foi tomada, caía no cume e alto dela um manjar do Céu miúdo e mui alvo, como confeitos muito miúdos, de tanta suavidade, que dava grande substentação e consolação a quem o comia, que eles chamavam graça de Deus e maná de grande cheiro, o qual coziam muito cedo e aquele dia o comiam. Dizem mais que, enquanto na vila ou cidade, que agora é de mais de dois mil vizinhos, não houve tratos de mercadorias, nunca deixou de chover esta graça de Deus e maná, mas que, como os houve, logo se perdeu e não apareceu mais.

Foi-se engrossando a terra e com a notícia de sua fertilidade concorreram a ela framengos e espanhóis, catalães. aragoneses, levantiscos, portugueses, franceses e ingleses com seus tratos, de que foi em tanto aumento que veio a ser a maior escala de Índias e de todas as outras ilhas. Prantaram vinhas e vendo a grande abundância de vinhos que davam, encheram desta pranta toda a terra, até entrar pela serra grande espaço, e as ladeiras altas e baixas, grotas, espessuras e montanhas, biscoitos, pedregais e brenhas, tanto que à banda do Sul, dezoito léguas que tem de compridão esta ilha, todo o mais são vinhas, tirando as terras de canas de açúcar, dos salgueiros, que lá chamam sauzes, que é também um grosso fruto que se dá nela bem, inda que agora é mais custoso por causa das águas com que se regam, e tirando algumas poucas terras de pão, como são a Ponta Chã e Balravento, no principio da ilha. E como a terra é mui larga e comprida, tem terras pera tudo, assi pera vinhas como pera trigo e canas.

Foi sempre esta ilha tão fértil de vinhas, quando não há aí alforra, e, da banda do Norte, de pão, trigo e cevada, que dá cinco, seis mil pipas de dízimo; e só o sitio da cidade dá duas mil. E daqui veio a ter grande comércio e escala quase de todas as nações, e em tanto crescimento de bensque ela só rende de entradas e saídas de direitos da Alfândega mais de trinta mil cruzados a seis por cento.

Quanto ao rendimento do pão, ano houve em que, especialmente em

Agatavar e Tixarafe, respondeu a cento e quinze, cento e trinta fanegas por fanega. E o ano de mil e quinhentos e sessenta e três respondeu a cento e dez e a cento e doze fanegas por cada uma de sementeira; valeu, então, a fanega do trigo a quatro reales. Mas, os dois anos atrás, foi tão grande esterilidade e carestia de trigo, que não se comia em toda a ilha por muitos dias pão, porque naqueles dois anos arreo não choveu cousa que matasse o pó da terra; mantinham-se somente com carnes, queijos, inhame e leite, sem morrer pessoa alguma de fome, não chovendo, nem se colhendo pão nem vinho estes dois anos.

E a dez de Junho do ano de sessenta e um, estando já as uvas maduras e trazendo-as a vender à praça da dita cidade, veio um fogo ou quentura do Céu, que ninguém podia sofrer fora de casa, e em três horas que durou não ficou vinha em toda a ilha em que não queimasse as uvas todas, sem ficar cacho por queimar pouco ou muito, e vinha que dava quatrocentas pipas ou botas de vinho não deu dois barris. Até as cepas se queimaram de tal maneira, que por mais de quatro anos arreo não deram vinho como dantes. E se algum vinho escapou, foi no termo da vila de Santo André e nos Salgueiros, junto do rio; o mais todo ficou assado e destruído.

Também de trigo nada se colheu e morreram muitos à fome, se não fora por um padre Francisco, pregador, natural da ilha da Madeira, o qual fez com os regedores tanto que mandaram a um homem honrado, framengo, mercador, chamado Anes Bantrilha, tio de Luiz Dolfos, framengo, vizinho na cidade da Ponta Delgada desta ilha de São Miguel, a Frandes e a Bretanha, donde trouxe duas naus de trigo em tão breve espaço, que, partindo da ilha o primeiro domingo da Quoresma do ano de sessenta e três, chegou véspera de Iázaro, quando já tinha chegado um mestre, chamado Silvestre Jorge, com uma caravela carregada de trigo e toucinhos de um Gonçalo Diniz, mercador da vila da Ribeira Grande, que havia desgarrado com temporais, pera acudir a tão bom tempo, com que se basteceu a terra e as outras ilhas, que também com a seca não deram pão. E se estas naus e caravela não chegaram, morreram muitos à fome, porque já a esta sação não ficaram nem se achavam ervas que co-messem, e andavam as gentes como pasmadas, fazendo procissões; a principal foi a uma ermida de Nossa Senhora de Taçacorte, três léguas da cidade, onde se ajuntaram mais de duas mil almas sem levar que comer, pelo não haver na terra. Mas a todos manteve dois dias, que ali estiveram, um Luiz de Vendaval,

framengo honrado e rico, casado com D. Maria Belhida, natural da mesma ilha, dos principais dela.

E é de notar que não se apagou a cera na procissão aquelas três léguas de caminho, aquele dia, primeiro de Março do ano de sessenta e dois, ainda que fez vento e choveu no cumo da serra; do qual se fez uma prática na igreja maior de S. Salvador da dita cidade aquela noite da tornada, quando se mostravam as relíquias dos santos, antes de se despedir a gente. E em uma véspera de Nossa Senhora da Assunção, catorze de Agosto do dito ano, choveu subitamente tanto, que fartou a terra de água. E logo, no ano seguinte de sessenta e três deu Deus tanto trigo na ilha, que de uma fanega de semente se colhiam cento e dez e cento e doze. E também a colheita do vinho foi fértil.

Tornando ao princípio: A cidade está bem situada junto ao mar, quase no meio da ilha, porque dela a Garafia, que está à banda de Leste, há mais de dez léguas e a Foncallente, da parte de Oeste, sete ou oito; corre Leste Oeste como a ilha. Tem ricas igrejas e casas de Cabido e de regedores, que são dez perpétuos e dois jurados, que são procuradores da cidade, fidalgos, que lá chamam cavaleiros. Há primeira voz no Cabido. Vale cada regimento dois e três mil cruzados. Em sexta-feira de cada semana entram em Câmara, a qual casa é tão rica, que vale vinte mil cruzados. A principal igreja é de São Salvador. Tem mais dois conventos de dominicos e franciscos. Esteve muito rica e próspera esta cidade, inda que descuidada, e sem suspeita de ser saqueada, pelo que não tinha fortes nem artilharia, o que foi causa e motivo de os franceses a entrarem e saquearem e queimarem, por se vingarem da morte de um capitão que lhe mataram, ou por pecados dos moradores dela, como logo direi.

CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO

COMO FOI SAQUEADA A CIDADE DE SANTA CRUZ DA PALMA
POR COSSAIROS FRANCESES

Estando a cidade tão rica com seus abundantíssimos frutos, tão soberba com o seu grosso comércio, sem temer adversidade, descuidada e despercebida, como já disse, uma véspera da Madalena, a vinte e um de Julho do ano de mil e quinhentos e cinquenta e três, apareceram sete velas pela banda de Oeste, a horas de terça, e com bom vento chegaram mais prestes do que se esperava ao porto da dita cidade, cuidando todos serem de Espanha, posto que duas naus framengas, que delas vieram fugindo do Cabo de Gué, onde se encontraram e pelejaram e, escapando, se abrigaram a esta ilha também por seu dano, afirmaram serem cossairos; mas não abastou o que disseram pera os crer a gente da terra, de que, quase por escárneo, saíram algumas companhias mal ordenadas à Horta do Cabo, que é princípio da cidade.

Os franceses que traziam bons capitais, Jaques Soria e outros seis, e a Pé de Pau, seu geral, eram destros e soldados velhos e traziam já as lanchas cheias de soldados armados de armas brancas, mui luzidas, pelo costado das naus, da banda do mar, e, chegando ao porto, começaram a disparar seus tiros com tanta fúria nos da terra e na cidade, que ninguém ousou aguardar nele, e, entretanto que a artilharia jogava, encobertos com a fumaça dela e outros artificios, que de indústria faziam, saíram em terra, sem haver algum que lhe defendesse a saída, porque toda a gente fugia sem aguardar marido por mulher, nem pai por filho. E assi tomaram a cidade, dizendo os franceses aos homens e mulheres que viam atravessar fugindo: Vete a la sierra, vete a la sierra. Somente a um clérigo sancristão, chamado João de Mançano, mataram de uma arcabuzada, e a outro leigo, que se lhes puseram diante.

Tomada a cidade em menos espaço de uma hora, aconteceu que um Diogo de Estupinhão, regedor, saiu fugindo de sua casa, dizendo a sua mulher e filha que saíssem após ele, pois não era tempo de a guardar, o que sua mulher, Belchiora de Socarrá, não quis fazer, porque havia de ser a destruição da Palma, como depois foi, ficando em casa com sua filha e criadas, sem querer sair, por mais que outras vizinhas honradas lho diziam e requeriam, que, como moravam muito apartadas do porto, tiveram tempo pera escapar se quiseram, às quais ela respondia que com uma garrafa que tinha, cheia de vinho na mão, havia de pelejar contra eles. Não tardou muito que não aparecessem os franceses pela rua, indo dando surriada com seus arcabuzes por todalas janelas e portas, pelo que se abscondeu a dita Belchiora de Socarrá com sua filha e criadas em um lugar

muito secreto de sua casa, onde estiveram dois dias, sem serem dos franceses sentidas, ainda que tinham a casa tomada, donde levaram muito tesouro de ouro, prata e roupa, assi de dinheiro, baixelas e jóias, como de fato, tapeçaria e alfaias, porque nada tinham tirado. Descobriu-as um menino pequeno de uma ama e foram logo levadas cativas às naus, donde resultou muito dano.

E, sem falta, Pé de Pau com todos os seus que saíram em terra foram ali mortos, se esta mulher não fora. Porque, tornando a gente da terra sobre si, especialmente os islenhos, que por seu capitão traziam um valoroso islenho chamado Pêro Fernandes de Justa, grande homem de corpo e tão animoso como um Alexandre, e com eles um valentíssimo framengo, senhor das duas naus que dantes haviam vindo, que, não podendo escapar dos franceses, carregadas de açúcares que traziam de Trudante, lhes picou as amarras e se vieram à costa, onde se fizeram pedaços, o qual, assi por esta perda como porque lá no Cabo de Gué, pelejando com estes franceses, lhe tinham morto um seu irmão, homem de grande esforço e rico, tomou tanta coragem contra eles que, junto com Pêro Fernandez de Justa, andava também por capitão, ajudando aos da terra, e só com uma espada e rodela, cada um ajudados de outros islenhos, fizeram tanto contra os franceses, que a mal de seu grado os encurrelaram em uma só rua e praça da Alfândega, onde estiveram sem ousar de sair nem desmandar-se pela cidade, e, se algum saía, logo pelos islenhos era morto. O framengo os acometia com grande esforço, como os via cessar de suas surriadas, e, metido uma vez antre eles, matou nove à espada, coberto com sua rodela, de que era mui destro, e posto seu giolho em terra, por debaixo das lorigas os estoqueava e matava, ajudado de Pêro Fernandes de Justa. E de tal maneira os tinham encerrados naquela praça, que não havia mais que fazer senão pôr-lhe fogo com tea, breu e alcatrão, que se buscava pera assi os queimar todos, e nenhum remédio tinham os franceses senão morrer, porque a este tempo se alevantou o mar de súbito tão bravo e furioso em dia de Santiago, que parecia pelejar o Senhor pelos islenhos contra seus contrários, por intercessão e merecimentos de seu glorioso Apóstolo, patrão geral de Espanha. Mas como os pecados dos homens são causa de privação de bens e glória, não pôde ser haver vitória destes imigos por um estorvo e revés que houve, e é este.

Como os franceses tivessem no mar, cativas nas naus, as ditas Belchiora de Socarrá ou Socarrate e a sua filha e uma ou duas

criadas, filhas de homens honrados, e João de Estupinhão, seu marido e regedor da cidade, andasse em terra com o tenente Pero de Arguijo e visse a determinação dos islenhos e seus capitais ser matarem aos franceses naquele santo dia, o que seria causa de desonrarem a sua mulher e as mais, procurando o remédio disto, que não redundava mais que em seu proveito particular, esquecido do bem comum e da honra da pátria e do serviço de Deus e de seu Rei, se foi ao tenente Arguijo, que estava em Boavista acolhido com outros fora do perigo, e a altas vozes lhe começou a fazer grandes requerimentos, dizendo o estado das cousas da cidade e que, dando os islenhos Santiago nos franceses aquele dia, como estava determinado, e matando-os, se lhe seguia, a ele, notável mal e dano e perda de sua honra, por ter sua mulher, filha e criadas cativas, que lhe requeria da parte de Deus e de El-Rei mandasse logo à cidade meirinhos, escrivães e porteiros deitar pregão real que, sob pena de morte, nenhum homem, de qualquer condição que fosse da terra, matasse nem fosse em favor de matar a algum francês, nem desse ajuda pera o tal aos capitais islenhos, por se alevantarem sem autoridade da justiça, e cumpria ao serviço de Deus e de El-Rei deixarem pacificamente embarcar os ditos franceses sem lhes fazer mal nem dano algum. Ao que o dito tenente sucedeu com tanta facilidade, como se fora a mais justa e santa coisa do mundo. E como se não fora mais o proveito e honra de todos e de vir a ser grande serviço de Deus e de El-Rei alcançar vitória de inimigos luteranos que, sem temor de Deus e contra sua lei, saem de suas pátrias a infestar e roubar as terras pacificas de cristãos, fazendo dos templos sagrados sujas estrebarias, profanando as cousas sagradas, destruindo honras, fazendas e vidas, queimando as igrejas, cidades, vilas e lugares, salteando portos, derrotas e vias, e fazendo tais insultos, que põem medo dizê-los, quanto mais cometê-los.

Acabando Estupinhão seu requerimento, sem mais consideração nem dilação mandou Arguijo que assi se fizesse como pedia, e logo foi feito. Ouvido o pregão e mandado, os islenhos, como são obedientes à justiça, cessaram de ir adiante com sua determinação, de que nenhum perigo se lhes seguia, porque não havia em seiscentos, que podiam ser os inimigos em terra, um frasco cheio de pólvora, e estavam todos rendidos, procurando de fazer uma jangada em que pudessem atar algum cabo que das naus, por alguma via lhe deitassem, com que poucos a poucos se pudessem embarcar e livrar dos da terra, que, este dia e a este tempo e conjunção, tinham havidos três índios,

gentis nadadores, e búzios, que se atreviam, andando o mar pelo ar bravo e alterado, ir às naus e picar as amarras e cabos delas e deitá-las à costa todas sete. Mas como lhe foi proibido, aos islenhos e framengos e a outros animosos mancebos da terra, não quiseram em nada mais entender que em comer e beber, de que havia assaz pelas lógeas e adegas, e ainda, por ventura, em roubar. E, assi, não o estorvavam nem impediam aos imigos, que logo cobraram alento, e os da terra e eles se encontravam no roubo. E daqui veio alargarem os franceses tanto o passo, que um capitão, parente do mesmo Pé de Pau, saiu com alguns soldados seus algum tanto fora da cidade, pera a banda do Norte, ainda antre as casas e arrabalde dela, e visto pelos islenhos, os mataram e ao capitão prenderam, o qual lhe pediu que o não matassem, porque quanto havia nas naus do sacco e cativos todo lhe faria dar por seu resgate. E aceitando-o os islenhos, chegou um, de novo, mui valente, chamado João Angel, e vendo o francês capitão ser imigo, não podendo sofrer vê-lo vivo, arremeteu pera o matar; os mais, que estavam vendo sua determinação, lho estorvavam, dizendo que quanto tinham nas naus da terra lhe dariam por ele só, que era capitão e parente de Pé de Pau, que tudo cumpriria, ao que João Angel disse: “não tornará este mais a França”. E atravessando-o com um dardo que trazia de um ferro comprido, deu com ele morto em terra, o que foi outro impedimento de alcançar a vitória e também grande dano pera a terra, como sucedeu; donde parece claro ser este e outros semelhantes sucessos castigo geral ou particular de pecados, pois ainda da boa oportunidade e ocasião, que antre as mãos tinham, se não souberam ou não puderam aproveitar estes islenhos.

Foi a morte deste capitão muito pior successo e mal pera a terra, por ser sobrinho de Pé de Pau, que era geral de toda esta armada, porque, dissimulando os franceses por indústria e recado do mesmo Pé de Pau, que dando o tempo lugar e abonçando o mar, logo pôde ser avisado dos seus de todo o que passava e lhe mandou logo pólvora e mais munição, com muito alcatrão e instrumentos de fogo, e a ordem e fingimento que haviam de ter com os da terra e o preço e resgate que se havia de dar da dita Belchiora de Socarrate e filha e criadas, que ele tinha em sua nau capitaina mui veneradas e acatadas, entregues a um Anes Bantrilha, framengo, mercador mui rico, vizinho da mesma cidade, e de outro mercador da dita Palma, chamado Beltrão de Çuroagua, biscainho, que disseram depois o bom tratamento e respeito que Pé de Pau a estas mulheres tinha.

Trazida a terra a nova do resgate e quanto se pedia por elas, que eram oito mil cruzados, vieram a concordar em cinco mil, que logo lhe mandou o regedor João de Estupinhão por Anes Bantrilha e Beltrão de Curoagua, de quem se fiou o Pé de Pau, o qual, recebendo este dinheiro, mandou logo as mulheres e mais cativos, que por outros preços foram resgatados.

Feito isto, querendo já os franceses alevantar âncora, mandou Pé de Pau pôr fogo à cidade com muitos barris de pólvora e alcatrão, em pago, pena e castigo de lhe matarem seu sobrinho. Teve pera este efeito o francês seu ardil tão dissimulado, que o não puderam os islenhos nem outros da terra suspeitar, porque os franceses, vendo que tinham por si a justiça da mesma terra, que havia defendido que lhes não fizessem mal por causa dos cativos, pediram e outorgou-se-lhe que ninguém lhe estorvasse embarcar, nem tomar água e fazer biscoitos aqueles dois dias, em os quais tiveram lugar de pôr pólvora e alcatrão pelas portas e casas desde a praça de Vorciro (ou Voreiro?) pera baixo, que é a maior parte da cidade; a outra, que é pera Assomada e S. Francisco, a Horta de Santa Catarina e a Horta do Cabo, era ocupada dos da terra, da qual não saiam abaixo por dar lugar aos franceses que se fossem mais prestes, sem receio do dano que eles queriam fazer. Embarcada sua aguada, biscoitos, vinhos, açúcares e todo seu roubo e sacco à sua vontade, havendo treze dias que possuíam a cidade, começaram as naus no mar a disparar sua artilharia por alto e os soldados sua arcabuzaria em terra, pelas bocas das ruas afim que nenhum dos da terra aparecesse. Puseram fogo na pólvora e alcatrão e madeira de tea tão disposta pera arder que, ateando-se a um mesmo tempo, ardeu toda a cidade, com que os franceses luteranos tiveram sua embarcação livre.

E Deus cala e dissimula com os semelhantes algozes, com que, como benigno pai, com piedosíssima mão castiga os filhos, tirando de nós o supérfluo e danoso e convidando-nos com o necessário e proveitoso, pondo, como mãe, azinhavre azedo nas tetas pera nos destetar e apartar dos mimos e regalos da terra e alevantar nossos espíritos a buscar outra riqueza e manjar mais alto de vida eterna, que é Ele mesmo.

Era esta cidade tão vã e soberba, tão louçã e pomposa, tão rica e abastada, tão solta na injustiça e vícios, e tão dada a deleites com sua fertilidade, e tão isenta e senhora que não temia a adversidade

nem arreceava castigo, por donde bem mereceu ser cauterizada em sua inchada presunção e descuido.

Soube-se, tenteado bem, que podia montar o que dela levaram estes franceses, que a saquearam, um conto de ouro, e o dano, que fizeram em a queimar e destruir, outro e muito mais. Era vê-la arder uma grande mágua, tanto que fazia e fez causar uma tristeza perpétua. Não perdoou o fogo e incêndio desta desditosa cidade ao templo e casa de Nossa Senhora das Dores, que era fermoso, fresco e bem situado, com sua claustura, ricas oficinas e enfermarias, em que se curavam diversas enfermidades, hospital bem provido. Nem perdoou ao templo de São Domingos, convento mui aprazível, nem às casas tão ilustres que havia de regedores, fidalgos e ricos mercadores, que eram muitas de valor, rada uma de quinze e dezasseis mil cruzados, com seus ricos pátios e fontes de água e adegas cheias de pipas e botas de vinhos, e alfaias ricas de casa. Finalmente o que estes cossaios não puderam levar, tudo queimaram e destruíram.

Era dantes muito pera ver as casas ricas, cheias de caixas e cofres encourados, e escritórios ricos, tudo cheio de vestidos de sedas e brocados, ouro e prata, dinheiro e jóias baixelas, tapeçarias, com que estavam ornadas com histórias e cavides cheios de lanças e alabardas, adargas e rodelas, armas e jaezes riquíssimos de cavalo de selas, com mochilas e cobertas de brocado com muita pedraria, cadeiras de muito preço, arneses, cotas de malha com outras ricas armaduras.

Porque não há naquela ilha homem honrado que não tenha dois, três cavalos mouriscos, e muitos oficiais os têm e sustentam, os quais, nas festas de canas e escaramuças, todos saem à praça e são dos mais nobres estimados e buscados, e não invejados nem murmurados, como em outras partes e nações fazem muitos, inchados que lhes parece serem sagrados, que não se hão-de deixar conversar de todos. O contrário do qual se usa nesta ilha da Palma e mais ilhas Canárias, onde vestem calção e cavalgam tão custosos os oficiais de officies mecânicos, como os fidalgos e regedores, conversando-se todos e indo a serãos disfraçados com librês mui custosas, de que se não usa mais daquele dia.

Tão rica era, então, aquela ilha e tais cousas sofria. Toda sua glória ardeu e passou com tão infelice successo, ardendo toda a cidade em grandes chamas. Os homens e mulheres, meninos e velhos

a altas vozes choravam e, não podendo de magna vê-la assi queimar, maldiziam seus pecados. Pé de Pau com sua companhia a estavam vendo arder das naus com grande contentamento, mostrando ser outro Nero que com outra não menos crueldade mandou queimar a Roma e a olhava de Tarpea.

Com este contentamento se partiram do porto e foram sobre a Gomeira, de que em seu lugar direi. Os de Tenerife, vendo grande fogo na Palma, logo suspeitaram o que era. Gram Canária e as mais ilhas, sentindo-o também e suspeitando o que seria, se aperceberam e fortificaram o melhor que puderam por não se ver em outro tanto, receando que fossem estes piratas a seus portos. E todos choravam e ajudavam a sentir a dor e perda de seus vizinhos.

Havia nesta cidade homens tão ricos, que passavam alguns de duzentos mil cruzados. E os franceses, que a saquearam, lhe chamavam o Peruche, querendo dizer peru, pelo que era tão soberba e vã. Mas Deus, que sabe curar tais enfermidades com abaixar os altos e humilhar os soberbos e com saudável mezinha se permitiu que padecesse tão grande calamidade, destroço e miséria, o tem remediado em dobro e mais e tirou disto grandes bens, porque se pôs a terra em cobro, fazendo-se agora tão forte que é inexpugnável.

Pediu esta cidade ao católico Rei Filipe lhe desse com que se fortificassem. E concedeu-lhe Sua Majestade pera as fortificações, artilharia e munições tudo o que rendessem suas alfândegas (que importa muito), pelo tempo necessário, e imposições e os mais próprios do concelho, acrescentando-os em tudo e mandando-lhes armas e muita artilharia grossa. E, assi, por isto, como por a terra acudir com prósperas novidades, se restaurou tanto em dez anos, que está mais avantejada do que soía, porque reedificaram templos mais ricos e sumptuosos, casas mais altas, fermosas e custosas, e o convento de S. Domingos muitas vezes melhor do que dantes estava, mandando-lhe fazer o licenciado de Santa Cruz a capela-mor de seus bens, muito alta e custosa, dando-lhe também um rico retábulo e ornamentos. E Luís de Vendaval, que no tempo da fome manteve a gente os dias atrás ditos, fez uma capela logo junto da maior deste convento, à banda do Sul, mui alta e fermosa, com seu retábulo com a história do Santíssimo Sacramento e do Maná, sua figura, alto e grande e de extremado pincel, com todos os ornamentos necessários de brocado, ouro e prata, pera o qual

tem dotado mui grande patrimônio, além de um riquíssimo pontifical de brocado que deu pera a igreja maior da cidade, que é de S. Salvador, a qual tem de fábrica cinco mil cruzados.

Quis dizer isto destes nobres, Senhora, pera que se animem os ricos do mundo a ser amigos dos necessitados e do culto divino, pois não os fez Deus tão proprietários, que os escusasse de dispenseiros dos bens que Ele lhe deu graciosos, pois dele os receberam pera repartirem em semelhantes obras e com os pobres, e não pera os guardar ou mal gastar em vaidades.

CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO

DE TAÇACORTE ATÉ MIRAFLORES

Taçacorte, que nesta ilha da Palma dizem ser o primeiro lugar que foi conquistado, tem este nome por duas razões que pude saber da informação de alguns nobres e antigos islenhos: uma, pela disposição do sítio, que parece uma taça, e outra, porque o rei mais principal dos que havia nela tinha nesta parte sua corte, e dizem que era tão polido e entendido, que no tempo que foi conquistada tinha paços e edifícios mui semelhantes aos de Espanha, somente feitos e traçados de seu saber e bom engenho, o qual se chamava Taço e tinha mãe, mulher e filhas de grande estatura.

Na conquista desta ilha houve pouco que fazer, porque os homens dizem que foram muito pusilânimes e, vendo armas, fugiam todos ao mais áspero das serras, grotas e rochas, que há na ilha, e deixarem o feito às mulheres, das quais há verdadeira notícia serem mui belicosas, ousadas e animosas, e nelas esteve a maior defesa de sua ilha, mas, como eram mulheres e os espanhóis pelejavam com armas, foi pouco o trabalho que tiveram em alcançar a vitória.

El-Rei Taço, que neste lugar tinha sua corte, defendeu muito a entrada até que junto com sua mãe caíram mortos, pelo qual os seus ficaram rendidos; e, fugindo de medo dos espanhóis, acolhidos a ásperos lugares, sem mais quererem sair deles, morriam e morreram miseravelmente, de que hoje em dia se acham covas no áspero da terra, cheias de ossos deles, e se vêem algumas na grotta, que chamam Barranco Seco, e no de Negais e no de Santa Luzia.

Ganhado este lugar, Taçacorte, que dantes se chamava Corte de El-Rei Taço, ou por razão do nome do rei ou do sítio de feitura de uma taça, ou de ambos juntos, os espanhóis lhe puseram nome Taçacorte, que hoje tem. E ao presente um dos melhores sítios que pode haver nas ilhas e em toda a terra firme, por causa de sua grande fertilidade e de se aproveitarem nele mais os homens pobres e engrossarem os ricos em dois engenhos de açúcar, que há nele, de grandíssimo rendimento e proveito.

Tomou-se este lugar pelos espanhóis em dia de S. Miguel de Maio, pelo qual fizeram logo uma igreja dedicada a este arcanjo. E tem o porto da banda do Noroeste, ou a Loes-noroeste, pouco mais ou menos, e, à parte de Leste, tem sobre si a Caldeira, chamada assi porque é uma cova semelhante a ela de grande altura e de largura de nove léguas, que é neste lugar a da ilha, da qual saem três ribeiras de muita água, mais doce, clara e sã que quantas

se podem achar, porque a qualquer hora que se bebe, ou de noite ou de dia, não faz mal, nem se viu parlesia nesta ilha nem enfermidade contagiosa senão só em seis pessoas tocadas do mal de S. Gázaro por excesso de comer leite e pescado, e por serem tão poucos não há casa deputada pera Gázaros. E pela fresquidão destas águas que da Caldeira saem, ou pelo são e bom clima, ou constelação, é tão sadia a ilha; nem se vê nela morrer alguém de tísico, nem de hidropisia, nem peste, nem as águas causaram algum dano.

As ditas três ribeiras saem tão apartadas umas de outras, que as duas da banda do Sul dela distam, uma da outra, quatro léguas. Uma vai direita à cidade e outra aos Salgueiros, ou Sauzes; a da cidade é tanta, que moem seis ou sete casas de moinhos com ela, afora a que atrás tomam pera ir por canos à dita cidade, de que (além das muitas particulares em mosteiros, casas nobres e hortas) se fazem cinco fontes do concelho, repartidas em bairros e praças: uma, junto da igreja maior de S. Salvador, na praça principal, outra no porto, outra arriba de S. Sebastião, outra na rua Real, que chamam Chorrilho, e outra junto a Santa Caterina, perto do Telhal. Nasce esta ribeira da serra como um terço de altura, por subir em direito da que vai a Taçacorte, e dista dela quase três léguas.

E todas estas três ribeiras parece claramente terem sua origem na Caldeira. Estão ao nascer divididas, como em triângulo, e são todas iguais, donde se colige o grandor da dita Caldeira, em que se compreende o mais grosso da ilha, que, com a vertente, faz por esta parte de largura as ditas nove léguas.

Tem dentro em si grandes pastos pera ovelhas, cabras e carneiros que todos os criadores têm, usando dela pera seus gados como de cousa comum a todos, metendo-os nela no principio do inverno por uma entrada tão estreita em seu cume, à banda de Taçacorte, que não cabe mais de um homem por ela; e, descido o gado por suas veredas, depois de ser em baixo, no lugar mui espaçoso e fundo, não pode atinar a sair daquele lugar, e assi os trazem todos sem pastor, nem guarda, onde copiosamente multiplicam e engordam. E é de notar que na multiplicação parem as ovelhas e cabras místicos, e assi se chamam, e parecem a bodes e carneiros, cujas peles são mais prezadas pera botas e calçado que as dos extremes e a carne muito gostosa e tão sã que se dá a enfermos. Matam-nos por Páscoa de Ressurreição e, então, os começam a tirar pera os açougues. E tão proveitoso este sítio pera criar e engordar estes gados, que em toda

a ribeira de Guadiana, em Espanha, o não há em sua quantidade melhor.

Sai pela banda do Nornoroeste uma ribeira de muita água, por um estreito e muito fundo lugar, e vai correndo por uma grotta tão funda até entrar no mar, que não se aproveita ninguém dela, ainda que passa por junto dos lugares de Taçacorte e Argual, onde está outro engenho de açúcar, que foi de João de Monteverde, que dela tirou com grande custo água pera o dito engenho e seus canaviais por lugares tão perigosos, rompendo grandes rochedos, que pareceu ao princípio impossível tirar-se da mãe e trazê-la ao dito lugar de Argal; mas com grande indústria de um Lesmes de Miranda, à custa de João de Monteverde, se tirou desde o ano de mil e quinhentos e cinquenta e cinco até o de cinquenta e sete, em que se acabou de tirar, e custou mais de doze mil cruzados, mas foi causa de grande proveito nestes dois engenhos e fazendas, que são avaliadas em mais de duzentos mil cruzados, porque não fazem neles menos de sete, oito mil arrobas de açúcar cada ano, moendo de Janeiro até Julho sem cessar, e são grandes os proveitos dos méis e remeis que enviam a Frandes. Forram os senhores deles muitos gastos, por terem muitos escravos e camelos pera cortar e acarretar as canas e lenha.

Tem este lugar, que lá chamam dos Qianos antre si, e o de Taçacorte, à banda da serra, que fica pera o Sueste, o engenho de Argal, que se chamou assi por um algar ou cova grande, que faz todo aquele sítio a modo de fundo vale, por cima do qual vai começando a serra mui agra e fragosa até os pinhais, que por antre a penedia e pináculos se mostram mui grossos e altos, subindo até o cume da serra, deixando a Caldeira à banda do Nordeste, e todo o que à parte do Noroeste e Oeste fica deste sítio é muito chão e terras de pão e pastos, pelo que lhe chamaram Qianos, que cá chamamos chãos, que serão espaço de légua e meia de comprido e quase uma de largo. Limitam-se pela parte do ponente com o mar, e vão fazendo uma volta e ponta pera o Sudoeste, e acabam-se com umas terras também chãs, mas muito ardidas, que correram do cume da serra, por onde vão da Brenha, à parte do Norte, pelos Paus Fincados até o mar, que é espanto imaginar quão grande incêndio devia ser aquele nateiro de escória que se mostra, pois não hão tentado de descobrir alguma parte dele, e, nem porque venham correntes de chuvas ou inundações, não faz impressão nele, senão esta, toda contínua quase até o mar, que é mais de légua e

quarto, feito uma cousa estanhada, a qual, com o Sol claro, dá uma reverberação que parece dar o Sol em cousa de estanho. E junto do caminho, por onde passam, tem feito aquele escorial como um cascalho miúdo de escória pura, que dizem ser qualidade de mineraes que antre si pelejaram, movendo contenda natural, e se inflamaram e, ardendo, brotaram pera fora por aquele lugar e sítio, que está calvo e estéril, sem produzir fruto nem erva.

E deste lugar, quase ao Sol posto, aparece a ilha do Ferro e também outra por descobrir, que chamam de S. Brandão, ao parecer não muito longe da Palma, mostrando-se uma terra negra não mui alta, à maneira de redonda, como a ilha da Gomeira, a qual nunca puderam acertar nem achar, inda que muitas vezes é vista e buscada.

Passado este escorial, começa o sitio da Fonte Quente, que lá chamam Foncaliente, e o lugar chamado Tehiaja, onde moram islenhos criadores de gados. Além, está logo a Fonte Quente, que, inda que está cinco léguas da cidade, não lhe faltam mimos das cousas que a terra dá de si, porque tem muitas frutas e lugares deleitosos de muita recreação. Tomou o nome este lugar de uma fonte que ali havia de água muito quente, a qual secou e tornou a correr, e nela se curam sarnosos, gotosos e enfermos de outras enfermidades. Vão destes dois lugares ouvir missa aos Chãos, ou Lianos; agora dizem que já tem igreja. E todos eles ficam sem moradores quando mudam seus gados pera outras partes e pastos, conforme aos tempos de fazer seus queijos e trosquias.

Além está o lugar de Tigualate, onde estão outras casas e cafuas de gado onde residem os islenhos mais ricos de gado, como são o capitão Pero Fernandes de Justa e seus irmãos. Logo está Tigorte, onde há o mesmo que em Tigualate, chamados assi com nomes islenhos, que querem dizer cortinhas, ou cortiços, ou cafuas de gados. Não tem igreja; vão ouvir missa a Mazo, lugar de muitos vinhos, onde está a freiguesia de S. Brás, duas léguas deles.

Limitam-se estes sítios pela parte do mar também ao Sudoeste, e pela parte do Noroeste com os lugares atrás ditos, e pela parte do Norte com a montanha, onde chamam os Paus Fincados, chamada assi porque, como era áspera e pouco seguida, pera atinar aonde haviam saído fincavam paus, e ainda hoje os tem, e seguiam, indo e vindo por eles sem errar, como por balisas.

Têm nestes lugares, por não haver fontes, tanques tão grandes, feitos de pau de tea, que é uma maneira de pinho, de que se faz o breu, que há alguns que levam mil botas de água, a qual conservam tão fria e gostosa, que dizem os médicos ser esta água, que bebem os islenhos, causa de serem tão sãos.

Além está o Mocanal, que é uma espessa defesa, como se chama em Castela, toda destas árvores, que chamam moção, que tem a folha mui verde e denegrida da feição da oliveira, mas não tão comprida, e mais larga; dá fruta que se come quase como cerejas pretas, muito docicada e carouçosa, chamada mocães ou mocanes. A qual defesa ou floresta, cerra o sítio de Mazo, chamado assi por uma ponta que deita ao mar, chamada a ponta de Mazo por ser grossa de penedia, algum tanto larga e comprida, no cabo redonda e na parte de terra delgada, de maneira que parece da feição de uma maça de maçar linho, pelo que lhe chamaram ponta do Maço e depois ficou Mazo; e deita três pontas ao mar que fazem umas calhetas, que chamam Charcos das Liças, peixes que nelas se tomam.

Vão ouvir missa à igreja de S. Brás, um quarto de légua, estes e os de Tiquerote e Tígalate.

Recolhem muito trigo e vinho e mel de abelhas. Criam gados, cabras e ovelhas que dão muitos queijos e manteiga.

Há nesta montanha árvores silvestres, como são faias, louros, vinháticos, barbuzanos, tis, adernos, azevinhos e mocães, ou mocanes, e sabipeduiaes, cheirosos como cedros.

Dizem os islenhos que neste sítio habitava, antes de conquistada a ilha, um rei dos mais graves de toda ela, que se chamava Maxerco, ou Maxorco, que tinha filhos e filhas, os quais morreram todos na defensão da conquista, escapando só uma filha, de que procederam os de Justa, que era o nome desta infante.

É o moção árvore como oliveira na madeira pera bem arder e edificar, mas difere na folha e fruto, e quanto mais cortam dele tanto mais nasce.

Além do Mocanal, estão duas brenhas de pedra como biscoutal, a de Cima e a de Baixo, onde há tantas vinhas, que dão de dízimo cada ano mais de mil e quinhentas botas de bom vinho e melhor de

toda a ilha. Dá também trigo, romãs, cardos e outras frutas. Na Brenha de Baixo está a freguesia de S. José, e na de Cima a de S. Pedro.

Além está outro sítio, que chamam as Mecheiras, onde há muita fruta de espinho, coelhos e perdizes e muitos pavões domésticos, que naquelas fazendas criam, onde não têm água, e bebem os moradores da fonte de Agacêncio, que são duas fazendas grandes, também de vinhas, pomares e jardins. O mesmo tem Boavista, que é outra freguesia. Chama-se Agacêncio por ter dantes muitos agacêncios, que cá chamamos losna. Tem este lugar e sítio um quarto de légua de comprido e vai-se alargando até o cume da serra, onde dizem os antigos islenhos que choveu muito tempo uma cousa como maná, branca e suave, que eles apanhavam antes do meio dia, de grande sustentação e gosto, que caía sobre as árvores baixas e espessas, como são taquestes, retamas e ascêncios.

Boavista tem uma igreja de Nossa Senhora da Conceção à vista da cidade, pelo que lhe chamaram Boavista. Confina este sítio com a Caldeireta, que é uma subida mui agra do mar até à dita igreja, que por não se poder andar por ela passavam os caminhantes com baixa-mar ao longo da costa, e o Penteado, capitão português, indo ali ter, mandou assestar dois tiros do mar a esta rocha e quebrou parte dela, com que fez melhor o caminho.

Adiante está o Verodal, e Figueiral, de figueiras de inferno, que chamam tabaibas, e as Covas Fragosas, que chamam Velhas, onde se recolhiam os islenhos na rocha. E logo está a Vinha da Fraga, e além o Barranco, e a grotta de João Maior, e depois o vale de Miraflores.

CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO

DE MIRAFLORES ATÉ O BARRANCO OU GROTA DA ÁGUA,
DA VILA DE SANTO ANDRÉ

O vale de Miraflores tem este nome por dele se verem todos os pomares, jardins e fazendas que há em Boavista e em Valoco, dito assi por ser fundo ou vão, que lhe cai pêra a banda de Leste, Lesnordeste, e em ambos estes vales há grossas fazendas e riquíssimas vinhas até chegar a Aroyos e ao barranco ou grota de Nossa Senhora das Dores, perto da cidade, e confinam com o lombo de Mata Velhas e a grota ou barranco dos Moinhos que também se chama da Agua, por se tomar nele a água que vai ter à cidade e passa por uma ermida de Nossa Senhora das Neves, meia légua da cidade. E antre a grota de Mirca e a do Rio está uma ermida de Nossa Senhora da Encarnação, de grande romage.

Todos estes vales e grotas são povoados, não só de vinhas têmperas, mas de frutas de diversas sortes de agro, romãs, peras pardas e outras muitas, até a Horta do Cabo. E neste espaço vão da serra muitas grotas direitas ao mar que com enchentes de chuvas põem muitas vezes em perigo a cidade e fazem grandes danos. No campo de Mirca não há mais árvores que uma palma, da qual cuidou que tomou nome a ilha.

Há também outra grota, que se chama o Barranco Seco, por não levar água; e dele até à serra há campos chãos cobertos de murta, urzes e poejo, onde andam muitos coelhos, que se estendem ao Norte meia légua até aos pinhais da parte de Tenagua, em que se colhe muito pão.

Do Barranco, ou Grota Seca, sobem à Ponta Chã por Mirca, baixa mar, que é caminho direito pera os Sauzes, ou Salgueiros, Santo André, Galga e Galquitos e Lombandas. E acabando de subir, tornam a descer pera Tenagua, onde há uma fonte de boa água que nasce na terra chã, antre umas lages movediças. Arriba um pouco desta fonte começam as terras lavradias de Tenagua, nas quais se dá muito pão. E até os almásticos não há por ali outra pranta senão cardões e cardos ao redor das rochas que caem sobre o mar e por esta parte são mui altas, indo todo este termo até à parte do Norte, desde as rochas, fazendo como ladeira arriba muito ingreme.

Os almásticos são três ou quatro árvores a modo de Oliveiras, mas mais baixas, porque não crescem muito em alto, senão em roda; têm a folha mui densa e macia, a qual cozida em água e em vinho branco com alguns ferros velhos dentro fazem tinta mui fina pera escrever,

sem lhe deitar galha, nem caparrosa, nem algum outro material; não produzem estas árvores fruto, senão, somente, dão aquela graxa, que chamam aimécega, que é medicinal pera muitas cousas e pera fazer fino verniz; jamais perde a folha, nem lhe cai, nem a verdura, e é sua sombra mui fresca, pelo que parece que as pôs Deus neste lugar, junto do caminho, pera alívio dos que por ele vão, e, como árvores reais, ninguém corta delas mais que alguns ramos pequenos e folhas pera mezinhas, lavatórios e tinta. A terra é tão grossa e massapéz que, por muita água que chova, toda a embebe em si, e, por isso, se chama (segundo meu parecer) Tenágua, ou porque há ao redor deste lugar quatro ou cinco fontes até chegar ao barranco de Santa Luzia.

Começa Tenágua da saída do Barranco Seco, onde logo toma seu nome, indo pera a Ponta Chã até à entrada do barranco de Santa Luzia mais de meia légua de largo Este Oeste e, do Sul à banda do Norte, quase outra meia légua, porque acaba seu limite ao tanque de Luís Alvares, junto aos murtais. A parte de baixo do caminho está uma fonte bem lavrada, feita em quadra, em pedra viva, que ao picão e escoda se fez na mesma rocha onde nasce, e logo abaixo um tanque, onde bebem os gados e lavam a roupa de toda aquela vizinhança, a qual dizem que mandaram fazer Luís Alvares e Rodrigueanes, de Tenágua, com um sombreiro, como abóbada, na mesma rocha, que cobre toda a fonte. O baixa-mar, abaixo em direito desta fonte, é mui chão e dá muito trigo, cercado ao redor, como muro, de cardões grandes, espaço de dois moios de terra e outro moio, onde se chama o porto da Nau, distante da Ponta Chã mais de meia légua, os quais dois moios de terra de baixa-mar se chamam Ponta Chã, que é de grosso massapez, e o lugar, afastado meia légua, toma o nome da Ponta Chã que em sua linguagem chamam Punia Liana.

Tornando ao barranco de Santa Luzia, que tem este nome por uma ermida que nele está desta santa e é cerrado de rochas de ambas partes, e à entrada tem uma fonte, com que podiam regar as vinhas e arvoredó, que tem, se quisessem, mas não é costume, nem necessário regá-las nesta ilha, por onde se vê que é mais fértil que Tenerife, onde se costumam regar.

Além das terras de Santa Luzia, e depois da Ponta Chã. está a igreja parroquial de S. João, de cem vizinhos, todos lavradores. E há bons vinhos onde chamam o Granel e o Sabinal; tem légua e

meia de termo, mas porque chega do fim de Tenágua até a Galga, que é mais de légua e meia de comprido e de largo, do mar à serra, toca no baixa-mar, onde há uma espaçosa e funda baía, que pela parte do Sul tem sua entrada tão larga que caberá uma grande nau por ela, e pode servir pera galés. Chama-se este lugar Ihancon, onde há muitas cracas e marisco. Além estão vinhas de outros barrancos. E, nesta parte, são os pinhos e teas mais grossos que em todo o restante da serra, porque passam de dez palmos de quadra os que se podem serrar, e de alto, toro de trinta e quarenta palmos em comprido. Tem este lugar uma grande fonte, e há nele muitas árvores de frutas, em especial peras pardas e limões de talhada, que chamam franceses, e todo agro. Há outros moradores nobres e ricos onde chamam o Granel. E o Sabinal. terra de pão e vinhas e pastos, bastecida de carnes e frutas.

Passado o Sabinal, indo pera os Sauzes, está o barranco de Nogales, chamado assi porque começa abaixo do lugar da Galga, onde há muitas noqueiras e castanheiros, como o Granel, de um granel grande, que sobre esteios está feito mui antigo, onde os moradores dali guardavam seu trigo; e o Sabinal, porque pera a parte do barranco de Nogales faz uma ladeira onde há muitas sabinas, que é um pau à maneira de cedro, e de melhor cheiro, mas mais alvo na cor.

E toda esta parte do ponente é mui cultivada, o que não é a parte do oriente da ilha por ser de rochas talhadas e mui íngremes; e, com muito gram trabalho e a voltas, vão subindo os de pé e de cavalo que vão pera Santo André e pera os Sauzes pelo caminho real, que vai por este lugar. Estão nesta parte, além do Granel, as terras do Pinho, ditas assi por estar nelas um pinho manso, que não há outro em toda a ilha, porque os outros são teas de que fazem os ricos as casas com ele mui cheirosas e perpétuas, mas perigosas com o fogo que na tea, como em alcatrão, se ateia e arde com gram fúria e não abasta água pera o apagar, mas com mantas molhadas o atalham. Os pobres fazem casas de outra madeira. E por isso no mais alto deste barranco cortam os ricos a sua no verão, quando as névoas sobem ao mais alto das encumeadas da serra, donde vem frescura que recreia os baixos. E nesta ilha não se vê outra tormenta nem em inverno nem em verão, senão névoas.

Alguns dizem que, como Berbéria está tão perto destas ilhas e é terra tão quente e baixa e sem névoas, nem outro impedimento que

impida a grande quentura que nela cai, por isso não têm as ilhas de Canária virações do mar frescas, como a ilha da Madeira, que está perto destas de Canária; e como Tenerife e a Palma são tão altas que neva nos altos e coalha a neve no pico de Teide, inda que tem o vulcão no meio do pico que continuamente arde e deita fumo, todavia não impede esta quentura ordinária ao frio natural, que não condense as chuvas e vapores de sobre estas duas ilhas altas, que não deixe de nevar. E no dito pico de Teide assiste a neve todo o ano, como se vê, até no estio, estar coalhada muitos anos. E da frescura destas duas ilhas Palma e Tenerife colijo eu que vêm as virações à da Madeira, pois distam sessenta léguas no mais dela. As névoas da serra causam na ilha da Palma, no verão e estio, suave recreação e são medicinais à alvorada e à tarde são danosas, e por isso os filósofos e médicos desta ilha aconselham aos moradores que madruguem pela manhã por gosar aquela frescura.

Acabando de passar o Barranco Fundo, se começa a entrar pelas terras lavradas da Galga, dita assi por ser um sítio redondo, a modo de uma galga que deitam a rodar por uma ladeira. Onde há muitas árvores e frutas, trigo, vinhas, hortas e legumes, fontes e águas. E este lugar de lavradores e serradores. Tem sua igreja da advocação do Nascimento de Nossa Senhora e é povo de até cinquenta vizinhos.

Logo se segue o barranco ou grota do Biscainho, que toma do mar à serra, todo prantado de vinhas nas ladeiras de ambas as bandas. Saindo deste barranco pera a parte do Norte, está o lugar de Galguitos, que é todo de vinhas e bons vinhos pera carregação das Indias, por lhe dar o Sol depois que nasce até que se põe, porque a ilha é algum tanto nordesteada e é aqui quase o meio dela. Tem até vinte vizinhos, que vão ouvir missa a S. João, ermida da vila de Santo André, ou vão à Galga por ordem do bispo.

Saindo deste lugar, logo se entra em outro barranco pequeno, que se chama de S. João, todo prantado de vinhas, onde, e na Galga e Ponta Chã, houve já muito pastel que deixaram de fazer por haver mais proveito nos vinhos e trigo e por os da escala das Indias, de que é frequentada aquela ilha, não pedirem senão vinhos. Concluindo, este barranco de S. João, pela parte do caminho real que vai da cidade, e o que vem das Lombadas e Galguitos se ajuntam em um à entrada da vila de Santo André, quatro léguas da cidade, de lavradores ricos de vinhas e trigo. Tem duzentos

vizinhos, tem duas calhetas da parte do Sul, onde carregam seus vinhos e açúcares, mas não temem ser entrados por elas de imigos, porque são baixos de costa brava e o mais rochas talhadas, onde dez homens se podem defender contra mil. Não têm moinhos; vão moer aos Sauzes que têm boas moendas.

Dois tiros de arcabuz pera Leste está uma ermida de Nossa Senhora da Piedade e, adiante, espaço de um tiro de arcabuz, está o Guindaste, porto que disse, em que carregam os açúcares pera Frandes ou Espanha, onde vai ter, como em receptáculo, toda a água que sobeja da regadia dos canaviais e moendas e faz uma comprida e estreita alagoa, pelas bordas da qual se dá muito inhame branco que em anos caros supre por pão, sendo cozido.

Deste porto adiante, pelo baixa-mar, tudo são rochas e penedias, onde escassamente podem pescar de cana e com trabalho tomar cranquejos, de noite, com lume de tea.

O barranco da vila de Santo André, que se chama de Água pela contínua ribeira que por ele corre, será meia légua de comprido à parte do Norte, toda cultivada de vinhas e pomares. E junto a ele há dragoeiros, como no barranco de Nogales e nas mais grotas de toda a ilha, que são árvores que nascem em lugares ásperos e tão íngremes, que parece impossível ir onde estão, mas, todavia, vão e colhem deles uma goma tão vermelha como sangue, que chamam sangue de dragão, ferindo-o com uma fouce ou espada e pondo-lhe debaixo em que caia. Pelos golpes dá este sangue de si que, em caindo, logo coalha e fica uma goma pera muitas mezinhas proveitosa e pera conservar limpas as armas sem tomar ferrugem, untando-as com ela brandamente derretida, com pouca quentura. Desta goma, uma sai de si por antre gretas da cortiça da árvore, e outra cai de gota, que é a mais fina e prezada. São estas árvores à maneira de palma, direitas arriba, e poucas tem braços, senão é já no fim, onde em cima fazem copa redonda, como palma sem pencas; sua folha é como a de espadana ou lírio espadanal, tão rija, que fazem dela tamiça pera ataduras e cordas. E neste barranco são mais grossas e altas estas árvores que em toda a ilha, de que fazem grandes e pequenas gamelas do troço, e do costado rodela. Ninguém tem licença pera cortar alguma por ser árvore real, ainda que a tenha em sua propriedade. E as rodela e vazilhas, que fazem, são dos que algum furacão arranca.

Não se criam nestas ilhas Canárias rãs, nem sapos, nem cobras, senão somente em uma alagoa da Gomeira, e por isso as águas deste e dos outros barrancos são limpas e frescas, e com elas moem os engenhos de açúcar que há nelas.

CAPÍTULO DÉCIMO OITAVO

DO BARRANCO DA ÁGUA DA VILA DE SANTO ANDRÉ ATÉ
FONCALLENTE, FIM DA ILHA, DA PARTE DO PONENTE

Tornando ao caminho direito que da vila de Santo André vai pera os Sauzes ou Salgueiros, que à parte do Nordeste caem, todo é ladeira acima até entrar na praça ou campo que no dito lugar dos Sauzes está. E de baixo até riba, que será meia légua de comprido e outra meia de largo, tudo são canaviais até o barranco da Ferradura, que é todo o termo dos Sauzes, dito assi pela muita cópia destas árvores que, em si, tem ao longo das ribeiras; onde estão dois ricos engenhos de açúcar. Cuja igreja parroquial é da advocação de Nossa Senhora de Monserrate.

Há neste lugar muitos pomares, jardins e frutas.

Os sauzes são quase à maneira de salgueiros, mas de outra casca e pau, inda que a folha é toda uma não é tão oco como o salgueiro, nem quebra tanto; é muito branco e dele se fazem uns pauzinhos cozidos em vinho branco com sangue de dragoeiro que mandam a Espanha de presentes pera fazer os dentes alvos.

Em um engenho destes esteve um feitor chamado Plazencia, que curava a enxaqueca com ensinar a beber o vinho puro, tendo já o jarro de água na outra mão, pera, em tirando o copo da boca, beberem logo os enfermos a água após o vinho, com o qual remédio saravam.

Tem este lugar muita lenha, barbusanos, moção, til, vinháticos e adernes. A folha dos vinháticos faz dano às alimárias, porque qualquer boi, ou porco, ou outro gado, que a come, se embebeda de maneira que estão a par da morte e, sobre todos, as bestas muares, as quais sem nenhum remédio morrem.

Cortando-se aqui a lenha, logo torna a brotar, pelo que jamais faltará nesta parte até chegar aos pinhais e cume da serra, que é ali o mais alto da ilha, e é o caminho dos Sauzes à Garafia, por onde se atravessa a ilha de nove léguas, e tão fria a maior parte do ano esta encumeada, que se hão gelado muitos homens nela e outros se perderam com a névoa e outros morreram, por ser em cima escaldada e sem abrigo, donde se vê toda a caldeira, que tem nove léguas em circuito, a qual alguns dizem ser assi criada em princípio, porque não há sinal de pedra alguma que corresse, senão as rochas agras, pelo que não pode entrar lá gado vacum.

Logo, mais adiante, no mesmo caminho que vai e vem a Garafia,

está uma cruz que chamam dos Frades porque, passando por esta parte dois franciscos a pedir sua esmola, acharam um homem morto de frio e outro quase morto, o qual remediarão com remédios do seu alforge. E, por não esquecer este caso, fizeram pôr ali aquela cruz, que tomou o nome deles.

Olhando desta cruz pera a parte do Nordeste, se vê algumas vezes uma ilha grande e mais alta da banda de Leste, tão chegada como a de Tenerife, que desta cruz dos Frades demora ao Sueste, que parece ter como dezoito léguas de comprido. E, inda que esta ilha e a de S. Brandão se vêem desta ilha da Palma mui claras, nunca as foram buscar os moradores dela, ocupados em seus tratos e lavouras.

Alguns dizem ser a ilha da Madeira, que demora ao mesmo rumo, mas não parece assi, porque nenhuma aparência tem uma com a outra. E aos que dizem que por aquela parte é o mar mui lavrado e cursado com os que vão e vêm a Espanha e ilha da Madeira, digo que parece não terem razão, porque os que vêm de Espanha põem a proa a Oeste, vindo à Palma, e os que vão da Palma põem a proa a Leste, e os que vão à ilha da Madeira levam a proa um pouco a Leste até quase descobrir a Lançarote, por melhor cobrar e poder tomar a mesma ilha da Madeira, e assi se desencontram do rumo destas ilhas.

Passando a Cruz dos Frades, se entra logo em um espesso pinhal, cuja largura de duas léguas chega até Garafia e compridão de cinco até Agua Tuvar e Candelária, que é a parte de Oeste, e discorre até João Adalid e adiante de Santo António, onde anda grande cópia de gado de toda sorte dos moradores daqueles lugares.

Mas, tornando aos Sauzes da costa do Sul, depois deles está o barranco da Ferradura, dito assi porque, por onde vai o caminho pera Balravento e se abaixa por ele, é a modo de uma ferradura. Está o termo dos Sauzes antre o barranco do Rio e este da Ferradura, que é muito fresco de árvores silvestres e domésticas, frutas, vinhas e fontes, e moradas de islenhos fidalgos, por ser lugar de recreação e disposto pera nos chãos de suas saídas trazerem seus gados, que, quanto ao pastar deles, são as terras comuns e não há lugar proibido senão os que têm fruto, e por isso os islenhos se mudam com seus gados de umas partes a outras muitas vezes. Se não houvesse neste barranco lagartixas, que destroem muita uva,

colheriam muito mais vinho. E ainda que com remei do açúcar nos engenhos matem muitas, todavia, há aí tantas, e mais que em outra parte da ilha, que fazem grão dano, pelo que os moradores tomam por valedora a Santa Marta, em cujo dia fazem grande festa na igreja de Nossa Senhora de Monserrate, freguesia dos Sauzes. Antre o qual lugar e o de Balravento, pera o mar, está um alto monte de penedia e rochedo que abriga este barranco da parte de Leste e Sueste, pelo que é calidíssimo e cria tantas lagartixas, mas os vinhos, com a quentura, são bons e as frutas estremadas, por ser também a terra arenisca, inda que massapez diferente de toda a ilha, que é de puro massapez. E se chovesse nela como em outras partes, daria tantos mantimentos, que não teria sua igual.

Passado este termo dos Sauzes, está um campo chão, que ao pé da vertente da serra se faz, onde estão as casas dos nobres e ricos Aparícios e se começa o termo de Balravento, estendido pera o mar, todo de terras de pão com algumas boas vinhas; pela qual parte está povoada a costa baixa de homens honrados, fregueses da igreja de Nossa Senhora do Rosairo do lugar de Balravento, de oitenta vizinhos, que está situado em um campo chão, todo cercado de arvoredos, como no meio do cume da serra, onde vai fenecer e abaixar a dita serra pera a banda de Leste, onde é o começo desta ilha, e por este baixa-mar está um cirne ou penedo junto à costa, do qual até Foncallente corre a ilha Leste Oeste dezoito léguas de comprido, assi por mar como por terra.

Desta ponta e penedo de baixa mar de Balravento começa a voltar a ilha, pela parte do norte, do oriente pera o ocidente, com áspera e agra costa e algumas fajãs de vinha ao pé da rocha, ao longo do mar, e com espesso arvoredos pela terra, criações de gados e algumas casas de lavradores, ainda da freiguesia do lugar de Balravento, onde vão à missa, ainda que distam três léguas até a granja e fonte nova, que é de um regedor da ilha chamado Simão Garcia, perto do lugar de Santo António, antes de Garafia. O porto desta granja, onde se carregam os vinhos que ela dá e levam nas botas, à toa, em barcos à cidade, que dista dela quinze léguas, está ao Noroeste dela, feito como uma pequena calheta, sem haver outro porto da banda do Norte pera barcos somente, senão este e o de Taçacorte.

Partindo desta granja pera o lugar de Santo António, onde dela podem ir lá ouvir missa, pois é só espaço de meia légua por antre

alto arvoredado, fica já o cume da serra à parte do Sul. E haverá no dito lugar de Santo António, igreja parroquial, até quarenta vizinhos, que granjeiam vinhas e gados em um monte, que chamam Gordo, antre o lugar e o mar, onde se não pode semear nem colher trigo, que nesta parte há muito e bom os mais dos anos. Tem uma fonte, junto da igreja, e muitas frutas, indo pera Garafia e João Dalid e S. Domingos, que assi se chama todo o termo de Garafia, que está abaixo de Santo António mais de meia légua, povoada de moradores ricos portugueses, onde também está uma fonte do Pinhal, que se chama de João Dalid, por um homem deste nome, passando no princípio por ali com seus companheiros, lhes dizer “não passara hoje João Dali daqui”.

E indo mais abaixo, aonde está Nossa Senhora da Luz, chamou aquele sítio Garafia, que em língua islenha quere dizer aifaraça e em espanhol rancho ou morada. Celebra-se a festa desta paróquia de Nossa Senhora da Luz em dia de sua Natividade; e terá duzentos vizinhos, porque inclue seu termo João Dalid, Garafia, S. Domingos, a Cova da Agua e a Luz. Tem uma grotta ou barranco, que se chama Grande pelo ele ser de um quarto de légua de comprido e outro tanto de largo, prantado de vinhas, onde há covas e furnas, em que vivem alguns fregueses, e uma fonte, de que bebem à parte de Oeste. Saindo deste barranco dos Pinhais até o mar, tudo são terras de pão e de algumas vinhas.

E logo começam as terras e vinhas do sítio de S. Domingos, em a faldra chã e água vertente da serra um quarto de légua de largura e outro de comprido até a Cova da Agua. Tem o termo de S. Domingos, dito assi por ter aqui o convento desta ordem da cidade uma sua herdade de até vinte vizinhos, onde tem tanques de água da chuva, sem ter fonte, até a Cova da Agua, que tem este nome por uma grande cova, que ali está toda de pedra ao redor e em baixo, feita como um poço, sempre no fundo com grande quantidade de água que cai em gotas de riba da abóbada e dos lados, donde se provêem os moradores daquele termo, sem nunca lhe faltar. E alguns deles moram em outras covas, ou furnas, ou cavernas da terra ou pedra, como a que nesta ilha de S. Miguel chamam biscoutal ou biscoito; e algumas vezes acontece cair alguma destas casas, quebrando a terra e pedra, e matar seus habitadores, como no ano de mil e quinhentos e cinquenta e cinco caiu uma lapa que estava sobre o rio de Sacavém, junto de Lisboa, Domingo de Ramos, e matou mais de quarenta pessoas e feriu outras tantas

dos que iam apanhar camarões, que a maré trazia, e doutros que estavam aguardando pela barca, que havia de vir da outra parte de Povos, e com uma chuva que sobreveio se acolheram ali, onde os alcançou tal desastre.

Estende-se este sítio da Cova da Água pelas faldras dos pinhais e limite da Ponta Gorda, que está mais de meia légua da costa, e do barranco de Fernão Gil, onde este homem rico tinha suas casas e herdades.

E todo o espaço que há antre a Cova da Água e a Ponta Gorda, onde tem a igreja de Santo Amaro, freiguesia de todo aquele termo, está cheio de pinhais grossos e mui altos, onde estão os fornos de breu e alcatrão, que só nesta parte da ilha se faz, estendendo-se os pinhais pera o cume da serra e caldeira, que à parte do Sul cai três léguas e, pera a Cruz dos Frades, três ou quatro. Faz-se aqui o breu dos pinhos, tão grossos como um tonel que com algum furacão caem alguns anos, desta maneira: Atoram estes troncos, que são bons de fender e cortar, e estão uns fornos ou covas na terra, tão fundas como três fornos de cal, das quais, quando as fazem, tiram os torrões com que logo ali, em terra chã, fazem uns repartimentos, que chamam tendais, apegados uns a outros em ordem, à maneira de um tableiro de enxadrez, e tem seus lugares abertos por onde corre o breu, que vem, fervendo, derretido dos fornos em que se queimam os toros da madeira e tea, primeiro no primeiro forno, onde está somente derretido e se chama então alcatrão; e está abaixo outra cova em quadra, tão grande que possa caber nela todo o que na primeira se derrete; depois de bem queimada a tea, sem aparecer tição, senão uma terrível chama que faz por cima daquele breu, que chamam alcatrão antes de ser a segunda vez cozido, a qual chama é como quando se acende o lume em azeite ou cera que põem a derreter na tacha, que não se pode apagar senão com se tirar do fogo. Estando, pois, assi o alcatrão derretido e inflamado no primeiro forno, lhe destapam o cano por baixo, com um engenho de madeira, e corre logo pera a segunda cova ou forno com tal fúria e tão inflamado, que nem o metal, quando fazem algum grande sino, leva tal inflamação. E estando neste segundo forno quadrado, ali lhe fazem o segundo cozimento, em que estão todo um dia e uma noite até ver estar já gastada a fúria e crueldade daquela matéria, que é tal antes, que, se quando está alcatrão o soltassem por um rio de água fria, iria ardendo sem se apagar, até todo se consumir. Depois que se coze aquele dia e noite neste lugar, o tiram por seus

canos feitos na terra pera ir aos tendais, feitos a modo de enxadrez de umas casas a outras, com tal quentura e força, que não se pode ninguém chegar a ele e, em breve espaço, enche todo um campo tão grande como um jogo de pela, que está cavado todo em tendais, a modo de enxadrez, como disse. E não se tira dali ainda aquele dia, mas ao outro se” quinte já está disposto pera tirar os tendais. E de um forno podem sair cem quintais de breu, ou mais ou menos, conforme às covas que fazem e ao grandor delas, e ardem às vezes cinco, seis covas destas a que chamam fornos. Dali o levam os moradores da Cova da Água ao porto de Fernão Gil pera dele o levarem à cidade.

Chama-se também este termo Ponta Gorda, por sair ali uma ponta ao mar um quarto de légua de comprido e meia légua de largo, e, por ser alta e redonda, herdou este nome. E dista da cidade sete léguas, indo por Tiniçara. Da Ponta Gorda, pela parte do norte, cinco léguas até Tixarafe são tudo faldras águas vertentes da encumeada da Caldeira, estando primeiro Tiniçara, que é um vale de meia légua povoado de sete ou oito islenhos, criadores de gados, no qual dizem que um rei tinha sua morada, chamado Altini, que quer dizer bom rei ou rei grande, por não haver outro em toda aquela banda até o de Taçacorte.

Logo entram em Água Tavar, que se devera chamar terra de pão, pois responde a cem fanegas por fanega em anos de chuvas; está aqui a igreja de Nossa Senhora da Candelária, parróquia destes três termos. Agua Tavar, Tiniçara e Tixarafe, que se estendem duas léguas de terra. E serão, antre todos, oitenta vizinhos, onde também está o barranco do Bom Jesu, por ter ali sua ermida. Não tem aqui vinhas, nem frutas, nem fontes e, assi, Agua Tavar se podia melhor chamar Agua Tomar, pois a tomam da chuva que se recolhe em covas de lagens, de que bebem e fazem tanques pera os gados.

E indo de Tixarafe pera os Chãos, que chamam Qianos, por dentro da terra, há um barranco mui profundo, por onde passam por grandes e íngremes voltas, que se chamam as voltas de Magar por sua agra e áspera e amargosa subida; e, assi, esta ilha da Palma conclui seu fim, não com a doçura dos engenhos de açúcar em que começou, senão no amargoso destas voltas que serão mais de vinte. Há deste barranco aos Chãos, ou Qianos, menos de meia légua, e três à cidade, indo pelo caminho direito ao Pinho de Vaza Borrachas,

sobre cuja sombra fazem os sequiosos caminhantes este ofício, que lhe deu tal nome, e deste Pinho à cidade duas léguas pequenas e boas de passar a encumeada, que, por esta parte, não é mais grossa que acabando de a subir, começar logo a descer caminho aprazível, e também o que há, pelo meio desta encumeada, deste caminho pera a parte de Foncalliente, como é indo pelo escorial, que é caminho, pelo cume, de gente e de gados até à dita Foncalliente, onde se acaba a ilha ao ponente, e distará deste caminho a fonte quente seis boas léguas. E deste lugar indo à parte do oriente até o cirne, ou penedo, em que se começa a ilha em balravento doze léguas, com que umas e outras fazem as dezoito que a ilha toda tem de comprido.

E tirando meia légua do escorial e alguns picos rasos pela parte do meio da caldeira, toda a encumeada é de pinhais e outras árvores tão verdes, que nunca lhe falta folha, pelo que, vendo esta ilha da de Tenerife, ou da parte do Sul, sempre parece verde e divisam o arvoredo de longe, quando a deixam as névoas e neves que a continuam muito, mas, nem por isso, a deixam de andar todos os dias os islenhos com seus gados, passando a umas e outras partes com a lança ao ombro e o saco ao tiracolo com sua vitualha, seu calção atado na cinta, em faldra de camisa, zombando e dizendo um ao outro:— pariente, ataja la bruma—, que assi chamam à névoa. Desta encumeada vão à cidade, que ao presente está aumentada e se vai acrescentando com mui grossos fortes e baluartes, e em todas as outras particularidades, por estar bem segura no zelo do serviço de Sua Majestade e reformada nos costumes, pelo grande cuidado e vigia que nisso tem o reverendíssimo bispo D. Bertolameu, estremado prelado. Com o que tenho concluído o que desta ilha da Palma pude saber de testemunhas de vista e de ouvida.

CAPÍTULO DÉCIMO NONO

COMO FOI ACHADA E TOMADA A ILHA CHAMADA FERRO E
DE ALGUMAS COUSAS QUE HÁ NELA

A ilha chamada do Ferro, que ao ponente da ilha da Palma está distância de doze léguas, corre seu comprimento de pouco mais de légua e meia Sueste Noroeste. E ilha mui pequena e quase triangulada; terá em circuito três léguas e meia. Tem bom porto e entrada à parte do Nordeste, onde faz a ilha como duas pontas à maneira de baía, o qual está da vila, que agora é, quase uma légua.

Chama-se ilha do Ferro pela chamar assi um João Machim, biscainho, que foi o que dizem que a achou, indo na viagem das Indias, o qual, vendo a costa ser de pedras e rochas ferrugentas, que não parecem senão ferro, disse:—“esta é a ilha do Ferro”; e não disse mal, pois a mostra da pedra bem o parece.

E porque a povoação que então havia, quando se achou, e agora há, está quase no meio da ilha, não quero logo tratar do povoado, senão de sua costa ao redor. A qual, começando deste porto, que se chama o porto do Ferro, antre as duas pontas, a de Santo André e a ponta Verde, que se mostra assi por ter em si altos e verdes feitos e gamões e outras verduras, antes de entrar nos pinhais, que, por esta parte do Norte e Noroeste, são mui espessos, e o porto está mais perto da ponta de Santo André que da Verde, à boca de uma fajã seca e arenosa, há de uma ponta à outra, começando na de Santo André e indo à Verde, onde dá volta a ilha pela parte do Noroeste, mais de meia légua, e da Verde à ponta do Sueste, pela parte de Oeste e Sudoeste e Sul até o Sueste, légua e meia, que é o comprimento; e, dando a volta por Leste e Nordeste até a dita ponta de Santo André, há outro tanto caminho, e assi fica a ilha de três léguas e meia em circuito, pouco mais ou menos; e é grossa, tanto pera uma parte como pera outra.

Alta de costa e lombada, sem ter outro algum porto senão o que está dito, nem tem, ao redor de si, outra cousa notável senão alguns penedos e rochedos, que faz, à banda do Sul, um de outro dois tiros de arcabuz, onde com dificuldade podem ir a pescar de cana alguns mancebos islenhos, ainda que não são mui dados a este exercício.

Sendo, pois, a ilha tão pequena e havendo já sido conquistadas as ilhas de Lançarote, Forteventura e, segundo alguns afirmam, a de Gram Canária e Tenerife, e pode ser que também a Palma, indo pera as Indias este João Machim, biscainho, depois de tornado já Cólón e ido Fernão Cortez, inda que outros dizem que antes

que o dito Fernão Cortez fosse ao descobrimento de México, nem Santo Domingo, e antes que Magalhães soubesse navegar, fora João Machim com dois navios na volta das Índias e, de rota batida, chegou à vista desta ilha do Ferro e, conhecendo não ser alguma das já ganhadas, se espantou, vendo que era tão pequena, pelo que viu não ser nenhuma das outras de que tinha noticia, de cuja derrota tinha faltado pela não saber bem tomar ao sair de Espanha, ou pelos ventos lhe serem contrários. Como quer que seja, isto lhe aconteceu, a João Machim, como afirmam duas filhas suas. Maria Machim e Luzia Machim, moradoras na Palma, as quais na ilha do Ferro se criaram, vindo-se seu pai nela morar por lhe haver feito El-Rei D. Fernando mercê de muita parte dela, como adiante se dirá.

Mas este é o primeiro descobrimento desta ilha e o primeiro espanhol que nela entrou, o qual, levando (como disse) a derrota das Índias e chegando à vista desta pequena ilha, se deliberou de a reconhecer e entrar nela e, surto no porto que viu disposto pera encorar, saiu em terra e, vendo rasto de gente e gados, sem achar pessoa alguma a quem perguntasse o que era, espantado passou adiante e, entrado mais dentro, depois de subido aquele primeiro vale, achou um campo chão, onde viu mais gado e ouviu muitas vozes, às quais estiveram atentos ele e os que em sua companhia iam, que podiam ser seis ou sete pessoas, parecendo-lhes que ouviam cantos, e assi era, que a esta hora o rei desta ilha, com todos os que nela havia, estavam em um geral sacrificio que ofereciam ao modo gentio.

João Machim, com os seus, correu pera aquela parte onde ouviam as vozes, e não andaram muito que não viram o que era; vendo-o, estiveram quedos por não serem sentidos, espantados de ver a maneira com que faziam seu sacrificio. E imaginando como dariam neles, se iriam logo acometê-los pera tomar alguns, ou se tornariam aos navios a trazer mais gente e melhor aparelho pera fazer a presa, acordaram não mais de como estavam chegar a eles, como fizeram.

Este rei, segundo os antigos islenhos afirmam, se chamava Ossinisso, que em sua língua quer dizer rei que guarda justiça, o qual usava muito estes sacrificios, pera que Deus lhe mostrasse o que havia de ser dele e daquela sua gente, e tinha dito aos seus que umas gentes santas e boas os haviam de levar daí a outras partes onde haviam de ter maiores e melhores cousas que as que ali possuíam, e os tinha previndos, dizendo mais que, quando estes santos e bons homens os

viesses tirar daquele cativo, os conheceriam por isto, que não lhes fariam nenhum mal, senão bem, e lhes haviam de dar grandes e boas cousas e, desta manei-ra, estivessem advertidos e avisados, que os que os haviam de livrar daquele lugar cercado de água viriam a eles pacificamente.

Era isto antre eles já mui comunicado e notório, e todos tinham esperança de ser dali a melhor lugar transferidos, pela qual causa nada se alteraram quando João Machim se descobriu com os seus, e, ainda que muitos deles, que a este tempo estavam com El-Rei, puderam tomar pedras e seus paus tostados, com que e a suas mãos uns com outros em suas pelegas se teriam, não o fizeram, mas alevantaram-se todos assi juntos, retirando-se atrás, a um lugar mais alto, o que vendo João Machim e os seus, disseram:—“a eles, a eles, tomemos alguns”. E aconteceu que a filha de El-rei, que estava ainda como suspensa e embebida ou transportada no sacrificio, ou pelo permitir Deus pera bem seu, não se alevantou. E indo João Machim já mais depressa pera onde os islenhos e El-Rei estavam, inda que não com espadas desembainhadas, senão cobertos com suas rodelas, passaram por onde a moça, filha de El-rei, estava, sem se haver levantado, e podia ser não a ter El-rei achado menos, e, como João Machim, que ia adiante, a viu, deitou mão dela e, posto que El-rei, seu pai, viu que lhe tinham tomado a filha, nem por isso se moveu donde estava, mas consentiu que a tivesse João Machim pela mão, ao que a moça se pôs a chorar; e João Machim a começou afagar e quanto mais a afagava tanto mais ela chorava, dando maiores gritos, o que não sofrendo João Machim (ou seria algum dos seus), deu-lhe uma bofetada, à moça, que com seu tamarco de couro vestida estava. Vendo isto, el-rei, seu pai, disse aos seus:—“não são estes os homens bons e gente santa que nos vem a buscar”. Dizendo isto, se moveram contra João Machim os seus às pedradas e com seus paus tostados, tão rijos como de ferro, a ferir neles. Mas João Machim, que valoroso biscainho era, deu a moça a um dos seus, que a levasse às naus e fizesse vir prestes gente sua com armas pera se defenderem dos islenhos, que muitos acudiam das covas, que parece serem já idos do sacrificio, quando o Machim chegou. O que levava a moça pôs tal diligência, que a tomou às costas com a boca pera riba por que mais a cegasse o Sol e também por que lhe não mordesse com raiva no pescoço; que, em breve espaço, chegou ao porto com ela e avisou do que passava os companheiros, os quais logo foram ao socorro, tornando o da moça com eles, que podiam ser uns e outros até cinquenta homens, afora

os marinheiros que nos navios ficavam.

Acudiram contra João Machim e os outros mais de trezentos islenhos, homens e mulheres, moços e moças, com paus e pedras, e tão ousadamente os acometeram, sem ter de ver com as espadas que os espanhóis traziam, que, com trabalho, podia João Machim virar o rosto a um cabo e a outro pera ver o que os companheiros faziam, por não serem cercados dos islenhos, porque, se a isso chegaram, sem falta foram tomados e mortos; e, assi, se foram o melhor que puderam, retirando atrás, onde viram que se podiam melhor defender, porque tinham já muita necessidade. E, estando em tal perigo, disse João Machim:—“não pelem estes gentios com paus, senão com ferro, e assi são rijos como ferro”. E, se não chegaram a este tempo os que vinham das naus, todos os seis, que eram, foram mortos. Chegando os das naus, fizeram tanto, que puderam tirar daquela briga ao Machim e seus companheiros quase mortos. E por ser tarde e por não se atreverem contra tantos, se recolheram pelo vale abaixo; os islenhos os seguiram, até que viram o porto e descobriram as naus. Vendo-as, de espantados se puseram mais a olhá-las que a segui-los abaixo, onde ao embarcar puderam fazer muito dano, e, desta maneira, se puderam embarcar os espanhóis sem impedimento.

Isto contava um islenho chamado João Roiz, ferrenho, e Maria Machim, mulher nobre antiga, moradora na Palma, que de Espanha veio com seu pai e mãe ao Ferro, a qual dizia que, antes que a Palma se ganhasse, se ganhou o Ferro. Luzia Machim, irmã desta Maria Machim, ainda que assaz velha, era muito mais moça e contava o mesmo, posto que não havia conhecido a seu pai. Sua mãe era islenha, porque, morta a mulher que trouxe este Machim, se casou com uma formosa islenha segunda vez, e queriam dizer que também era filha deste Rei Ossinisso. O qual, com os seus, vendo que nada tinham aproveitado aquele dia na empresa que tomaram de pelear com tão poucos, sem poder tomar algum deles, nem os espanhóis tão pouco lhe tinham feito muito mal (por donde parece claro que não levavam arcabuzaria, ou por ainda se não usar, ou por alguma outra razão), acor-daram os islenhos de não se apartar daquele lugar, sobre o porto, até ver se saiam, ao outro dia, fora seus contrários.

João Machim e os seus, que mui espantados estavam de como os islenhos os haviam tanto perseguido e posto em extremo de

se perder, se curaram das escalavraduras dos paus e pedras, que tinham recebido, e feridas, como se foram feitas com dardos de ferro, pelo que disse o Machim que bem pareciam paus de ferro e não de madeira e feridas de ferro e não de pau, e que, com razão, lhe chamaria ilha de Ferro, pois como o parecia nas pedras assi o era nos paus e nos gentios dela; e disse mais:— “Tornemo-nos daqui a dar conta a El-rei, meu Senhor, desta ilha do Ferro e levemos-lhe esta peça que nela, com tanto trabalho, ganhamos e far-nos-à mercês.

Outros dizem que disse mais:—“E oferecer-lhe-emos a primeira ilha que se viu com gente e, por testemunha, lhe levarei esta moça tão fermosa que tomei. Pelo que crêem alguns que o Ferro foi a primeira ilha que se descobriu, ainda que não a primeira que se tomou. E assi parece, porque desta vez teve El-rei D. Fernando motivo pera mandar quem as conquistasse todas a um tempo por diversos conquistadores, pois Lançarote e Forteventura couberam aos Sayavedras e Ferreiras, Canária, Tenerife e a Palma a D. Afonso e a D. Luiz de Lugo, seu irmão, o Ferro e a Gomeira aos de Ayala de Xerez e a Machim e a seus companheiros.

Seja como for, o João Machim, estando já curados e descansados do trabalho daquele dia, pesava-lhe de não haver tomado outra moça ou pessoa daqueles islenhos, pera que se apaziguara aquela fermosa moça, e acordou com os mais de sair pela manhã outra vê, a eles e tomar os que pudessem. Mas, como, em amanhecendo, vissem todos os gentios juntos e com grande alarida, entenderam que nenhum deles escaparia se determinassem sair em terra, porque estavam os inimigos em tal lugar, que, com não fazer mais que deitar pedras com os pés, não poderiam subir nem fazer presa; e vendo ser inútil seu propósito, se lhes mudou em que alçassem as velas, elevassem âncoras e fossem à volta de Espanha a dar conta disto a El-rei, como logo fizeram, porque tinham de carnes frescas havida grande cópia, que os que nas naus ficaram, enquanto Machim com os mais andaram lá no encontro do sacrificio, não estiveram ociosos, mas saíram a ver de curiosos a terra e tomaram muito gado cabrum, que mataram e salgaram, com o qual, tendo tempo que lhes serviu, em poucos dias chegaram a Espanha e à corte, onde, sabido por El-rei D. Fernando o que passava e vista a moça que traziam, deu crédito a Machim.

Ao qual mandou com outro capitão, chamado Ayala, com bastante armada, logo no ano seguinte, a esta empresa. E chegando à dita ilha um dia de Santo André, a tempo que os naturais dela também estavam em outro sacrificio, como os espanhóis iam apercebidos e soubessem bem o que haviam de fazer, sem nenhum temor saltaram em terra e, sendo dos islenhos sentidos, se alevantaram, mas como viram tantos, não quiseram pelejar, mandando-lho assi seu rei. E em um instante desapareceram todos, metendo-se em suas covas, donde nenhum saiu aquele dia até o outro, em que saiu El-rei, primeiro, e todos sem paus nem pedras, fazendo sinal com as mãos, umas em cima doutras, de querer paz com os que vinham, principalmente conhecendo a Machim, que dantes tinham visto, na primeira entrada. E El-rei, que antre todos se adiantou, lhe foi dando a mão à maneira de paz e conhecimento, e porque Machim soube da filha seu pai se chamar Ossinissa e outras cousas que dela pôde aprender na língua islenha, por a moça ir tomando em breve a língua espanhola, foi o mesmo Machim também com sua mão tomar a de El-rei, dizendo:—“Ossinissa, tu leyva Nisa (que leyva em islenho ferrenho quere dizer filha e Nisa era o nome próprio da filha) manda por ti”. E como traziam aviso dos nomes das cousas que lhes era necessário tratar, se abraçaram. E logo El-rei se foi fazer o mesmo a D. Diogo d’Ayala, que, por capitão-mor, vinha com Machim pera conquistar outras ilhas, como por ordem de El-rei traziam.

E outros querem dizer que Ayala e Machim vieram três anos depois que a Palma foi ganhada e as outras ilhas, conforme ao que Maria Machim dizia, e João Roiz Ferrenho afirmava que dali a um ano. Mas bem podia este não acertar, pois não sabia de conta ao tempo que foi tomado, ou por ser já muito velho.

Estando El-rei e os capitais assentados em toda paz. Ossinissa fez sinal aos seus que se viessem oferecer aos capitais, o que todos fizeram. E El-rei mandou trazer uns vasos, a modo de pratos de barro (que eles fazem mui lisos, às mãos lavrados, e brunidos com calhaus), cheios de requeijões e natas e de gofio amassado com leite, porque tinham uso de cevada, de que tostada e moída antre pedras, ou pisada e limpa, o faziam a seu modo. E lhes fez presente de tudo isto com grande amor, dizendo a Machim na sua linguagem que comessem ele e o capitão Ayala, ao que respondeu Machim que por seu amor o fariam, e assi comeram de tudo, mandando das naus trazer outras cousas e vestidos pera Ossinissa e muitos

mantimentos, vinho e frutas de Espanha e de todos os mimos que os capitais traziam pera suas pessoas. E desta maneira se irmanaram todos em breve espaço, como se de longo tempo se conheceram, o que bem parece vir ordenado por Deus, que foi servido não se perderem as almas destes islenhos, desta e das mais ilhas, e quis por este meio trazê-los ao grémio da Igreja e a seu conhecimento

Os capitais, pelo regimento que de El-rei levavam, puseram em execução o que convinha. Fizeram logo a igreja do Apóstolo Santo André, assi como puderam. Informou-os Machim pela língua na fé; receberam baptismo e, em quatro meses que estiveram os capitais na terra, fizeram casar sacramentalmente aos que acharam juntos, o que eles admitiram de boa vontade. Dentro em um mês se lhes disse missa na igreja feita e acabada, informados que aquele era o divino e verdadeiro sacrificio. Aceitaram a fé com grande amor e devoção.

Deram-lhe vestidos e calçado, de que El-rei D. Fernando mandou levar muita cópia, com as quais obras os obrigaram tanto, que nem irmãos nem irmãs queriam ver senão aos espanhóis.

E assi acabou de confirmar Ossinissa que Deus lhes mandara aquele bem pera os tirar da gentildade e caminho de perdição, e trazer ao caminho da Verdade. E outras cousas que seria longo processo contá-las. Abasta, em suma, dizer que eles ficaram pera sempre verdadeiros cristãos. Ficaram com eles clérigos e gente espanhola. E todos louvavam a Deus pela mercê que lhes fez.

El-rei ficou como capitão de todos, mas dando a obediência a um irmão de Ayala, que aí ficou com cargo de justiça por El-rei.

E acabando de pôr em ordem todas as cousas, a igreja e duas ou três casas que os espanhóis fizeram, puseram nome à vila, Vila dos Chãos, que lá dizem Ihanos de Santo André da ilha do Ferro, a qual está assentada em um campo ou grotta à maneira de várzea ou fajã, ou vale, onde, de uma e outra parte, tudo são covas em rocha e em terra, feitas as mais delas à mão, tão bem lavradas e repartidas dentro, como umas lógeas bem traçadas.

Parece que quando estes antigamente ali foram deitados, que lhe ficaram instrumentos de ferro com que as fizeram, e não lhe ficando instrumentos de frágua e fogo com que pudessem fazer ferramenta

pera cultivar a terra, consumiu o tempo tudo. E, ainda que tivessem uso de cevada e a colhiam, era lavrada a terra com paus tostados de tea e til, com que recolhiam pera seus gofios o que haviam mister.

Dizem que também das raízes dos feitos e gamões comiam, assadas e cozidas com a carne, mas bebiam leite, porque em toda aquela ilha não há água corrente de fonte, nem ribeira que seja manifesta, nem poço algum, ainda que cavem até o centro; tudo é sequíssimo e estéril, sem nenhuma humidade, e a pouco espaço que cavem, logo dão com a pedra, como na ilha de Santa Maria, quase sua semelhante na aparência da terra e grandura, mas não tão alta no cume como os picos dela.

Ayala e Machim, havendo primeiro corrido e andado toda a ilha, posto que estava cheia de arvoredos e pinhais, especialmente pera a ponta de Santa Luzia, que cai à parte do Sul, ou quase à do Sueste, donde divisaram e viram a ilha da Gomeira, que até li não era achada, e, como lhe pareceu que estava mui perto, dia de Santa Luzia se partiram pera ela, que dista oito ou nove léguas uma da outra, quase Noroeste Sueste. Os quais deixaremos em sua viagem por tornar a particularizar as cousas que há na ilha do Ferro e como os espanhóis e islenhos, até hoje, são os habitantes dela, ainda que não são muitos agora, porque, como foram práticos e caíram em bom uso da razão, logo se deram a ir-se daí a outras partes. Mas parece que jamais se extinguirão até o fim do mundo, porque sempre as covas estão cheias deles, e não fazem casas, senão algumas que se casam com portugueses.

Já tenho dito como esta ilha do Ferro é, pouco mais ou menos, de três léguas e meia, e quanto há do porto à vila, e o nome, sítio e moradas que tem, e como não há fonte em toda ela, nem água alguma, manancial, nem de poço.

Mas Deus, que não deixa ninguém sem remédio, proveu esta terra, e já no tempo dos islenhos, antes de serem conquistados, lhe tinha dado um estranho socorro, não com tanta abundância, como é depois que os espanhóis entraram nela, que o ampliaram, dando o Senhor a indústria. E é desta maneira, afora o que de outras informações disto tenho contado.

Há uma só árvore grande, indo pera a encumeada, não mui longe dela, que está como em uma quebrada em uma fajã pequena, ou

vale sombrio, por estar algum tanto como em uma cova, onde o vento não chega rijo, nem entra, senão manso e brando, pelo que continuamente nesta parte há névoa, e se lhe falta alguma hora do dia, não passa outra que não acuda logo a névoa sobre a grande árvore; a qual, como tenha em si a névoa, logo destila água de si em tanta abundância, que faz ao pé, e ao redor dele, charcos de água, onde os islenhos tinham feito com paus e pedras, cavando a terra, umas covas à maneira de tanques ou poças, em que tomavam aquela água, que bebiam, e da que corria sobeja destas poças davam de beber a seus gados.

Vendo os espanhóis ser este lugar remédio único pera haver água, dispuseram-se a cortar tea e fazer caixas grandes e grossas, como pera lagares, pondo por baixo da árvore alguns destes tanques de madeira, nos quais tomaram e foram tomando tanta água, que lhes abastava a eles e a seus gados. Crescendo depois mais o povo e havendo mais necessidade, usaram os homens de mais indústria e fizeram tudo ao redor da árvore, por baixo, um tanque em quadra tão grande, que levará mais de três mil pipas de água, o qual sempre está com muita, ainda que não cheio; e é tão boa e sã, que a chamam a água santa, e a árvore também santa, a qual está fechada e os meirinhos têm a chave e se reparte por todos, três ou quatro vezes cada somana. É cousa maravilhosa que jamais está vazio. Mas, por causa dos gados ovelhuns e cabrums, que há agora mais que nunca houve, se põem tanta guarda nesta água, ainda que pera tudo sobeja. Bendito o Senhor em todas suas obras, que tão prestadio remédio foi servido dar pera tal necessidade.

A árvore, em que o Senhor pôs este bem tão necessário, dizem alguns não se conhecer de que espécie seja. Um serrador de madeira, ou carpinteiro, que aí foi ter da ilha da Madeira, afirmou ser til, assi na folha como na casca. Ninguém ousa chegar a cortar nela. Tem as folhas estreitas e compridas quase como de pereira, senão que é mui verde e obscura, tanto que é quase preta e mais comprida e não tão lisa; a casca é como a do vinhático e quase parece à do castanheiro. É árvore que se parece muito com o barbusano em sua pretidão e postura, mas não na folha. E se o cerejeiro tivera a folha mais larga e romba da ponta, mui aparente lhe fora, ainda que não na cor preta e verde obscuro que mostra. Finalmente é cousa maravilhosa, querida e dada por Deus, e, como tal, não se compreende nem distingue bem se é certamente til ou não, ou que pau seja, mais que ter maior aparência de til que doutra alguma

árvore.

Seja o Senhor louvado pera sempre universal e gracioso provedor, que, sendo esta ilha, de que trato, por obra natural, estéril de águas e sem refúgio de se poderem haver pera o uso humano, proveu sua divina clemência e sumo poder, por via tão maravilhosa, de tão bastante remédio. Digo via maravilhosa, pois fez uma só árvore, apartada de todas as outras que estão na subida pera o cume da ilha, da parte do Sul ou quase Sueste, atractiva das nuvens e névoas, que, postas em cima, à maneira de cobertura e manto, estilasse de si continuamente água, a mais doce, sã e sabrosa que se tem visto.

Cousa é de admiração e pera, por ela, louvar muito ao Senhor, pois está claro não succeder isto a caso, nem ser tanto obra natural, posto que sejam as árvores atractivas da humidade. Mas como há outras muitas pelo mesmo vale arriba, muito espessas, e não atraem névoa assi particular, como esta, senão quando a serra e encumeada acerta de se toldar toda. Mas esta não assi, senão que o mais do tempo se põem sobre ela a névoa e logo estila água, como todos vêem e de que todos bebem.

Está esta fonte desta árvore da vila de Santo André mais de um quarto de légua. E não edificaram a vila junto dela por não ser lugar disposto e conveniente pera isto. Nem ousaram edificar ali moradas por não ser causa de expel ler aquele bem da nuvem, nem fazem lavouras pela mesma razão, senão já apartado em Santa Luzia e nos Chãos, que eles chamam Ihanos.

O mais de outro vale, do povo pera o mar, à parte do Nordeste, que quase vai a Leste, tem prantado de vinhas. O pão, que mais se dá nesta ilha, é cevada branca muito boa, de que fazem gofio os islenhos, e todos são criadores, liberaes e bons cristãos.

O trato da terra é lãs, queijos, breu, que fazem muito, por ser a maior parte pinhais. Também carregam nela navios de cevada pera Espanha e, às vezes, pera a Palma. Fazem muitas chacinas de gado miúdo. Há muitos porcos, que se criam nos feitosais. Tem a vila mais de cem vizinhos. A Santa Luzia, começam a fazer outra povoação.

Isto é o que desta ilha pude saber em soma.

Do Machim e da filha de El-rei Ossinisso direi na descrição da
Gomeira.

CAPÍTULO VIGÉSIMO

COMO FOI DESCOBERTA E TOMADA A ILHA CHAMADA
GOMEIRA. E DE ALGUMAS COUSAS DELA

A ilha chamada Gomeira (em que tocou Cristóvam Cólón quando no ano de mil quatrocentos e noventa e dois ia descobrir as Índias Ocidentais, ou Antilhas), foi achada e tomada, depois da do Ferro, por Machim e Ayala, capitais, os quais, como a vissem, estando no Ferro dia de Santa Luzia, a souberam bem demarcar. E partidos pera ela, levando-a sempre à vista, chegaram em breve espacho aquele próprio dia à parte do Norte, onde agora chamam S. José.

E chegados com suas três naus, os gentios islenhos, que por ali traziam seus gados, espantados de ver o que nunca viram, se começaram a juntar, chamando e apelidando uns a outros e correndo todos ao mar, crescendo cada vez mais, na dianteira dos quais andava um velho branco, de cabelo comprido, mais ornado de seus tamarcos de peles, o qual pondo-se em um alto de uma ponta, disse o capitão Ayala a João Machim: - “Parece, aquele S. José, que se espantou com os três Reis do Oriente”;-mas não fugiu, senão chegou-se a eles, pelo que ambos estes capitais disseram: - “Se Deus nos deixa tomar esta ilha, aqui se fará uma igreja do Benaventurado S. José”,-como fizeram logo depois da ilha entrada.

Aquele dia se deixaram estar ali ancorados por ser já tarde e o lugar dificultoso de entrar e áspero, ainda que não mui alto, aguardando até o outro, fazendo conta de correrem a costa com alguma barca pera ver onde seria melhor a saída. Vinda a manhã, viram vir ainda mais islenhos sem paus e sem pedras, como os do Ferro, senão com os braços uns sobre outros e pegados uns dos outros, como fazem os framengos quando vão contentes do vinho, pelo que entenderam estes capitais que não eram dados a pelejar, nem tinham com quê, senão que eram pastores de gados cabrums, que viam andar pelas rochas.

Estiveram os islenhos grande espaço olhando pera as naus (era perto de Nossa Senhora da Esperança, antes da festa do Natal) e, começando andar ao longo do mar pelo alto da rocha, da banda de Leste pera a parte do Sueste, D. Diogo de Ayala e João Machim mandaram levar âncoras e, com tempo que lhe servia, foram rodêando a ilha, que redonda se mostrava por todas as partes, senão naquela pequena ponta de S. José e em outra que iam buscar, indo-os seguindo os islenhos por terra, crendo que iam buscar o porto do povoado. E chegando àquela ponta, que é de alta rocha, ainda que

chã por cima, os gentios se ajuntaram muitos mais e, quedos, se puseram a olhar pera as naus que à vela iam correndo a costa com suas bandeiras e estandartes estendidos, tocando seus tambores e trombetas, ao qual som foi tanto gentio islenho junto, que, vendo-os D. Diogo de Ayala, disse:— “Valha-me Nossa Senhora de Guadalupe, e quantos, rogo-vos, Senhora, rogueis a Deus que esta nação se venha a nós em paz e nos recebam sem dano, pera que sejam verdadeiros cristãos, que eu vos prometo de neste lugar, onde agora os vejo juntos, sobre aquela ponta fazer vossa igreja”. E assi foi Deus servido de lhe cumprir seus desejos; e ele cumpriu sua promessa, que logo fez a igreja de Nossa Senhora de Agua de Lupe naquele próprio lugar, depois de entrada a ilha.

E mandando deitar o prumo, achando ser aquela costa limpa, ancoraram; e dali foram com as barcas, vendo pera baixo a costa, até que descobriram um bom porto que tem, onde viram a povoação. E acharam outro porto, qualquer deles disposto pera poder, por ele, entrar na terra.

Viram aquele vale que à borda do mar começava, cheio de palmas mui altas, e um sítio tão deleitoso e gracioso, que os convidava a sair nele logo, sem quererem ir mais abaixo pela parte do Sul, e tornando onde estavam as naus, à ponta de Agua de Lupe (nome que lhe ficou pera sempre), folgaram aquele dia. E vindo a manhã do outro, se moveram pera a povoação que tinham visto.

E chegando ao primeiro porto que, de então, se chama o porto de Nossa Senhora de Bom-passo, nome posto pêlos dois capitais, não por ser bom de passar, senão porque viram tantos islenhos amontoados nele e quedos defronte das naus, disseram: — “Estoutro é bom passo pera rodear a estes; amanhã, que é dia de Nossa Senhora, sairemos por ele, enquanto estes estão embebidos a olhar pera as naus, que já estavam surtas. Por isso lhe ficou este nome. Como também a ilha chamaram Gomeira, por verem aquele vale cheio de palmas altas com seus frutos e dáctiles, e muitos almásticos e alguns dragoeiros, todos correndo goma de si. E outros lhe chamam Gomeira por outra razão, que adiante se dirá, mas não sei se acertam.

Como os capitães, aquela noite, acordaram de sair pelo porto de Bom-passo pera desembarcar, por ser alto sobre todo o vale, onde ficariam senhores dos islenhos e daí veriam se queriam antes paz que guerra e, não querendo, os fariam render por força, pois podia

ser que trouxessem seus surrões cheios de pedras com que podiam receber dano, como o tinham recebido dos mouros de Granada que pouco antes (parece) fora conquistada, tendo este conselho por bom, o puseram por obra.

Começando, pois, os tambores e trombetas ao outro dia muito cedo dar sua alvorada das naus, estando os islenhos pasmados e ocupados em ouvir e ver no outro porto, saíram os espanhóis no do Bom-passo e, subindo por uma íngreme ladeira, se puseram no mais alto daquela subida, onde agora está a ermida de Nossa Senhora da Esperança. Vendo-se ali, determinaram de cometer aos islenhos, pera o que mandaram tocar seus instrumentos de guerra, com que os gentios se alvoraçaram, mas não que buscassem modo de pelejar, inda que muitos eram. Vendo isto os capitais, acordaram de mandar a eles alguns de seus soldados, cobertos de seus escudos e rodelas, e não se sabe se levavam alguns arcabuzes ou se já se usavam, ou iriam com bestas, os quais descendo pelo vale abaixo, que daquela parte era raso, sem árvores, tanto quanto lhe era mandado a tomar os islenhos que pudessem, cada um espanhol levou o seu pelo braço, daqueles que ao vale desceram, sem os sentirem os que estavam na praia, e, quando o sentiram, já eram postos em cobro. E, chegados onde os capitais estavam, se alegrou Machim com eles, entendendo de os entender, cuidando ser sua language a que com a filha de Ossinisso tinha aprendido, chamada Nasci, que depois se chamou Clara, porque em dia de Santa Clara a fizeram cristã, a qual D. Clara foi depois uma insigne mulher, assi em formosura como em virtude e prudência, e querem dizer que o Ayala, que na ilha do Ferro ficou, tornando a Espanha, se casou com ela por amor da grande amizade que com Ossinisso ou Ossinissa, seu pai, tivera e que o pai a viu casada com ele antes de sua morte.

E disto não sei mais, senão que os espanhóis cobraram a ilha da Gomeira aquele dia de Nossa Senhora, e os islenhos se vieram a eles com dansas a seu modo e ofereceram aos capitais seus requeijões, carnes, dáctiles e palmitos, que são os olhos das palmas, pera comer tenros e gostosos. Machim nada entendeu da language destes; senão só por acenos se veio a dar a entender e a entendê-los, principalmente porque traziam alguns islenhos do Ferro pera este fim de serem línguas, mas não se entenderam uns a outros mais que o modo e meneios que se faziam; e quanto ao comer e traje, todo era um, por onde em breve tempo se vieram a entender e consentir que os baptizassem e não deixavam por fazer cousa que vissem ser

aos espanhóis agradável, dando as novas uns aos outros por todas as partes da ilha, que é muito maior que a do Ferro e toda redonda, de nove léguas em circuito; outros dizem que de doze.

Mais adiante do meio da ilha, tomando de Oeste a Leste, e de S. José a Santiago, que é do Norte ao Sueste, tem um vale chamado do Gram Rei, o qual tinha uma filha chamada Aremoga, que em língua islenha quere dizer Gomeira ou Gomeiroga, que é o mesmo que mulher sábia. Esta dizem que, quando soube que outras gentes tinham entrado na ilha, disse a seu pai:— “Deus quere ser com nós outros, mas tu não serás rei; vamo-los a ver por que te honrem e podes lhe dar obediência, porque estes são filhos de Deus”. E logo seu pai e ela vieram como em andas a ver os capitães e naus, avisados de todos os outros reis, que cinco havia na ilha. As andas, em que vinha cada um, eram uns paus tecidos com palmas à maneira de padiolas, senão que tinham quatro braços de cada banda, a qual traziam aos ombros oito daqueles islenhos.

E assi chegaram com esta pompa onde agora chamam Armigua, que era lugar de água, que em sua língua se chamava Angira e os capitães lhe puseram nome Armigua, porque uma grande ribeira de boa água, onde agora estão os moinhos, que aqui vêm de mais adiante um grande espaço, toda se mete por uma caverna da terra, que ali a Natureza criou, e não se vê mais; por isso a chamaram Armigua, como quem diz manilha, ainda que pera isso devera dizer Armilha; pode ser que se corrompeu o vocábulo, ou por outra razão não sabida.

Chegados o Gram Rei e sua filha Aregoma ou Aremoga com todos os seus que os cercavam, postos em terra e saídos da sua maneira de andas, se foram, ele com as mãos estendidas e a filha, com traje mui honesto e alegre rosto, a D. Diogo de Ayala e a Machim, que já os estavam esperando, dos quais foram bem recebidos e festejados com toda música de estromentos e estrondo de tambores e trombetas.

E, mandando estender toalhas e tapetes pera se assentarem naquele prado, se ordenou de comer assi de carne assada da terra como do que vinha nas naus, ao que El-rei e sua filha sucederam com mostras de grande obediência, e, estando os outros quatro reis já juntos, comeram e beberam como viam fazer aos espanhóis, espantados de suas presenças e atavios e som de trombetas e menistris, que, de

indústria, os capitães ordenaram pera melhor e com mais vontade os atrair à polícia cristã.

Acabando de comer, os capitães tomaram antre si o Gram Rei, que era de melhor entendimento que os quatro, e a filha, e fizeram que se vestissem de ricos vestidos que pera este efeito mandaram trazer das naus a este lugar, apartado quase uma légua do porto, sem nenhum pôr dúvida a se vestir e calçar, com o qual os capitães se fizeram amar e obedecer deles e os foram ensinando a entender a língua espanhola, em que os deixaram destros e cristãos em cinco ou seis meses que aí estiveram, e com quatro ou cinco igrejas feitas e todo o necessário pera celebrar nelas. Todo o dito até aqui se soube de D. Fernando de Ayala, irmão de D. Diogo de Ayala, conde que agora é da Gomeira e do Ferro, bisneto do conde primeiro desta ilha, que foi primeiro capitão, de que, ao presente, digo que a descobriu com João Machim. Dizem que viveu muitos anos e foi mui prudente e bem acondicionado e agradável a El-rei D. Fernando, que de pobre fidalgo o fez conde. E este seu bisneto D. Fernando, que agora é conde e casou na Palma, contou isto que de seu bisavô tinha lido e ouvido ao conde D. Afonso, seu pai, que foi o terceiro conde desta ilha, e a outras pessoas.

Foi esta ilha e a do Ferro havidas sem morte nem dano de alguém, que, como disse, dista uma da outra nove léguas. E a Gomeira da Palma outras nove, de terra a terra, e, de porto a porto, doze. E de Tenerife, de terra a terra, cinco e, de porto a porto, onze, demorando-lhe Tenerife a Ies-Nordeste e a Palma ao Norte e a ilha do Ferro ao Noroeste, e ela oposta a todas, ao contrário destes rumos, redonda e alta. Em toda a costa ao redor se apanha urzela, como no Ferro, a melhor que vai a Frandes.

Toda a costa é de uma rocha ruiva, pelada e descoberta de árvores, à banda do Norte e Noroeste, Ieste e Nor-deste, pelas quais partes se dá muito pão, ainda que não tem água, senão uma fonte a S. José, e um areal à entrada da ponta, onde um islenho achou uma vez um tão grande monte de ambre, que pudera fazer ricos a todos os da ilha, se fora pera isso; parece que conheceu mal o que era, crendo, todavia, ser alguma cousa boa, e descobriu-se a quem o disse ao conde D. Afonso de Ayala, pai do que agora é, o qual, como o soube, foi com pessoas de sua casa aonde o ambre estava escondido pelo islenho meio português, dizendo-lhe que era seu, e quase por força lho tomou, que dizem ser mais de um grande quarto

dele. Como o conde o teve em seu poder, trabalhou de contentar ao islenho com afagos e alguma cousa que lhe deu, dizendo-lhe que, se fosse aquilo cousa boa, o faria homem, se se calasse pera que ninguém o sentisse; e descobrindo-lhe o islenho que tinha mais um sacco cheio em sua casa, que levaria indo com ele pera Espanha, o houve o conde à sua mão com cor de ir todo em uma pipa, que diria ser de açúcar, e com todo se foi a Espanha, deixando ao islenho. E lá se aproveitou do âmbar que vendeu por milhares de cruzados, com que pagou grandes dívidas que devia em Sevilha, porque era amigo da corte e tinha muitos filhos, alguns deles bastardos. Sabido isto pelo islenho, foi ter com ele, requerendo-lhe que lhe pagasse, senão que o faria saber ao imperador; pela qual causa satisfez o conde ao pobre islenho, que se contentou com o que lhe deu. Se assi é, como na Gomeira se conta.

Junto desta ponta de S. José há esta fonte, que disse, e uma maneira de parecer porto, onde dificultosamente podem abaiçar ao areal, e não há outro porto nem descida em toda a banda do norte, nem do Noroeste. A Oeste, estão uns pequenos ilhéus de penedia, apartados da ilha no mar, onde também não há caminho por ser rocha talhada. A parte do Sudoeste e à do Sul parece haver fontes e árvores verdes.

Ando, pela parte do norte, do porto de Bom-passo ao de Guadalupe, há mais de légua, e do de Guadalupe ao de S. José há mais de duas léguas e meia, o qual porto de S. José está direito Norte Sul com a brenha da cidade da ilha da Palma oito léguas e meia e Oeste Oeste, com a ponta de Nagua de Tenerife, cinco léguas. Da ponta de S. José à de Arure, que está no meio da ilha, há duas léguas, e de Arure ao porto de Bom-passo, a Oeste, quatro léguas e meia, e outras quatro e meia até o porto de Santiago, que está com a boca ao Sueste e é um dos melhores que há nas ilhas todas; tem este nome por D. Diogo de Ayala fundar ali uma ermida deste apóstolo com pedra branca que ali havia, lavrada por oficiais, que mandou vir de Espanha pera as fortificações da ilha. E depois mandou prantar aquele vale de árvores de espinho e de outras sortes de frutas, que ali se dão muitas e boas, cercadas ao redor de grandes vinhas. Distá do porto da vila quase duas léguas.

De modo que, contando toda a costa com suas pontas e feição da ilha, tem toda em circuito onze léguas e meia e sem estas particularidades tem nove somente, e em diâmetro por todas as

partes três e meia, pouco mais ou menos. Mas ainda que é pequena, dá muitos proveitos de pão, vinho, açúcar, queijos, lãs e chacinhas. E tem mais bestas asnaís esta só que todas as outras, porque há muitos homens que têm, cada um, mais de cinquenta e sessenta asnos. E a um Gaspar Borges, grande artífice de cousas de ferro, que foi aí ter, roubado, cometeu o conde D. Belchior e Almenara, seu governador, um casamento, dizendo que, além dos bois e fazenda de raiz e dinheiro, lhe dariam cinquenta asnos, ao que ele respondeu:—“Se eu tal fizer, seremos cinquenta e um”, pelo que não lhe falaram mais nisso.

É esta ilha da Gomeira mui frutífera. E antre o porto do Bom-passo e o Grande, que é toda a boca de um vale tem uma honrada vila, gande e bem situada, rica e povoada de nobre gente.

O porto de Bom-passo, ainda que é pequeno, se fez porto por terem nele abrigo os navios com o tempo Sul e Sueste, ainda que este com a boca a Tes-Nordeste; mas é abrigo a estes ventos por causa de uma comprida e larga ponta, que da terra, como espigão, sai ao mar, tanto como um tiro de arcabuz do lugar onde está a igreja de Nossa Senhora do Bom-passo, abaixo da qual é tão delgado, ametade, que não há, de um mar a outro, mais grossura que de uma rua, e a outra ametade vai fazendo cabeça e alargando-se mais que uma boa praça redonda, indo torcendo o pescoço sobre o braço esquerdo, com que faz ficar o dito porto de Bom-passo seguro de todos os ventos, porque, como está com a boca pera o Nordeste e, a esta parte, a ilha de Tenerife seja mui alta com a encumeada do pico de Teide e a ponta de Chasna muito baixa, porque do cume pera ela corre muito costa abaixo, por onde não há vento que lhe faça dano, nem pera Deixe, fazem grandes calmarias antre estas duas ilhas nesta parte a todos os ventos, senão ao Norte e Noroeste; pelo que este porto fica abrigado pelo lanço que entra no mar antre estes dois portos na parte que é grosso e largo, é também mui alto, todo de rochedo, com que corta as amarras, e este só dano tem, mas nunca nele se perdeu navio.

Também à banda de Nossa Senhora de Guadalupe faz outra sacada muito grossa ao mar, à maneira de meia rodela, com que abriga um porto e outro do Norte. O porto Grande entra pela terra na boca daquele vale, onde agora é a vila, todo o que é de comprido, o espigão que antre os dois portos está, e bota pela parte do Norte a um forte que se fez depois que Pé de Pau ali foi e acometeu esta

ilha o ano de mil e quinhentos e cinquenta e três, em véspera de S. Pedro ad Vincula, mas não ousou nem a pôde entrar, tão bem se souberam valer e animar os moradores dela, islenhos e não islenhos, como adiante direi. E vai fazendo esta boca uma volta pera a parte do Norte, e pera o Noroeste vai em quadra tanto como o vale é de largo, que será dois tiros de arcabuz.

E faz a ilha, à banda do Sul ou Sueste, outra grande sacada de meia légua ao mar em torno, à maneira de um muro redondo, e pera a serra vai subindo até o cume dela, chamando-se Serro do Camelo por ter no alto uma grande árvore com uma corcova de um braço, com que parece camelo a quem a vê da vila e de outras partes; e logo torna a dar volta pera o Norte e cerra-se arriba do vale com outro Serro de Bom-passo, que vai subindo cada vez mais até se ajuntar com o do Camelo; dali pera baixo é tudo vale chão e espaçoso, onde está a vila quase em redondo, a qual se parte em quatro ruas: a de Pêro Tomei, genro do conde e cunhado do que agora é, a de Samora, a de S. Francisco e a que vai de casa do Conde, por fora da praça, à igreja.

Na praça estão três palmas quase tão altas como a torre de Sevilha, que cansa a vista de olhar sua altura, mas não dão dácilés.

Defronte do porto, no meio do areal, está uma torre de cantaria com seus tiros e mais pera a vila, à parte do mosteiro de S. Francisco, está uma alagoa de água doce, onde há rãs como em Espanha, e mais pera a praça está um poço, que só ele é de água salobre em toda a ilha, de que se provêem os navegantes; e, afora este poço, há mais de cento na vila, que quase todos têm em suas casas de doce e gostosíssima água, a qual afirmam todos ser a ribeira dos moinhos de Armiga que disse se metia por um algar na terra e não se vê mais, sendo muita. Com a qual água dos poços que os moradores fazem em suas casas, cavando somente até duas braças, escusam o serviço de fora. Com uma grande enchente de água de Armiga, que pela mesma ribeira veio, há poucos anos, arreventou na vila, e alagando-a toda, cuidando os moradores ser subvertidos, se acolheram às ladeiras altas do vale e, cessando o ímpeto da ribeira, cessou a água na vila e tornou tudo a seu lugar, como dantes, ainda que se diz ficar a boca aberta da água, que arreventou abaixo da ermida de S. Sebastião.

Outras três palmas estão na horta do espirital, que dão tâmaras e,

segundo dizem, não é tudo uma cousa dáctile e tâmara. E outras palmas há na vila e no mosteiro de S. Francisco.

A igreja principal tem sete piares por banda; é da advocação de Nossa Senhora da Assunção. E há cinco ermidas, em uma das quais, de Nossa Senhora dos Remédios, está uma fermosa, grave e devotíssima imagem de Nossa Senhora, de pincel, que parece penetrar e inflamar em devacão o coração de quem a vê, a qual deu ao Conde e à Condessa um grande senhor que ia por vizo-rei pera as Índias, que lhe não pôde negar, sendo pedida pêlos grandes presentes que deles tinha recebido.

Quando Pé de Pau foi ter a esta ilha da Gomeira, depois de saquear a Palma, ancorou no porto desta vila véspera de S. Pedro Ad Vincula, pondo suas oito naus apartadas umas das outras pera que o tomassem todo, a fim de fazer dano em todo lugar, por então ser mau de defender e não ter fortaleza, como agora tem. Mas os gomeiros souberam mais que ele, porque todos vieram à praia e a Bom-passo, fazendo de noite trincheiras e covas na areia em que se metessem quando disparasse a artilharia, que o dia seguinte todo esteve disparando. E vendo os gomeiros que se deliberava o imigo cometê-los, mandaram, a noite que veio, fora da vila as mulheres e moços e moças, e todas as pessoas que não eram pera pelejar, estar sobre os altos, que cercam o vale, com seus tambores e bandeiras e paus por lanças e arcabuzes, que parecesse vir gente de dentro da terra a defender a entrada do porto, e, entrando com este ardil, antes de sair o Sol, se mostrou uma companhia ao Camelo e outra em outro espigão, ali perto, e outra ao caminho de Armiga; e como Pé de Pau e a gente das naus os viram, parecendo-lhe ser grande número de gente e ser impossível poder entrar na terra, que se defendia melhor que os da Palma, mandaram alçar âncoras e velas, ouvindo os gritos e desafios dos gomeiros que lhe chamavam feios e injuriosos nomes, dizendo que saíssem e não fossem fugindo, que bem aparelhadas lhe tinham as mesas e os mimos. E desta maneira ficou a terra livre, e esteve mais de vinte e quatro anos que franceses tornassem a ela, informados uns de outros da boa gente que tinha.

Mas depois, haverá seis ou sete anos, foi entrada de noite, por má vigia, e o conde e condessa, pela misericórdia de Deus, escaparam sós e quase sem vestidos, e os franceses, a modo de turcos, cativaram os que puderam tomar e saquearam quanto acharam aquela noite e, pela manhã, lhes deram resgate, o qual havido, se foram, sem estar

mais no porto, temendo não lhe viessem os de dentro da terra fazer algum mal, os quais são tão poucos que não há setenta moradores, e os mais dos que tem lá suas fazendas moram na vila, senão os que estão nos engenhos de açúcar, que são três.

Armiga, de que já disse, é um lugar quase uma légua da vila, onde estão os moinhos; há nele até doze vizinhos, todos lavradores, em casas apartadas umas das outras, segundo têm suas fazendas, onde esteve a corte do Grão Rei, pelo que se chama o Vale do Grão Rei; é muito fresco, com uma fresca ribeira de boa água, em que se acham grãos de ouro que o ano de cinquenta e cinco, em Setembro, um mestre Lourenço Florentim, indo por esta ilha pera as Índias de Castela, como era bom apartador, apartou em umas bacias, não de cobre, como se costuma, mas de pau, e tirou grãos que valeram três cruzados.

De Armiga e Benchehigua, nome islenho que quer dizer terra fresca, há perto de meia légua; é também grangeria, onde está um engenho de açúcar dos Samoras; tem terras de pão, como Arure, que cai à parte do Norte, onde há muitos pastos, e à banda do Sul está Chepude com o engenho de açúcar de Preto Meleão, genro do Conde.

Arure em língua islenha quer dizer casa de El-Rei e Chepude terra de palmas, porque légua e meia, que pode haver de Benchehigua a Chepude, tudo são palmares que dão dáctiles e não são as que dão tâmaras. Os dáctiles são como azeitonas pretas, daquela feição e redondos, senão que não são agudos na ponta, de cor lionada, mui gostosos e muitos, por ser tão espesso o palmar, que com trabalho se pode andar antre ele, onde há grande cópia de veados, que não tem nenhuma das outras ilhas, multiplicados de dois pares deles que de Espanha mandou trazer o Conde D. Afonso de Ayala por sua recreação, vendo este lugar disposto pera esta criação. O ano de mil e quinhentos e cinquenta e cinco, no princípio de Novembro, foi a esta caça o Marquês de Canhete, que ia por viso-rei às Índias a Peru, com dois seus filhos e outros muitos fidalgos, sendo conde D. Belchior, que aquele ano era entrado na terra, e os levou a este Chepude e mataram três cervos que, com grande festa e som de estromentos, levaram abertos e atravessados em azêmalas com dois porcos do monte à vila. E a Rure foram à caça de perdizes, de que há muitas da banda do Norte, que é rasa e descoberta, com algum mato baixo e verde.

Está Rure de Benchehigua meia légua. Dali às rochas e costa, passando uma serreta sem árvores altas, senão palmitos, da parte do Norte e Noroeste, há mais de meia légua.

Os outros palmares de Chepude são mui grandes; estendem-se, pera a banda do Sul, quase até o vale de Santiago. Têm mais proveito estas palmas de dáctiles, que dando-lhes um golpe no meio do tronco, estilam por ele licor, de que usam como vinho tão agradável ao gosto, que se bebe bem, e há tavernas dele. E pera melhor o aproveitarem, põem um canal desde a ferida da palma até à boca de qualquer vasilha que querem encher e, tirado dali, não há mister mais artifício senão bebê-lo.

Nesta parte se mostra a terra mais comprida e larga que em todo o mais dela. E de Benchehigua, Chepudé e Arure será à vila quase duas léguas. De Benchehigua, indo por baixo de Armiga, há vinhas que dão bons vinhos. E passando uma tresposta, onde nasce a água de Armiga, que faz uma volta à parte do Norte e se junta com outra, que vai por detrás de Arure, se mostram grandes rochedos, em que se acha muita urzela, que dizem ser a melhor do Mundo.

Atravessando esta baixa serra cheia de palmas e outras árvores, no baixo dela começa o vale do Grão Rei, donde aparece da outra parte do Norte uma quebrada de areia de cor dourada, da qual, por conselho de alguns que por ali passavam pera as Indias, mandou o Conde D. Afonso um sacco, de que se fizeram ensaes em Sevilla e não se tiraram dois cruzados de ouro, fazendo quase o mesmo de custo, por ser fraca a influênciã que deu naquella areia, que procede daquella serreta, como mineral, e enche todo aquele vale do Grão Rei, como em Gram Canária o Confeitãl, que também é mineral e daquellas pedras miúdas, da grandura, cor e feição de confeitos, com que se enganam muitos.

E assi cantam os islenhos da Gomeira uma endecha: Anna Sanchez, Anna Sanchez, flor del valle del Gran Rey, deseo tengo de cogerte, mas más saludad tengo de verte, flor del valle, del valletete, flor del valle del Gran Rey.

E dobrando-a muitas vezes com grande sentimento, dizem que a cantam pela filha do Gran Rei, chamada Aregoma ou Aremoga, a qual depois, quando se tornou cristã, por ser informada que Santa Ana foi mãe da Virgem Nossa Senhora, Mãe de Deus, disse que

se chamaria ela Ana, e assi se chamou, e seu pai D. Sancho, de que ela tomou Sanchez por sobrenome, pelo que os islenhos cantam a dita endecha ou cantar soidoso, com saudade dela que quis ir morrer a Espanha e ver donde saíram os homens filhos de Deus, que lhe foram causa de tanto bem. E dizem que, sendo esta donzela mui formosa, nunca quis casar e que na corte da Rainha D. Isabel morreu benaventuradamente.

Tornando ao vale do Gram Rei, é de largo um quarto de légua e estendendo-se de comprido até o mar mais de meia, pera a parte do Sul, e todo é frutífero e se dão nele canas de açúcar, que se podem regar com duas fontes que tem, uma a um lado, outra ao outro, as quais se moem em um engenho que está nele. Tem também terras de pão e de pastos, onde residem muitos criadores. Há nas faldas destas serras, à parte de Noroeste e Oeste, muita caça de cervos e perdizes; os coelhos são tantos que com paus os matam, e também se acham porcos javaris. Há também romãs e cidras e fruta de espinho em todo aquele sítio pera a parte do mar. Dista este vale do Gram Rei três léguas e meia da vila. Pelas outras partes pera Oeste e Norte são palmares de palmitos e alguns pinhos. Dizem que Paulo Jaymes, rico vizinho da vila, fez um engenho de açúcar antre Benchehigua e este vale do Gram Rei, do qual vale até o cabo da ilha haverá légua e meia, com que vem justa a conta das doze léguas que tem esta ilha de comprido e quatro de largo, de figura mais ovada que redonda.

E é tão rica de mantimentos, que de sua fertilidade procedem, que não se sabe ilha tão pequena, tal como esta da Gomeira. O que se vê bem claro nisto que agora direi: Pois no mês de Outubro do ano de mil e quinhentos e cinquenta e quatro, véspera de S. Lucas, chegando a ela a frota de Espanha, que eram sessenta naus e cinco galeões de armada, que Pêro Meledez levava, e estando dezoito dias surtos no porto, já dito, da vila da Gomeira, sem terem tempo pera a viagem, e sendo tanta a gente espanhola que em terra saia cada dia, que nem nas ruas, nem nas praças, nem no porto cabiam, e tudo era cheio, não lhes faltou pão, vinho, carnes, leitões, cabritos, aves, caça, leite, queijos, frutas e todo refresco, em tanta abundância todos os dezoito dias que esteve surta a frota, que tudo sobejava e não faltava. E nem em Sevilha se pudera achar tanto e em preços tão comuns, porque um castrado mui bom não custava mais de dois, três reales, os queijos a quatro e cinco reales, como contínuo se vendem, o arrátel de pão a doze reis, como antes se comia, os ovos

a dois reis, as galinhas a três reales e todos os mantimentos, nos mesmos preços que na terra tinham, se vendiam, sem exceder o modo e não como em outras partes, onde se usa com os estrangeiros de muita crueza, não sei se contra caridade vendendo o gato por lebre, e o mesmo parece que fariam com grande desumanidade, se pudessem vender a água por vinho, as pedras por pão e a terra por fruta. Cuido eu que, se aos que hoje estão no Inferno fora concedido vir ao Mundo, foram boas testemunhas desta verdade.

Mas tornando ao que ia dizendo, não faltou também naqueles dezoito dias aos espanhóis naquela fértil ilha de doze léguas de terra açúcar, conservas, em tanta abundância que levavam, o mel de abelhas, as candeias, cevo e cera, legumes, a cevada com os moinhos, em que fazem gofio, de que o Vice-rei, e seus filhos e os fidalgos, que com ele iam, foi mui satisfeito de como é manjar tão são, amassada aquela farinha de cevada com mel e azeite, que nutre, alimpa e engorda e causa muita força e ligeireza, de que levaram grande cópia, e carneiros, patos, galipavos, não fazendo continuamente senão embarcar e gastar, sem alevantar nenhuma cousa a maiores valias, até que se partiu pera as Indias o Viso-rei, mui alegre e contente, com todos os seus, a três de Novembro do dito ano.

Há também na costa desta ilha Gomeira muito e bom marisco, e cranquejos de duas maneiras, como são os que chamam mouros e judeus, burgaus, ameixas e cracas, como têm todas as outras ilhas Canárias; assi como tem também gados, queijos, lãs, mel, cera, açúcar, e conservas de todas as coisas que se podem fazer, até de gamões, ou gamonilha, que por outro nome se chama raiz de abrotia, e conserva do nabo do feito, que chamam denteabrum, do qual nabo moído também fazem pão e o cozem com leite. Isto é o que há nas quatro ilhas, Gram Canária, Tenerife, a Palma e esta da Gomeira, mas Lançarote, Forteventura e a Ferro, por sua esterilidade, não dão açúcar, nem entram com estas na fertilidade, e em todo o mais são quase semelhantes. E na Gomeira há caracóis, que não há em nenhuma das outras. E ela e a Palma só têm batatas mui extremadas e boas. E em todas estas ilhas há muito pescado, afora o que a elas vem da pescaria, de que ali há grande escala.

A ilha de Gram Canária e a de Tenerife e a da Palma são de Sua Majestade e por ele está a justiça. A ilha de Lançarote e Forteventura são do Conde D. Agostinho de Ferreira, que agora é Marquês de Lançarote e Senhor de Forteventura, e as ilhas

da Gomeira e do Ferro dizem que são do Conde D. Diogo de Ayala.

CAPÍTULO VIGÉSIMO PRIMEIRO

EM QUE BREVEMENTE CONTA A VERDADE O QUE PÔDE SABER
DO DESCOBRIMENTO DAS ILHAS DO CABO VERDE

Como atrás já tenho dito, quatrocentos e quarenta anos antes da Encarnação de Cristo Nosso Senhor, um Hannon, capitão cartaginense, partiu de Andaluzia com sua armada contra a costa de Africa e Guiné. E dizem que este foi o primeiro que neste caminho e jornada descobriu as Canárias e, além delas, outras que agora chamam do Cabo Verde, mas não ficaram suas, porque não teve mais que de passada a vista delas.

Outros dizem que no ano de mil e quatrocentos e quarenta e seis depois do nascimento de Nosso Senhor um escudeiro de El-rei D. João, e outros dizem que de El-rei D. Afonso, quinto do nome, e de ambos podia ser em diversos tempos, que se chamava Diniz Fernandes, morador em Lisboa, movido por favores e mercês que lhe o Infante D. Henrique fez por ser homem abastado e de honrados feitos, armou um navio pera ir ao descobrimento da costa de Africa, propondo de passar o termo aonde os outros capitães tinham chegado e, passando o reino Canaga, que está em quinze graus e meio de altura da parte do Norte e estrema os mouros dos jalofos, tomou uma almadia de quatro negros (que foram os primeiros que vieram ao reino de Portugal), passou avante até chegar a um notável cabo que a terra de Africa lança contra o ponente, ao qual ele chamou Cabo Verde, por causa da mostra e parecer com que, então, se mostrou (o qual cabo e nome é ao presente dos mais notáveis e celebrados que temos neste oceano occidental, que está em catorze graus e um terço da mesma parte) e não prossequindo mais adiante pêlos temporais que na volta dele corriam, saiu em uma ilha que está pegada nele e, fazendo ali muita matança em muitas cabras, se tornou ao remo, onde, pela novidade da terra que descobriu e negros que trazia, lhe fez o Infante muita honra e mercê.

E no ano de mil e quatrocentos e sessenta e dois vieram ao reino de Portugal três genoeses, pessoas nobres: o primeiro deles era António de Nole, e um seu irmão e sobrinho, cada um em seu navio, os quais pediram licença ao Infante D. Henrique pera descobrir as ilhas do Cabo Verde, e ele a deu. Alguns querem dizer que fossem aquelas que os antigos chamavam Gorgonas, Hespéridas e Orçadas. Mas eles lhe puseram o nome: a Maia, Santiago, S. Filipe, pelas acharem em seu dia. Outros lhe chamam as ilhas de Antão ou de António, e este nome que tem de ilha de António e o mais verdadeiro, porque, quando se foram povoar, o genoês deste nome, dito António de Nole, teve uma quinta ao pé de um pico muito alto que há na ilha de Santiago, donde lhe puseram o pico de

António, derivado do nome do possuidor, assi chamado.

E João de Barros diz que António de Nole achou a ilha de Santiago e João Baptista, francês, a ilha de Maio.

Mas o que por mais certo tenho destas ilhas do Cabo Verde é o que diz o docto e grave cronista Damião de Gois no oitavo capítulo da Crónica do Príncipe D. João, rei que foi destes reinos, segundo do nome, cujas palavras são estas—“No ano de mil e quatrocentos e quarenta e quatro mandou o Infante um Vicente de Lagos a descobrir, em cuja companhia foi um gentil-homem veneziano, por nome Luiz de Cadamusto, muito curioso de ver mundo, o qual Vicente de Lagos navegou até o rio de Cambra. Este Luiz de Cadamusto diz em um itinerário, que fez, que já neste tempo o Infante mandara fazer o castelo de Arguim e que, seguindo sua viagem, acharam no dito lugar muitos officiais que trabalhavam naquella obra, que é bem ao contrário do que dizem algumas pessoas que destas navegações escreveram, afirmando que no ano de mil e quatrocentos e sessenta e um mandou El-rei D. Afonso fazer este castelo por um Sueiro Mendes, fidalgo de sua casa, morador em Evora; mas parece que seria mais mandá-lo acabar que começar de novo, pois o Infante foi o autor da tal obra. No qual tempo, diz Luiz de Cadamusto que os nossos tinham navegado até o rio de Senega, a que os da terra chamam Sonedech, e que havia já um ano que o Cabo Verde era descoberto, que é também contra a opinião destes mesmos que dizem que o Cabo Verde foi primeiramente descoberto no ano de mil e quatrocentos e quarenta e cinco por um Diniz Fernandes, Escudeiro de El-rei D. João primeiro, e que nesta paragem tomou em uma almadia alguns negros, que consigo trouxe, e que foram os primeiros que vieram a Portugal; do que se mostra manifestamente que, se o Cabo Verde foi descoberto por este Diniz Fernandes, que seria no ano de mil e quatrocentos e quarenta e três, porque neste e nos de mil e quatrocentos e quarenta e quatro e de mil e quatrocentos e quarenta e cinco seguintes já no reino havia muitos negros, que os que iam descobrir consigo trouxeram. Este Vicente de Lagos, com quem ia Luiz de Cadamusto, navegando pera o rio de Gembra, se encontrou com um gentil-homem genoês, por nome Antonieto de Nole, que, com licença do Infante, ia também descobrir, e ambos juntos chegaram ao dito rio e dali, sem mais passarem adiante, se vieram pera o reino, os quais, com licença do Infante, tornaram a fazer viagem no ano seguinte de mil e quatrocentos e quarenta e cinco em uma

nau, que lhes mandou armar em Lagos, e, desta vez, descobriram estes gentis-homens as ilhas do Cabo Verde no mesmo ano de mil e quatrocentos e quarenta e cinco, e não de mil e quatrocentos e sessenta e um, como também alguns erradamente cuidam, porque no ano de mil e quatrocentos e sessenta, depois do falecimento do Infante D. Henrique, fez El-rei D. Afonso quinto doação delas e das Terceiras ao Infante D. Fernando, seu irmão. As quais ilhas do Cabo Verde estes dois gentis-homens chegaram do dia que partiram do reino a dezasseis dias e, à primeira, que viram, puseram nome Boavista, e à outra Santiago e S. Filipe, por chegarem a ela o primeiro dia de Maio, em que cai a festa destes santos, e à terceira, a que foram, puseram o nome de Maio por lembrança do mês e dia em que as descobriram. Destas ilhas foram ter ao Rio Rha, a quem nós chamamos de Caramansa, nome que lhe deram porque o senhor daquela terra se chamava assi, donde navegaram até o Cabo Vermelho, do qual se fizeram à vela pera o reino. Estas ilhas são por todas onze, e em uma doação que El-rei D. João segundo fez delas no ano de mil e quatrocentos e oitenta e nove a D. Emanuel, Duque de Beja e de Viseu, que depois foi rei mui próspero e felice destes reinos, se chamam, por ordem a primeira Santiago, as outras de Maio, S. Cristóvão, do Sal, ilha Brava, S. Nicolau. S. Vicente. Rasa Branca, Santa Luzia e Santo António”.

Até aqui são palavras do cronista e, antes que trate, brevemente alguma cousa delas, direi como estão arrumadas.

Do Cabo Verde, que está em catorze graus e um terço, (que Ptolomeu chama Asinario Promontório) à ilha de Santiago, que está Leste Oeste com ele, há noventa e cinco léguas. A ilha de Maio está logo ao longo dela doze léguas a Leste. E a ilha do Fogo a treze léguas e meia pera o Sul da ilha de Santiago e na mesma altura dela, em catorze graus e meio (dizem alguns que estas três ilhas se acharam em um mesmo dia, que foi o primeiro de Maio, e por isso se chamou a primeira ilha de Maio ou Maia, e a segunda de Santiago, e a terceira, que é a do Fogo, ilha de S. Filipe, por caírem estes dois santos no primeiro dia de Maio). E logo a ilha Brava está, Leste Oeste com ela, cinco léguas da mesma ilha do Fogo, e vinte da ilha de Santiago, da banda de Oeste. Antre a ilha de Maio está uma baixa, que se chama a baixa de Boavista, treze léguas dela, e de Boavista cinco, em quinze graus e meio. A ilha chamada Boavista está, em dezasseis graus menos um quarto,

dezoito léguas da ilha de Santiago, Nordeste Sueste com ela, que é ao Nordeste dela. A ilha do Sal está ao Norte de Boavista, Norte e Sul com ela, dez léguas, em dezasseis graus e dois terços. E quem for ao redor de Boavista guarde-se dela, que tem baixos ruins antre ela e a ilha do Sal, e pela banda de Leste. E da ilha do Sal à de Santiago há trinta léguas.

A balravento destas ilhas, a Loeste delas, estão quatro ilhas. A primeira se chama S. Nicolau, apartada de Santiago trinta léguas, e está em dezassete graus. E logo a Loeste da de S. Nicolau seis léguas está a segunda, que se chama Santa Luzia, em dezassete graus e um terço. E da banda do Sul dela e da de S. Nicolau, estão dois ilhéus de muito peixe, onde fazem pescaria os navios que vão pera o Brasil e S. Tomé. Também, a loeste de Santa Luzia está outra ilha, que chamam de S. Vicente, em distância de cinco léguas dela, em dezassete graus e meio esforçados. E a Loeste de S. Vicente está a ilha de Santo Antão, que é muito viçosa de muitas águas, frutas e gado, em dezoito graus menos um quarto. E todas estas ilhas, chamadas de Balravento, têm os canais antre umas e outras tão limpos, que podem por eles passar naus mui grandes seguramente, sem ter de que se guardar senão do que virem. E quem partir da ilha de Santiago a Leste, à quarta do Nordeste, dará em uma baixa que está, em treze graus e meio, noventa léguas dela. Finalmente, estão todas estas ilhas do Cabo Verde arrumadas de catorze graus e meio até dezoito.

A ilha de Santiago é a metrópolis e cabeça principal do bispado de todas as ilhas do Cabo Verde e está em quinze graus e meio, e outras cartas têm catorze e meio da parte do Norte. E de dezoito léguas; tem a compridão de Norte a Sul; a cidade se chama Santiago, e daí tomou o nome toda a ilha, ou a cidade tomou o nome da ilha. Será a cidade de duzentos vizinhos, pelo meio da qual corre uma ribeira. Ali reside o bispo dela e de todas as outras: a de Santo Antão e de S. Nicolau, a da Maia, a de Santa Luzia, a ilha do Sal, que tem muitas marinhas onde carregam muitos navios de sal, a ilha do Fogo.

A ilha de Santiago dá muito açúcar, e fazem-se nela muito boas conservas, ainda que nada disto chega ao da ilha da Madeira. E tem muitas palmeiras, que dão cocos, e muitos algodoais, que são árvores tão grandes como macieiras, que deitam uns bugalhos, donde se cria e sai o algodão, dos quais, abertos, o tiram. E duram estas

árvores e este fruto três e quatro anos depois de semeadas. Tem muitas bananeiras que dão uns figos da feição de pepinos, que se chamam bananas, que são como pepinos verdes e tortos, e partido aquele figo ou banana em talhadas ao través, em cada talhada se vê matizada a figura do crucifixo ou cruz, pelo que dizem os naturais da terra e moradores dela que aquele é o fruto vedado do Paraíso Terreal. Não dá trigo esta terra, senão muito milho branco e grado, de maçaroca, e tanto, que carregam dele navios pera muitas partes. E também dá outro milho miúdo. Tem muita fruta de espinho e outras frutas: peras, figos, melões, uvas, que duram todo ano, em que se acham sempre maduras, e outras em agraço, e outras que começam a cernir e a alimpar.

Há muitos bugios, galipavos, galinhas de Guiné e outras galinhas mansas. Tem feijões e abóboras de muitas maneiras.

Antre outras cousas notáveis, que tem, há nela muitos gatos de algália os quais destroem e comem as galinhas e galipavos que na terra se criam. E há também muitos bugios que, a tempos, são achados pelejarem uns com os outros em campo, de banda a banda, como se fora gente, e capitanearem-se, andando em bandos, e fazendo cada bando deles seu capitão particular que os governe e reja, a quem, como gente racional, obedecem; na peleja fazem grandes ladridos, como cães, que, propriamente, são chirreados, e às vezes pelejam com paus, que do mato colhem ou nele acham cortados ou quebrados, e também, mordendo-se uns a outros, fazem antre si grandes batalhas, e algumas vezes se acham exércitos deles de mil e mil e quinhentos, e quinhentos e quatrocentos duma banda pelejando com o contrabando de outros tantos. São ladrões, e o que peor é e mais de notar, que, se alguns vão furtar ou comer nas árvores a fruta que é seu mantimento, outros ficam vigiando como atalaias e, se vem gente, bradam pera que os outros fujam e, se se descuidam as atalaias de os avisar e bradar com tempo, eles mesmos os matam.

A ilha de S. Filipe, que (como já disse) por outro nome se chama a ilha do Fogo, por ter um altíssimo pico, que sempre arde e deita fogo de dia e de noite, que, do plano da água do mar até o cume dele, imaginando uma linha direita, poderá ter três léguas de alto e vomita grandíssimos fogos de continuo e às vezes deita grandes ribeiras de fogo e todas se convertem, depois de resfriadas, em cinza e pedra pomes e vão ter ao mar. Dizem que se acha ser este pico maior que outro que há nas Índias de Castela e outro que há

em Maluco, na Índia de Portugal, e que outro de Sicília. Quis nomear estes vulcões, porque são nomeados por todo o Mundo e não se acham outros, até agora, tão contínuos e furiosos; e declaro que este do Cabo Verde, chamado S. Filipe, se é de noite e está o tempo sereno, deita tão grande fogo no cume que se parece a catorze e quinze léguas ao mar, e se é de dia e está o tempo sereno e o céu limpo, ver-se-á o fumo e a grande nuvem, que faz, a vinte léguas e de vantagem.

E é de saber que depois de se acharem estas duas ilhas, Santiago, que é a principal, e S. Filipe, que é a ilha do Fogo, dali a sete anos, se descobriu outra ilha, que chamam a Brava, que distava da ilha de S. Filipe sete léguas.

E pelo tempo em diante se descobriram, da mesma altura de Santiago, que (como disse) está em quinze graus e meio até dezoite graus ao Nordeste e ao Noroeste da mesma ilha de Santiago, as ilhas seguintes, Santo Antão, que é uma ilha maior que a ilha Terceira, cujo senhor é agora um fidalgo de Evora, chamado Gonçalo de Sousa, genro de Bernardim de Távora, reposteiro-mor. Está mais S. Vicente, que tem mais terra que a ilha do Faial, que é do Conde de Portalegre, mordomo-mor de El-rei. Nesta ilha há muitos corvos brancos e muitos pretos e infinitas pombas e muitos lagartos verdes que as comem. Há diversos géneros de aves, como rolas e adens e doutras maneiras. Cria muito gado cabrum. E estas mesmas cousas tem a ilha de Santiago, acima nomeada. Há mais outra ilha. por nome Santa Luzia, tamanha e de vantagem como a ilha Terceira; esta ilha foi primeiro de D. Martinho Castelo Branco, e agora de seus herdeiros, e com ela a ilha Brava, que é como a ilha Graciosa; cria muito gado cabrum; sai nela muito âmbar. Está mais S. Nicolau, que é uma ilha grande, de mui altas serras; é do Conde de Portalegre; cria muito gado cabrum e vacum; tem muitas árvores de espinho, como laranjeiras e cidreiras, e muitos arvoredos estrangeiros, e tem muito âmbar. Há também uma ilha, que chamam a do Sal, e outra de Boavista; dizem que foram de D. Martinho, acima nomeado, e agora de seus herdeiros. Criam muito gado cabrum e asnos, e têm muito âmbar.

Todas estas ilhas são muito sadias e têm muitos ares frescos nortes e nordestes. Dão todas as frutas que há em Portugal e maravilhosíssima hortaliça. Todo o pescado delas é muito sadio. Dão infinitísimos algodões e não tendo trigo, por estarem na zona

tórrida e serem ilhas, dão todo o género de legumes de que a gente se sustenta. Criam muitos cavalos mui ligeiros e muitas éguas e mulas e asnos, e infinitas vacarias. Somente na ilha de Santiago, que é cabeça, há muito ruim pescado, de que às vezes se causam algumas esquinências; e, pera concluir, toda a infâmia que há destas ilhas serem doentes e muito enfermas é falsa, porque os homens regrados no comer e no beber, tendo castidade, vivem muito nelas e, sendo luxuriosos, morrem a poder de câmaras e de sangue.

Pela ilha de Santiago vão as naus de Espanha pera as índias de Castela e as de Portugal pera Angola, pera Guiné e para Congo, como também, à tornada, vêm deferir à ilha Terceira.

Nestas ilhas do Cabo Verde não chove em todo ano mais que em quatro meses, Junho, Julho, Agosto, Setembro, e em todo o mais tempo do ano de nenhuma maneira há chuva, em tanto que, se puserem uma folha de papel ao sereno, não a molhará, nem humedecerá, e poderão escrever nele, e em todos os oito meses, tirando os quatro ditos, se se deita alguém no campo a dormir de noite, não há sereno nem orvalho que lhe faça nojo, porque o não há aí.

E assi ficaram estas ilhas do Cabo Verde de Portugal, por as primeiras e mais principais delas serem primeiro descobertas por estes três nobres genoeses que tenho dito, por licença e mandado do dito Infante D. Henrique, e as outras depois por portugueses.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SEGUNDO

EM QUE A VERDADE, RESPONDENDO À SEGUNDA PERGUNTA,
CONTA O DESCOBRIMENTO DAS ANTILHAS, QUE AGORA SE
CHAMAM ÍNDIAS OCIDENTAIS. E COMO OS REIS DE CASTELA
AS POSSUEM, DECLARANDO A LINHA DA REPARTIÇÃO DA
CONQUISTA ANTRE ELES E OS REIS DE PORTUGAL

Quanto ao que das Antilhas ou Índias de Castela duvidais, por esta regra, que já disse, de conceder o lugar a quem primeiro o ocupa, e pode ser também por alguma confirmação do Padre Santo, que eu não alcancei ver nem saber, toda esta conquista do mar oceano descobriu e possuiu o Infante D. Henrique, que mandou descobrir estas ilhas dos Açores e por seu falecimento se diz que a deixou à Coroa Real de Portugal, como ao tronco donde ele descendia, a qual tiveram estes reis alguns anos, até que em tempo de El-rei D. João, segundo do nome, se antremeteu um Cristóvam Cólón e quis fazer outra navegação diferente daquela, não ao longo da costa da terra firme, mas desviando-se pelo espaçoso mar do ponente, ao qual El-rei não quis dar crédito nem ouvidos, que foi causa de se dividir e partir esta conquista, como agora contarei.

Um homem de nação italiano, genoês, chamado Cristóvam Cólón, natural de Cugurco, ou Narvi, aldeia de Génoa, de poucas casas, avisado e prático na arte da navegação, vindo de sua terra à ilha da Madeira, se casou nela, vivendo ali de fazer cartas de marear. Aonde, antes do ano de mil e quatrocentos e oitenta e seis, veio aportar uma nau biscainha, ou (segundo outros) andalusa, ou portuguesa, havendo com tormentas e tempos contrários descoberto parte das terras que agora chamamos Índias Ocidentais ou Novo Mundo. O piloto, cujo nome se não sabe, nem de que nação era (sòmente têm alguns que era português e carpinteiro), e três ou quatro companheiros, que com ele vinham, sem ninguém saber até agora que viagem levavam, senão somente que andavam pelo mar oceano do ponente, tendo um tempo rijo e tormenta grande, a qual os levou perdidos pela profundidade e largura do espaçoso mar até os pôr fora de toda conversação e notícia que os experimentados marinheiros e sábios pilotos sabiam e alcançavam por ciência e longa experiência, onde viram pelos olhos terras nunca vistas nem ouvidas. Com a mesma tormenta que os levou a vê-las, ou com outra contrária, se tornaram pera Espanha, tão perdidos e destroçados, que, de muitos marinheiros que deviam ser, somente escapou o piloto que digo, com três ou quatro companheiros, os quais, chegando à ilha da Madeira, onde Cristóvam Cólón morava, acaso se agasalharam e pousaram em sua casa, onde foram bem hospedados; mas não aproveitou isso pera poderem cobrar forças e saúde, porque vinham tão perdidos e destroçados, tão pobres e famintos, tão fracos e enfermos, que não puderam escapar com a vida, não tardando em morrer. E, não tendo o piloto na morte outra cousa melhor que deixar a seu hóspede, em pago da boa obra (que, ainda que feita a pobre gente,

não perde seu prêmio, antes, a quanto maior pobre se faz, alcança maior galardão) deu-lhe certos papéis e cartas de marear e relação mui particular do que em aquele naufrágio tinha visto e entendido. Recebeu isto Cristóvam Cólón de mui boa vontade, porque seu principal ofício era tratar em cousas do mar e fazia muito a caso de sua arte o aviso deste piloto e de seus companheiros. Mortos eles, começou Cristóvam Cólón a levantar os pensamentos e a imaginar que, se por ventura ele descobrisse aquelas novas terras, não era possível senão que nelas acharia grandes riquezas e que seria pera ele cousa de muita honra e proveitosa. E pera ver se levavam caminho suas imaginações, comunicou seu negócio com Frei João Perez de Marchena, do mosteiro da Arrábida, bom cosmógrafo, o qual (parecendo-lhe que não ia fora de caminho) lhe aconselhou que não deixasse de procurar esta navegação, que não podia ser senão de proveito e honra juntamente. Desta maneira contam isto os escritores castelhanos.

Mas João de Barros, docto e curioso inquiridor das verdades, dá outras razões que moveram a Cristóvam Cólón, dizendo que era homem experto, eloquente e bom latino e mui glorioso em seus negócios. E, como naquele tempo os genoeses eram os que dos italianos mais navegavam, por razão de suas mercadorias e comércios, este Cólón, seguindo o uso de sua pátria e sua própria inclinação, andou navegando pelo mar de Levante tanto tempo, té que veio às partes de Espanha e deu-se à navegação do mar oceano, seguindo a ordem de vida que dantes tinha. E vendo ele que El-rei D. João não cessava de mandar descobrir a costa de Africa com tenção de per ela ir à India, como era homem latino, curioso em as cousas da geografia, e lia por Marco Paulo, que falava modernamente das cousas orientais do Regno Cataio e assi da grande ilha Cipango, veio a fantasiar que por este mar oceano occidental se podia navegar tanto, té que fossem dar nesta ilha Cipango e em outras terras incógnitas, porque, como no tempo do Infante D. Henrique se descobriram estas ilhas dos Açores e tanta parte da terra de Africa nunca sabida nem cuidada dos espanhóis, assi poderia, mais ao ponente, haver outras ilhas e terras. Com as quais imaginações, que lhe deu a continuação do navegar e prática dos homens desta profissão, que havia no regno de Portugal mui expertos com os descobrimentos passados, veio a querer ter requerimentos com os reis, que, pois ele não podia, lhe dessem navios pera ir descobrir a ilha Cipango por este mar occidental, não confiando tanto em o que tinha sabido (ou por melhor dizer sonhado) dalgumas ilhas

ocidentais, como querem dizer alguns escritores de Castela, quanto em a experiência que tinha em estes negócios serem acreditados os estrangeiros. Assi como António de Nole, seu natural, o qual tinha descoberto a ilha de Santiago, de que seus sucessores tinham parte da capitania, e um João Baptista, francês de nação, tinha a ilha de Maio, e Jós Dufra framengo. outra do Faial. E per esta maneira, ainda que mais não achasse que alguma ilha erma, segundo logo eram mandadas povoar, ela bastava pera satisfazer a despesa que com ele fizessem. Esta é a mais certa causa de sua empresa, que algumas fic-ções que (como ele disse) dizem escritores de Castela.

E Hierónimo Cardano, médico milanês, diz em o livro que compôs “De Sapiencia” que a causa de Cólón tomar esta empresa foi um dito de Aristóteles, que no mar oceano além de Africa havia terra, pera a qual navegavam os cartaginenses, e por decreto público foi defeso que ninguém navegasse pera lá, por que, com a abastança e molícias dela, se não apartassem das cousas da guerra.

Era Cristóvam Cólón animoso e de altos pensamentos, mas pobre e sem cabedal bastante pera cometer uma cousa de tanta dúvida e custo, pelo qual cuidou que seria bom pedir favor de algum príncipe cristão. E como naquele tempo El-rei de Portugal, D. João, o segundo do nome, estava ocupado em a conquista tão dificultosa e custosa da India e El-rei D. Fernando de Castela na guerra de Granada, determinou de se ir a Ingraterra a El-rei Henrique sétimo. Por não perder tempo mandou lá a Bartolomeu Cólón, seu irmão, e como não achou a entrada que quisera, tornou-se sem negociar nada, pelo qual acordou tentar, todavia, a El-rei de Portugal. E foi-lhe tão contrário o licenciado Calçadilha, bispo de Viseu, que não pôde alcançar cousa alguma; antes o tiveram por enganador e mentiroso. Foi-se com isto Cólón, meio desesperado, a Castela e em Palos de Moguer comunicou suas imaginações com Martim Fernandes Pinção, grande piloto, e, de conselho deste e de Frei João Perez de Marchena, frade de S. Francisco, grande humanista, morador na casa da Arrábida, do qual levou cartas pera D. Frei Fernando de Talavera, Bispo de Avila, confessor da rainha, pôs em prática seu negócio com D. Henrique Gusmão, Duque de Medina Sidónia, e depois com D. Luiz de Lacerda, Duque de Medina Celi. que tinham bons portos, que o ajudassem ao descobrimento destas terras novas, os quais fizeram escárneo dele, que certo parecia cousa de zombaria, mormente que Cólón

andava tão mal tratado e só, que perdiam muito crédito suas razões com ver sua pouca autoridade, porque é isto assi, que a verdade sem mangas compridas é mui mal recebida em qualquer boda e, quase sempre, cada feira vale menos.

Finalmente acordou de se ir à corte de El rei D. Fernando de Castela, pera quem estava guardada tão boa ventura, em a qual entrou no ano de mil e quatrocentos e oitenta e seis. Aos princípios também zombavam dele ali, como nas outras partes, pelo qual e pelas muitas ocupações de El-rei com a guerra de Granada, não se lhe deu audiência tão asinha. Todavia achou favor em Afonso de Quintanilha, contador-mor, o que fez as leis da Irmandade. Este deu a Cólón entrada em casa do Cardeal D. Pêro Gonçalves de Mendonça. O Cardeal (que tudo mandava) o pôs com El-rei e da primeira vista tirou boas palavras e esperança de que, acabada a guerra de Granada, sealaria em seu negócio mais de propósito, porque até então não haveria bom aparelho de dinheiro. Antreteve-se com isto Cristóvam Cólón na corte perto de seis anos. E quando viu acabada a guerra com tão bom sucesso, tornou a tratar de seu negócio e, por fim, se lhe deu licença pera ir descobrir as terras que dizia e pera que armasse os navios que lhe fossem necessários.

Deram-lhe dezasseis mil cruzados, que se tomaram emprestados de Luiz de Sanctangel, escrivão de rações. No ano de mil e quatrocento e noventa e dois assinaram os Reis de Castela a Cólón a décima parte dos direitos reais das terras que descobrisse, contanto que o descobrimento fosse sem prejuízo dos Reis de Portugal. Fizeram-se estes concertos na cidade de Santa Fé, e o privilégio da mercê em a de Granada a trinta dias de Abril do dito ano de mil e quatrocentos e noventa e dois. E com isto se partiu da corte mui contente. Em Palos de Moguer tomou companhia com Martim Fernandes Pinção e com Afonso Pinção, seu irmão, os quais armaram duas caravelas, e de uma delas foi capitão um dos Pinções e Bartolomeu Cólón da outra, e Cristóvam Cólón tomou o título de capitão geral da frota.

Sáiram, em nome de Deus, com até cento e vinte companheiros, de Palos de Moguer a três de Agosto do ano do Senhor de mil e quatrocentos e noventa e dois.

Tocou Cristóvam Cólón na Gomeira, uma das Canárias. Dali tomou sua derrota a via do ponente. E uma manhã, que foi a onze

dias do mês de Outubro, descobriu terra Rodrigo de Terrazas, outros dizem de Triana, com grande festa. E como a viram, dando todos graças a Deus. começaram a cantar Te Deum Laudamus. Endereçaram a proa logo pera ela e tomaram terra em uma das ilhas Lucaias, que assi se chamavam todas as que ali perto estavam. A em que primeiro saíram foi Guanahamy, que chamou S. Salvador, que é uma daquelas a que ora os castelhanos chamam ilhas Brancas dos Lucaios, e ele lhe pôs nome Primeiras por serem as primeiras que viram antre a Flórida e Cuba. De Guanahamy foram à Barucoa, porto de Cuba. E tomando certos índios, deram volta pera outra ilha, chamada pelos da terra Hayte; puseram nome ao porto onde surgiram, chamando-lhe Porto Real. Em saltando em terra, viram gente que logo se pôs em fugida; não puderam tomar mais que uma mulher, a qual trataram tão bem que ela fez vir ali logo a seu rei (que eles chamam Cacique), o qual saudando-se com Cristóvam Cólón, se deram seus presentes, ficando o Cacique e suas gentes amigos dos espanhóis. E, começando a tratá-los por sinais e mostrar-lhes a Cruz, se amansaram e, como que souberam o que era a Cruz, batiam aos peitos de gíolhos. A alegria que Cólón recebeu disto não se pode encarecer. Começando logo a conversar com eles e cambiar os índios seu ouro e mantimentos por cascavéis e cousas de pouco preço, com o serviço dos índios edificou mui prestes um castelo de terra e madeira, pera deixar ali alguns dos seus e vir a Castela com tão alegre nova. Pôs nele a Diogo de Arana com trinta e oito companheiros. E porque ele perguntava aos moradores por Cipango, que era a ilha do seu propósito, e eles entendiam por Cibáo, que é um lugar das minas da ilha Hayte, o levaram a ela, aonde foi bem recebido do rei da terra. E tomando consigo dez daqueles índios, quarenta papagaios, alguns galipavos e outras aves, e frutas da terra, e alguma mostra de ouro, que ali havia, e outras cousas diferentes das destas terras, deu volta pera Espanha.

E no ano seguinte de mil e quatrocentos e noventa e três, (estando El-rei de Portugal, D. João, o segundo do nome no lugar de Vale de Paraízo, que é acima do mosteiro das Virtudes, por caso das grandes pestes que nos lugares principais daquela comarca havia) a seis dias de Março, veio ter a Restelo, em Lisboa, este Cristóvam Cólón, que vinha deste descobrimento das ilhas de Cipango e Antilhas (como dito é), que, per mandado de El-rei e da Rainha de Castela, tinha descoberto; das quais trazia as ditas mostras das gentes e ouro e outras cousas que nelas havia. E, sendo

El-rei disse avisado, o mandou chamar e mostrou, por isso, receber nojo e sentimento, assi por crer que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seus senhorios de Guiné, como porque o dito Cólón, por ser de sua condição alevantado, e no modo do contar das cousas fazia isto em ouro e prata e riquezas muito maior do que era, e acusava El-rei por se escusar deste descobrimento e não no querer mandar a isso, pois primeiro se lhe viera oferecer que aos Reis de Castela, e que fora por lhe não dar crédito. E El-rei foi cometido que houvesse por bem de lho matarem ai, porque, com sua morte, o descobrimento de Castela não iria mais avante por todos terem pera si que estavam aquelas ilhas dentro dos limites da conquista de Portugal, por a pouca distância que havia destas ilhas dos Açores a estas que Cólón descobrira, e que, dando Sua Alteza a isso consentimento, se poderia fazer sem suspeita porque, por ele ser descortês e alvoraçado, podiam com ele travar de maneira que cada um destes seus defeitos parecesse a causa de sua morte. Mas El-rei, como era mui temente a Deus, não somente o defendeu, mas ainda lhe fez honra e mercê e com ela o despediu, mandando vestir de grã os índios que trazia.

E navegando Cólón pera Castela, em cinquenta dias de navegação depois que partiu das Antilhas com duas caravelas (que a terceira em chegando lá se tinha perdido), veio a tomar porto em Palos de Moguer, donde partiu logo pera Barcelona, aonde El-rei de Castela estava, e entrou na corte a três dias de Abril do ano de mil e quatrocentos e noventa e três, oito meses justos depois que de Palos de Moguer havia partido pera as Índias, com tanto nome e fama, que espantava as gentes, apresentando diante dos Reis aquelas cousas de ouro e as mais que das novas e incógnitas terras trazia. Chegaram a Barcelona vivos seis índios, que os demais morreram no caminho. Baptizaram-nos a todos seis e El-rei e a Rainha foram seus padrinhos e, com eles, o Príncipe D. João. Estes seis índios foram as primícias daquela gentilidade e os que primeiro receberam o santo Baptismo.

Foi grandíssimo o contentamento que os Reis Católicos receberam e mostraram deste negócio e muitas as cortesias e honras que a Cólón fizeram, até o fazer assentar diante deles e dar-lhe título de Almirante das Índias e divisas e armas, a ele e a seu irmão, como fidalgos, em cujo brazão tomou Cólón este letreiro: “Por Castilla i por Leon, nueuo mundo halló Cólón”, conformando-se o letreiro com a obra. E a seu irmão, chamado Bartolomeu Cólón, que na

viagem e no demais a ela tocante havia antes e depois trabalhado muito, fizeram adiantado.

Deu El-rei de Castela notícia deste negócio ao Papa Alexandre sexto, o qual recebeu o mesmo contentamento que todos receberam de ouvir uma cousa tão nova e importante. Enviou-lhes sua bula, dada em S. Pedro de Roma a quatro dias de Maio do ano seguinte, no ano primeiro de seu pontificado, pela qual lhe fez graça da conquista das novas terras, julgando-lhes o direito domínio de todo o que descobrissem, sem prejuizo dos Reis de Portugal que já descobriam de alguns anos atrás pelo oriente. E pera tirar dúvidas e demandas, declarou na mesma bula a parte que a cada um dos dois Reis de Castela e Portugal havia de caber, concedendo nela uma linha de repartição antre estes dois Reis, El-rei D. Fernando de Castela e El-rei D. João de Portugal. segundo do nome, a qual linha distasse do meridiano das ilhas do Cabo Verde, que passa por estas ilhas dos Açores, por espaço de cem léguas pera a parte do ocidente.

Havida esta bula do Sumo Pontífice, determinou El-rei de Castela despachar outra vez a Cristóvam Colón pera as Indias, com muito aparato de gente pera descobrir e povoar aquelas remotíssimas terras. Armaram-se dezassete navios, em que iriam mil e quinhentos homens. E cuidando El-rei de Portugal bem neste negócio e o peso deste caso, se foi logo a Torres Vedras, onde sobre isso teve conselhos, em que foi determinado que armasse contra aquelas partes uma grande armada. Que logo mandou fazer com grande diligência, e fez capitão-mor dela D. Francisco de Almeida, filho do conde de Abrantes, D. Iopo, que depois foi o primeiro visorrei da India, homem de muita confiança e muito bom cavaleiro. E sendo já a armada prestes, chegou a El-rei um mensageiro de El-rei e da Rainha de Castela, os quais, por serem certificados que a dita armada ia contra a sua, que eles tinham aparelhada pera tomar as Antilhas, mandaram requerer a El-rei que a não mandasse até se ver per direito em cujos mares e conquista o dito descobrimento cabia, pera o qual mandasse a eles seus embaixadores e procuradores com todas as cousas que fizessem por seu título, e, segundo razão e justiça, eles se justificariam e concertariam, como fosse direito, pelo qual El-rei deixou de mandar a dita armada.

Saiu Colón com a segunda frota, que aparelhada estava, do porto de Caliz a vinte e cinco de Setembro de mil e quatrocentos e

noventa e três anos.

E El-rei de Portugal, sobre este negócio, mandou logo a El-rei de Castela o Doctor Pero Dias e Rui de Pina, cavaleiro de sua casa, que, da verdade bem informados, foram ter com El-rei, que estava em Barcelona ao tempo que, por El-rei Carlos de França, se fez a segunda concórdia e entrega de Perpinhão e do condado de Russilhão em Catalunha. E os ditos procuradores não tomaram com El-rei conclusão alguma e a causa foi por lhe sucederem assi prosperamente seus negócios com França e, principalmente, porque antes de tomarem concerto sobre a dita conquista, ilhas e terras, quizeram outra vez ser certificados de toda a verdade delas e de todo o que nelas havia, pera que já tinham enviados seus navios (como está dito), que ainda não eram tornados, porque, segundo fosse a estima das ditas terras, assi se concertariam. E pera dilatarem este negócio, que não parecesse que o faziam por esperar a dita armada e passar este tempo sem se tomar conclusão, ordenaram de enviar a reposta a El-rei de Portugal por seus embaixadores, e assi lho mandaram dizer pelos embaixadores de El-rei de Portugal, que se tornaram com esta reposta.

E logo mandaram a El-rei de Portugal, El-rei e a Rainha de Castela, por embaixadores, um Dom Pedro de Ayala e D. Garcia Carvajal, irmão do Cardeal Santa Cruz, que sobre o dito caso traziam procuração pera concerto, os quais acharam El-rei em Lisboa e foram com muita honra recebidos, e eles traziam honrada companhia e grande aparato do negócio, tudo fingido. E depois de estarem com El-rei, tais cousas requereram e apontaram e por tais meios e modos, tão fora de razão e concurião, que bem claro se viu que vinham mais pera dilatarem que pera concerto algum, segundo suas razões e palavras eram mal concertadas.

Neste meio tempo, fazendo Cólón sua segunda viagem pera as Antilhas, a primeira terra que tocou, depois das Canárias, foi uma ilha que chamou a Desejada. Dali foi desembarcar na Espanhola (que assi quis chamar), e ao porto chamou-lhe da Prata. E, achando em Hayte os companheiros mortos pelos índios, porque lhe tomavam as mulheres, não quis povoar senão outra ilha, que chamou a Isabela, por honra da Rainha Católica, D. Isabel. Fez uma fortaleza nas minas e pôs nela por alcaide a Mosem Pedro Margarite.

E com isto despachou, dos dezassete navios que levara, doze pera Espanha, com António de Torres, e deu-lhe muitos grãos de ouro e outras muitas cousas que trouxesse.

Chegado Torres a Espanha, depois que ós reis de Castela foram sabedores de todo o das ditas ilhas e terras por estes navios que vieram, e de tudo bem certificados, mandaram este recado aos embaixadores que em Portugal até ali andavam com prolongas e rodeios. E porque um dos embaixadores era o D. Pedro de Ayala, muito manco de uma perna, e outro era D. Garcia Carvajal, muito vão, El-rei de Portugal, depois de estar com eles e os ouvir, entendendo seu intento, disse que aquela embaixada de El-rei e da Rainha, seus primos, não tinha pés nem cabeça nas pessoas dos embaixadores e na concrusão dela, despachando-os sem concrusão alguma, porque eles vinham sem ela, e assi tornaram pera Castela. Mas, logo, sobre a concórdia e concerto da dita conquista, pera se acabar de concluir este caso, mandou El-rei por seus embaixadores e procuradores aos ditos Reis de Castela Ruy de Sousa e D. João de Sousa, seu filho, e o licenciado Aires de Almada, corregedor da corte, e Estevão Vaz, por secretario, pessoas no reino de muito bom saber, grande confiança e muita autoridade, e com eles mui honrada companhia. Foram com grande honra recebidos de toda a gente da corte em Medina do Campo, onde os Reis estavam. Deram suas embaixadas e em nome de El-rei se concertaram com os ditos Reis sobre a demarcação e repartição dos ditos mares e certos rumos e linha de polo a polo, per que as ditas ilhas e terras descobertas ficaram com os ditos Reis de Castela com outra muita parte do mar e da terra, sem prejuízo da costa e ilha da conquista de todo Guiné, de que se fizeram contratos assinados e jurados pêlos ditos Reis, com grande seguridade.

As demarcações que, por razão de concórdia e parentesco antre Castela e Portugal, se fizeram na vila de Tordesilhas em um sábadó, sete dias do mês de Junho da era de mil e quatrocentos e noventa e quatro anos, foram estas... s... que os Reis Católicos de Castela, D. Fernando e D. Isabel, deram ao dito rei D. João, o segundo do nome, que pedia que lhe dessem mais da sua conquista, com vontade e acordo do Papa, trezentas léguas sobre as cento que o Papa Alexandre lhe havia dado pera a parte do ponente, de maneira que dista esta linha da repartição das ilhas do Cabo Verde quatrocentas e setenta léguas, da qual, pera a parte do oriente, é a conquista de Portugal; repartindo o mundo pelo meio

até outro meridiano a ele opósito, e dela ao ponente, até tornar ao oriente por debaixo da Terra, é a conquista de El-rei de Castela. Dizem alguns (que têm que são sós trezentas e setenta léguas, pouco mais ou menos) que passa esta linha da repartição pelo cabo das Correntes, na costa do rio Maranhão, ao meio-dia pelo rio S. Sebastião e pela parte setentrional (que já disse) pelos Bacalhaus e a do Lavrador. Fica à parte de Castela a ilha Espanhola e Asabela, que agora se chama a ilha da Cuba, e a terra firme, e a que, com nome comum, se chama as Índias Ocidentais. Mas sendo quatrocentas e setenta léguas, há-de passar a linha mais além cem léguas.

Do qual concerto todos mostraram receber descanso e contentamento por se escusarem antre estes reis diferenças e discórdias, que se já começavam a revolver contrairas a sua paz e amizade. E, com este assento concertado, tomaram os ditos embaixadores no mês de Julho do dito ano a Setúvel, onde El-rei estava, que com sua vinda foi alegre e os recebeu com muita honra e gasalhado, por lhe serem todos mui aceitos.

CAPÍTULO VIGÉSIMO TERCEIRO

DA DIFERENÇA QUE HOUE SOBRE A LINHA DA REPARTIÇÃO DA
CONQUISTA DA OUTRA BANDA, OPOSTA À PRIMEIRA ATRÁS
DITA, ANTRE PORTUGUESES E CASTELHANOS, NAS ILHAS
DE MALUCO, ONDE SE ENCONTRARAM

Acabada esta contenda, como o imigo do gênero humano tenha a propriedade que dizem ter a serpente Lema que, cortada uma cabeça, lhe nascem sete, urdiu e teceu outra antre os reis destes reinos, principalmente antre El-rei de Portugal D. João, terceiro do nome, e o Imperador Carlos quinto, Rei de Castela, no ano de mil e quinhentos e vinte e cinco, tomando por instrumento no ano de mil e quinhentos e dezassete a um Fernão de Magalhães, português, que foi homem de boa casta e que andou no livro dos moradores da casa de El-rei D. Manuel em bom foro e o serviu nas partes de Africa, e na India também, onde esteve sete anos e se achou com Afonso de Albuquerque na tomada de Malaca, dando sempre de si a conta que soem dar os homens que a têm com a honra (ainda que não deixou de ser murmurado em algumas cousas), ao qual parecendo que, pelos serviços que tinha feito, merecia a El-rei acrescentamento de sua moradia, que é a mercê que os portugueses neste tempo mais estimam de seu Rei, por lhe ficar como por herança pera seus filhos e descendentes, começou ter alguns requerimentos com El-rei D. Manuel, antre os quais dizem que foi este do acrescentamento da moradia, cousa que (como diz João de Barros) tem dado aos homens nobres de Portugal muito trabalho e parece que é uma espécie de martírio, antre os portugueses, e, acerca dos reis, causa de escândalo, porque, como os homens têm recebido por opinião comum que as mercês do Príncipe, dadas por mérito de serviço, são uma justiça comutativa que se deve guardar igualmente em todos, guardada a qualidade de cada um, quando lhe negam a sua porção, posto que o sofram mal, têm paciência; mas quando vêem exemplo em seu igual, principalmente naquelas a que aproveitou mais artificios e amigos que méritos próprios, aqui se perde toda a paciência, daqui nasce a indignação e dela ódio e finalmente toda desesperação, até que vêm cometer crimes, com que dana a si e a outrem.

Trabalhou muito Magalhães no requerimento desta moradia, pedindo a El-rei que lhe acrescentasse mais duzentos reis por mês, que é meio cruzado de ouro, ao que El-rei saiu com um tostão por mês, do que se não contentando e conhecendo em El-rei D. Manuel que desgostava dele, por este respeito e por alguns reportes que lhe dele fizeram, do tempo que o estava servindo em Azamor, como particularmente conta João de Barros, se desnaturou do Reino, tomando disso instrumentos públicos; e levando consigo a um Rui Faleiro, português, homem que fazia profissão de astrólogo e matemático, também agravado de El-rei, porque o não quis tomar

pera este officio, por mais confirmar o que pedia. Avindos ambos neste propósito de darem algum desgosto a El-rei, primeiramente deram consigo em Sevilha, levando alguns pilotos também doentes desta sua enfermidade, onde acharam outros amados deste reino com que fizeram corpo de sua abonação, por àquella cidade concorrer muita gente deste mister do mar, por causa das armadas que se ali faziam pera as Antilhas.

E de Sevilha se foram a Castela, sendo, pouco havia, falecido El-rei D. Fernando e governando o Reino o Cardeal D. Frei Francisco Ximenes, arcebispo de Toledo. E dando a entender que as ilhas de Maluco e Banda estavam nos limites das demarcações feitas antre El-rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castela e El-rei D. João de Portugal, segundo do nome, se ofereceram a descobrir a viagem destas ilhas de Maluco e comércio da especiaria por diferente e mais breve caminho que o faziam as armadas de Portugal pera Calecut, Malaca e China.

Foram ouvidos do Conselho Real muitas vezes. E muito mais era ouvido Fernão de Magalhães por falar melhor nas cousas do mar que o Faleiro, o qual dizia a D. João de Afonseca, presidente do Conselho Real das Indias de Castela, e aos do mesmo Conselho que pela costa do Brasil e Rio da Prata havia mais breve navegação à especiaria que pelo cabo de Boa Esperança e que, além de Samatra e Maluco e outras terras orientais cáirem na conquista de Castela, as ilhas de Maluco estavam não muito adiante de Panamá e golfo de S. Miguel, e que em todas estas terras havia não somente grande abundância de ouro, pérolas, pedras de grande valor, mas muitas especiarias, drogas e medicinas, cousas odoríferas. E fingiam ambos outros grandes negócios de descobrir grandes terras e, especialmente, Fernão de Magalhães tinha uma relação de Luiz de Bertomão, de nação bolonhês, que havia ido a Banda, Borneo, Bachião, Tidore e outras terras de especiaria, que estão debaixo da equinoctial, e mostrava cartas de seus amigos escritas na India, principalmente de um Francisco Serrão, que das ilhas de Maluco lhe escrevera, onde depois faleceu, e, além disto, tendo uma escrava de Samatra, que entendia muitas línguas daquela terra, e um escravo havido em Malaca. Com estas cousas e outros artificios pretendiam dar melhor cor a seu negócio, pelo qual pediam ambos o devido prémio.

Deram-lhes o Cardeal D. Francisco Ximenes e os do Conselho

das Índias graças pelo aviso e boa esperança pêra o successo, quando D. Carlos, Rei de Castela (que depois foi Imperador), viesse de Frandes, onde então estava.

E no ano de mil e quinhentos e dezoito, falando com El-rei D. Carlos Fernão de Magalhães e Rui Faleiro, prometendo-lhe de descobrir esta viagem da especiaria por novo caminho, foi El-rei de Castela em alguma maneira contente, tendo por certo que por outra via não se podia navegar àquelas terras, senão por esta que lhe diziam, pelo qual deu a cada um deles o hábito de Santiago e lhe mandou aparelhar cinco navios pera esta viagem. Ao que acudindo Álvaro da Costa, que lá andava sobre o negócio do casamento da Infanta D. Leonor, irmã de El-rei D. Carlos, com El-rei D. Manuel, rei de Portugal, vendo o desserviço que estes pretendiam fazer a seu rei, falou sobre isso a El-rei D. Carlos, trazendo-lhe à memória as lianças e parentesco dele com os Reis de Portugal, e sobretudo o casamento da Infanta, sua irmã, com El-rei D. Manuel, dizendo que Fernão de Magalhães e Rui Faleiro eram desleais e enganadores e que os que não haviam guardado fidelidade a seu rei natural menos a guardariam ao estranho e outras razões que moveram a El-rei a querer desistir desta empresa. Mas os de seu Conselho lho contrariaram e sobre todos o bispo de Burgos, pelo que El-rei não pôde al fazer senão cumprir com o que tinha prometido a Fernão de Magalhães e a Rui Faleiro, que era dar-lhes embarcação pera fazerem esta viagem. Do que Álvaro da Costa avisou El-rei per suas cartas, o qual logo sobre isso teve conselho em Sintra, onde então estava, no qual foram D. Jaimes, Duque de Bragança, D. João de Meneses, bispo de Lamego, capelão-mor de El-rei, que depois foi arcebispo de Lisboa, em que o parecer de El-rei, do Duque e do Conde foi que não mandassem chamar Fernão de Magalhães por não dar ocasião de outros fazerem o mesmo. Mas o bispo disse que seu parecer era que o mandasse El-rei chamar, porque o negócio que começava era mui prejudicial ao Reino e seria ainda causa de muitos males e danos. Contudo, a resolução foi que o não fizesse.

Sobre este negócio falou Álvaro da Costa em Saragoça muitas vezes a Fernão de Magalhães e, achando nele vontade de se tornar pera o Reino, escreveu uma carta a El-rei, que o devia de recolher por ser homem de grandes espíritos e mui prático nas cousas do mar; que do bacharel Rui Faleiro não fizessê conta, porque andava quase fora de seu sizo.

Mas nem isto aproveitou pera se não efectuar um tamanho desserviço à coroa destes reinos, de que se tantos desgostos e gastos depois seguiram e tanta fama ao mesmo Fernão de Magalhães, que todo o mar da banda do Sul e o estreito que descobriu, por onde lá passou, se chama do seu sobrenome e chamará até o fim do Mundo.

Assi que contratados Fernão de Magalhães e Rui Faleiro neste negócio com El-rei D. Carlos sobre a viagem que haviam de fazer, com certos pontos principais, contanto que não descobrissem nem fizessem cousa nenhuma nas demarcações e limites de El-rei de Portugal, nem em seu prejuízo, salvo nos limites e demarcação de Castela.

Este contrato se fez antre a Rainha D. Joana e El-rei D. Carlos, seu filho, reis de Castela, e Fernão de Magalhães e o bacharel Rui Faleiro, na vila de Valhadolid, aos vinte e dois dias do mês de Março do ano do Senhor de mil e quinhentos e dezoito, assinado por El-rei e escrito pelo secretário Francisco de Covos. O qual contrato feito, El-rei D. Carlos se foi ao reino de Aragão e em Barcelona deu regimento a Fernão de Magalhães e ao bacharel Rui Faleiro do que haviam de fazer nesta viagem, feito aos oito dias do mês de Março do ano de mil e quinhentos e dezanove, com que se foram a Sevilha. E, casando-se ali Magalhães com uma filha de Duarte Barbosa, alcaide das Ataracenas da mesma cidade, acabou de endoudecer Rui Faleiro de puro nojo de andar em desserviço de seu rei natural, pelo qual ficando Rui Faleiro com sua doença em Espanha, onde depois faleceu, e alguns querem dizer que faleceu antes da partida de seu companheiro na mesma cidade de Sevilha, donde partiu Fernão de Magalhães aos dez dias do mesmo mês e ano, e de S. Lucar de Barrameda a vinte de Setembro da dita era, uma terça-feira, levando consigo, em lugar do Faleiro, a um André de Sam Martin, também astrólogo, havendo quase três anos que pera alcançar esta viagem andava em Castela.

Levava cinco naus armadas, que lhe El-rei tinha mandado aparelhar pera esta viagem, de que era capitão-geral com alçada de poer e tirar capitais e officiais, como lhe parecesse ser serviço de El-rei, e de executar justiça cível e crime em todos os que iam na frota, de qualquer qualidade que fossem.

Uma das naus se chamava a nau Vitória, onde ia por piloto

João Sebastião do Cano, natural de Guetaria, vila da província de Guipuscoa. As outras se chamavam Santo Antão, Santiago, Concepção e a Trindade, que era a capitaina, de que iam por capitais Luiz de Mendonça. Gaspar de Queixada, João de Cartagena e João Serrão, todos naturais castelhanos. E em todas elas iam duzentos e trinta e sete homens, antre soldados e marinheiros.

E continuando sua navegação, passou as Canárias e ilhas do Cabo Verde, indo ter à terra do Brasil, donde, navegando contra o polo do Sul, seguindo seu descobrimento, passando o rio de Janeiro da província de Santa Cruz e o rio da Prata, que está em trinta e cinco graus, chegaram a dois dias de Abril do ano de mil e quinhentos e vinte a um rio, a que chamaram de S. Julião, que está em cinquenta graus, e isto já com tantas tormentas e frios que os mareantes não podiam marear as velas. E da consulta, que ali tiveram sobre o que haviam de fazer, procederam algumas paixões antre todos, por Fernão de Magalhães nela se mostrar isento e não subjecto aos votos dos capitais e pilotos que eram de contrário parecer, dizendo não ser serviço de El-rei irem mais avante, dando boas razões pera isso, que, por razão de o Magalhães as não acceptar, determinando invernar ali, se lhe amotinaram três capitais com o propósito de o matar, querendo-se tornar pera Espanha, os quais ele logo mandou matar, que por terem saudades da sua terra acabaram na alheia, como foi um Luiz de Mendonça, capitão de uma nau, a quem matou a punhaladas, por mandado de Magalhães, um Gonçalo Gomes de Espinhosa, que servia de meirinho da armada, e outro capitão, Gaspar de Queixada, foi esquartejado vivo, e assi o Luiz de Mendonça depois de morto. E a outro capitão, chamado João de Cartagena, foi perdoada aquela morte natural; e houve outra cível, de perpétuo degredo, naquela erma terra, onde ficou, com grandes saudades da sua e, com as mesmas, com ele também um clérigo que tinha a mesma culpa, que o Magalhães dizia ser de tredores contra o serviço de El-rei de Castela, não lhe lembrando a sua que contra o serviço de El-rei de Portugal naquela viagem cometia, os quais, desterrados, ficaram sós naquele ermo com trinta arráteis de pão, cada um, pera se manterem.

Assentando Magalhães passar ali o inverno, que eram estes quatro meses. Maio, Junho, Julho e Agosto, que o Sol anda cá da parte do Norte que habitamos, neste tempo não somente ocupou aos outros em corregimento das naus (que era cousa piedosa de ver o que padeciam com frio), mas ainda os mandou entrar pela terra dentro,

que fossem descobrir e atentar se ouviam da outra parte algum tom do mar, prometendo mercê àquele que trouxesse alguma boa nova. Na qual ida entraram pelo sertão, em que gastaram dez dias, e trouxeram consigo uns homens da terra tão grandes como gigantes, cujos corpos passavam de doze palmos, aos quais o capitão-mor mandou dar dádivas e reteve dois por mostra de sua grandeza e os trazer a Castela; mas duraram pouco, por ser gente costumada comer carne crua. E mandando Magalhães daqui um navio, de que ia por capitão João Senão, diante ver se achava algum cabo ou estreito, se lhe perdeu vinte léguas dali, ainda que a gente se salvou, parte da qual pôs onze dias até, com tantos trabalhos de fome e frio, chegar à armada, que veio buscar per terra, que, quando chegaram, quase os não conheciam; e os mais que lá ficaram mandou vir Magalhães em um batel.

E havendo invernado nesta terra estes quatro meses ditos, onde lhe faleceu alguma gente de fome e trabalho e frio, começou a prosseguir sua viagem no ano de mil e quinhentos e vinte, indo costeando a terra, entrando em baías e portos por ver se achavam algum estreito, até que chegaram a um cabo a que chamaram das Virgens, por ser no dia que a Igreja celebra a festa das Onze Mil, o qual está em cinquenta e dois graus da Equinoctial, onde se acharam com sós seis horas de noite.

E, adiante dele obra de doze léguas, aos vinte e um dias do mês de Setembro de mil e quinhentos e vinte, acharam a barra de um estreito, que estava em altura de cinquenta e dois graus e seis minutos e tinha de boca obra de uma légua. E, como pela grande força que trazia e diligências que mandou fazer e sinais de baleias mortas, que achavam na praia, entendeu Magalhães que passava ao outro mar largo; fazendo grandes festas, entrou pelo estreito, que em partes tem largura de tiro de espingarda e bombarda e em outras de légua e légua e meia, tudo de ambas as partes terra alta, muita dela, e escaldada dos ventos, e a outra com arvoredo, em que havia aciprestes, e no cume das mais altas montanhas viam jazer a neve, como que todo o ano está sem se derreter, que parece que devem ser aquelas partes antípodas de Frandes ou de Polónia, pois são tão frias. E terá este estreito de comprido, de mar a mar, cento e dez léguas e outros dizem que cento e trinta. E posto que faça alguns tornos, ora a um rumo, ora ao outro, quase a saída ao mar do Sul está na altura da entrada. Mas não o achando (segundo alguns dizem), dali a alguns anos, um capitão que

navegou depois por aquella costa, indo descobrir a terra do Chile, da banda do Sul, nas Indias de Castela, por mandado de El-rei D. Filipe, lhe escreveu, ao mesmo rei, que ou a terra quebrara e tapara aquele estreito de Magalhães, ou não sabia que fizesse nem dissesse, porque com toda a diligência que tinha feito o não achava. O mesmo dá a entender D. Alonso de Ercilha e Çunhiga, grave poeta, no principio de sua História Araucana. Mas no ano de mil e quinhentos e oitenta, uns castelhanos, que passaram, em um navio, do mar do Sul por este estreito ao mar do Norte, vindo ao longo da costa, tomaram um gigante, que devia ser daqueles que Magalhães achou naquela terra, como agora acabei de contar, e no mês de Julho do dito ano vieram ter ao porto da cidade de Angra da ilha Terceira, onde o viram muitos.

Sendo já Magalhães per dentro daquele estreito até cinco léguas, vendo pela ribeira dele angras, rios e esteiros que entravam pela terra, passaram um lugar mais estreito que se fazia antre duas serras mui altas; além desta estreiteza, viram que se fazia em dois braços. Não sabendo Fernão de Magalhães determinar qual daqueles passava ao outro mar, pelo da parte do Norte mandou um batel que, descobrindo somente até doze léguas, tornou logo. E pelo da parte do Sul mandou entrar a nau Santo Antão, cujo capitão era Alvaro de Mesquita, pondo-lhe limitação que aos três dias tornasse; e, sendo já passados seis, mandou outra que a fosse buscar, o capitão da qual tornou dali a três dias sem achar da outra notícia alguma, a qual alguns dizem que, antes de entrar no estreito, se foi pera Espanha. Mas João de Barros diz que (como pronosticou por sua astrologia o astrólogo André de Sam Martin) era, então, dali tornada pera Castela (como tornou), porque o piloto, com favor de toda a gente, se fez na volta de Espanha; e ainda sobre o capitão Alvaro de Mesquita o contrariar foi ferido e preso. E vieram-se por onde deixavam os dois degradados, João de Cartagena e o clérigo, que se chamava Pero Sanchez de Reina, e chegaram a Castela passados oito meses depois que se partiram de Fernão de Magalhães.

O qual navegando pelo dito estreito, saiu ao espaçoso mar do Sul e, voltando sobre a mão direita aos dezassete dias do mês de Outubro, em que acabou de passar à outra banda do mar do Sul, no qual navegando após o Sol, lhe morreram alguns de fome por falta de mantimentos e lhe aconteceram vários casos no caminho, buscando as ilhas de Maluco. E por achar o mar do ponente tão

furiOSO como o Oriental, donde vinha, por causa da frialdade do clima mandou navegar contra a linha aequinoctial pera se meter no quente. E como achou os mares mais brandos, pôs a proa a loesnoroeste per espaço de quatro meses e, sendo obra de mil e quinhentas léguas da boca do estreito (segundo sua estimação) e em altura de dezoito graus da banda do Sul, acharam uma pequena ilha, que foi a primeira terra que viram depois da saída do estreito, a que puseram nome Ilha Primeira. E daí a duzentas léguas ao noroeste desta, em altura de treze graus, acharam outra que seria de uma légua, em a qual fizeram pescaria e, pelos muitos tubarões que nela havia, lhe chamaram dos Tubarões. E porque Fernão de Magalhães sabia que as ilhas de Maluco estavam debaixo da linha aequinoctial, desta ilha dos Tubarões foi navegando até se meter nela, cursando per este rumo cento e oitenta graus de largura; parecendo-lhe que tinha escorrido as ilhas de Maluco, passou-se da banda do Norte, em altura de quinze graus e meio, a ver se achava algumas ilhas, das que os portugueses navegavam, pera saber em que paragem era, onde achou um número de ilhas pequenas, e, daí, por serem desertas, foram subindo té altura de vinte e um graus, dese-jando achar alguma terra firme. Andando por aqui, tornando a diminuir da altura, de ilha em ilha, em uma parte lhe matavam homens, em outra lhe furtavam o batel e, se em algumas lhe davam mantimentos, logo em outra lhos negavam, até que veio ter a uma chamada Zebut, e por outro nome Subo, que estava em altura de dez graus da parte do Norte, com cujo Rei Hamabar, que se tornou cristão com muita gente sua, tiveram a Páscoa de Ressurreição do ano de mil e quinhentos e vinte e um. E, tomando mantimentos e língua das ilhas de Maluco, se embarçou Magalhães em fazer guerra a Culpulapo, senhor da ilha de Mautão e inimigo de Hamabar, e foi morto ele e o astrólogo André de Sam Martin, com alguns outros, em uma batalha, um sábado, vinte e sete de Abril deste mesmo ano, havendo descoberto o dito estreito que por ele foi chamado de Magalhães, acabando em terra alheia com saudades da que não era sua.

Não tardou muito em ser preso de El-rei Hamabar João Serrão, piloto-mor da armada, que, em lugar de Magalhães, havia sido elegido por capitão, com mais de sessenta companheiros, que o mesmo rei Hamabar matou e prendeu, pelo qual sós cento e quinze homens, que escaparam com vida, navegaram até Cohol, onde, queimando uma nau, repairaram as duas que ficaram, com as quais chegando às terras de Siripida. Rei de Bornéo, que, então, não

estava bem com os portugueses, foram dele e da sua gente bem recebidos e tratados. E, assentando amizade antre El-rei Siripida e El-rei de Castela, se passaram à ilha de Cimbubom e, depois de estar ali um mês e reparar suas naus, em uma sexta-feira, oito de Novembro de mil e quinhentos e vinte e um, aportaram em Tidore (uma das cinco ilhas Malucas, que comumente chamam Tidore, Ternate, Mate, Matil e Machião; outros lhe chamam Timor, Bornéo, Banda, Maluco, Iquijo, que são pequenas e estão perto umas das outras e distam de Espanha, pela conta dos castelhanos, mais de cento e sessenta graus, estando debaixo ou perto da equinocial). Almançor, Rei de Tidore, ainda que era mouro, folgou com sua chegada e recebendo amizade com El-rei de Castela, os deixou livremente contratar.

Reinava neste tempo em Portugal El-rei D. Manuel, que faleceu em uma sexta-feira, dia de Santa Luzia, a treze de Dezembro do dito ano de mil e quinhentos e vinte e um, sendo de idade de cinquenta e três anos, antes que tivesse aviso deste descobrimento dos castelhanos, que foi causa das discórdias que sobre isso tornaram a nascer antre eles e os portugueses. Porque, sucedendo no Reino de Portugal El-rei D. João, terceiro do nome, por falecimento de seu pai, El-rei D. Manuel, não tardou em ter grandes diferenças com o Imperador D. Carlos quinto, Rei de Castela, seu primo irmão, sobre esta especiaria e navegação das ilhas de Maluco, porque a armada castelhana estando cinco meses na ilha Tidore, vieram a ela Corala, senhor da ilha Ternate, sobrinho de Almançor, e Luzufa, Rei de Gilolo, amigo de Almançor, e outros senhores daquelas ilhas, dando-se todos por tributários de El-rei de Castela por desgostos que tinham dos portugueses, com que dantes tratavam e que primeiro descobriram aquelas ilhas, do qual se sentiram os portugueses que andavam na Índia. Especialmente, toparam os castelhanos com um Pedro Afonso, português, do qual souberam haver chegado àquela terra caravelas portuguesas a comprar cravo e, também, como Francisco Serrão, português, amigo e parente de Fernão de Magalhães era falecido em Ternate sete meses antes que eles chegassem a Tidore, sendo capitão de Corala, senhor da ilha Ternate e o que escreveu a Magalhães, seu parente, que fosse às ilhas de Maluco, se em breve queria ser rico, donde nasceu a Magalhães o grande desejo de procurar em Castela esta viagem em que acabou seus dias, como está dito.

As duas naus castelhanas que ficaram, chamadas Trindade e

Vitória, acabando de se carregar de cravo e presentes daqueles senhores, acordaram de tornar a Espanha e que a nau Vitória viesse pelo caminho dos portugueses, como depois contarei sua vinda, e a nau Trindade, que fazia água, viesse a Panamá ou à costa da nova Espanha, por ser viagem mais breve.

Partindo primeiro a nau Vitória, a outra nau que se chamava Trindade, que era capitaina, por fazer água, ficou na ilha de Tidore com um capitão chamado Gonçalo Gomes de Espinhosa, natural de Espinhosa dos Monteiros, meirinho que fora de toda a armada, donde, depois de acabar de tomar sua carrega, partiu aos seis de Abril do ano de mil e quinhentos e vinte e dois com propósito de ir tomar a terra firme de Dariem, que é uma das províncias que os castelhanos têm descoberto da banda do mar do Sul. Navegaram até se porem em quarenta e dois graus do polo ártico, ou do Norte, segundo eles demarcaram, e, por lhes faltarem mantimentos e a gente lhes morrer de frio, arribaram às ilhas de Maluco, donde dantes partiram, e vieram surgir antre as ilhas de Doi e Batechina, no qual lugar, estando sobre âncora, souberam de uns paraus de El-rei de Gilolo, que passaram por junto deles, que era chegado às ilhas de Maluco António de Brito, capitão de El-rei de Portugal D. João, o terceiro do nome, com cinco naus portuguesas e que na ilha Ternate estavam portugueses fazendo uma fortaleza, pelo que despacharam logo o escrivão da nau a lhes pedir que como próximos cristãos lhe quisessem valer, que na nau não havia gente pera marear por mais serem mortos e os outros doentes. Ao que logo António de Brito (que, como dito é, chegara às ilhas de Maluco depois desta nau partir e era capitão da fortaleza que fazia em Ternate) mandou D. Garcia Anriques em um navio e Gaspar Galo em uma fusta e Duarte de Resende em um bergantim, com alguns paraus, que os acharam cinquenta léguas da ilha Ternate, onde os levaram e lhes foi feito muito bom gasalhado. Dos quais castelhanos, foram ter quarenta e oito a Maluco e daí a Portugal, onde o Espinhosa veio ter no ano de mil e quinhentos e vinte e seis, porque a sua nau com tormenta, que logo sobreveio, deu à costa na mesma ilha de Ternate, à qual eles chegaram a vinte e seis dias de Junho, tendo navegadas, pela conta que faziam, mil e quinhentas léguas, do dia que partiram da ilha de Tidore até tornarem à de Ternate.

E de cinco naus que de S. Lucar de Barrameda saíram em busca da nova viagem da especiaria, tornou só a Vitória, como logo

direi, deixando de dizer aqui muitas particularidades que nesta viagem aconteceram, pelas tratarem muitos, e melhor que todos o doctíssimo e curiosíssimo João de Barros em a terceira Década da sua Asia, no livro quinto, nos capítulos octavo, nono e décimo, onde os curiosos as podem ler e saber.

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUARTO

DA TORNADA DA NAU VITÓRIA A ESPANHA. E DE OUTRAS
ALGUMAS DIFERENÇAS QUE HOUE SOBRE AS ILHAS
DE MALUCO ANTRE PORTUGUESES E CASTELHANOS
E DA RAZÃO PORQUE AS POSSUÍRAM DEPOIS
OS REIS DE PORTUGAL PACIFICAMENTE

A nau Vitória (que tinha partido de Tidore primeiro que a nau Trindade, no mês de Abril do ano de mil e quinhentos e vinte e dois, com quarenta e sete espanhóis e treze homens naturais de Tidore), fazendo seu caminho e passando por muitas ilhas, tomou sândalo branco em Timor, onde em uma briga morreram muitos. E tomaram em Eudeto muita mais canela, fazendo sua viagem por junto de Samatra, não parando até passar o cabo de Boa Esperança. E aportando às ilhas de Cabo Verde, na de Santiago quiseram tomar refresco, mas o capitão de El-rei de Portugal D. João terceiro, governador daquela ilha, lho estorvou, prendendo a treze companheiros que em terra saltaram, pelo qual, fazendo-se à vela João Sebastião do Cano, capitão da mesma nau, em um sábado, seis dias de Setembro deste mesmo ano de mil e quinhentos e vinte e dois, chegou a S. Lucar de Barrameda, havendo tardado nesta viagem tão comprida três anos menos quatro dias, em os quais rodeou o Mundo por água, cousa nunca escrita, nem ouvida, nem vista, pois, saindo do ocidente, dando volta pelo globo do Universo, tornaram pelo oriente ao mesmo porto donde haviam partido, o que nenhum há feito desde a criação do Mundo até nossos dias.

Andou, segundo alguns, João Sebastião catorze mil léguas nesta viagem, e atravessou diversas vezes a tórrida zona, contra a opinião dos antigos filósofos. Mas outros dizem que navegou dez mil. E, de qualquer maneira que seja, sua navegação há sido a maior do Mundo e com o discurso dos dias vieram a comer carne em duas sextas-feiras e a celebrar dois domingos em segunda-feira, chamando-se com razão esta nau Vitória, pois alcançou a vitória e vencimento que nenhuma dantes alcançou. E por João Sebastião do Cano, capitão e piloto da dita nau, ser o primeiro, e não haver outro que desde a criação do Mundo até nossos dias rodeasse o Mundo como ele, com muita razão o Imperador Carlos quinto, Rei de Castela, lhe deu um privilégio de armas correspondente à nunca dantes ouvida nem lida viagem, dando-lhe o Mundo por divisa com outras insígnias e um leiteiro ao propósito: "TU PRIMUM CIRCUMDEDISTIME", no qual, falando o Mundo com João Sebastião, lhe diz: "Tu primeiro me rodeaste".

E com a vinda desta nau, houve depois entre El-rei de Portugal. D. João, terceiro do nome, e o Imperador Carlos quinto. Rei de Castela, algumas dúvidas, tratando-se o caso sobre estes dois pontos, posse e propriedade, por razão das demarcações que entre estes dois reinos havia. E esta mesma nau Vitória, que tornou a

Sevilha com cravo e especiaria, deu causa ao Imperador D. Carlos mandar outra armada de outras cinco naus, que fossem a Maluco, a fazer fortaleza na ilha de Tidore. E desta armada somente a nau capitaina passou a Maluco com outro navio mais pequeno. E entre o capitão desta nau (que já não era o capitão-mor) e o capitão português da fortaleza da ilha de Ternate houve grandes diferenças e requerimentos, de parte a parte, pugnando cada um por seu rei e por seu direito. E entre estes e outros houve depois outros encontros e guerras por muitas vezes, em que morreram alguns castelhanos e portugueses. E entre os reis deles se recresceram muitas dúvidas e discórdias sobre quem havia de ficar senhor deste comércio e em cuja demarcação e conquista caíam estas ilhas de Maluco. E muitas armadas de Castela tiveram lá ruim successo e se perderam, vindo os castelhanos em poder dos portugueses.

E no princípio do ano de mil e quinhentos e vinte e quatro, sendo contentes El-rei D. João, terceiro do nome, e o Imperador D. Carlos que determinassem estas diferenças homens doctos em matemáticas e arte de navegar, nomeou El-rei D. João, de sua parte, juizes de posse e propriedade, procuradores fiscaes e secretários, que eram três géneros de pessoas, juristas, geógrafos e mareantes, sendo o principal o licenciado António de Azevedo, e Diogo Lopes de Sequeira, que havia sido governador da Índia, e Pedro Afonso de Aguiar, Francisco de Melo, Simão de Távila e outras pessoas expertas que entendiam o negócio, os quais foram à cidade de Elvas com poderes bastantes. E de Castela, por parte do Imperador, vieram a Badajoz o licenciado Açunha, do Conselho Real, e o licenciado Barrentos, do Conselho das Ordens, e Pero Manuel, da Chancelaria de Valhedolit, D. Fernando Cólón, filho do almirante Cristóvam Cólón, e João Sebastião do Cano, Pero Rodrigues de Vilhegas, natural da cidade de Burgos, com outras muitas pessoas de letras e navegação. Os quais se ajuntaram a praticar a primeira vez junto do rio Caia, que divide Portugal de Castela e corre entre as duas cidades de Elvas e Badajoz, e, dali adiante um dia se ajuntavam em Elvas, outro em Badajoz, em que gastaram muitos dias, dando cada um razões por sua parte, sem efectuar nada. Ouvindo aos castelhanos, parece que têm razão, e escuitando aos portugueses, que foram os primeiros descobridores destas ilhas de Maluco, parece que têm também razão e justiça.

Mas como são cousas de compridos caminhos e de longes terras e espaçosos mares, e não se saber a altura de leste a oeste, não se

pode bem cercear e averiguar a conta e medida deles, pelo que destas demarcações dantre Portugal e Castela, dos termos que a cada um destes reinos cabem no que é descoberto e está por descobrir, ainda que algumas pessoas disseram e escreveram, uns em favor de um reino e outros de outro, não se pode bem determinar nada do que eles tratam em suas alturas, senão remeter se à razão e ao que se nisso achar na verdade, porque, ainda que se demarcasse a linha onde começa a repartição destas conquistas, não está bem acabado de averiguar por onde se há-de lançar a outra linha ou meridiano em oposição da primeira, que precisamente parta o Mundo e a conquista dele pelo meio.

Diziam os castelhanos que João Sebastião do Cano descobrira primeiro as ilhas de Maluco com outras razões que davam, o que tudo negavam os portugueses, dizendo que eles as acharam primeiro e que a linha primeira se havia de deitar de uma das mais orientais ilhas do Cabo Verde, que são Boavista ou a do Sal, e não pela de Santo Antão, que é ocidental, como os castelhanos diziam, e há aí noventa léguas de uma parte a outra. E, todavia, os castelhanos, deitando a linha trezentas e setenta léguas da ilha de Santo Antão, segundo o concerto dos Reis, pronunciaram sentença à sua vontade em cima da ponte do rio Caia uma terça-feira, trinta e um de Maio do dito ano, a qual reprovaram os portugueses, dizendo que a quantos castelhanos fossem às ilhas de Maluco fariam pagar seu atrevimento, e assi se apartaram uns dos outros sem ser conformes na sentença. E, por ficar o negócio desta maneira, sem conformidade decidido, continuaram ambos os príncipes a navegação das ilhas de Maluco, ainda que aos castelhanos sempre sucedeu mal; e os portugueses continuam e prosseguem esta viagem até nossos tempos com prósperos sucessos.

Tanto duraram as altercações e diferenças antre uns e outros, até que o Imperador veio a conceder o que El-rei D. João desejava; o qual no ano de mil e quinhentos e vinte e nove, havendo de ir o Imperador a Itália a coroar-se em a cidade de Bolónia por mão do Papa Clemente sétimo, lhe deu empréstimo ou penhor de trezentos e cinquenta mil cruzados, ficando-lhe as ilhas de Maluco como empenhadas, porque pera esta viagem tinha necessidade de dinheiro. E o licenciado António de Azevedo, que por mandado de El-rei entendeu nisso, foi castigado por El-rei pelo descuido que teve em não assinar e limitar o tempo quando se havia de tornar o dinheiro. E, ainda depois disto, cometeram os castelhanos e

ingreses e franceses esta navegação sem ter efecto o que pretendiam. Um Sebastião Gaboto (que outros chamam Gabato), veneziano, descobriu a terra dos Bacalhaus à custa de El-rei Henrique sétimo de Ingraterra, com tenção de achar estreito pelo ponente pera chegar em poucos dias a estas ilhas de Maluco, mas não houve effecto seu desejo.

E muitas vezes supplicaram os castelhanos ao Imperador que em todo caso desfizesse o empenho das Malucas, tornando a El-rei D. João seu dinheiro, mas, não condescendendo a isso, lhe foi ainda supplicado e requerido pelos pro-curadores das cidades e vilas de seus reinos nas cortes que, estando o Imperador em Frandes, se celebraram na vila de Valhedolit no ano de mil e quinhentos e quarenta e oito, oferecendo-se os reinos a pagar tudo o que o Imperador devia a El-rei D. João, contanto que por tempo de sós seis anos lhe fosse dado em arrendamento a especiaria e, passado este tempo, lhe deixariam o comércio livre, o qual mandou de Frandes que não se falasse nisso, com que todos se maravilharam, ficando a El-rei D. João mais livre e sem estorvo dos castelhanos o trato das ilhas de Maluco.

Parece que quis passar por isso o Imperador ou por ver não ter nele direito, ou por razão dos muitos vínculos de sangue e afinidade e matrimónios de filhos, uns com os outros, que antre estes reis havia. E, ainda que depois deste mandado do Imperador muitas vezes tentaram os castelhanos esta viagem das Malucas, principalmente da parte do sul das Indias Ocidentais, donde mandavam lá suas armadas, sempre lhe saiu adversa, que parece que até agora a reservava Deus pera sós os portugueses, que levaram o trabalho de primeiro as descobrirem, a quem sempre sucedeu bem este comércio, e eles estavam em posse dele. Ainda que os castelhanos, porque viam pelas operações do astrólogo André de Sam Martim, e assi per suas singraduras e estimativa, ao modo de sua arte ser mais em favor dos portugueses que do seu, situavam as terras da derrota nas cartas de marear a seu propósito e não segundo o que achou o seu astrólogo. E destas outras cousas serem feitas com malícia testemunhou à hora de sua morte um deles, por nome Bustamante, o qual, indo em um navio português de Malaca pera a India, foi ter às ilhas de Maldiva, onde faleceu, por ir muito enfermo, e no seu testamento disse que por descarrego de sua consciência declarava que tal cousa e tal em alguns estromentos, que os castelhanos tiraram em Maluco sobre aquele seu negócio, ele testemunhara o

contrário da verdade, porque o fazia em seu favor. E, segundo dá a entender o doctíssimo João de Barros, a verdade deste caso há-de determinar o mesmo astrólogo André de Sam Marfim com seus eclipses e experiências, em que mostra estarem as ilhas de Maluco na conquista de Portugal.

E quanto à posse, quem ler a continuação que os portugueses tinham naquelas partes do ano de mil e quinhentos e vinte, antes que a armada de Castela lá fosse, que são dez anos de tempo, com todos os outros negócios de cartas e requerimentos que os reis daquelas ilhas tiveram com os portugueses, parece que julgará a posse por boa. E ainda que não fora outra cousa e Portugal não tivera o direito que tem, pelas razões já ditas e outras que não digo por não fazer um longo processo, a posse de tantos anos, adquirida e sustentada com tanto trabalho dos portugueses, abastava pera sobre este negócio não se falar mais palavra da parte de Castela, se Deus por seus occultos juízos não entregara neste tempo o reino de Portugal ao mui católico, alto e poderoso Rei D. Filipe, com que não somente ficou rei de toda Espanha, mas da Índia Oriental, onde estão as Malucas, e da Ocidental, esmaltada de tão ricas minas de ouro, prata, esmeraldas e outras pérolas, chegando seu poder e reinado de extremo a extremo, com que é agora o maior senhor de toda a Redondeza. E com isto tenho, senhora, declarado, o melhor que pude alcançar, as dúvidas que me perguntastes.

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUINTO

EM QUE MOSTRA A VERDADE, POR EXPERIÊNCIA DE MODERNOS
E ALGUMA RAZÃO, NÃO ESTAR O ESTREITO DE MAGALHÃES
ANTRE DUAS TERRAS FIRMES. MAS TER DA PARTE
DO POLO ARTIGO TERRA FIRME E DA DO
ANTÁRCTICO SÔMENTE ALGUMAS ILHAS

Pelo que tenho dito, e muitos antigos afirmam, parece estar este estreito de Magalhães entre duas terras firmes, grandes e espaçosas. Mas a experiência de outros mais modernos, que depois o passaram, mostra o contrário. E alguma razão há por onde parece que só da parte do nosso polo Artico, ou setentrional, tem terra firme, que é a do Brasil e Peru, e da banda do polo Antártico, austral, não há terra firme, senão somente algumas ilhas, como, pelo que agora direi, se verá.

A nação ingresa, de trinta anos a esta parte, se tem tanto exercitado nas cousas da navegação, que, não contentes de navegarem pelos mares que seus antepassados soiam, se atreveram os modernos de agora a navegar além do estreito do mar Mediterrâneo, não lhe ficando nenhuma das ilhas do dito mar, assi do Baleárico, Ligústico, Adriático, Tirreno, Africano, de Lepanto, Líbico, Púnico, Aegipciaco, Greciano, Aegeu, como Constantino Politano, e não sei se até o Ponto Euxino e a alagoa Meotis, e até outros muitos portos deste mar, com grandes riscos de suas pessoas, não estimando os perigos das galés turquescas e outros cossaios.

E, além deste comércio, descobriram outro pera Moscóvia, Rússia e Polónia, aonde vão todos os anos de Londres quinze e vinte naus a trocar suas mercadorias pelas daquelas partes, sendo eles próprios pilotos de suas naus. E, não contentes somente destas lícitas navegações, empreenderam outras vedadas, como são as que fazem pelas costas das Indias e Brasil, Mina e Guiné, onde vão negociar todos os anos, os quais, vendo as riquezas daquelas partes, não se contentaram ainda com elas.

Mas um Francisco Draque, natural de Pleâmua no regno de Inglaterra, junto a Cornualha, homem de mar, nascido de parentes não dos mais honrados daquele povo e que, antes de chegar ao que lhe sua fortuna tinha guardado, algumas vezes soía levar em seu bote, que cá chamamos batel, pescado a vender a Londres, este, enfadado da pobreza e querendo aventurar-se à fortuna do mar largo, se mudou do bote, em que andava, a outras naus, que cometeram outras diferentes empresas, indo nelas algumas vezes às costas de Guiné e Indias, como foram aquelas viagens que pera elas fez aquele capitão Haquens, natural da mesma vila de Pleâmua, a quem serviu. E depois de se fazer práctico e piloto daquelas costas, tomou uma empresa, a mais dificultosa que até hoje se viu, e não me determino se foi maior que a que fez Magalhães pelo seu estreito,

ainda que, a juízo de muitos que trabalharam por saber bem o modo de sua navegação, foi mais atrevido nela, porque o Magalhães nunca se apartou da costa da terra do Brasil, que era a da mão direita, e por ali foi sempre até passar aquele mar, que chamam estreito do seu nome, ao do Sul. E a este aconteceu diferentemente, que, indo navegando por ele, lhe deu tanta tormenta, que lhe foi forçado ir correndo ao Sul sete ou oito dias com grandíssimos perigos, donde entendeu que o dito estreito é mar largo e, porque tem daquela parte do Sul muitas ilhas, cuidou o primeiro descobridor, Magalhães, que era estreito, porque sempre se acostou a estoura costa.

Basta que se afirma que o dito estreito é mar largo e que tem muitas ilhas, como se pode conjecturar pelo que adiante direi.

E tornando à viagem e empresa do dito Draque, partiu da Inglaterra no ano de mil e quinhentos e setenta e sete com três naus de bom porte, levando consigo alguma gente nobre, com determinação de passar este estreito, que tenho dito, e por ele ir ao mar do Sul, como foi; e, antes de chegar à boca dele, correu muita parte da costa do Brasil, onde perdeu uma das naus que levava, indo dali por diante somente com duas. O capitão e gente da outra nau, enfadados já dos trabalhos que tinham sofrido até ali, se quiseram por algumas vezes apartar dele e tornar pera sua terra, o qual a nada quis dar ourelhas, indo sempre avante. E determinado o capitão e certos homens da outra nau de o matarem com peçonha, sendo disso avisado, teve modo com que acolheu na sua nau o capitão da outra, que era filho de um homem honrado e muito principal em Londres, e aos outros que eram com ele na consulta, e, tirando informação e testemunhas processadas do que lhe ordenavam contra a ordem e regimento que levava da Rainha de Inglaterra, tomando juizes na sua nau, julgaram que fosse degolado e os mais enforcados, como se fez; o qual feito lhe não foi depois estranhado, quando tornou a sua terra.

Indo, assi, navegando na volta do dito estreito, sendo já dentro nele, se achou com a sua nau somente, sem as duas com que partira, mas nem com isto lhe faltou ânimo pera ir avante. E certo que, se este homem não maculara sua fama em se apartar da fé e com o latrocínio que fez, como direi adiante, também, como outro Magalhães, fora digno de memória, porque, indo pelo dito estreito, padeceu muitos trabalhos por muitas vezes, estando nele algumas ancorado, onde em muitos lugares querendo lançar âncora, não sendo

de terra um tiro de arcabuz, não achava fundo, do que ficavam os seus marinheiros mui maravilhados, por ver ali tanto o contrário do que é em suas terras, nas quais depois contavam maravilhas daquela perigosa viagem. E, antre outras cousas, diziam que, indo uma vez a terra, com lhe haverem feito sinais de paz e amizade a gente dela (que eram gigantes e homens de grande estatura), um dos que ali na praia estavam, vendo desmandado e apartado dos mais um marinheiro ingrês, se foi a ele e o matou, sem os outros se bulirem do lugar donde estavam; alvoroçando-se os ingleses e cuidando que lhe fizessem outro tanto, os asseguraram os gigantes da terra, dizendo por sinais que não houvessem medo e o que fizera aquilo fora porque aquele ingrês lhe matara seu pai, suspeitando por isto os ingleses que, em algum tempo, naquela costa havia desembarcado gente branca.

Ando Francisco Draque prosseguindo sua viagem, lhe aconteceu o que, atrás, já disse e foi pela banda do Sul daquelas ilhas (que ali há muitas) a entrar no mar do Sul e, por ele entrado, correndo já a costa do Perú, encontrou com a mais rica nau (que vinha pera Panamá) que até hoje se sabe navegar por aquele mar, a qual afirmam trazer um conto e meio de ouro de Sua Majestade e partes, que, como não trazia gente de guerra, nem artilharia (como se usa naquela costa), pois não havia de quem se poder temer, lhe foi fácil torná-la; e passando toda aquela riqueza à sua, foi prosseguindo sua viagem na volta das Malucas. O governador do Perú, sabendo o que havia passado e como entrara naquele mar nau de cossaios, ordenou duas naus, que apare-lhou bem com gente de guerra, e, mandando-as em busca do dito Draque na volta do estreito, por onde lhe pareceu que tornasse a fazer a derrota, uma das naus passou o dito estreito (sem nenhuma delas o achar) e veio ter à ilha Terceira o ano de mil e quinhentos e setenta e nove, sem, até então, haver nova alguma do dito Draque, o qual prosseguindo sua viagem (como tenho dito) na volta das Malucas, lhe aconteceram muitas vezes vários casos e cousas notáveis com os reis daquelas partes, a quem fazia dádivas e serviços das cousas que levava consigo de Inglaterra pera seu resgate, como quem, pera o efeito dele, as não havia mister, pois o havia já feito tam bom sem troca delas.

A nau pôs duas ou três vezes a monte, sendo de porte de até cem tonéis, tirando umas távoas furadas do gusano e pondo outras, e o mesmo ao leme, que duas vezes renovou, sucedendo-lhe sempre tudo felice e prosperamente, nunca lhe faltando os mantimentos

pera a sua gente, que levava, que eram mais de cinquenta e tantas pessoas.

Por ali veio, dobrando aquelas partes da China, alargando-se sempre ao mar e afastando-se dos portos e da costa da Índia, até chegar ao cabo de Boa Esperança, que com grandes perigos passou, e veio, pelo caminho que fazem as naus da Índia, a ver vista destas ilhas dos Açores e, depois, chegou a sua terra e porto de Pleâmua e salvamento, aonde, e a toda a costa de Inglaterra, a petição dos embaixadores de Sua Majestade e a requerimento dos procuradores das partes a quem tocava o que havia tomado naquela nau, a Rainha tinha já mandado ordem pera que, em chegando, se prendesse e lançassem mão de todo o que trouxesse.

E chegando no mês de Outubro da era de mil e quinhentos e oitenta a outro porto, foi bem recebido, assi da justiça daquela vila como da Rainha de Inglaterra, porque, dali a poucos dias, mandando ir aquela nau, tão visitada do povo inglês, a Griniche, abaixo de Londres, onde está posta, por memória, varada em terra, a mesma Rainha, por sua mão, dentro nela o fez cavaleiro com lhe fazer muitas honras e dar muitos títulos, repartindo o tesouro, que veio nela, como lhe bem pareceu, ficando ao Draque uma boa parte dele, e o mais se levou e meteu na Torre de Londres; se hoje está ali ou não, a Rainha e o Conselho o saberão. O que se sabe é que, com grande instância, se pede por parte de Sua Majestade e dos mercadores e partes, a quem pertence, sem se poder haver conclusão no retorno dele.

Ficou este Draque tão honrado naquele regno com esta viagem que fez, que, quando vai a Londres, o anda a gente vendo como a cousa divina. E homem baixo de corpo, encorpado, vermelho, bem disposto e gentil homem alegre e bem assombrado, mui destro na guerra, muito entendido nas cousas do mar e gentil capitão, se fora católico. E, segundo soube de um Manuel Martins, nobre mercador, prudente e curioso, natural desta ilha de S. Miguel, a quem ele levou a sua casa, que comprou depois que fez esta viagem, nove milhas daquele lugar de Pleâmua, onde a edificou como uns ricos paços, é a mais nobre casa de quantas há naquela parte, porque tem nelas lustrosas câmaras bem guarnecidas e providas de ricas camas de seda, em que pode agasalhar cem pessoas, e armas de toda sorte, com que poderá armar duzentos homens, muitos cavalos nas estrebarias, grande número de criados e gentis-homens bem dispostos

e donas e moças mui fermosas, e comprou naquelas partes muitas terras de pão e comedias de gado, donde tira muito proveito. E nas costas da casa tem uma coutada de muitos coelhos e um parque (que cá chamamos coutada), em que traz muita quantidade de veados, e uma pesqueira, que, saindo de um braço daqueles esteiros que fazem as abras de Pleâmua, vem a ter àquela casa, donde cada dia, ordinariamente, se tomam nela uma dúzia e meia de trutas, mui grandes por extremo, e no tempo dos sarmões se pescam também nela boa quantidade, de maneira que de um pobre pescador, com grandes perigos que passou, veio a valer tanto naquele regno; queira Deus que não seja com outro maior perigo de sua alma.

E acabarei esta matéria com dizer sòmente que me disse o dito Manuel Martins lhe ouvira dizer, praticando ele com um certo senhor, temendo-se da infâmia de latrocínio, que todo o que fizera naquela viagem não fora outra cousa senão o que a sua Rainha lhe havia mandado e que assi o mostraria em todo o tempo. E como isto sejam matérias de Estado, não convém ir mais adiante per esta. Somente direi que depois fez este Draque outros excessos atrevidíssimos, dignos todos de grave castigo nesta vida, e muito mais na outra, onde lhe não valerá dizer que sua Rainha lhos mandava fazer.

À imitação deste Draque se alvoraçaram logo muitos gentis-homens em Inglaterra pera irem àquelas partes. E fazendo-se prestes no ano de mil e quinhentos e oitenta e um, não foram, então, por ir ali ter o Senhor D. António que, querendo converter aquela empresa em outra maior, como era a que pretendia da ilha Terceira, e desta de S. Miguel e armadas, ficou tudo aquele ano no ar, sem uma e outra cousa haver efeito. O ano seguinte, que foi de oitenta e dois, no mês de Maio, partiram a esta empresa quatro navios, se, uma nau, de porte de mais de quatrocentos e cinquenta tonéis, de um homem rico de Antona, e outra, de Londres, por nome Henrique Boaventura, e duas pinaças ligeiras de remo, todas as quais se fizeram de companhia que em Londres se ordenou antre fidalgos daquele regno e mercadores, a rogos deles, nas quais levavam muita quantidade de mantimentos e, em cada nau, obra de cento e vinte marinheiros, afora muitos gentis-homens, filhos de nobres de Inglaterra, que os mandaram a se fazerem práticos naquelas partes. Partiram da ilha Duhique a vinte de Maio de oitenta e dois, e até a de oitenta e três se não sabe destas naus; parece que deviam fazer comprida viagem. O capitão desta armada se chamava o capitão

Fenten. E contra eles mandou Sua Majestade uma armada, que este ano veio ter à ilha Terceira, sem se encontrarem, por ser o mar muito espaçoso e largo.

Da experiência deste capitão Francisco Draque se vê claramente que são ilhas, e não terra firme, as que aparecem no estreito de Magalhães, da parte do Polo Antártico Austral, e que é lá tudo mar largo, o que se confirma pelo que aconteceu ao mesmo Magalhães quando o descobriu, porque (como tenho atrás dito), indo por ele até cinco léguas, vendo pela ribeira dele angras, rios e esteiros que entravam pela terra, passaram um lugar mais estreito que se fazia antre duas serras mui altas, além da qual estreiteza viram que se fazia em dois braços, e não sabendo Fernão de Magalhães determinar qual daqueles passava ao outro mar, pelo da parte do Norte mandou um batel que, descobrindo somente doze léguas, tornou logo, e pelo da parte do Sul mandou entrar a nau Santo Antão, cujo capitão era Alvaro de Mesquita, pondo-lhe limitação que aos três dias tornasse e, sendo já passados seis, mandou outra que a fosse buscar, o capitão da qual tornou dali a três dias sem achar da outra notícia alguma, a qual diz o docto João de Barros que (como pronosticou por sua astrologia, o astrólogo André de Sam Marfim que Magalhães consigo levava) era já então dali tornada pera Castela, como tornou, porque o piloto, com favor de toda a gente, se fez na volta de Espanha, e, ainda sobre o capitão Alvaro de Mesquita o contrariar, foi ferido e preso. E pois esta nau tornou sem passar, da tornada, pelo lugar tão estreito onde Magalhães a esperou tantos dias, claro parece que se foi por outro braço e estreito que achou antre aquela terra e, assim, deste por onde tornou a sair e do outro segundo braço por onde entrou, como das angras, rios e estreitos que Magalhães ia vendo entrar por aquela terra, se colige claramente que não é terra firme, senão ilhas, que depois viu com seus olhos o capitão Francisco Draque e sua companhia, como já está dito.

Por este estreito de Magalhães bem se pode navegar pera as ilhas de Maluco, mas dizem alguns que é mais comprido caminho que o que fazem os portugueses, pelo que não se pode tanto frequentar como o primeiro. Outros afirmam ser mais breve.

Um Vasco Nunes de Balboa foi o primeiro dos espanhóis que viu o mar do Sul da Nova Espanha, mas Fernão de Magalhães, português, foi o primeiro que navegou por ele e achou a entrada do

estreito do seu nome. E depois o passaram outros, antre os quais, afora os já ditos, foi um André de Vodaneta, homem discreto e experimentado na Cosmografia e na arte de marear, o qual, indo com o comendador Joaysa, passou o dito estreito e chegou às ilhas de Maluco e, tornando a Espanha, deu conta a El-rei de Castela do que lá viu. E, depois, tornando à Nova Espanha, se fez frade da ordem de Santo Agostinho e tendo El-rei Católico Filipe informação de sua muita experiência, o ano de mil e quinhentos e sessenta e quatro lhe mandou que fosse de Nova Espanha em descobrimento das ilhas de Maluco, o que ele fez em breve tempo, e, vindo de lá à Nova Espanha, se veio a Castela o ano de mil e quinhentos e sessenta e seis e deu conta mui particular a Sua Majestade de todo o que havia visto e descoberto, pelo que se fez em Madrid um ajuntamento de alguns cosmógrafos, em que (segundo conta o doctor Gonçalo de Ilhescas) o dito padre Frei André de Vodineta mostrou, provavelmente, como a demarcação do que a El-rei de Castela cabia pela concessão de Alexandre sexto chega doze graus ao Ponente adiante das ilhas de Maluco. E diz o mesmo Ilhescas que, segundo uma e outra conta, são mais de onze graus, e que isto constava pêlos padrões dos mesmos portugueses que o não podiam negar. Mas digo eu que este ajuntamento e consulta se fez em Castela, sem estarem presentes cosmógrafos portugueses, que afirmam outra cousa. E, como tenho dito. Deus deitou o bastão antre esta contenda, unindo estes reinos em uma só coroa.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SEXTO

COMO PARECE QUE CRISTÓVAM CÓLON COM SUA VIAGEM DEU
PRINCÍPIO DONDE TOMOU O IMPERADOR CARLOS QUINTO A
EMPRESA DAS COLUNAS QUE PÔS EM SUAS ARMAS E,
CONTINUANDO-A FERNÃO DE MAGALHÃES. DESEJOU DE AS PÔR
MAIS AVANTE. EM QUE SE DECLARAM ALGUMAS
OUTRAS INSÍGNIAS DAS ARMAS IMPERIAIS

Com os descobrimentos de terras que fizeram Cólón e Magalhães, vassallos de El-rei de Portugal, ao Imperador e, principalmente, com a viagem a que Cólón deu principio e depois Magalhães prosseguiu e ampliou mais além, dizem que pôs em suas armas as duas colunas que Hércules tinha postas no cabo da terra firme, no estreito de Gibraltar, dizendo (como contam autores gregos) em grego estas palavras Tapira Gadira Upera tá, que querem dizer em latim Ultra Cades non sunt navigabilia, ou Ultra Cades non est navigatio, e dizem em portuguez: Além de Cales não há navegação, ou terras pera onde navegar, arrancando o Imperador as mesmas colunas da terra, e pondo-as não em terra, mas em mar por onde tão longe navegou, que dizem chegar ao meio do Mundo. Afora as quais colunas, tem também as armas do Duque Filipe ou Cario de Borgonha, de quem ele e o católico e potentíssimo Rei D. Filipe, segundo do nome, seu filho, procedem, que são as da Ordem da Cavalaria do Tosão, que o dito duque ordenou, cuja insignia é uma cadeia de ouro de pedernais e fuzis com um carneiro, pendente dela, e deu empresa aos cavaleiros a defensão da Igreja Cristã com uma letra que dizia Por manter a Igreja onde Deus faz a sua mansão inventei a ordem que chamam do Tosão, da qual ordem hão sido e são cabeça e mestres os Duques de Borgonha e seus successores, até hoje, e o número era o Duque e trinta cavaleiros até que o Imperador Carlos quinto, rei de Empanha, o acrescentou até cinquenta; e agora é cabeça e mestre da ordem nosso rei D. Filipe, Duque de Borgonha, que hoje reina. Ao qual propósito diz Paulo Jóvio, grande e docto cronista, que lhe parece que os grandes príncipes, por haverem e terem diante de si homens de excelente engenho e doutrina, hão conseguido a honra da invenção, como há sido, antre outros, o Imperador Carlos quinto, o Católico Rei de Espanha, o magnânimo Papa Leão, porque em efeito o Imperador sobrepujou com grande parte a bela empresa do fuzil, a qual trouxe já o valoroso seu avô materno, o grão Carlo, Duque de Borgonha. E, certamente, a sua empresa das Colunas de Hércules com a letra de Pius Ultra não sòmente há sobrepujado de gravidade e galantaria aquela do fuzil do avô, mas ainda todas as outras que hão trazido até agora os outros reis e príncipes. Porque estas colunas com a letra, considerada a boa fortuna da felice conquista da India Ocidental (a qual excede toda a glória dos antigos romanos), satisfaz maravilhosamente com o subjecto à vista que a vê e com a letra ao entendimento que a considera. Nem é de maravilhar, porque o inventor dela foi um excelente homem, chamado mestre Luiz Marliano, milanês, que foi médico de Sua

Majestade e morreu Bispo de Tui, e, além de outras virtudes, foi gram matemático, e estas semelhantes empresas não saem das boticas dos médicos enluvadados, mas de delicatíssimos engenhos.

A história desta famosa invenção do fuzil do Duque de Borgonha, com a qual se ornam de gloriosa coluna os valorosos cavaleiros de nossa idade do honradíssimo colégio da Ordem do Tumor, ampliado do invictíssimo Carlo quinto, posto que é matéria muito intrincada e pouco entendida ainda daqueles senhores que trazem este fuzil ao pescoço, porque é também junto um velo de um carneiro tosquiado, interpretado de alguns pelo velocino dourado de Jasom, trazido dos Argonautas que o conquistaram na ilha de Colcos, onde Frixo o tinha sacrificado a Júpiter pera o livrar de sua madrasta Ino. E alguns o referem à sagrada escritura do Testamento Velho, dizendo que ele é o Velocino de Gedeom, o qual significa fé incorrupta.

Digo que o valoroso Carlo, Duque de Borgonha, que foi ferocíssimo em armas, quis trazer a pedra de fogo com o fuzil e dois troncos de lenho, querendo demonstrar que ele tinha o modo de excitar grande incêndio de guerra, como foi verdade, mas este seu ardente valor teve tristíssimo sucesso, porque, empreendendo ele a guerra contra Loreno e Suíços, foi, depois dos dois desbarates de Morat e de Grason, desbaratado e morto sobre Nansi a vigília da Epifania. E esta empresa foi escarnecida de Benato, Duque de Loreno, vencedor daquela guerra, ao qual, sendo apresentada uma bandeira com a empresa do fuzil, disse: “por certo este infelizmente Senhor, quando teve necessidade de se aquentar, não teve tempo de obrar com o fuzil”. E tanto mais foi galante este dito quanto, aquele dia do vencimento, a terra era coberta de neve rociada de sangue, e foi o maior frio que se acordasse jamais à memória dos homens. De sorte que se viu no Duque Carlos que a ladra fortuna não quis acompanhar a sua virtude naquelas três últimas jornadas.

A causa principal da morte e vencimento deste Duque de Borgonha foi que, havendo ele dado uma bofetada a um conde, chamado Nicola de Campo, baixo capitão seu de gente de armas, por uma diferente opinião em contrário do Duque em feito de armas, este por se vingar (porque, como diz o mesmo Jívio, não se deve jogar de mãos com homem feito) reservou a vingança a ocasião, dissimulando e sofrendo. E tendo guerra o Duque de Loreno e o Duque de Borgonha sobre Nansi, avisou o conde ao Duque de Loreno que não duvidasse dar a batalha e cometer com os suíços que tinha, que

ele se estaria à vela, sem o ajudar nela com a sua gente de armas, o que o Duque de Loreno fez, e o Conde alevantou a bandeira por Loreno e seu senhor, o Duque de Borgonha, foi vencido e morto. E pera significar esta vingança fez o Conde Nicola uma empresa de uns mármorees despedaçados de certa erva chamada figueira silvestre, que o costuma fazer, metendo-se per as veias deles, com uma letra que diz: *Argentia marmora findit caprificus*, e quere dizer: grandes mármorees fende e desfaz a figueira silvestre, que é uma das graves empresas que se podem achar e contar.

E, porque o Imperador partiu o Mundo pelo meio, dizem também alguns que traz em suas armas a águia partida, ou de duas cabeças, por causa desta partilha. Da história, que conta Virgílio no quinto livro dos Aeneidos, como Ganimedes, troiano, andando caçando no monte Ida, foi arrebatado pela águia (que era pagem das armas ou da lança de Júpiter) pera o servir de seu copeiro no céu, parece que tomaram os imperadores a águia por armas, porque os imperadores antigos descenderam de Aeneias. E os cristãos são como águias na terra, pagens da lança ou das armas, e justiça de Deus que por Ele ministram. E, quando no duodécimo livro dos Aeneidos, Virgílio significa a Turno pelo cirne e a Aeneias pela águia, e de Aeneias vieram os imperadores, parece que, por isso, tinha o imperador Carlo quinto a águia por armas, porque, na verdade, como a águia é rainha das aves, assi o imperador é monarca supremo de todos reis e senhores. E, por o Imperador Carlos quinto partir a conquista do Mundo pelo meio, dizem também alguns que traz em suas armas a águia partida. E, como conta Pindaro, pera se averiguar qual era o meio da Redondeza (ainda que em qualquer lugar o é, porque no globo redondo qualquer ponto, que nele se põem é o meio), mandou Júpiter duas águias voando pera diversas partes desencontradas e vieram-se encontrar junto de Macedónia, em Focis, pequena região de Grécia, adjacente à enseada Crissea, mas afamada com o Déléfico oráculo e com os dois altos montes, Helicon e Parnaso, que nela estão, o qual monte Parnaso dantes se chamava Garnaso, da arca de Deucalion que no dilúvio, que daquele tempo pintam, veio ter a ele, porque lama em grego quer dizer arca. E por ser altíssimo este monte vieram a dizer que era o embigo do globo do Universo e, por isso, em Focis, onde as duas águias de Júpiter se encontraram, concederam e fizeram o meio do Mundo; e, em memória disto, dizem que está ali uma águia de ouro, ou duas em um corpo, com duas cabeças, como no mesmo lugar ambas se ajuntaram. E ainda que daqui, mais que de nenhum lugar dos outros

ditos, querem dizer alguns que tomou o Imperador suas armas e pôs nelas a águia de duas cabeças, deixando aparte (segundo alguns dizem) a águia que todos os imperadores gentios, desde o tempo de Júlio César, primeiro imperador de Roma, traziam por armas, a qual tomaram de Aeneas, que a trouxe de Itália, das terras que estavam perto de Tróia, ou do Monte Ida, onde fingem que a águia primeiramente nasceu. O que parece mais verdade é (como conta Anacreão, autor antigo, e refere-o Fulgêncio no livro das Mitologias e Aeneas Vico no livro das Medalhas dos Antigos) que, querendo Júpiter fazer guerra aos Titanos (outros dizem contra seu pai Saturno), fez sacrifício ao Céu e, estando-o fazendo, veio uma águia voando sobre ele, como ave doméstica que o favorecia, que ele teve a sinal de próspero sucesso; e assi foi, porque alcançou ele maravilhosa vitória, pela qual causa tomou uma águia de ouro por armas, que trazia no escudo e no pendão vermelho, e, porque, depois disto, venceu a Ganimedes, levando na batalha esta águia por armas e insígnias, vieram a dizer os poetas que uma águia fora a que arrebatara Ganimedes e o levara a Júpiter, E porque os romanos tomavam a Júpiter por valedor, e a águia é alta e penetrativa, e excede em nobreza todas as outras aves, e se mostrou propicia a Júpiter com seu doméstico e brando voo, e se pôs sobre o seu pendão vermelho, pelo que ele a pôs no seu escudo e bandeira, portanto a tomaram por braço e divisa do Romano Império, quando era só um; mas, porque ele se depois dividiu em duas monarquias, se dividiu ela em duas cabeças. Verdade é que diz Alexandre ab Alexandro, no quarto dos Dias Geniais, que esta insígnia militar veio de Júpiter aos cretenses, e deles aos troianos, e dos troianos a Itália por Aeneas, do qual a tomaram os romanos como aqueles que se jactavam trazer dele sua origem e geração. Mas, como quer que fosse, todos concertam que o primeiro que teve águia por armas foi Júpiter e que, por sua causa, a tomaram os romanos, ora fosse per via de Aeneas, ou per outra qualquer. Mas a causa porque então pintavam esta águia com uma só cabeça e agora a pintam com duas é pera denotar que, sendo no princípio o império um, depois se dividiu em dois, no Oriental e no Ocidental, e dizem que Carlo Magno, Imperador, a mandou trazer partida no escudo do império que traziam no peito os reis de armas. Mas, ainda que seja partido em duas potências, que são as duas cabeças, contudo, deve ser um o corpo, que é o ânimo com que se deve governar. Esta é a significação da águia de duas cabeças que traziam por armas os dois imperadores cristãos, assi o de Constantinopla no Oriente, como o de Alemanha no Ocidente, antes que, por nossos pecados,

os turcos se apoderassem do Império Oriental.

E no tempo de Constantino, imperador, se dividiu o Império e foram dois impérios. Oriental e Ocidental, ainda que outros autores digam outra cousa. O fundador de Constantinopla foi um Pausânias, capitão dos Iacedemônios, como conta Justino no livro nono e Paulo Orósio no terceiro e Estrabo no livro sétimo, ainda que não nomeia o fundador quem fosse. E todos os modernos, dizendo que este Pausânias e sua gente, buscando onde fariam nova povoação, foram perguntar ao oráculo de Apolo onde povoariam, e foi-lhe respondido que povoassem defronte dos cegos, e que isto lhe foi dito pêlos Megarenses, que haviam povoado a Calcedônia, defronte donde está Constantinopla, em lugar estéril e mau, e deixando o de Constantinopla, melhor e mais fértil. E esta era a cabeça da Igreja grega dos gregos cristãos, como agora Roma é cabeça dos latinos. A qual Roma não edificou Rômulo, como comumente se diz, mas sua origem é esta. Quando El-rei Atlante, décimo quinto Rei de Espanha, deixando nela por rei a seu filho Sicoro, sabendo que Hespero, seu irmão (que ele havia deitado fora de Espanha), andava em Itália mui quisto, temendo perder os estados e terras de Itália, se partiu pera lá; levou por mar muitos espanhóis, parte dos quais povoaram em Sicília e parte em Roma, na província Saturna, nas ribeiras do rio Tibre, onde fizeram uma povoação que ioi depois chamada Roma. A qual, muitos anos depois, convém a saber, no ano de setecentos e cinquenta e dois antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor, ampliou Rômulo, do qual tomou o nome de Roma, que nomeiam por seu fundador. Ainda que outros dizem haver tomado este nome de Romi, uma das filhas de El-rei Atlante, que nasceu em Espanha de sua mulher Leucária. E esta cidade, ao presente, é cabeça da Cristandade e da Igreja Romana e Católica. Assi que houve no tempo antigo dois impérios (ou, por melhor dizer, um império com duas cabeças), um Romano, chamado de outros nomes Ocidental e Latino, situado em Roma, que durou e prevaleceu até se acabar em Augústulo, filho do tedor Orestes, que, fugindo de El-Rei Odoacer dos étulos, que veio sobre Roma, se despiu dele e os trajos imperiais, e morreu pobre e tristemente ano de mil e duzentos e vinte e nove, que começou o império em Júlio César e 477 do nascimento de Cristo, sendo Zenon imperador de Constantinopla e Oriente; e outro Constantinopolitano em Constantinopla, que se chamou assi pelo nome de Constantino Magno (filho de Helena, a que achou a Cruz de Jesu Cristo, Nosso Deus), seu reedificador,

ainda que dantes se chamava Bizâncio, pera a qual este Imperador passou a cadeira do Império de Roma, chamado também Oriental e Grego. O qual (depois de passados mil e cento e noventa anos que tiveram e possuíram cristãos esta cidade) durou até a era de mil e quatrocentos e cinquenta e três anos, em que, por morte e pouca dita do Imperador Constantino, undécimo deste nome, por sobrenome Dragão ou Paleólogo, também filho de outra Helena, (que foi o derradeiro Imperador de Constantinopla), por permissão de Deus a tomou, por força de armas, Mahometo, Rei dos Turcos e Senhor de Asia, a Menor, e de outras muitas províncias, bisavô de Solimão, e, dentro de dois anos primeiros seguintes, conquistou o mesmo turco o Império de Trapisonda e prendeu ao Imperador Caiojoanes, último e cristão, e a Imperatriz sua mulher, e os turcos acabaram então de conquistar este Império Oriental, e ficou somente o Ocidental e Romano.

E pela divisão do Império em tempo de Constantino Magno, que fez ali em Constantinopla seu assento, dali tomou e teve o Imperador por armas duas águias em um corpo, ou uma águia só de duas cabeças, que significa o Império da Cristandade que teve duas cabeças da Igreja, romana e grega, situadas em duas cidades, se, Roma e Constantinopla. Ainda que em tempo de Maximiliano lhe diziam que não trouxesse por armas monstro de duas cabeças, mas, por esta significação, as consentiu e conservou sempre.

Além desta águia (como tenho dito), pelo que a Castela descobriram Cólón e Magalhães, parece que arrancou o Imperador as duas colunas, donde as Hércules tinha postas (que são dois grandes montes Calpe, em Espanha, e Avila, em Africa, que fez com multidão de pedras que ajuntou pera que o estreito do mar, de antre Gibraltar de Espanha e Ceita de Africa, não se alargasse), e pô-las em suas armas, assentadas não em campo, como Hércules, mas em mar, como mais magnânimo, porque navegou mais além, às Antilhas e terras do Peru e Flórida, até chegar às ilhas de Maluco.

E voou tanto desta parte do Ocidente, tendo o Sereníssimo Rei de Portugal voado muito do Oriente, que, indo tão descontraídos da linha da repartição que tenho dita, cada um, por sua parte, se vieram a encontrar (voando como águias, não de Júpiter, deus fingido, mas de Cristo, Deus verdadeiro) em Maluco, onde deveram de assentar o meio do Mundo todo e deixá-lo a Portugal, que, além

de outras razões que por sua parte tem, o achou primeiro. Como as aras ou altares dos dois irmãos filenos em Africa, com tanta fama celebrados, que, havendo grande contenda antre Cartago e Cirenas sobre a demarcação de seus limites, por fim de muitas porfias vieram a concluir, por concerto, que mandassem de ambas as partes mancebos que partissem a uma mesma hora e aonde se encontrassem fosse o fim do limite de cada um povo deles. E, alevantando-se dois irmãos cartaginenses muito de madrugada, antes da hora assinada, alongaram o termo de Cartago com a pressura do passo, o que entendendo os mancebos cirenenses e aqueixando-se do engano que lhe fizeram, vieram a fazer um concerto, com que, com a crueza da condição dele, satisfizessem o agravo que tinham recebido, dizendo ser contentes que aquele lugar onde se encontraram fosse o termo de Cartago, se os filenos consentissem que os enterrassem ali vivos; mas o fim não respondeu ao conselho destes cirenenses, que cuidavam que o tal não consentiriam seus contrários; os cartaginenses filenos, sem demora nenhuma, se entregaram, consentindo ser deles ali vivos enterrados, aos quais (por quererem que sua pátria tivesse mais compridos termos que sua própria vida) fizeram os moradores de Cartago, ali, uns altares, a que chamam as Aras dos Filenos, onde por memória deles faziam grandes sacrificios.

Como parece que se deviam de deixar, sem mais contenda, as ilhas de Maluco aos portugueses, pois mais que os castelhanos madrugaram em as buscar, com tanto trabalho, e nelas se enterraram primeiro e deixaram enterrar, antes que largar a posse delas. E, principalmente, por não estar acabado de averiguar em cujos limites e conquista estão estas ilhas de Maluco e haver sobre isso diversos pareceres e opiniões de homens doctos e graves de ambas as partes. Porque, sem as deixarem aos portugueses, não sei como se possa dar outro melhor meio antre as grandes diferenças que sobre isso, antre portugueses e castelhanos, com tanto escândalo recresceram e, ao diante, poderão recrescer muito maiores.

E, fazendo isto, parecerá tão bem, como agora pouco tempo há pareceu ao Mundo dia de Páscoa florida o dia que as duas águias, que das outras procederam, em Guadalupe se ajuntaram, por ver os filhos das águias, não de Júpiter, mas de Deus, (ainda que diversos reis e cabeças) ambos juntos e incorporados em um coração e corpo e em uma vontade, com perpétuo nó de amor pera sempre, com que mediante Deus se de verá conservar sempre antre estes reis e seus reinos perpétua paz e união verdadeira, unidos ambos com

indissolúvel vínculo de cristã caridade.

Antre estas colunas traz o Imperador umas letras que dizem em Francês “Plus oultre, ou plus oultro”, e não em Latim (como alguns escrevem plus ultra), que, se em latim estiveram, melhor era dizer ulterius, que querem dizer mais avante, por não se contentar com a terra que Hércules tinha descoberto, mas querer passar mais adiante por grandes e espaçosos mares até se descobrir toda a terra onde se assentem, pois há muita por descobrir, principalmente das bandas de ambos os Polos, Artico e Antártico. Mas, por mais mares que se naveguem, nunca suas muitas águas apagarão o fogo ardente da sede humana. E por mais e mais terras que se descubram, claro está que nem as descobertas nem por descobrir, nem as havidas nem por haver, nem todas as terras juntas, e outras imaginadas, jamais poderão acabar de encher nem satisfazer um coração de terra.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SÉTIMO

DE DUAS OPINIÕES QUE HÁ DESTAS ILHAS DOS AÇORES

Mas, deixando, Senhora, o insaciável coração de terra (que depois da morte com pouca se contenta e cabe em mui pequeno espaço dela) e o certo descobrimento das novas terras, que acabo de dizer, vos quero começar a contar o duvidoso e incerto destas ilhas, que dias há que são descobertas. E direi mais algumas cousas, que nisso dizem, que a certeza averiguada, pois não há quem a saiba.

Porque as cousas antigas, de que pela pouca curiosidade dos homens não ficou memória escrita, deram ocasião e causa a muitas opiniões diferentes e a diversos e, às vezes, não acertados pareceres, como são os que se têm destas ilhas dos Açores e, principalmente, destas de San Miguel e de Santa Maria, de que mais particularmente contar quero, que, por não haver quem disso escrevesse, ainda que algumas cousas contem, é tudo tão encontrado e duvidoso que põem grande dificuldade e trabalho ao que quere atinar e acertar com a verdade, e muito mais a quem, nem velando, nem dormindo, nem sonhando, nem cuidando, nem calando, nem falando, deseja e queria e nunca deixa de querer, nem cuidar, nem falar o contrário dela, como confesso e professo que este é o meu desejo e meu ofício de sempre falar verdade e, se outra coisa desejasse ou fizesse, a mim só contrária seria e de meu mesmo ser e nome cruel inimiga.

Mas, como é notório e sabido que, por ser eu muito amiga de mim, fiquei inimiga de muitos e quase de todos enjeitada, não se crerá que antre o golfão de opiniões e linguagens tão confusas, como espalhadas de Babel, nadando e bracejando, não deseje chegar a porto seguro. E se, por a variedade que vejo, alguma vez me afogar ou sossobrar em algum marulho de más línguas e contrárias ondas de vários pareceres e sentenças (sem eu nisto ter culpa, por mais não poder saber), em algum tempo espero salvar-me na boia da boa vontade que tenho, Senhora, de fazer a vossa e servir a todos, que essa me faz andar às obscuras, como pastor por tempo nevoado, careando e ajuntando as singelas e simples ovelhas das verdades que em mato tão bravo e em-baraçado tão pouco claras acho.

Mas, se algumas delas se me perder de vista, à injúria dos rudos tempos e obscuros nevoeiros, e não à guarda delas, se devia com razão imputar essa culpa, porque (como diz o provérbio) homem sou humano, que com olhos humanos vejo as cousas, e não adivinhador Edipo, que com excesso de humana criatura, ou como mais que homem saiba e adivinhe as verdades. E, se isto me não desculpar de todo, culpareis, Senhora, aos vossos rogos e desejos, que, pels

satisfazer, me ofereço nas línguas dos murmuradores e mal-dizentes, a risco de cair em culpas mui grandes.

A quanto maior perigo, Senhora (me respondeu ela), por amor de mim vos puserdes, em tanto maiores obrigações me pondeis.

As obrigações (lhe respondi eu), todos vos estão nelas, e eu mais que ninguém pera vos fazer tudo o que pedis como amiga e podeis mandar como Senhora, que, ainda que sois inferior no reino de meu pai, o Tempo, bem sei eu que, enquanto ele reinou e há-de reinar, tendes vós levado dele algumas vezes, como mais poderosa, e levareis ainda gloriosos triunfos. Porque, posto que, comumente, se diga que vós triunfais da morte e o tempo de vós triunfa, todavia claras memórias há de antiquíssimos e heróicos feitos, que nunca por longos tempos se puderam apagar, mas sempre permaneceram. E nestes, ao menos, não o tempo de vós, mas vós dele mesmo ganhais mil trofeus, pelo que, reconhecendo-vos em muitas cousas por maior, Senhora, que meu pai, me ofereço servir-vos, pois vós sois tal que os trabalhos, que de vossos vassallos e servidores recebeis por serviços não pequenos, lhe ficam a eles do retorno da vossa mão, por comprido galardão e mercês mui crescidas.

Satisfazendo, pois, agora a vosso mandado (que os rogos dos príncipes mandados se chamam) e a este meu obediente desejo, sabei, Senhora, que destas ilhas dos Açores há duas opiniões.

A primeira é, que muitos disseram e tiveram pera si, que foram terra firme, apegadas na parte de Europa pelo cabo que os portugueses a estão mais povoando e cultivando, e que era uma ponta da serra da Estrela que se mete no mar, na vila de Sintra. E, por isso, navegando destas ilhas a Portugal, ordinariamente se vai demandar esta rocha de Sintra, como que a seu todo, por onde quebrou, se vai ajuntar a parte. Como afirmam também que a serra Verde, que se mete na água junto da cidade de Safim, em Teracuco, é a primeira de Monchim do Algarve e que em estas arrebetam as ilhas do Porto Santo e da Madeira. E outros afirmam que também as Canárias foram pegadas com África e são parte dela. Porque dizem que todas as ilhas têm as raízes na terra firme, por muito apartadas que estem dela, e que doutra maneira, como cousas fundadas no ar, não se sustentariam. E, desta sorte, querem dizer e afirmar que todo este espaço grande (que devia ser terra firme) de Portugal até estas ilhas se subverteu e sumiu nalgum tempo e

cobriu das águas do mar, que agora o possui, e ficaram sobre ele alevantadas estas ilhas, que, como pedaços daquela grande e antiga terra, sem se sumir escaparam.

A segunda opinião é fundada no que escreve o grave Platão em o seu Diálogo de Timeo e Elisio, ao princípio, onde querendo engrandecer os atenienses e como foram tão animosos e venturosos, que em tempos antiquíssimos, de que já não havia memória antro eles, porque havia nove mil anos, haviam subjogado e vencido o povo belicosíssimo da ilha Atlanta, que houvera antigamente no mar Oceano Atlântico, que é da parte de Africa ao Ponente dela, os reis da qual Atlanta eram tão grandes e poderosos que venceram os reis de Espanha e senhoreavam grande parte vizinha e comarca da terra firme. Conta ali maravilhas Platão daquela ilha e, sobre isso, promete de fazer dela particular história, o que satisfaz no colóquio a que do nome dela chamou também Atlanta. Dali inferem alguns que estas ilhas dos Açores foram e são uma parte desta Atlanta. A qual diz Platão que era maior que Africa e Asia, porque tomava das Colunas de Hércules, que são em Caliz, na boca do estreito, e se estendia por todo este mar do Ocidente até umas ilhas que diz que estão junto de uma terra verdadeiramente firme; pelas quais ilhas entendo a Espanhola, que por outro nome se diz também a Isabela, ou a ilha de S. Domingos, a qual, antes que fosse descoberta pelos espanhóis, se chamava Haiti e Quisqueja, que quer dizer aspereza e terra grande, porque tem de Leste Oeste cento e cinquenta léguas e de largura quarenta. E a ilha Borriquem, que tem à parte do Levante, a que agora chamam a ilha de S. João, e as ilhas de Cuba e Jamaica, da parte do Ponente, e as ilhas dos Lucaios ou Canibales, ao Norte, e outras muitas ilhas que, a par dela, se acham em distância de vinte e cinco e cinquenta léguas. E pela terra firme entendo que entendia a que agora chamam Antilhas, ou Indias de Castela. Além da qual terra firme dizia que estava um mar verdadeiramente mar, que não deve ser outro senão o mar do Sul do Peru (porque dizem que antes do tempo de Platão este nosso não se tinha por verdadeiro mar. senão por alagoa em comparação daquele); a causa dá ele, dizendo que se alagou esta ilha Atlântica por grande sobejidão e correntes de águas, pelo que este mar estava apaulado, e, pela tormenta grande com que se fundiu a Atlântica com tudo o que tinha, ficou tanto lodo e ciscalho nele, que se não podia navegar.

E afirmam alguns, que têm a segunda opinião, que se não navegou

dali a muitos tempos e que não com sobejidão das águas aquella ilha se destruiu, mas com terremotos e incêndios e coluviões ou dilúvios da terra, e que, assim, ficaram dela estes pedaços destas ilhas dos Açores subjectos àquella maldição e trabalho.

O mesmo Platão diz que a Atlântica era fertilíssima, produzia todos os metais em grandíssima abundância, principalmente cobre, e, como estes não se criam senão em terras que têm muita matéria de fogo, como é enxofre, pedra hume, salitre, e outros mineraes menores, claro está que serão subjectas a terremotos, a incêndios e dilúvios, como também há no Perú. E já sabem todos que nesta ilha e nas demais dos Açores há tanto disto, principalmente, de enxofre, de marquezita e de pedra hume, que, por isso, dizem que bem parecem com a mãe de que procederam.

E pera confirmação destas opiniões se pode acrescentar (como o nobre e notável capitão António Galvão por seu braço e pena, digno de perpétua memória, em o Tratado que compôs de diversos descobrimentos) que, segundo a opinião dos que escreveram, não se pode negar que não houve muitas terras, ilhas, cabos, istmos, angras e enseadas, que os tempos e as águas terão gastadas e apartadas umas das outras, assi na Europa, como em Africa, Asia e Nova Espanha, Perú e outras que são descobertas e estão ocultas pela contínua diferença que tem a humidade da água com a sequidão da terra. E assi escreveram outros que junto da ilha de Calez, contra o estreito, havia umas ilhas que se chamavam Frodísias. bem povoadas e frequentadas, com muitos jardins, pomares e hortas, de que já agora não temos outra memória senão o que representa a escritura. A mesma ilha de Calez se afirma ser tamanha que se ajuntava à terra de Espanha. Outros querem que de Espanha a Ceita se passasse por terra e que as ilhas de Cerdenha e Córsega se ajuntassem uma com outra, Sicília com Itália, Negroponte com a Grécia. Assi conta que acharam cascos de naus, âncoras de ferro nas montanhas de Suíça, mui metidas pela terra, onde parece que nunca houve mar nem água salgada.

Também dizem que na Índia e terra do Malabar, que é tamanha e tão povoada, foi já tudo mar até o pé da serra, e que o cabo de Comorim e a ilha de Ceilão era tudo uma cousa, e a ilha de Samatra que fora pegada com a terra Malaca por uns baixos de Capasia e junto dela está uma ilheta que não há muito que, ela e a terra firme, tudo era uma cousa. Ptolomeu em suas távoas põem

esta terra de Malaca ao Sul da linha, em três ou quatro graus de altura, ficando agora a ponta dela, que se chama Ojentana, em um grau da banda do Norte (como se vê no estreito de Sincapura, por onde cada dia passam pera a Costa Sião e China, onde está a ilha de Ainão, que também dizem que foi junta com a terra da China, que Ptolomeu assenta da parte do Norte muito além da linha, ficando agora mais de vinte graus dela da parte do Norte, de maneira que, assi Asia como Europa, ambas agora estão desta banda, pelo que bem podia ser que nos tempos passados a terra de Malaca e China fossem acabar além da linha, da banda do Sul. como as pinta, porque pegaria a ponta da terra de Ojentana com as ilhas de Bintão, Bonqua e Salitres, que há por ali muitas, e seria a terra toda maciça, e assi a ponta da China com as ilhas dos Lucões, Borneos, Liguios, Midanaos e outras que jazem nesta corda, que também têm por opinião, ainda agora, que a ilha de Samatra foi pegada com a Jaoa pelo canal de Sunda, e a ilha de Bali, Anjane, Simbala. Solor, Hogaleao, Maulua, Vintara, Rosolanguim e outras, que há nesta corda e alturas, todas foram pegadas com a Jaoa, e a terra uma, e assi dizem que o parece a quem as vê de fora, porque ainda agora há nestas partes ilhas tão juntas, umas com as outras, que parece tudo uma cousa, e quem passa per antre elas vai tocando com a mão os ramos do arvoredado de uma banda e outra. E não há muito tempo que ao Levante das ilhas de Banda se fundiram muitas. E também se afirmou, poucos anos há, que na China se alagaram mais de sessenta léguas de terra, e assi se teve por verdade.

Ajunta-se a isto o que diz Plínio nos capítulos 87, 88, 89 e 100 do livro segundo da sua Natural História, onde põem muitas ilhas que, de novo, no tempo antigo nasceram, como Delos e Rodas e outras. E terras que o mar da terra cortou e fez ilhas, como Sicília de Itália, Chipre de Síria, Euboea de Beócia, e de Euboea a Talante e Macrim, e de Bitinia Lesbico, e Leucasia do promontório dos Sirenes. E outras ilhas que se tiraram ao mar e se ajuntaram à terra, como Antissa a Lesbio, Zéfiro a Halicarnasso, e Thisa, a Minda, Dromiscom e Pernam a Mileto, Nartecusa ao promontório Parthenio, e Epidauro e Orico que deixaram de ser ilhas. E outras se tiraram à terra e se mudaram em mar, como o lugar onde está o mar Atlântico (se a Platão cremos), Acarnânia na enseada de Ambracia, Acaia na enseada de Corintio. E o mar cortou e rompeu a Leucada, a Thyreoo, o Helesponto e os dois Bósforos, que dantes eram terras, por onde se não deve haver por

muito o que Ptolomeu e os outros antigos deixaram escrito. E ser também possível que estas ilhas dos Açores fossem antigamente pegadas com terra de Portugal (como diz a primeira opinião), ou pedaços que ficaram da grande ilha Atlanta, que (como diz Platão) se alagou, segundo tem a segunda opinião que referida tenho.

CAPÍTULO VIGÉSIMO OITAVO

CONTRA AS DUAS OPINIÕES EM QUE, CONTANDO A VERDADE OS
REIS ANTIGOS DE ESPANHA ATÉ O TEMPO QUE PLATÃO DIZ
SEREM VENCIDOS DOS REIS DA ILHA ATLANTA, SEM SE
ACHAR TAL VITÓRIA. SE PROVA NÃO HAVER SIDO TAL
ILHA, E POR OUTRAS RAZÕES NÃO SEREM ESTAS
ILHAS DOS AÇORES EM ALGUM TEMPO
PEGADAS COM EUROPA

Não desfaço, Senhora, cousa alguma nestas opiniões tão autorizadas, porque bem entendo que mais estranhas maravilhas tem feito e pode fazer Deus Omnipotente e a poderosa Natureza. E muito maiores cousas que estas sei que aconteceram, e podiam e podem acontecer no Mundo, e as mais das que contei concedo, mas nem por haverem sido algumas destas se segue que podia ser ou foram estoutras que as duas opiniões afirmam, porque o argumento de cousa semelhante, ainda que ajuda e tem aparência alguma, não conclui o que pretende, nem faz sufficiente prova disso. E as razões, que em contrario vejo, me fazem não crer a qualquer delas, pois uma desfaz a outra, que é a primeira razão que contra elas ambas digo, porque, se uma for verdadeira, sendo estas ilhas dos Açores pedaços da ilha Atlanta subvertida, a outra há-de ser mentirosa, pois não seriam pegadas com Espanha, que é terra firme. E se a primeira for certa, sendo em algum tempo pegadas estas ilhas com rocha de Cintra, bem se segue que poderá ser ou sejam segunda falsa, não sendo estas ilhas pedaços da ilha Atlanta, senão de Portugal, que é terra firme e não é ilha; quanto mais que nem uma nem outra destas opiniões me satisfaz, como, porventura, a quem as tem não poderá satisfazer a minha.

Mas, se me é lícito antre tão delicados pareceres, opiniões estranhas e tão graves autores, cidadãos de Atenas, em meio do suave canto dos brancos cirnes sair eu ao terreiro com rouca voz de negro corvo, e com a minha grosseira e ruda cantiga de pobre e tosca aldeia, e de engenho pouco limado pera altos pontos, e muito moderno e novo pera cousas tão antigas, afirmo que nenhuma cousa destas duas opiniões me pode bem caber nele, nem no entendimento.

Mas o meu parecer é (salvo o melhor juízo) que nunca estas ilhas foram apegadas com a terra firme de Portugal, nem, tão pouco, são parte ou pedaços daquele ilha Atlanta subvertida, ou de Platão fingida, ou mal dele entendida, porque, se eu contar, desde o primeiro, todos os reis e governadores que em Espanha foram até o tempo de Platão, sem se saber nem escrever que algum deles fosse em algum tempo vencido de reis de Atlanta (como Platão conta), bem se seguirá e crerá que, pois, o colhem no que não é, nem foi, nem, como ele diz, houve tal Atlanta, e, mostrando eu que nos mesmos tempos foi navegada a costa de Espanha toda, como agora é pela parte do Ocidente, claro ficará destas ilhas dos Açores não haverem sido em algum tempo pegadas nela. E pera que melhor se entenda isto de raiz, contarei as principais destas cousas de seu

princípio, repetindo este negócio de mais longe com a mor brevidade que puder, ainda que faça alguma digressão do propósito que levo pera mais clareza.

Como conta o docto, curiosíssimo e universal historiador de Espanha, Estevam de Garibay e Camalhoa Cantabro, em tempo que Enos (filho de Seth e neto de Adão, nosso primeiro pai) governava o Mundo, antes do dilúvio, seu sexto neto Lamech, sendo, segundo a conta hebreia, de idade de cento e oitenta e dois anos (que eram anos solares como os nossos de doze meses), dois mil e novecentos e cinco anos antes do nascimento de Cristo, filho de Deus, gerou um filho chamado Noé, em que se cumpriu a décima e última geração da primeira idade do Mundo, e foi avô de Tubal, povoador de Espanha. E antes do dilúvio, sendo Noé de idade de quinhentos anos, que foi dois mil e quatrocentos e cinquenta anos antes da vinda de Cristo Nosso Senhor, gerou três filhos: o primeiro se chamou Sem, o segundo Chara que por outro nome é chamado Zoroastes, e o terceiro Jafet, que significa cousa formosa, ou larga e dilatada, o qual Jafet, depois do dilúvio (segundo no décimo capítulo do Génesis se escreve), teve sete filhos: o primeiro Gomer, o segundo Magog, o terceiro Madai, o quarto Javão, o quinto Tubal. o sexto Mosoch, o sétimo Tiras. E desta geração. que foi bendita de Noé, descendeu a geração espanhola, porque Tubal, quinto filho de Jafet, foi o que, com o dis-curso do tempo, veio a povoar Espanha, cujo nascimento sucedeu alguns poucos dias depois do dilúvio em terra de Arménia.

E como o gigante Nembroth, filho de Chus e neto de Cham e bisneto de Noé, primeiro tirano que, depois do universal dilúvio, houve no Mundo, depois de edificar a grande cidade de Babilónia na terra de Sanaar, que muitos anos depois se chamou Caldeia, começasse a fabricar na mesma cidade uma soberba e altíssima torre, a qual, sendo já de altura de 5174 passos, quis Deus desfazer com a confusão das línguas, o patriarca Tubal, quinto filho de Jafet, achando-se ali forçado naquela confusão com os de sua geração, houve sua diferente linguagem e, doze anos depois que a torre se começou, residiu naquela região de Arménia e Sanaar e, ao fim deles, determinou vir à mais ocidental região que pela parte setentrional tivesse o Mundo, que foi a província que depois veio a chamar-se Espanha (segundo a comum opinião dos autores mais graves e diligentes que de sua vinda tratam). E partiu daquelas orientais regiões no ano de dois mil e cento e sessenta e três, antes

do nascimento de Nosso Senhor. E, ou viesse por terra, como alguns dizem, ou, como outros afirmam, por mar, provendo-se do que pera uma viagem tão comprida era necessário e com deliberação de vir à terra mais ocidental que o Mundo tivesse, na província que depois foi chamada Europa, chegou à costa de Jafa, onde (segundo alguns autores escrevem), aparelhando as embarcações necessárias pera sua navegação, se embarcou com as gentes e companhias que Noé havia bendito em seus filhos Sem e Jafet e, passando pelas águas do mar Mediterrâneo, encaminhado por Deus veio a Espanha, onde (segundo diversos autores querem provar) surgiu com suas companhias na costa de Catalunha, que confina com o rio Ebro, no ano de dois mil e cento e sessenta e três antes do nascimento de Nosso Senhor, que foi de mil e setecentos e noventa e oito anos da criação do Mundo, segundo computação hebraica, e aos cento e quarenta e dois anos depois do dilúvio geral.

Chegado Tubal com estas gentes àquelas montanhas daquela região de Catalunha e da região de Cantábria, ora fosse sua vinda por terra, ou por mar, donde pôde depois subir pelo rio Ebro, cujas águas se sóiam navegar até as suas ribeiras da cidade de Cantábria, começou a fazer suas estâncias e habitações pelas montanhas e alturas dos montes de Navarra, que é terra que há aí antre as águas de Ebro e o mar oceano Cantábrico, onde achou muitas maneiras de árvores que, sem mais agricultura, davam frutas pera sustentar suas gentes. E tiveram o patriarca Tubal e suas gentes ocasião legítima de povoar estas montanhas, assi pela necessidade que pera isso tinham, não somente por causa dos alimentos, mas também porque não ousavam parar nos lugares baixos, que, havendo ouvido de seus pais a chaga tão fresca do dilúvio em que o Mundo foi alagado, queriam habitar nas alturas, receando-se de outros alguns particulares dilúvios, que Deus, porventura, enviaria ao Mundo (como também, por este medo e outras cousas e males de soberba, começara antes o gigante Nembroth a edificar em Caldeia a soberba torre de Babilónia), e com o discurso do tempo se vieram a espalhar e estender pela terra chã e pelas vertentes dos montes Pireneus pera a parte de França, e dos campos chãos se veio depois a povoar toda Espanha. E fazendo esta primeira povoação de Espanha em Cantábria, ensinou Tubal aos seus a maneira e forma de viver, que haviam de ter, em metros (segundo diversos autores afirmam), pera que, conservando-as assi melhor na memória, vivessem com mais ordem, porque dizem de Tubal que foi o homem mais sábio que em seu tempo houve. E nas leis de

natureza, que lhe deu, permaneceram os cantabros até que os Santos Apóstolos e seus discípulos começaram a pregar a Lei Evangélica por toda a redondeza. Foi também Tubal justo e bom príncipe e ensinado. Depois, visitado em Espanha de seu avô Noé, adorava e reverenciava a um só Deus verdadeiro, criador do Mundo e de todas as cousas, sem nenhum gênero de idolatria. Assi que tendo o patriarca Tubal começado a ser príncipe em Espanha no ano de dois mil e cento e sessenta e três, como fica dito, e havendo reinado cento e cinquenta e cinco anos, faleceu dois mil e oito anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foi cinquenta e três anos antes do falecimento de Noé, seu avô.

No mesmo ano de dois mil e oito antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, sucedeu no regno, por Rei de Espanha, Ibero ao patriarca Tubal, seu pai, do qual foi chamada Ibéria. O qual Ibero, havendo reinado trinta e oito anos, faleceu mil novecentos e setenta e dois (1) anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foi dezassete anos antes do falecimento de seu bisavô Noé.

Idubeda, trisneto de Noé, sucedeu a El-rei Ibero, seu pai, no dito ano de mil e novecentos e setenta e dois antes do nascimento de Nosso Senhor. Deste Rei se denominaram os montes Idubedos de Espanha, que começam de Aguilar do Campo e fenecem no mar Mediterrâneo. No ano décimo sétimo do reinado deste Rei Idubeda, que foi de mil e novecentos e cinquenta e cinco antes do nascimento de Nosso Senhor, faleceu em Itália Noé, sendo de idade de novecentos e cinquenta anos, e trezentos e cinquenta anos depois do dilúvio geral, e cinquenta e oito anos depois que do nascimento de Abraão havia começado a terceira idade do Mundo, o qual Abraão nasceu aos dois mil e treze anos antes do nascimento de Nosso Senhor. Viveu El-rei Idubeda, depois da morte de Noé, cinquenta anos. E em seus dias as suas gentes saíam dos montes Pireneus e de Cantábria, chegando-se à terra que agora chamam Castela. Reinou Idubeda sessenta e sete anos e faleceu mil e novecentos e cinco anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

A El-rei Idubeda sucedeu Brigo, seu filho, tartaraneto de Noé e quarto rei de Espanha no dito ano, antes do nascimento de Cristo Nosso Deus, de mil e novecentos e cinco, o qual foi amigo de fazer povoações e fortalezas. E mandou gentes povoar a ilha de Irlanda, conjunta com Escócia, chamada primeiro Hibérnia de um

capitão espanhol chamado Híbero que, com grande número de gente, passou a ela a fazer sua primeira povoação, segundo diz Polidoro Virgílio no Livro décimo tércio da História Ingresa. No tempo deste rei, já as gentes espanholas iam entrando mais pela terra dentro, apartando-se cada dia mais de Cantábria, que deixavam povoada. Reinou El-rei Brigo cinquenta e um anos e faleceu mil e oitocentos e cinquenta e quatro anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

No mesmo ano sucedeu a El-rei Brigo seu filho Tago; do nome deste rei tomou o seu o rio Tejo, que passa pela insigne cidade de Lisboa. Este rei não somente fez em Espanha muitas povoações, mas também mandou fora dela muitas gentes a diversas regiões do Mundo. Algumas delas a Africa, a povoar as terras de Berbéria, e outras às remotas regiões de Asia, onde povoaram em os montes Cáspios e em Fenícia e em a região de Albânia. Parece que se houvera ilha Atlanta tão perto de Espanha (como diz Platão), que a mandara este rei povoa: pois mandava suas gentes a tão remotas terras. Reinou este Tago trinta anos e faleceu mil e oitocentos e vinte e quatro anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

Sucedeu a El-rei Tago seu filho Beto, cognominado Turdetano, no mesmo ano. Deste rei Beto tem o seu nome o rio Bétis, que agora se chama Guadalquivir, que passa pela insigne cidade de Sevilha. Do qual rio tomou sua denominação, chamando-se Bética, a fertilíssima provincia de Andaluzia. Havendo reinado El-rei Beto trinta e dois anos, faleceu mil e setecentos e noventa e três anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

No mesmo ano Gerion, chamado primeiro Deabos e cognominado Crisco, sucedeu a El-rei Beto. E então se começou em Espanha a segunda geração de reis, havendo-se acabado em El-rei Beto a clara linhagem de seu quinto avô Tubal, patriarca de Espanha, depois de trezentos e setenta anos de sua vinda a povoá-la, que foi no ano de quinhentos e doze depois do universal dilúvio.

Foi El-rei Gerion, de nação, africano (segundo a comum opinião) e gigante em corpo. E como era forasteiro, saiu príncipe tão tirano que, roubando as gentes, veio a ser tão rico de gados e ouro e prata pera vasilhas, que, por isso, os gregos o cognominaram Criseo, que quer dizer ouro e rico. Cuja tirania ouvindo Osiris Dionizio, rei de Egipto, veio a Espanha, onde nas terras, junto de Tarifa,

(que depois se chamaram Tartésias) houve batalha com Gerion, em a qual, sendo a primeira de Espanha das que em a escritura se acham, houve a vitória Osiris Dionizio, sendo também morto El-rei Gerion; cujo corpo referem os autores ser o que em Espanha primeiro foi enterrado, porque dantes os deitavam nos rios, ou os dependuravam das árvores, ou os deixavam pelos campos. Dizem mais os autores que certos alarves, chamados cenitas, que com ele tinham vindo, fizeram suas povoações junto do mar do cabo de S. Vicente, os quais habitadores nunca fizeram menção de ilha Atlanta, que forçadamente haviam de ver, se ali tão perto estivera, como Platão afirma. Havendo reinado Gerion trinta e cinco anos, sucedeu sua morte mil e setecentos e cinquenta e oito anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

A este Cerion, sétimo rei de Espanha, sucederam os três Geriões, irmãos, seus filhos, octavo, nono e décimo reis de Espanha, chamados também Gomínios, no dito ano de mil e setecentos e cinquenta e oito, antes do nascimento de Nosso Senhor, os quais, sendo mancebos de pouca idade, fez Osiris Dionizio reis de Espanha, dividindo-lhes a terra com aviso que não fossem tiranos como seu pai, porque Osiris Dionizio, sendo temperado em suas cousas, não havia vindo tão comprido caminho por cobiça de reinar em Espanha, senão por castigar ao tirano dela. E as superstições egípcias deste foram causa de primeiramente idolatrarem os espanhóis, apartando-se do caminho do verdadeiro Deus e da doutrina do patriarca Tubal. E nestes erros estiveram depois de mil e oitocentos anos, até a pregação do Evangelho.

Estes Geriões, por serem tão conformes no nascimento, no nome, na vontade, se disse fabulosamente que havia sido um Gerion que tinha três corpos. E, assi, confederando-se todos três, desejando tomar vingança da morte de Gerion, seu pai, tiveram inteligência e pacto com Tifo, irmão de Osiris Dionísio, pera que matasse a seu próprio irmão, a qual morte executou quando Osiris tomou a Egipto. E, sabido isto por um filho de Osiris, que se chamava Hércules (a quem os gentios chamaram Apolo, cognominado Egipciano, e o grande Oron Líbio, por diferença do outro Hércules Alceu, grego), veio de Asia, onde então estava, pera Espanha, em a qual, na ilha que agora chamamos Caléz, pôs em memória de sua chegada duas colunas; o mesmo, dizem, que fez no Estreito de Gibraltar, assentando uma na ribeira de Espanha e outra na de Africa. E contam os autores gregos, como atrás tenho contado, que assentando-

as, disse estas palavras em grego: “Tapira, Gadir, úpera tà”, que querem dizer em latim, *Ultra Gades non sunt navigabilia* ou *ultra Cades non est navigatio*. E dizem em português: Além de Caiez não há navegação ou terras pera onde navegar. Porque não sabiam parte de outras terras naquele mar, nem de ilha Atlanta, nem tal notícia houve nunca dela, senão a que Platão, de ouvida, sem mais fundamento, quis crer e contar, porque, se, como ele diz, a ilha Atlanta começara de junto daquelas colunas e estivera ali perto, ou houvera notícia dela naquele mar ocidental tão vizinho, não dissera Hércules estas palavras ao assentar das colunas; a qual sentença de Hércules, naquele tempo, se confirma com o nome que Caiez tem, que se chama Gades, que em hebreu quer dizer coisa final ou extrema, porque ali se acabava a terra, sem haver, nem se ver, outra mais além, nem a ilha Atlanta ali perto, donde parece que era ali o cabo da terra, sem haver junto dela tão grande terra Atlanta, como Platão quis dizer.

Sabendo os Geriões a chegada de Hércules, ajuntando suas gentes, acordaram de lhe dar batalha, mas Hércules, por escusar mortes de muitos, pediu batalha a todos os três reis irmãos, de um por um, e, contentes, outorgando-lha eles, havendo quarenta e dois anos que reinavam, foram mortos aos mil e setecentos e desasseis anos antes do nascimento de Nosso Senhor. E neles se acabou a segunda linha destes primeiros reis de Espanha. E foram enterrados na ilha de Calez, ainda que alguns têm por fabulosa a história dos Geriões.

Hispalo, undécimo rei de Espanha, escrevem que sucedeu aos três reis Geriões, seus predecessores no dito ano, antes do nascimento de Nosso Senhor, de mil e setecentos e dezasseis. No qual começou nos reis de Espanha a terceira linhagem, não havendo durado a segunda, que foi dos Geriões, mais de setenta e nove anos antre o pai e os três filhos. A linhagem deste novo rei, Hispalo, era egípcia por ser filho de Hércules e neto de Osiris Dionizio. Depois desta vitória, levando Hércules por mar e por terra muitas gentes e riquezas de Espanha, se passou a Itália, deixando por rei a seu filho Hispalo, o qual Hispalo dizem que reinou dezassete anos em Espanha. E faleceu mil seiscentos e noventa e nove anos antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

E no mesmo ano sucedeu Hispão, duodécimo rei de Espanha, a El-rei Hispalo, seu pai. E deste rei Hispão tomou Espanha este seu derradeiro nome, que até agora dura. Residia este rei

Hispão em Calez. E reinou trinta e um anos. E faleceu mil e seiscentos e sessenta e oito anos antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

Hércules sucedeu a El-rei Hispão, seu neto, no sobredito ano. Do qual dizem que, quando em Itália soube a morte de El-rei Hispão, seu neto, veio a Espanha, trazendo consigo a um capitão, chamado Hespero, irmão de outro capitão, chamado Atlante, italiano, que em seu lugar deixava em Itália.

Nos tempos futuros, depois deste Hércules, houve no Mundo mais de quarenta Hércules que, convidados dos grandes feitos deste fortissimo varão, tomaram seu nome, havido por divino, sendo o último Hércules Alceu, ou Alcides, que foi grego, natural de Tebas, filho de Amfitrio Grego, ao qual muitos historiadores atribuíram as cousas deste grande Hércules, décimo tércio rei de Espanha, o qual, sendo muito velho e havendo reinado em Espanha vinte anos, faleceu mil e seiscentos e quarenta e oito anos antes do nascimento de Nosso Salvador. E foi enterrado em Cález, onde seu corpo foi reverenciado por Deus não sòmente dos espanhóis, mas também dos africanos e asiáticos e de outras muitas gentes de Europa, que à sua sepultura e oráculo vinham em romaria.

No dito ano de mil seiscentos e quarenta e oito antes do nascimento de Nosso Senhor, sucedeu a El-rei Hércules Hespero, décimo quarto rei de Espanha, por mandado do mesmo Hércules, seu predecessor. No qual Hespero se começou em Espanha nova e quarta linhagem de reis, acabando-se a de Hércules, que foi a terceira, depois de haver durado nele e em seu neto e filho sessenta e oito anos. Deste rei Hespero dizem alguns que se chamou Espanha, Hespéria e Hespérida. E quando Atlante Italiano soube da morte de El-rei Hércules e que Hespero, seu irmão, lhe sucedera no reino, não obstante que ambos eram irmãos, publicando-se por sucessor de El-rei Hércules, veio de Itália, passados alguns anos, a Espanha, onde, dividindo-se os espanhóis, uns favorecendo a Atlante Italiano e outros a Hespero, vindo a diversas batalhas e encontros, o fez fugir e tornar a morar em Itália, a qual, por sua ida, também foi chamada Hespéria, a Grande, a diferença de Espanha, ainda que Espanha é maior província que Itália. Havendo depois reinado El-rei Hespero onze anos, foi despojado do regno aos mil e seiscentos e trinta e sete anos antes do nascimento de Nosso Redentor.

E no mesmo ano lhe sucedeu no reino Atlante Italiano, ou Italo, assi cognominado pelos muitos e formosos gados, que em Itália possuía, de bois e bezeros, que os gregos chamam ítalos, e assi Itália quer dizer terra de bezeros, de que há hí nela grande abundância. Este rei Atlante foi o que venceu nesta guerra, que disse, a El-rei de Espanha, e não rei de Atlanta, que nunca houve, como quer dizer Platão. Sendo este rei Atlante avisado que El-rei Hespero, seu irmão, andava mui quisto em Itália, temeu de perder aqueles estados e terras que tinha, pelo qual, deixando em Espanha a um seu filho chamado Sicoro e levando consigo muitas gentes, depois de haver reinado dez anos em Espanha afirmam que tornou a Itália mil seiscentos e vinte e sete anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

No sobredito ano Sicoro, chamado também Oro, sucedeu a El-rei Atlante, seu pai, em cujo tempo faleceu em Itália seu pai, El-rei Atlante. E nasceu em Egipto, aos trinta e seis anos de seu reinado, o profeta Moisés. Reinou El-rei Sicoro quarenta e seis anos. E faleceu mil e quinhentos e oitenta e um antes do nascimento de Cristo Nosso Redentor.

Neste mesmo ano lhe sucedeu no reino El-rei Sicano, seu filho, o qual mandou socorro de gente aos espanhóis que habitavam em Itália na ribeira de Tibre, primeiros fundadores do povo romano, que tratavam guerras com os aborígenes e enótrios, seus inimigos e comarcãos, contra os quais se diz que depois foi em pessoa, com grande poder, o mesmo rei Sicano. E à tornada, dizendo-lhe que os espanhóis de Sicília traziam fortes guerras com uns gigantes chamados Ciclopas e Aestrigonas, foi a Sicília, onde, vencendo-os em batalha campal e deixando seu nome àquela ilha de Sicília, que dele foi chamada Sicânia e dantes se chamava em grego Trinácia, que quer dizer cousa de três pontas ou esquinas, como o ela é, como triângulo, tornou triunfante a Espanha. E havendo trinta e dois anos que reinava, faleceu mil e quinhentos e quarenta e nove anos antes do nascimen-to de Nosso Senhor.

Logo, no dito ano, lhe sucedeu no reino Siceleo, seu filho, que com grande exército passou a Itália a favorecer um seu tio, chamado Tasio, filho de Eletra, filha de El-rei Atlante, que trazia guerra com Dardano, seu irmão, sobre a sucessão dos estados de Cambom, seu pai. E depois de os fazer amigos, matando Dardano a Tásio, indignado dele, El-rei Siceleo por esta treição foi contra ele, o

qual se acolheu aos aborígenes e enótrios, inimigos de espanhóis, e, indo Siceleo contra todos eles, fez fugir a Dardano para Asia, onde fundou um povo que de seu nome se disse Dardânia e depois se chamou Troia, de Troio, seu sucessor e neto. E pondo Siceleo no estado dos dois irmãos a Coribanto, filho de Tásio, havendo quarenta e quatro anos que reinava, faleceu em Itália no ano que deu esta batalha, que foi de mil e quinhentos e cinco antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

Sucedeu a Siceleo, neste ano, seu filho Luso, estando em Itália no tempo que seu pai faleceu. E vindo depois a Espanha acompanhado de muitos italianos, amigos seus, lhes deu as terras de Lusitânia para que as povoassem. E por este rei Luso, ou por Luso, capitão e companheiro de Dionizio Jaco, ou Baco, capitão grego, que veio a Espanha em tempo de El-rei Romo, filho de El-rei Testa Triton, foram chamadas Lusitânias. E havendo reinado trinta e um anos, faleceu mil e quatrocentos e setenta e quatro anos antes do nascimento de Cristo Redentor Nosso.

Neste ano sucedeu a Luso seu filho Siculo, que, por ser amigo de ter grossas e muitas naus e aparatos navais, por excelência foi chamado filho de Neptuno, a quem a gentildade idólatra reverenciou por deus das águas, o qual rei vencendo aos inimigos dos espanhóis em Itália e aos gigantes em Sicília, ficou nome a esta ilha, do seu nome Siculo, Siculia e depois Sicília, como agora se chama. E, porque com estas vitórias estendiam e alargavam cada dia mais sua região os espanhóis, italianos de Roma, foi chamada Lácio, como diz Virgílio: *Tendimus in Latium*. Depois de reinar este rei Siculo sessenta e dois anos, faleceu aos mil e quatrocentos e doze anos antes do nascimento de Nosso Senhor. E em tempo deste rei não eram estas ilhas dos Açores pegadas com Portugal, como da História parece. Sucedeu a Siculo, no mesmo ano, Testa, cognominado Triton, de nação africano, seu parente, em o qual começou em Espanha nova e quinta linhagem de reis, acabando-se a dos rei Hespero e Atlante Italo, que durou duzentos e trinta e seis anos. Reinou este rei setenta e três anos. E faleceu mil e trezentos e trinta e nove anos antes do nascimento de Cristo Nosso Redentor.

No dito ano sucedeu a El-rei Testa Triton Romo, seu filho, o qual reinou trinta e três anos e faleceu mil e trezentos e seis antes do nascimento de Cristo Nosso Redentor.

Sucedeu no mesmo ano a El-rei Palatuo, seu filho; no segundo ano de seu reinado (dizem) se cumpriram mil anos depois do dilúvio de Noé. E havendo dezoito anos que reinava em paz, se alevantou contra ele um forte guerreiro espanhol, chamado Licínio, cognominado Cacos. Tiveram batalha junto da serra chamada Moncauno, e agora Moncaio, na qual foi vencido Palatuo e, fugindo de Espanha, andou peregrinando pelo Mundo muitos anos; havendo dezanove que reinava, foi despojado do reino mil e duzentos e nove anos antes do nascimento de Cristo Nosso Redentor.

No dito ano sucedeu a El-rei Palatuo Licínio, cognominado Cacos, vigéssimo quarto rei de Espanha, o qual, por ser curioso de buscar minas e fazer fundição de ferro, fingiram os poetas ser filho de Vulcano, a quem a gentildade reverenciava por deus das ferrarias. Neste começou em Espanha sexta linhagem de reis antigos, ainda que o seu reinado começou e acabou nele mesmo, tornando a recuperar o domínio de Espanha a quinta linhagem de El-rei Testa, cobrando seus estados El-rei Palatuo; o qual, não podendo achar nos príncipes estrangeiros o favor que desejava, tornou, com suas gentes e com as poucas que pôde haver, a Espanha, onde, sendo ajudado de muitos espanhóis, veio a nova, e mais crua que a passada, batalha com El-rei Licínio Cacos, em a qual foi vencido El-rei Licínio Cacos e morto depois por mãos de Hércules Alceu. E, havendo trinta e seis anos que reinava, fugindo de Espanha, foi privado do reino tirânico mil e duzentos e cinquenta e três anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

No mesmo ano, tornando a reinar Palatuo em seus estados de Espanha, sucedeu a seu adversário Licínio Cacos. Este rei Palatuo, depois de sete anos, que desta segunda vez reinava, e sessenta, que desde a primeira vez havia começado a reinar, faleceu mil e duzentos e quarenta e seis anos antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

Sucedeu a Palatuo, no dito ano, Eritreo, seu parente. Aos trinta e um anos do seu reinado foi fundada Cartago na costa de Africa, três léguas mais atrás de donde agora está Túnes, por dois capitães de Fenícia, naturais de Tiro: um chamado Zaro e o outro Charquedon. E quase no mesmo tempo, em Asia, foi destruída dos gregos a cidade de Tróia, chamada primeiro Dardânia. E havendo reinado El-rei Eritreo sessenta e sete anos, faleceu mil e cento e setenta e nove anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

E entre o ano de mil duzentos e quarenta e seis, em que faleceu El-rei Palatuo, e o ano de mil e cento e setenta e nove, em que faleceu El-rei Eritreo, sucessor de Palatuo, reinando o mesmo Eritreo vinte e um anos antes que falecesse e passados quarenta e seis anos que reinava, logo aos mesmos quarenta e seis anos cumpridos de seu reinado se contém e inclue, e foi, a era de mil e duzentos anos antes do nascimento de Nosso Salvador, que são os setecentos e cinquenta anos antes de Platão, que se fazem de nove mil anos egípcios, sendo meses pela conta dos mesmos egípcios, porque quatrocentos e cinquenta anos antes da vinda de Cristo, em que Platão floresceu, e setecentos e cinquenta, antes destes, em que ele diz que os reis de Espanha foram vencidos dos reis da Atlanta, fazem mil e duzentos anos antes do nascimento de Cristo Nosso Deus, em o qual tempo e era de mil e duzentos anos, antes do nascimento de Nosso Senhor, por boa conta havia de acontecer que os reis da ilha Atlanta (que Platão diz) deviam de vencer os reis de Espanha. E, pelo mesmo caso, não haviam de vencer a outro rei, senão a este rei Eritreo, que, então, reinava. Mas não se escreve, nem se sabe na vida deste rei Eritreo e dos mais reis de Espanha, que naquela conjunção de tempo reinaram, que tal guerra, nem vitória, em seu tempo acontecesse, sabendo-se outras particularidades dos mesmos anos que, então, corriam, como foi a fundação de Cartago e destruição de Tróia, que tenho dito, pelo que parece claro que nunca tal vitória, nem tal ilha Atlanta, foi no Mundo.

CAPÍTULO VIGÉSIMO NONO

EM QUE PELA HISTÓRIA DOS MAIS REIS E SUCESSOS DE ESPANHA,
DEPOIS DE EL-REI ERITREO ATÉ O TEMPO DE PLATÃO (QUE
DIZEM QUE FLORESCEU 450 ANOS ANTES DO NASCIMENTO
DE NOSSO SENHOR) NÃO SE ESCREVE, NEM HOUE
VITÓRIA QUE REIS DE ILHA ATLANTA TIVESSEM DE
REIS DE ESPANHA, NEM SUBVERSÃO DE ILHA
ATLANTA, NEM SINAIS DISSO, NEM QUE ESTAS
ILHAS DOS AÇORES FOSSEM PEGADAS
COM A TERRA DE PORTUGAL, CUJO
MAR, JUNTO DE SUA COSTA,
NAQUELE TEMPO (SEM SE
TAL ACHAR) ERA MUITO
NAVEGADO

E pèra mais abundância de prova de não haver ilha Atlanta, nem reis dela haverem vencido reis de Espanha em algum tempo, direi e continuarei. Senhora, os mais reis e sucessos que em Espanha houve até o tempo de Platão, que (segundo alguns dizem) floresceu quatrocentos e cinquenta anos antes da vinda de Nosso Senhor, sem antre eles se achar tal novidade, como têm estas opiniões antigas.

No mesmo ano de mil e cento e setenta e nove, em que faleceu El-rei Eritreo, vigéssimo quinto rei de Espanha, lhe sucedeu El-rei Gargoris, espanhol, cognominado Melícola, vigéssimo sexto rei da mesma Espanha. No qual começou a sétima e última linhagem dos reis antigos de Espanha, porque a de El-rei Testa Triton, havendo durado duzentos e trinta e três anos, se acabou em El-rei Eritreo, contando neles os trinta e seis que reinou El-rei Licínio Cacos, que se contou por sexta linhagem. Este rei Gargoris, antre outras cousas que fez em seu tempo, ensinou aos espanhóis criar abelhas e tirar mel dos enxames, pelo qual dos latinos é chamado Melícola, que quer dizer grangeador de mel.

Sendo destruída pelos gregos a cidade de Tróia, vieram a Espanha muitos capitais gregos e rodeando a costa dela, chegaram a Cantabria, sem achar pegadas estas ilhas dos Açores com a terra firme dela na rocha de Sintra, como diz a primeira opinião que tenho referida, antre os quais veio por mar um capitão chamado Ulisses à terra que agora chamamos Portugal, onde quase no ano de mil e cento e sessenta e três, antes do nascimento de Cristo, fundou na ribeira do rio Tejo uma cidade que de seu nome se chamou Ulissipolis, que em língua grega quer dizer cidade de Ulisses, que agora se chama Lisboa. A qual, em nossos tempos, é a maior povoação de Espanha e é ordinário aposento dos Reis de Portugal. E este ano de mil e cento e sessenta e três da fundação de Lisboa deve ser célebre em os ânimos da nação espanhola, assi pela fundação desta insigne cidade, como porque nele se cumpriram mil anos inteiros da vinda do patriarca Tubal a povoar a Espanha.

Dizem que uma filha de El-rei Gargoris, cometendo fraqueza de seu corpo, veio a parir um filho, cuja criação foi tão estranha que El-rei. seu avô, deitando-o primeiro às bestas feras silvestres e depois aos alãos, e logo às ondas da água, foi livrado de tudo. E depois que nas montanhas foi criado, veio a poder de seu avô, sendo tomado em um laço, cuidando ser besta fera, o qual, como o reconhecesse pela fisionomia e gesto da filha, pôs nome ao neto Abidis

e daí em diante o criou com muita veneração El-rei Gargoris, seu avô, que, havendo reinado setenta e quatro anos, faleceu mil e cento e cinco anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

Sucedeu no mesmo ano a Gargoris Abidis, seu neto, vigéssimo sétimo rei de Espanha e último dos antigos reis dela. Este ensinou aos espanhóis o uso de semear trigo, e colher e comer e cozer pão, e ajuntar bois em jugo pera lavrar as terras, e a enxertar e transplantar as árvores. E em fim de seus dias, mil e setenta e um anos antes do nascimento de Nosso Senhor, acabou a terceira idade do Mundo, havendo durado novecentos e quarenta e dois anos; e no fim de Saúl, primeiro rei de Israel, houve fim esta idade. A quarta idade do Mundo começou no reino do santo Rei David e durou até os dias de Sedechias, Rei de Israel. E no mesmo ano, em que houve fim a terceira idade do Mundo, tiveram também fim os antigos reis de Espanha. E, desde que a quarta idade do Mundo começou, não houve em Espanha reis próprios até passadas algumas centenas de anos da sexta e última idade do Mundo. Havendo trinta e quatro anos que reinava Abidis, faleceu no dito ano de mil e setenta e um, antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foi aos mil e noventa e dois anos da vinda do patriarca Tubal a povoar a Espanha, e a mil e duzentos e trinta e quatro anos do universal dilúvio, e a dois mil e oitocentos e noventa anos da criação do Mundo.

Durou o senhorio destes vinte e sete reis antigos de Espanha mil e noventa e dois anos, acabando-se em El-rei Abidis no ano de mil e setenta e um antes da vinda de Cristo Senhor Nosso, e começando no mesmo ano o primeiro interregno, porque, dividindo-se Espanha por morte de El-rei Abidis em muitas províncias, pereceram totalmente seus reis antigos, passando mais de mil e quatrocentos e oitenta e cinco anos sem conhecerem reis próprios, porque algumas vezes estiveram com os cartaginenses e outras com os romanos, até que, vindo o tempo dos reis godos, começaram a ter por si novo e só senhorio, como monarquia.

A causa de cessarem estes reis antigos de Espanha escrevem alguns autores, dizendo que, passados quarenta anos depois da morte de El-rei Abidis, perto do ano de mil e trinta antes do nascimento de Nosso Senhor, veio um açoite grande de Deus. E deixando de chover vinte e seis anos, se despovoou Espanha, fugindo primeiro os pobres e os que pouco podiam, uns a Africa, outros a França e

Itália e outras partes, até às terras de Ásia, e outros às terras de Cantábria, Astúrias e Galiza e dos montes Pirenéus, que com seus ares setentrionais e chuvosos se puderam medianamente conservar. Os ricos, podendo-se conservar alguns dias aguardando melhoria dos tempos, quando quiseram caminhar, achando nas terras grandes aberturas da grande seca, sem achar vitualhas pelos caminhos despovoados, pereceram todos. E tirando as terras nomeadas, referem os autores que pereceu no restante de Espanha toda alma vivente, racional e irracional, até que, tornando a chover perto do ano milésimo antes do Nascimento, se começou a segunda vez a povoar Espanha das gentes que a Cantábria e Astúrias e Galiza e aos Pirenéus se tinham recolhido. E sabido isto, começaram a vir muitas gentes que fora de Espanha haviam peregrinado. E, se esta seca e esterilidade é verdade (ainda que há vivas razões de homens doctos que parece que provam o contrário), passadas estas calamidades, recuperando Espanha parte de suas quebras e começando a povoar-se de novo, chegou o ano de novecentos e sessenta e um antes do nascimento de Nosso Senhor, no qual se cumpriram três mil anos da criação do Mundo.

Perto do ano de novecentos e trinta, antes do nascimento de Nosso Senhor, vieram ter a Espanha e povoá-la outras gentes, chamadas Celtas Bâcaros. naturais de França, da província Narbonense, trazendo em sua companhia outros Celtas Berones.

Perto do ano de novecentos e dez antes do nascimento de Nosso Senhor vieram a Espanha os de Rodas, península de Ásia.

E perto do ano de oitocentos e noventa e um correram nos mares de Espanha grandes armadas dos Frígios, gente dependida de Espanha, assegurando de cossaios em mais de vinte e cinco anos as águas do mar, sem achar nele ilha Atlanta, nem sinal que dela ficasse, se dantes a houvera.

E perto do ano de oitocentos e oitenta antes do nascimento de Nosso Senhor, dando os pastores fogo aos montes Pirenéus. arderam de tal maneira, que correram deles ribeiras de prata, com que depois muitas nações, que a Espanha vieram, se fizeram ricas.

Quase junto do ano de oitocentos e vinte e dois, aportando os fenices de Tiro e Sidônia com grande armada na costa de Espanha, trazendo por capitão um Siqueu Arcena, que se presume ser marido

da Rainha Dido, e indo pela terra dentro aos montes Pirenéus, depois de haver carregado suas naus de quanta prata puderam levar, fizeram as âncoras de prata por levar mais riquezas, com que se tornaram pera Levante. E, com este gosto, logo no ano de oitocentos e dezoito tornaram a Espanha com outro capitão chamado Pigmalião, irmão de Elisa Dido, cunhado de Siqueu, a quem este Pigmalião havia morto por lhe roubar os tesouros levados de Espanha. E percorrendo pela costa de Espanha pelo mar oceano, sucedeu a morte de Pigmalião. E da tornada aportaram em Cález, onde, daquela viagem ou de outra depois, ajudaram ali a povoar a terra, porque, passados três anos, de segunda viagem no ano de oitocentos e quinze começaram a fabricar um solene templo dedicado à vaidade de seus deuses. Hércules o Egípcio e o Grego, cuja obra durou cinquenta anos e se acabou no ano de oitocentos e sessenta e cinco antes do nascimento de Cristo, verdadeiro Deus e Senhor Nosso.

No ano de setecentos e cinquenta e nove, passando os celtiberos da província Tarragonesa a Lusitânia, começaram a fazer nela novas povoações e povoaram a cidade de Segóvia e muitas terras da Estremadura.

Depois de edificada a cidade de Segóvia, dali a sete anos, no ano de setecentos e cinquenta e dois antes do nascimento de Nosso Senhor, foi também reedificada e ampliada a cidade de Roma, sendo autor da obra um homem principal, chamado Rômulo.

Perto do ano de seiscentos e oitenta e dois nasceu um príncipe espanhol, chamado Argantônio, e nestes tempos vieram armadas de estrangeiros a Espanha, em cuja costa fez muito dano el-rei Tarraco, e os de Cález venceram e mataram a um Tiron em batalha naval. E se edificou por Elisa Dido, junto de Cartago, uma fortaleza chamada Birsa com que ficou a cidade de Cartago mui ampliada e enobrecida.

No ano de seiscentos e sessenta e três antes do nascimento de Nosso Senhor, percorrendo os cartaginenses com suas armadas pelos mares de Espanha, ocuparam a ilha de Ivica.

Em todo este tempo os fenices da ilha de Cález, não contentes com fazer muitos roubos, vendiam os homens. E pera evitar estes roubos dos fenices, os tartésios de Tarifa e seus comarcãos, enlegeram

por seu capitão, quase no ano de seiscentos e vinte e dois, a Argantônio, acima nomeado, o qual começou a defender as tiranias e roubos dos fenices de Cález. E dizem que por espaço de oitenta anos governou a Espanha, sua pátria, regnando neste tempo em Hierusalém El-rei Sedechias, vigésimo segundo e último Rei dos Judeus. Este Sedechias, sendo posto por Nabucodonosor, Rei de Babilónia e de Caldeia, no reino de Hierusalém e Judá, no ano de seiscentos e sete antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor, lhe prometeu com juramento dar-lhe párias e tributo em reconhecimento deste benefício, e não dar nenhuma ajuda aos egípcios, nem tratar contra ele cousa alguma. E não guardando o recapitulado com ele no ano nono de seu reinado, que foi no de quinhentos e noventa e oito antes do nascimento, tentou de se sair da sujeição dos caldeus. E sentindo muito El-rei Nabucodonosor esta ingratição e desobediência de El-rei Sedechias, não podendo ele por sua doença tomar às terras de Judeia, mandou um seu filho, chamado também Nabucodonosor, com grandes exércitos. E, cercado a Hierusalém, a tomou e assolou a cabo de ano e meio que a teve cercada, no ano de quinhentos e noventa e seis antes do nascimento de Nosso Senhor, no undécimo e último ano de Sedechias, levando cativos a Babilónia os que ficaram vivos. Então se acabaram os reis de Israel; e acabou a quarta idade do Mundo, havendo durado trezentos e sessenta e quatro anos e meio.

Depois Nabucodonosor, pondo também em sujeição quase toda Berbéria, dela passou a Espanha com grandes exércitos contra os fenices, que nela moravam, perto do ano de quinhentos e noventa antes do nascimento de Cristo. E percorrendo desde as primeiras terras de Espanha, da província de Catalunha, por mar e por terra, todas as suas regiões marítimas do mar Mediterrâneo, chegou ao estreito de Gibraltar até as Colunas de Hércules, onde ninguém faz menção que visse ilha Atlanta. E depois de fazer grandes estragos e despojos, se tornou à sua oriental terra do senhorio dos Caldeus. E estes, ou os que ali ficaram, fundaram a Sevilha que em caldeu se chama Sepilha, que significa cousa chã, como ela é em Espanha. E a montanha que está junto a Gibraltar chamaram Calpe, que em caldeu quer dizer divisão, como é o seu estreito que divide ali a Europa de Africa. E também puseram outro nome à fronteira desta montanha, posta na parte de Africa, chamando-a Avila que, em hebreu, significa termo, como é este, sendo limite último de Africa, na fronteira de Espanha, sem adiante nunca se fazer menção de ilha Atlanta, que se diz que começava de junto

deste estreito, cuja boca mais estreita é de Tarifa, na parte de Europa, até Alcácer Ceguer, na parte de Africa, que são três léguas de travessa.

Perto do ano de quinhentos e quarenta e sete antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor, os focenses gregos, que habitavam em Jónia, província de Asia, vieram com grandes companhias a Espanha e, dali a cinco anos, faleceu o príncipe Argantónio, perto do ano de quinhentos e dois antes do nascimento de Nosso Senhor. E tornaram os andaluzes a ter guerras com os fenices. E apremados os fenices dos andaluzes, no ano de quinhentos e dezassete se ajudaram do favor de certas gentes gregas de Atenas, que andavam desterradas de sua pátria. E indo adiante suas guerras, pediram ajuda à cidade de Cartago, que lhe mandou uma boa armada, sendo (segundo se pode coligir) o capitão dela chamado Mazerbal, o qual chegou a Espanha à ilha de Cález quinhentos e dezaseis anos antes do nascimento de Nosso Senhor, e mil e seiscentos e quarenta e oito anos depois da vinda de Tubal, e mil e setecentos e noventa anos depois do dilúvio geral, e quatrocentos e oitenta e quatro anos, pouco mais ou menos, depois da segunda povoação de Espanha, onde tiveram grandes guerras.

E logo no ano de quinhentos, antes do nascimento de Nosso Senhor, houve grande fome em Andaluzia e grandes tremores de terra em suas partes marítimas, até mudarem madres alguns rios e certos outeiros se transportarem de uma parte a outra e fazerem as terras grandes aberturas pela parte dos montes Pirenéus do cabo de Creus, e aparecendo-se metais, dos que debaixo da terra estavam ocultos desde o incêndio dos Pirenéus, foi muito o que os marselhanos levaram de Espanha em diversas viagens que com seus navios faziam. O qual sabido pela república de Cartago, com cobiça destas riquezas, desejando antremeter-se mais em Espanha, mandou a ela com grande aparato naval dois capitais, Asdrúbal e Amílcar, que pararam em Sardenha. E com suas gentes, renovando de caminho as pendências passadas, foi ferido mortalmente Asdrúbal e faleceu deixando três filhos, Aníbal, Asdrúbal e Safo. Com tudo isto Amílcar viera a Espanha, se não tivera necessidade de ir a Sicília a conservar as terras que naquela ilha possuía Cartago, com o qual e com outras ocasiões deram fim os cartaginenses às cousas de Sicília, perto do ano de quatrocentos e oitenta e três antes do nascimento de Nosso Senhor. Com isto, determinou Cartago enviar gentes à conquista de Espanha, mas, sobrevivendo

novas guerras em Sicília com um capitão chamado Teron, não só fez isto, mas antes pera esta guerra levaram a seu soldo doze mil espanhóis que, sendo a flor de seu exército, pereceram ali em uma batalha no ano de quatrocentos e setenta e oito antes do nascimento de Nosso Senhor, morrendo também o capitão Amílcar que, morto nem vivo, não apareceu mais.

E no ano de quatrocentos e sessenta e quatro Cartago mandou residir em Espanha Safo, filho de Asdrúbal, defunto, o qual Safo, passando de Espanha a Mauritânia, que agora se chama Marrocos, guerreou tanto aquela terra até que ele por sua parte, e Cartago pela sua, domaram a seus inimigos. E tornaram os espanhóis a suas casas perto do ano de quatrocentos e cinquenta e nove com seu capitão Safo. O qual Safo tratava bem os de Cález, que nestes dias faziam compridas navegações pelo oceano em diversas viagens, sem acharem sinal, nem rasto, de ilha Atlanta. Mas, como seus irmãos Anibal e Asdrúbal, juntamente com seus primos irmãos, Himilcon, Hanon e Gisgon, filhos de Amílcar, que em Sicília morreu, governassem a Cartago, foi Safo, por seu mandado, de Espanha pera Cartago no ano de quatrocentos e cinquenta e dois, e em seu lugar foram enviados Himilcon e Hanon, irmãos, dos quais Hanon ficou nas ilhas de Malhorca e Minorca; depois veio também a Espanha no ano quatrocentos e quarenta e oito anos antes do Nascimento, onde foi recebido com grande amor de seu irmão Himilcon e dos mais andaluzes. E estando depois estes dois irmãos em Espanha. Hanon navegou até o cabo de S. Vicente, reconhecendo toda aquela terra, donde tornado a Andaluzia, como desse aviso de sua viagem aos de Cartago, foi mandado q ambos os irmãos que Hanon navegasse ao oceano ocidental de Africa e Himilcon ao oceano de Espanha e Gisgon, seu irmão, que com estes despachos vinha, presidisse em Andaluzia.

Antre o ano de quatrocentos e cinquenta e dois antes do nascimento de Nosso Senhor, em que foi Safo, por mandado da república de Cartago, de Espanha pera a mesma cidade de Cartago, e o ano de quatrocentos e quarenta e oito, quando Hanon, vindo das ilhas de Malhorca e Minorca, chegou a Espanha, se inclue e antremete o ano de quatrocentos e cinquenta antes do nascimento de Nosso Redentor, em o qual ano (como alguns dizem) e nos propínquos, antes e depois, floresceram alguns filósofos em Grécia, antre os quais foi Platão, discípulo de Sócrates, em tempo de Filipe, Rei de Macedónia, pai de Alexandre Magno, no qual tempo, nem

no tempo dos reis e sucessos atrás contados, nem depois, desde o dilúvio de Noé e depois de Tubal, primeiro Rei de Espanha, até este ano de quatrocentos e cinquenta antes do nascimento, em que Platão floresceu, nunca se soube parte de ilha Atlanta, nem escreve nenhum autor dela, nem que reis dela vencessem alguns reis de Espanha, nem que estas ilhas dos Açores estivessem pegadas com a Rocha de Cintra, pois navegavam aquelas nações, acima ditas, a costa de Espanha, da boca do estreito de Gibraltar até Lisboa, e até Cantábria, segundo tenho referido e notado no acima dito dos reis e guerras e sucessos de Espanha, coligido e abreviado do universal e doctíssimo e diligentíssimo cronista, Estêvão de Garibai Cantabro. E não rodeavam tão longo caminho, como fora, se estas ilhas dos Açores estiveram pegadas com a terra de Portugal, como diz a primeira opinião. Nem viam ilha Atlanta junto das Colunas de Hércules, por onde eles passavam, donde começava a mesma Atlanta, de que dizem ser parte estas ilhas, segundo tem a segunda opinião, fundada no que Platão refere, pelo que nenhuma destas duas opiniões parece verdadeira, nem tem por si fundamento firme, nem razão provável.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO

EM QUE PÕEM A VERDADE OUTRAS HISTÓRIAS DE OUTROS
TEMPOS ALÉM DE PLATÃO CONTRA AS DUAS OPINIÕES
JUNTAMENTE CONTRARIADAS

Dito tenho como em todo este tempo, do dilúvio de Noé até quatrocentos e cinquenta anos antes do nascimento de Nosso Salvador, em que Platão floresceu (como alguns dizem), nunca se achou feita menção de ilha Atlanta, senão a que conta Platão, que, sem fundamento, quis dar crédito nisso a algum velho verboso que, fingidamente, lho contaria, porque não pode ser que alguém dela não falasse ou escrevesse, se no mundo houvera cousa tão grande, rica, poderosa e belicosa, ou, ao menos, de sua subversão que em Espanha, tão chegada sua vizinha, houvera de ser sentida e mui notória, como foi um terremoto desta ilha na ilha Terceira, que está trinta léguas dela, e o da ilha do Pico, ao derredor nas outras ilhas todas. E como na navegação, que, então, se cursava pela costa de Espanha não se fazia tanto rodeio que pudessem estar estas ilhas dos Açores pegadas nela, agora, pera maior prova disto, direi mais as razões seguintes. E continuarei as cousas mais notáveis que em Espanha aconteceram até o tempo de Aristóteles, que foi discípulo e viveu depois de Platão, pera melhor compreender o tempo em que Platão podia viver e escrever o que diz conforme ao que outros dele têm, que floresceu depois do ano de quatrocentos e cinquenta, antes do nascimento de Nosso Senhor, alguns anos.

Claro está que antes da chegada de Tubal a Espanha, que foi cento e quarenta anos depois do universal dilúvio, que depois do dilúvio em tão poucos anos, como são cento e quarenta e dois, não se podia multiplicar tanta gente de Noé, nem de Tubal, que já houvesse reis em a Atlanta (que dizem) que pudessem vencer os de Espanha, que antes de Tubal, primeiro povoador dela, não havia, nem depois de Tubal, como está provado até o tempo de Platão, nem nos anos próximos de Platão, como irei dizendo. Nem os que, dantes de Platão muitos anos navegaram, nem depois, tal Atlanta acharam, nem sinais que de sua subversão ficassem no mar por onde foram, como do que agora direi se verá claramente.

Logo no ano de quatrocentos e quarenta e cinco antes do nascimento de Nosso Senhor, por mandado dos cartaginenses, partiu o capitão Himilcon de Gibraltar com sua armada, donde correndo e reconhecendo devagar toda a costa de Espanha, França Frandes e Alemanha, e alguns querem que a Gótica e que chegasse à ilha de Sili e Islanda, que dizem estar debaixo do Círculo Artico em sessenta e seis graus do Norte, e pusera dois anos na viagem até chegar à ilha que tem os dias de Junho de vinte e duas horas e as noites de Dezembro de outro tanto, pelo que é frigidíssima; parece

que gemem e bradam os homens nela, por onde dizem que ali é o Purgatório de S. Patrício. Há também nesta ilha ursos, raposos, lebres, corvos, falcões e outras aves e alimárias bravas. E é tanta a erva, que a segam duas vezes pera que os gados possam pascer nos campos, porque cresce em tanta maneira e com tanto viço, que a não podem vencer, e muitas vezes os tiram dela por que não abafem com gordura. Há aí mui grandes e disformes pescados e tanto que põem aos navegantes medo, e de seus ossos e costas fizeram uma igreja. Não há aí pão, vinho, azeite, nem de que o façam; alumeiam-se com o do pescado, porque em toda a parte pro-veu a Divina Majestade. Himilcon, como homem prudente, tomando sua viagem por escrito, tornou a Andaluzia, que seu irmão Gisgon governava, sem achar ilhas dos Açores pegadas com Portugal, nem sinal disso, nem ver ilha Atlanta, nem ciscalho que ficasse dela junto do estreito donde havia partido.

Hanon, que saiu de Cález, fez viagem mais comprida e tomando na mão a costa de Africa e Guiné, dizem que descobriu as ilhas Benafortunadas, que agora chamamos Canárias, e, além delas, outras que dizem Dórcadas, Hespérias, Gorganas, que se agora chamam do Cabo Verde, como já disse. E foi, assi, ao longo da costa até dobrar o cabo de Boa Esperança e, tomando a terra, fora ao longo dela a outro cabo que se chama Aromático, e agora de Guardafui, que está Oeste com o Verde em 14 graus da parte do Norte. E que chegara à costa de Arábia, que está em dezasseis e dezassete, e pusera cinco anos até tornar a Espanha. Outros querem que não passasse da Serra Ieoa e que Públio, depois dele, descobrisse até a linha, mas parece que não faria tão curta navegação, pois gastou tanto tempo neste trabalho. Ele tornou a Espanha no ano de quatrocentos e quarenta antes do nascimento de Nosso Senhor, que são dez anos depois que disse que Platão florescia, sem achar junto do estreito, nem de toda aquela costa, ilha Atlanta, nem sinal onde ela estivesse, nem ciscalho que em aquele mar dela ficasse, como diz Platão, por onde parece que não leva razão o que ele desta ilha Atlanta conta.

E, antes destes, conta Heródoto, gravíssimo autor, a quem Cícero chama Pai da História, que no ano de quatrocentos e oitenta e cinco antes da Encarnação de Cristo Nosso Senhor, mandou El-rei Xerxes a Sataspe, seu sobrinho, descobrir a Índia, o qual saiu pelo estreito de Gibraltar, que está em trinta e seis graus da parte do Norte, e passou o promontório de Africa, que é aquele

que agora chamamos cabo de Boa Esperança, que está da parte do Sul em trinta e quatro pera cinco graus de altura. E enfadado de tão grande navegação, e por falta de mantimentos, se tornou pera o Egipto (como o almoxarife Bartolomeu Dias em nossos tempos fez), sem encontrar no estreito, nem nessa costa, toda a ilha Atlanta da contenda, nem ciscalho dela.

Tornando Hanon a Andaluzia no ano de quatrocentos e quarenta, não querendo em sua viagem passar adiante, temendo que lhe faltassem os mantimentos, depois foi a Cartago, ficando sempre Gisgon no governo de Espanha. Depois proveu Cartago por governador de Espanha a Aníbal, acima nomeado, o qual começou a governar em Espanha perto do ano de quatrocentos e trinta e sete, havendo partido dela seu primo Gisgon, que na viagem foi alagado com toda sua gente e tesouros, que eram os maiores que, até então, Cartago tirou de Espanha. Onde o novo governador Aníbal se ocupou mais em granjarias de gados e descobrimentos de minas e fortificação de povos que em navegações. Não passaram muitos anos que os andaluzes não viessem a ter forte guerra antre si, sobre as partilhas dos pastos e ervages, a qual contenda cresceu tanto, que no ano de quatrocentos e trinta e um, vindo a uma crua batalha que todo um dia durou, morreram oitenta mil pessoas, de ambas as partes, onde também pereceu o governador Aníbal.

Sabendo Cartago o sucesso desta batalha, mandou Magon a Malhorca e a Minorca, o qual, chegado a Espanha com alguns daquelas ilhas, tiradores de fundas, e alguns cartaginenses, achou a terra sossegada pelo grande quebrantamento da batalha. E havendo residido três anos no governo, tornou a Cartago no ano de quatrocentos e vinte e oito antes do nascimento de Nosso Senhor, ficando quase todo o governo de Cartago em Hanon, por morte de seus primos Asdrúbal e Safo. Por este Hanon ser o primeiro que com sua prudência domou e amansou leões que, sem fazer nenhum mal, andavam pelas ruas de Cartago, arreceando, por isso, os cartaginenses que também domaria as gentes e usurparia a república, o privaram do ofício, pondo cem pessoas que a governassem, e por cabeça delas a Sarveo Barce, o Barcino. E foi desterrado Hanon.

Passadas estas cousas, houve em Espanha tanta falta de chuvas, que, secando-se os rios e fontes, entravam os animais silvestres pelos povos e casas buscar de beber. E sobreveio a esta seca grande peste, até que no ano de qua trocentos e dezoito começou a melhorar

o tempo e a saúde. E neste ano faleceu Hanon em seu desterro. Tendo guerra Cartago com Atenas sobre as cousas da ilha de Sicília, foram muitos espanhóis a soldo de Cartago a Sicília, onde no ano de quatrocentos e doze venceram aos atenienses, não deixando homem a vida, sendo os que mais nisso com suas gentes e navios se sinalaram os de Cález, os quais Cartago, por isso, restituiu a sua antiga liberdade, não reservando pera si nenhuma cousa.

Não cessando as guerras de Sicília, onde por principal êmula tinha a cidade de Agrigento, chamada agora Gergento, tornou de novo a levar a Cartago muitos espanhóis e até quinhentos fundeiros de Malhorca que, vindos à batalha no ano de quatrocentos e oito, foi tanta a chuva das pedras dos malhorquins e o que uns e outros pelearam, que, vencidos os inimigos, por fim Gergento, depois de cercada, foi tomada no ano de quatrocentos e seis. Ganhada esta cidade, revolveu-se nova guerra antre Cartago e um capitão chamado Dionízio, cognominado o Tirano, que, procurando usurpar a república de Saragoça de Sicília, tentava fazer o mesmo de Gergento, sob color de dar-lhes favor e liberdade, pera cuja resistência Cartago levou de Espanha dez mil infantes e alguma cavalaria e mil malhorquins fundeiros, criando por geral de seus exércitos um capitão cartaginense chamado Himilcon Cipo, o qual, chegando a Cartago com estas gentes que iam em uma armada de Cález, partiu pera Sicília no ano de quatrocentos e três. E chegando lá lhe saiu ao encontro Dionízio Siracusano com nove mil de cavalo e trinta mil infantes e muita potência naval, sendo ele mesmo singular capitão e de grande esforço, ainda que tirano. Himilcon tinha também, sem os espanhóis e fundeiros, quinze mil infantes africanos e cinco mil cavalos. E vindo um dia à batalha, foi vencido Dionízio, com morte de vinte mil homens dos seus, morrendo também dos vencedores dois mil espanhóis e três mil africanos. E prossequindo Himilcon a guerra, deu peste no exército vitorioso, não ficando espanhol nem africano quase a vida. E tornando o capitão Himilcon a Cartago, se matou a si mesmo, pelo qual Dionísio pôde recuperar suas quebras no ano seguinte de quatrocentos, antes do nascimento de Nosso Senhor.

E no ano de trezentos e noventa e seis se puseram tréguas antre Cartago e Dionízio por trinta anos, não cessando os contratos e comércios antre Espanha e Cartago, cujos moradores, desejando descobrir novas terras no oceano do Ponente, navegaram tanto

perto do ano de trezentos e noventa e dois, que acharam uma grande ilha que se suspeita ser a que agora se diz Espanhola, que por outro nome chamam de Santo Domingo, como adiante contarei.

Quisera Cartago no ano seguinte de trezentos e noventa e um fazer certa gente de guerra em Andaluzia e, indignando-se os espanhóis das mortes passadas de suas gentes, cessou, mas todavia se fizeram na costa de Andaluzia duzentas galés, com que quisera romper a trégua com Dionízio, se não fora pelos espanhóis, em quem ainda estava a chaga fresca. Ao qual ajudou também a grande seca, que sobreveio no ano de trezentos e oitenta e três na costa do Mediterrâneo de Espanha e nas do oceano ocidental, até ter necessidade de se bastecer de pão de África e Asia e, sucedendo peste sobre a fome (como soe acontecer), foram maiores os trabalhos de Espanha.

Nesta sazão, porque Dionízio havia travado guerra com os de Apúlia e Calábria e terras de Itália, a romperam com ele os cartaginenses, pera o qual, fazendo em Espanha no ano de trezentos e oitenta e um vinte mil infantes e mil de cavalo, um capitão de Cartago, chamado Hanon passou com eles a Cartago, onde, tomando doze mil africanos e alguns malhorquins fundeiros, foi a Sicília, onde durou a guerra com Dionízio muitos anos, resistindo nela os espanhóis até que, vindo o ano de trezentos e sessenta e seis, cessou com a morte de Dionízio, a quem sucedeu um seu filho, chamado Dionízio o Menor, cruel e tirano como seu pai, mas não tão valoroso, pelo qual Cartago prosperou muito os negócios de Sicília. Depois mandou Cartago no ano de trezentos e sessenta e quatro a Andaluzia um capitão, chamado também Hanon, que em dez anos ajuntou muitas riquezas e, fazendo com elas desaforos, tomaram os Andaluzes armas contra ele, o qual, sabido por Cartago, proveu de novo governador. As revoltas de Sicília estiveram em véspera de se renovar perto do ano de trezentos e cinquenta e um. E em Espanha, em alguns anos, sucederam grandes águas e tormentas do mar e fortes tremores, que turbaram as gentes, até que, vindo o ano de trezentos e quarenta e seis, parece que se mitigou a cousa. E Cartago proveu em Espanha por governador no ano de trezentos e quarenta e três a um cavaleiro, chamado Boodes, por falecimento do que em lugar de Hanon tinha vindo.

Nestes tempos, conta o universal cronista de Espanha Estevão de Garibai, que floresceu em letras Aristóteles, príncipe dos filósofos,

que foi discípulo de Platão e mestre de El-rei Alexandre Magno. E de sessenta e dois anos, que foi sua vida, os vinte e três viveu depois da morte de Platão. E, contando o mesmo Estevão de Garibai, desde o principio do Mundo até Tubal, e de Tubal até ao tempo de Aristóteles, discípulo de Platão, todos os reis e governadores de Espanha e cousas notáveis que nela aconteceram (como sumariamente tenho dele coligido, notado e relatado), não faz menção que, em algum tempo passado até o tempo de Platão e Aristóteles, algum rei de Espanha fosse vencido de reis de ilha Atlanta, nem que tal Atlanta houvesse (como Platão quis dizer), pelo que claramente se segue não serem estas ilhas dos Açores pedaços dela, como tem a segunda opinião que tenho dita.

Reinando Alexandre Magno, discípulo de Aristóteles, que reinou sós doze anos e faleceu pouco mais de vinte e oito, cuja vida acabou no ano de trezentos e vinte e dois antes do nascimento de Nosso Senhor (como faz menção Ptolomeu em seu principio, ou como escreve Plínio, citando a Cornélio Nepote), em seu tempo, houve um rei em Egipto, chamado Ptolomeu Gátiro, e, fugindo dele pelo golfão Arábico, e outros dizem que fugindo do mesmo Alexandre um grande astrólogo, chamado Euxodo, e saindo bem de dentro do mar Roxo, rodeou o cabo de Boa Esperança e levou fogo por ali, onde nunca dantes o houvera, nem havia, com que os moradores daquelas partes folgavam tanto que não se enfadavam de abraçar a chama dele que tão formosa cousa lhe parecia. E deste lugar, diz Angelo Policiano na sua Silva, que, logo, quando o fogo primeiramente veio do Céu, um sátiro o abraçava. Assi que, rodeando este Eudoxo o cabo de Boa Esperança, entrou em Cález, que estava nas portas do estreito junto das Colunas de Hércules, sem achar sinal de ilha Atlanta, que diz Platão que dali junto delas começava.

E no ano de duzentos, antes da Encarnação de Cristo Nosso Deus, dizem que os romanos mandaram uma armada à India contra o Gran Cão do Cataio e, saindo pelo estreito de Gibraltar for a, correram ao Noroeste e, defronte do cabo de Finisterre, acharam dez ilhas, em que havia muito estanho. Dizem alguns que deviam ser aquelas que chamam Casseteriais. E postos em cinquenta graus de altura, acharam um estreito, por onde foram a Oeste à Superior India e, pelejando com o senhor do Cataio, se tornaram à cidade de Roma, sem achar estas ilhas dos Açores pegadas com a costa de Portugal ou de Europa, rodeando-a toda até ao cabo de Finisterre, sem fazer tão longo rodeio como fora, se pelas ditas

ilhas dos Açores foram. Pelo que, do que tenho contado, se segue que nunca estas ilhas dos Açores foram pegadas com Portugal, como tem a primeira opinião, nem com ilha Atlanta, que não houve antes nem depois de Platão (como ele diz), que é a segunda opinião, como, pelas histórias contadas atrás e pela experiência que dos mais tempos já tão conhecidos e lembrados temos, tão claro parece.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO PRIMEIRO

EM QUE A VERDADE PÕEM OUTRAS RAZÕES E CONJECTURAS,
POR ONDE PARECE NÃO HAVER SIDO ILHA ATLANTA

Ainda se Platão não tivera que o Mundo teve princípio e cuidara, como cuidou Aristóteles, que era ab eterno, deste erro pudera persuadir que houvera em algum tempo atrás (de que não houve memória de homens) a ilha Atlanta, porque ninguém, então, lho pudera nem soubera contrariar, pela infinidade de anos em que atrás pudera haver sido o que contara ele e qualquer outro que quisesa fingir histórias muito antigas. Mas ele tem que o Mundo teve princípio e a Igreja Católica, que é mais verdadeira e certa mestra que as escolas de Atenas, assi o afirma; e é verdade infalível de fé que teve o Mundo principio, como se vê e prova no primeiro capítulo do Génesis, onde a Sagrada Escritura começa que no princípio criou Deus o Céu e a Terra. E temos anos contados no Mundo, desde o princípio dele até agora.

E os reis e governadores de Espanha que de Tubal, primeiro rei dela, começaram até os que em tempo de Platão e Aristóteles, seu discípulo, reinaram e governaram, e claramente vimos que, no tempo que eles reinaram e governaram, nem setecentos e cinquenta anos antes que Platão escrevesse (como ele diz) haver tal Atlanta, nem rei dela, que aos de Espanha em algum tempo depois, nem dantes, vencesse, como tenho contado, os que a Tubal sucederam até os anos em que Platão e Aristóteles floresceram, e até os tempos claros e conhecidos em que notoriamente experimentamos e sabemos não haver tal Atlanta, por onde, nestes nossos tempos acordados, parece ficar ar e nada o sonho da Atlanta que Platão, como dormindo, sonhou e contou.

E muitos se enganam, cuidando ser verdade haver sido Atlanta, pelas particularidades e histórias e nomes de pessoas, que dela e de seus reis e habitadores miúdamente vai contando. Mas já eu vi contar histórias vãs e fingir aventuras e encantamentos com mais palavras e nomes que esta, coartando tudo a lugar e tempo e contestes todos os pontos delas, e, todavia, na substância e realidade da verdade, tudo era fingido e nada, como desta Atlanta se inventaria, de alguns antigos amigos de invenções, fábulas e novidades, esta fingida história, que, pera lhe dar alguma cor de verdadeira, lhe acrescentariam muitas cores particulares fingidas, como às vezes o servo dispenseiro pouco fiel, pera que o creiam, dá, do que em grosso gastou, pelo miúdo a conta com bicos.

Não quero nisto dizer que Platão quisesse fingir esta história da Atlanta, senão que a contou como a ouviu a alguns, a que

deu mais crédito do necessário, donde parece que a veio fingir, como as suas ideas (que dele dizem), ou quis dar, debaixo desta história da *Atianta* e do sentido anagógico dela, alguma doutrina e entender outra cousa, como também dá a entender *Marsílio Fiscino*, florentino, no argumento que faz ao mesmo *Diálogo*, de *Platão*, da *Atlanta*.

Mas digo: ou os nove mil anos, que diz *Platão*, são anos ou são meses; se são anos, e nove mil, não havia tantos que o *Mundo* era nem é criado, nem que o dilúvio de *Noé* passado era, como claramente se vê na *Escritura Sagrada*, pois da criação do *Mundo* até agora, que são mil e quinhentos e noventa depois do nascimento de *Nosso Senhor*, não há sete mil anos, quanto mais nove mil no tempo de *Platão*, que há tantos anos que floresceu em *Atenas*, no tempo de *Filipe*, rei de *Macedónia*, pai de *Alexandre Magno*.

E, se são meses chamados anos, contando pelo modo dos egípcios (como quer dizer *Marsílio Fiscino* por escusar o inconveniente e erro que, por isso, em *Platão* achava, dizendo que não nos embarçarão estes nove mil anos, se ouvirmos a *Eudoxo*, astrólogo, que diz aqueles anos dos egípcios não haver sido solares, mas lunares, e que eram meses e não anos), e sendo nove mil meses, ficavam somente setecentos e cinquenta anos. A isso digo que, pois, *Platão* era ateniense e em *Atenas* escreveu e de cousas de atenienses, e não de egípcios, contava e com os atenienses falava, que só tinham anos solares, como havia de falar com eles, por conta de anos egípcios e lunares, sem dizer logo que o eram? Donde se vê que está esta conta muito embaralhada e incerta. Diga *Marsílio Fiscino* o que quizer, comente anos egípcios e lunares, não parece que *Platão* falasse senão de anos solares, que era a sua linguagem e daqueles com quem praticava, porque, como não tinha o lume da fé, falava às obscuras e cuidaria que muitos mais anos haveria de nove mil que era criado o *Mundo*. E assi como errou nesta conta, assi também parece que errou em contar da *Atlanta*, que, do dilúvio de *Noé*, nem da criação do *Mundo*, não se lê, nem acha em escrituras sagradas nem profanas, nem em memória e tradição de homens antigos nem modernos, haver tal sido nem havido.

Também diz *Platão* que dos egípcios ouvira o que da *Atlanta* conta, e se, por isso, diz e conta por seus egípcios anos, e são meses, e sendo anos lunares e meses, os nove mil se tornam em anos solares setecentos e cinquenta. Do dilúvio de *Noé* e de seu neto

Tubal, primeiro rei de Espanha, tenho eu contado, até os tempos claros em que não havia Atlanta, todos os reis e governadores de Espanha, sem haver algum que pelos reis da Atlanta em algum tempo vencido fosse, como Platão afirma. E se me disserem que conta isto Platão, dizendo que o ouviu aos egípcios, e, por isso, fala pelo modo de seus anos, a isto respondo (como dizem) que não conjunta nem quadra que os egípcios tivessem melhor lembrança das cousas de Atenas, e que as ignorassem os atenienses, sendo próprias suas.

Além disto, pois, Platão, como cousa nova, conta aos atenienses esta história da Atlanta e dos reis dela, como, sendo tão belicosos foram vencidos pelos mesmos atenienses, como a eles nova e deles nunca sabida, nem ouvida. Eu não sei como possa ser que uma cousa tão grande, como diz que era a Atlanta, e tão poderosos reis dela e vencedores dos reis de Espanha, ou a subversão dela, ou a vitória que dela houveram os atenienses (como ele conta), sendo cada uma destas cousas tão grande e de tanto nome, que a menor delas era digna de memória perpétua, fosse ignorada e esquecida no Mundo todo, e especialmente em Espanha e em Atenas, pois de muito menores cousas e acontecimentos há tantas memórias e estão as escrituras cheias, como tenho dito, e florescendo tantas letras e tantos engenhos entre os gregos em Atenas, sendo ela a universidade mais principal de Grécia e, naquele tempo, do Mundo todo, estar esquecida de cousa que só setecentos e cinquenta anos atrás havia passado, sem haver memória nem escritura entre eles de uma tal vitória que tanto os honrava e engrandecia. Pois Suidas e Pausânias e os dois melhores historiadores de todos os gregos, Heródoto e Tucídides, filósofo, excelente historiador e maravilhoso capitão ateniense, que escreveu a guerra dos peloponenses e atenienses e floresceu quatrocentos anos antes do nascimento de Nosso Senhor, e Antígono, rei de Macedónia, e Temístocles, Epaminundas, capitães gregos, e outros autores gregos escrevem outras cousas muito menores de Atenas e toda Grécia, sem escrever de tal e tão grande guerra que os atenienses tivessem com os reis da Atlanta, nem de tal e tão insigne vitória que deles em algum tempo atrás houvessem, pelo que, pois, os atenienses e autores gregos, nunca esquecidos de sua glória e fama, nenhuma memória tiveram de tal vitória; nem eles, nem nenhuns outros autores latinos, nem hebreus, nem gentios, nem cristãos, nem astrólogos, nem matemáticos, nem geógrafos, nem cosmógrafos, nem humanistas, nem filósofos (tirando só Platão) fizeram menção de tal ilha Atlanta, nem de tal vitória

com que os reis dela dos de Espanha em algum tempo triunfassem, nem da que os atenienses dos da Atlanta houvessem tido. Mais claro que o meio dia fica e parece que nem reis de Atlanta venceram reis de Espanha, nem atenienses venceram reis de ilha Atlanta, nem tal Atlanta no Mundo houve em algum tempo, pois tenho contado os tempos e as mais notáveis cousas e guerras deles (em que Platão diz que foi), sem neles, dantes nem depois, disso se achar nem em escritura, nem tradição, nem memória de homens lembrança, faro, parte, nem mandado.

E ainda que esquecessem as particularidades de qualquer destas cousas, eram cada uma e todas elas tão grandes, que sempre houvera de durar o tom e fama do geral delas ao menos assi em grosso e confuso antre os vizinhos e comarcãos e antre a geração e descendentes daqueles que o passaram ou fizeram, com dizer ou lembrar antre si houve uma ilha Atlanta, os reis dela venceram aos de Espanha, os atenienses venceram os da Atlanta. Mas, pois, nada disto antre eles se dizia, nem sonhava, claro parece quanto Platão disso diz ser como cousa sonhada.

E não pode ser que alguém dela não falasse ou escrevesse, se no Mundo houvera cousa tão grande, rica, poderosa e belicosa, ou ao menos de sua subversão, que em Espanha, tão chegada vizinha sua (como Platão diz), houvera de ser sentida e notória, como foi um terremoto desta ilha de S. Miguel na ilha de Santa Maria e na ilha Terceira, que está trinta léguas dela, cujo rasto e cinzeiro chegou a Portugal, e o da ilha do Pico, ao derredor, nas outras ilhas todas, suas vizinhas. E o mesmo aconteceu o ano de mil e quinhentos e oitenta, quando no mês de Maio arrebentou o fogo na ilha de S. Jorge, cujo fumo e cheiro de enxofre cobriu a terra e o mar antre estas ilhas até esta de S. Miguel, que está mais longe, de tal maneira e com tanta obscuridão e fumaça, que os que estavam aqui, apartados em menos espaço de um tiro de arcabuz, uns a outros se não viam, cujos estrondos e urros se ouviam mui claros na ilha Terceira, que está vinte léguas das Velas, e também nas outras ilhas, que estão mais perto.

Diz mais Platão que tão grande era a ilha Atlanta como África e Asia juntas. E claro está que das Colunas de Hércules, onde ele diz que começava, até a ilha de S. Domingos, onde acabava, é muito menos espaço e mais pequeno que das mesmas Colunas de Hércules, ou da costa ocidental de Africa, ao cabo da China, que é

o fim de Ásia, lá no Oriente, pelo que se vê claramente o contrário de sua opinião, que não pode ser como ele afirma, porque do estreito de Gibraltar, onde estão as Colunas de Hércules, donde ele diz que começava a Atlanta, até a ilha de S. Domingos, onde acabava, são ao mais mil e duzentas léguas; porque de Espanha até Gran Canária há, aí, duzentas e cinquenta, e de Canária até a ilha que se chama Desejada, há, aí, setecentas e cinquenta, e da Desejada até chegar à cidade de S. Domingos são cento e cinquenta; por todas mil e cento e cinquenta ou mil e duzentas léguas, segundo as cartas de marear que agora se têm por melhores e mais emendadas. Mas Africa e Ásia têm muito mais léguas, porque de Portugal a Goa, que é o nosso porto principal da India, há cinco mil léguas, e dali à China há mil e duzentas, e até o cabo da Terra devem ser muito mais, e ainda que não se conte o caminho, costeando senão por linha direita, é muito mais comprido caminho o de Portugal até a China que mil e duzentas léguas, que ao mais há do estreito de Gibraltar até a ilha de S. Domingos.

E se me disserem que, já que na compridão da costa ocidental de Africa, ou de Portugal até a China, de Oeste a Leste, não fosse a ilha Atlanta tão grande (segundo diz Platão) como Africa e Ásia, o seria na largura, medindo do polo Artico ao Antártico, a isto respondo que, pois Platão põem por compridão da Atlanta a longura que há das portas do estreito de Gibraltar até umas ilhas que estão junto de uma terra firme no Ocidente, que são a ilha de S. Domingos e as outras que tenho ditas, como parece fazer ele esta compridão, pois pera encarecer a grandura da Atlanta põem a maior longura dela; claro está que a largura não há-de ser tão grande como a compridão, mas a compridão, que ele diz, são sòmente ao mais mil e duzentas léguas (como tenho dito e está sabido); logo, a largura menos devia de ser ou, ao mais, tão grande como a compridão, e, sendo menos ou igual, claro fica que ficava a Atlanta muito menor que Africa só, ou que Ásia só, quanto mais que Africa e Ásia juntamente.

Além disto, se, porfiadamente e sem razão bastante, me quiserem dizer que a compridão da Atlanta seria de Norte a Sul (o que não pode ser, pois se colige claramente o contrário das palavras do encarecimento de Platão), a isto respondo que a terra dos Bacalhaus, que está da banda do nosso Norte, que é o polo Artico, e a grande terra Austral, que dizem estar, ou ilhas que estão além do estreito de Magalhães, da parte do polo Antártico, impedem que

pudesse ser esta ilha tão grande como Platão afirma. E se ele isto quere dizer e não se houver de entender o que diz em outro algum sentido alegórico ou metafórico, pois não há tanta compridão nem largura neste meio mar como África e Ásia juntas, claro se vê não ser verdade no sentido literal o que diz Platão. E quem diz e conta, afirmativamente, uma cousa que não se acha ser assi, como esta, também dirá outras do mesmo teor e põem pouco crédito em quantas depois da mesma cousa conta.

E se Platão literalmente afirma (o que eu duvido) que era tão grande a Atlanta como África e Ásia juntas, e não houve tal ilha, ou não podia ser tão grande como ele diz, como pelas razões ditas claramente se colige, sendo mentira o que a Platão disseram (entendido no sentido literal), como parece ser, eu não vi nunca mentira tamanha, pois é uma mentira tão grande como África e Ásia. E pela conta que tenho dado, tem pouco menos de comprimento seis mil e trezentas léguas, e daí pera cima, que não tem mais em circuito o globo redondo, feito juntamente de mar e terra. E, além d'isto, se fora tão grande a ilha Atlanta, já que era maior que África e Ásia juntas (como diz Platão), fora terra firme e não ilha, e África e Ásia, terra firme, em respeito dela parece que ficaram ilha.

E não é muito não crer eu nisto a Platão, pois Plínio duvida do que ele diz, e isto parece que dá a entender no lugar acima alegado, quando, tratando que umas ilhas se tiraram à terra e se mudaram em mar, como o lugar onde está o mar Atlântico, que diz Platão, acrescenta, logo dizendo estas palavras: “Si Platoni credimus”, como se dissera se damos nisto crédito a Platão, porque eu o tenho por duvidoso e incerto.

E nenhum geógrafo, nem cosmógrafo, dos que escreveram, faz menção de ilha Atlanta, que tal houvesse nem fosse, senão somente do mar Atlântico, que herdou este nome, não de ilha Atlanta, senão do monte Atlas, que está perto daquela costa, ou do grande rei de Numidia ali vizinho, que também se chamou Atlas, que foi rei de Mauritânia, que é aquela parte de África que agora se chama Marrocos, do qual dizem, fabulosamente, que sustentava o Céu com seus ombros, porque foi o primeiro que, com seu engenho e curiosidade, alcançou a saber o curso e revoluções do Sol e da Lua e das estrelas. Este dizem que foi irmão de Prometeu e, sendo amoestado e avisado pelo oráculo que se guardasse do filho de

Júpiter, não queria recolher nenhum hóspede em sua casa. E não o podendo sofrer e tornando-se disso Perseu, filho de Júpiter e de Danae, mostrou-lhe a cabeça de Medusa, a mais fera das fúrias infernais, que chamam Górgonas, que ele (dormindo ela) lhe cortou (segundo fingem os antigos), a qual vendo Atlas se converteu em um monte tão alto, que não se pode ver o alto dele, porque também quase do meio dele pera cima começam as nuves que o cercam, e em inverno e em verão sempre tem neve.

Daqui teve também lugar a fábula, que se conta, que este Atlas, rei de Mauritània, tem e sustenta o Céu com seus ombros, por ser este monte Atlas mui alto. E deste rei Atlas se chamou o monte Atlas e do mesmo rei Atlante, ou do monte assi chamado (como já disse) e não da Atlanta (que não há, nem cuido que houve) se chama o mar oceano ali vizinho, naquela costa de Africa, mar Atlântico. E por isso diz Cícero no tratado que fez do sonho de Cipião, como falando o morto com os vivos: “Omnis terra, quae colitur a vobis, parva quaedam insula circumfusa illo mari, quod Atlanticum, quod magnum, quod Oceanum appellatis in terra”, que quer dizer “toda a terra que é habitada de vós outros vivos (principalmente falava da terra firme) é uma pequena ilha, banhada e cercada com aquele mar que chamais na terra Atlântico, grande oceano”.

Pelo que e pelas razões sobreditas claro parece que nunca houve ilha Atlanta, nem estas ilhas dos Açores são parte sua, como tem a segunda opinião, nem tam pouco de Portugal ou de Europa, como a outra primeira opinião afirma, porque, se estas terras eram povoadas de gente, alguma houvera de ficar nestas quando se dividiram e, senão pessoas humanas, ao menos gado, ou lobos, ou feras, ou cobras, lagartos e lagartixas e sapos, ou lebres, coelhos, ou galinhas, ou alguma maneira de caça de outra sorte, como em Portugal há, ou na Atlanta, se tal fora, forçadamente houvera de haver, por onde estas ilhas, pequenos membros tivessem alguma semelhança com os corpos donde (como eles dizem) saíram.

Mas elas de tudo isto careciam e, se algumas cousas destas têm, de fora depois vieram, e sòmente tinham garajaus e outras aves do mar e pombos bravos, que também em algum tempo de fora vieram a ela, pois podem voar de umas terras a outras, como se viu, claramente, na ilha de Santa Maria, onde se tomaram pombas bravas com os papos cheios de junça, carecendo lá dela e não a havendo perto, senão nesta ilha de S. Miguel naquele tempo, pelo

que estava entendido que de lá vinham as pombas a comer a junça nesta. Por onde não podem dizer os das opiniões contrárias que estas pombas ficaram nas ilhas da Atlanta, que fingem que houve, ou da terra firme de Portugal, ou da serra de Cintra, senão se me disserem que havia aqui formigas, aranhas, moscas e mosquitos e outras semelhantes cousas, que são os mais ferozes e peçonhentos animais desta terra, e que estas podiam ficar das outras terras que dizem. A que a resposta está clara, pois claramente se vê que estas e outras quaisquer terras criam ou podem criar semelhantes cousas sem princípio nem sementes doutra parte trazidas, pois cousas desta maneira está claro entre filósofos que se geram mediante a podridão, de que é causa o húmido e quente da mesma terra ou do ar. E, como diz Aristóteles, a geração de uma cousa é corrupção de outra, ou, pelo contrário, a corrupção de uma cousa é geração de outra. Também aqui, algumas vezes, vêm de outras terras, voando, águias, falcões, açores, gaviões, corvos, patas, rolas e andorinhas e aves de outra feição e formosura, que é claro que passam o mar como estas pombas que disse, mas, como não criados nestas ilhas e estranhos destas terras, logo se tornam pera as suas.

E se me disserem que estas ilhas são, ou parecem, pedaços de terra quebrados de outra terra grande (que poderia ser a Atlanta), pelas altas rochas que têm em muitas partes como quebradas, a isso respondo que está claro (como se vê nesta ilha de S. Miguel) que, de princípio, junto do mar, eram as faldras das rochas rasas e quase ao nível com o mesmo mar e, depois, por incêndios que, antigamente, em diversos tempos aconteceram, com que muitos ou quase todos os montes que, então, arrebentaram, deitando uns de si pedra de diversas maneiras e terra e cinza e areia e pedra pomes por diversas vezes, se alevantaram e engrossaram as faldras baixas da terra e fizeram a altura que agora têm, indo quebrando, às vezes, ou com o mar que as comia ou com o peso da pedra e da terra, pela pouca liga que faz entre si a pedra pomes, e, às vezes, com os grandes tremores (que muitos em vários tempos houve nelas), sacudiram de si a pedraria e pedra pomes e cinza e terra que nos cabos, junto do mar, estava mal grudada e, quebrando e caindo no mar, ficaram as rochas íngremes e talhadas, como agora estão.

E é de tudo isto bom sinal e testemunho o que se vê claramente nesta ilha de S. Miguel, cujas grotas e rochas têm estes vezeiros e camadas, uns de pedra que correu em algum tempo, e logo, sobre eles, outros de pedra pomes e, logo em cima, outros de cinzeiro e,

logo mais no alto, outros outra vez de pedra e na face de cima outra camada de terra que correu ou caiu do ar, em que, com o terremoto, se alevantava dantes, ou se fez da podridão das raízes ou folhas das árvores ou ervas que, pelo longo tempo atrás, sobre ela nasceram e caíram. E ao longo das rochas muita pedraria e penedia, que, solapando-as o mar, caiu e quebrou das mesmas rochas juntamente com as outras mais camadas de pedra pomes, cinzeiro e terra, as quais, por serem levadiças, brandas e leves, as comeu e gastou o mar depois de quebradas e caídas nele, ou junto dele, e ficaram ao pé das rochas, ao longo da água, sòmente assi as pedras quebradas, feitas pedaços, e penedos grandes e pequenos, como também calhaus, maiores e menores, das mesmas pedras caídas, com o rolo das contínuas ondas do mar já feitos lisos e redondos, e cascalho e areia, uma grossa e outra mais miúda. E afora estas rochas, que desta dita maneira se fizeram altas e talhadas (e não por se quebrarem de ilha Atlanta, nem de terra firme), estão muitas, feitas nas grotas, mui altas, que as águas das enchentes vão fazendo, e morros, que são uma terra alta ao longo do mar, e também alguns meios picos, quebrados da banda do mar, que claramente se vê que em algum tempo foram inteiros, e aquela terra dos morros também inteira e que entrava e saía mais ao mar, mas que arrebentou, como os picos, com algum incêndio e terremoto, e o que dos morros e picos quebrou, comeu e gastou o mar pelo discurso do tempo, sumindo-se tudo nele e ficando sòmente os morros talhados e os meios picos, ao longo das suas águas, tão bem feitos como rocha talhada, como é nesta ilha de S. Miguel o pico de Guiné, no biscoutal grande, e o pico de Jorge Nunes, que agora se chama da Areia por estar meio coberto dela no areal grande, na freguesia de S. Roque, e o pico da Forca, de Rosto de Cão, afora outros muitos, e como são todos os morros e terras mais altas, assi chamadas, que há ao longo da costa de toda esta ilha. E como nesta se fizeram as rochas altas, íngremes e talhadas, assi se fariam nas outras ilhas que as têm.

E no lugar da Relva, meia légua da cidade da Ponta Delgada, desta ilha de S. Miguel, onde a costa é de uma rocha muito alta, está claro, a quem tiver olhos pera ver e entendimento pera entender, que está esta rocha, como as mais da ilha, feita destas camadas de pedra e terra, e que a fonte que chamam do Contador, que está ao nível com o mar, ao pé da alta rocha, já em tempo antigo correu pela face da terra e, por se cobrir depois (como se cobriram outras muitas fontes e ribeiras que vão sair ao olivel do mar, como alguns cuidam que é a do porto da cidade da Ponta Delgada e outras que

em grotas e rochas saem nesta ilha) com as camadas de polme, terra e pedra, que com os terremotos e incêndios correu, e com pedra pomes e cinzeiro que, alevantados com o fogo, tornaram, como chovidos, a cair sobre a mesma terra, se alevantou aquela rocha, que depois foi quebrando e cobriu aquela fonte do Contador que dantes ia pela flor e superfície da terra e, depois de coberta, buscou caminho e saída ao olivel do mar, por onde dantes corria, como o buscaram muitas ribeiras e fontes que há nesta ilha, como disse que se suspeita que é a ribeira que sai no porto da Ponta Delgada e outras fontes à Calheta de Pero de Teves, afora outras muitas que se acham sair ao derredor, ao longo do mar, pela costa de toda a ilha, ainda que eu tenho pera mim serem da água do mar, que, com a enchente dele, entrando pela terra, torna a sair, coada dela, algum tanto mais doce.

E ainda que em outras cousas que contam das Índias de Castela saiu Platão verdadeiro, essas concedo eu que no tempo antigo se teria notícia delas, como logo direi, porque realmente eram; mas parece que misturaram, os que lhas contaram, com elas outras cousas fabulosas que nunca foram, como da Atlanta tenho dado razões prováveis que nunca foi nem podia ser (segundo Platão conta) e, não sendo ela, não podiam estas ilhas ser sua parte. E, como tenho dito, não puseram os antigos nome de fim da terra, ou fisterra (como outros dizem), em Europa se, além dele, se estenderam estas ilhas dos Açores apegadas nela (como tem a primeira opinião), nem Hércules dissera, ao assentar das suas colunas, que, além de Cález, não havia terra pera onde navegar, se ali junto estivera a ilha Atlanta, que Platão diz, da qual tem a segunda opinião que são parte estas ilhas, pelo que nenhuma delas parece verdadeira.

Também o padre Afonso Venero, da ordem de S. Domingos, no seu Enchiridion dos Tempos, diz que o regno dos gregos ou dos argivos teve principio perto de três mil e trezentos anos depois da criação do Mundo. No qual reino primeiramente foi rei Inacho, cuja filha foi Io, a qual, vindo a Egipto, ensinou as letras aos egipcianos. E o quarto rei que teve dominio neste reino se chamou Argos, de cujo nome se chamaram os gregos argivos. E que a grande cidade de Atenas, mãe de todas ciências, que está neste reino, foi fundada por El-rei Cecrops, do qual se chamaram os atenienses cecrópides, e que floresceu este rei que a fundou perto de três mil e quinhentos e cinquenta anos depois da criação do Mundo. E dali a

muito tempo, convém a saber, perto dos anos da criação do Mundo de quatro mil e cinquenta, floresceu nesta cidade El-rei Codro, o qual (segundo diz Valério Máximo no Livro Quinto), sabendo que seu reino não podia ter paz senão por sua morte, entrou na batalha, tirado o hábito real, por que não pudesse ser conhecido de seus inimigos (sabendo eles que os atenienses haviam de ser vencedores se morresse seu rei) e, com sua morte, salvou seu povo. E, se não fosse longo processo, se puderam contar aqui os reis e capitães de Grécia e de Atenas depois de sua fundação, sem haver em tempo de nenhum deles memória de vitória que os atenienses tivessem de reis de Atlanta, pelo que claro parece nunca haver sido tal ilha. E não a havendo, mal podem ser estas ilhas dos Açores partes dela.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO SEGUNDO

EM QUE A VERDADE PÕE A OPINIÃO E PARECER QUE TEM DA
FUNDAÇÃO DAS ILHAS DOS AÇORES E DE ALGUMAS OUTRAS,
E DE SEUS PRIMEIROS E MAIS ANTIGOS DESCOBRIDORES. E
DIZ COMO SE PERDEU A NAVEGAÇÃO ANTIGA, EM ALGUNS
TEMPOS, ATÉ SE TORNAR A COBRAR PELOS NOSSOS
PORTUGUESES, DE QUE FOI PRIMAZ E PRINCÍPIO
O INFANTE D. HENRIQUE, DE
GLORIOSA MEMÓRIA. QUE
MANDOU DESCOBRIR
AS MESMAS ILHAS
DOS AÇORES

Se, pera prova de não serem estas ilhas parte de Europa, nem da ilha Atlanta, não são. Senhora, suficientes as razões que atrás tenho ditas, digo que elas e outras, que por brevidade deixo de dizer, são bastantes pera me persuadir e concluir, a mim, a ter o contrairo das duas opiniões e me convencem meu entendimento pera afirmar que entendo e não posso entender outra cousa, senão que parece claro que nunca estas ilhas dos Açores foram pegadas com Portugal ou Europa, como tem a primeira opinião. Nem houve em algum tempo ilha Atlanta, nem estas ilhas são parte sua, como a segunda opinião afirma. Mas nem com isso quero obrigar os entendimentos doutros (pois Deus os fez livres) a que entendam o mesmo e digam o que eu digo. Entenda e diga cada um o que quizer, que eu isto entendo e afirmo, enquanto não vejo outras melhores razões que me convençam meu entendimento no que agora disto alcanço saber.

E, se me disserem que pois não entendo que fossem estas ilhas dos Açores e outras pegadas com Europa, nem partes da ilha Atlanta, que diga o meu parecer da sua fundação ou criação. E se, antes de achadas pelos portugueses, há conjectura que fossem descobertas por alguns antigos, e se houve alguma antiga navegação antes da que agora temos? De boa vontade proporei o que nisso me parece e pude alcançar, segundo agora irei dizendo.

Diz o capitão António Galvão que no ano de quinhentos e noventa antes da Encarnação de Cristo Nosso Senhor partiu de Espanha uma armada de mercadores cartaginenses, feita à sua custa, e foi contra o Ocidente por esse mar grande ver se achava alguma terra. Dizem que foram dar nela e que é aquela que agora chamamos Antilhas e Nova Espanha, que Gonçalo Fernandez de Oviedo quere que neste tempo fosse já descoberta, ainda que Cristovão Cólón nos deu dela mais verdadeira notícia.

E como conta o doctíssimo doctor Aleixo Vanegas, diz Aristóteles (que floresceu depois de Platão e foi seu discípulo), em o livro que escreveu das cousas maravilhosas que na Natureza se acham (ainda que alguns quereem dizer que este livro é de Teofrasto, o qual tem tanta autoridade como Aristóteles), que uns mercadores cartaginenses, feita uma armada à sua custa, partiram de Espanha, das Colunas de Hércules, e foram contra o Ocidente (sem achar diante de si ilha Atlanta) por esse mar grande, ver se achavam alguma terra. E, navegando muito tempo, acharam uma ilha que distava de terra firme por espaço de muitos dias de navegação, na

qual não havia moradores, ainda que era abundante de todas as cousas que à vida humana são necessárias, além de mui grandes rios navegáveis, que havia nela, pelo qual acordaram de se ficar ali e povoarem a ilha. E como viesse isto à notícia dos cartaginenses, não querendo entender em tão comprida viagem, entraram em ajuntamento e conselho sobre o que haviam de fazer daquela ilha. Cuidando que, se a fama da riqueza dela viesse à notícia das estranhas nações, com a cobiça iriam a ela e a fariam um propugnáculo e defensão, em que se recolhessem pera se senhorear de todos, por onde sua liberdade podia vir em detrimento, se nações estranhas tivessem o domínio daquela ilha, pelo qual mandaram que qualquer que fosse ousado navegar pera ela logo pelo mesmo caso morresse e que os cartaginenses que lá haviam edificado, se os pudessem haver, os matassem.

E como nota o doctíssimo e curiosíssimo cronista universal de Espanha, Estevão de Garibai, escrevendo também desta navegação e viagem destes mercadores cartaginenses, como atrás tenho contado, que, desejando descobrir novas terras no oceano do Ponente, acharam esta grande ilha, que se suspeita ser a que agora se diz a Espanhola, que também se chama de Santo Domingo. Foi e aconteceu isto perto do ano de trezentos e noventa e dois antes do nascimento de Nosso Senhor.

E desta autoridade de Aristóteles, diz o mestre Aleixo Vanegas que é manifesto que as ilhas que descobriu D. Cristóvão Cólon e Vespucio Américo no ano de mil e quatrocentos e noventa e dois depois do nascimento de Nosso Senhor, aos onze dias do mês de Outubro do dito ano, já haviam sido achadas antes mil e oitocentos e oitenta e quatro anos, porque os cartaginenses, segundo conta o dito Estevão de Garibai, fizeram esta viagem no ano de trezentos e noventa e dois antes do Nascimento. E Cólon achou a ilha de Santo Domingo no ano de mil e quatrocentos e noventa e dois depois do Nascimento, a onze de Outubro; juntos trezentos e noventa e dois anos dantes com mil e quatrocentos e noventa e dois depois fazem a soma dita dos mil e oitocentos e oitenta e quatro anos em que a ilha de Santo Domingo se havia dantes achado primeiro pelos cartaginenses (segundo conjecturo), quando Cólon a descobriu depois.

E por isso diz o mesmo mestre Aleixo Vanegas que não será juízo sem fundamento dizer que dos moradores destas ilhas, s., destes

cartaginenses, se povoaram as ilhas da terra firme, pois é verdade que todos os homens descendem de Adão, porque a multiplicação dos homens foi causa da povoação das terras e, quanto mais se iam multiplicando, se iam mais estendendo. Pois que maravilha é que passassem três mil anos sem que se houvessem estendido os homens por todas as partes do Mundo? Logo, se sucessivamente se havia de povoar, que impedimento haverá, se dizemos que antes destes cartaginenses, de quem diz Aristóteles, não haviam ido homens à quarta parte do Mundo que agora, de poucos anos a esta parte, se descobriu? Que inconveniente é que digamos que daqueles cartaginenses que povoaram a ilha, que, por firmes sinais, conjecturamos que é a Espanhola, donde se traz o pau guaiacão, que chamam pau das Índias, se multiplicassem os homens? E condissem até a ilha de Cuba, e daí se derramassem até a terra firme de América, e daí condissem até Nombre de Dios, Panamá, lucatão, o México, e o Perú? Como também conjecturo que a costa da outra parte do Oriente até às ilhas de Java e Maluco se povoaria dos chins, que já estavam na terra firme oriental, como por muitas conjecturas dá a entender o notável capitão que foi de Maluco, Antônio Galvão, em o seu Tratado que fez de descobrimentos diversos. Se de Adão e Eva se povoaram as três partes do Mundo, que maravilha é que de cartaginenses se povoasse a América que estava vizinha das ilhas Espanhola e Cuba? E dela se povoassem outras muitas que se descobriram pelos mesmos, da parte do Oriente, que é desta nossa, em respeito dela, e da do Ocidente, em respeito dos chins que lá na Índia moravam? Assi que partidos estes cartaginenses das Colunas de Hércules e navegando por esse grande mar oceano, não acharam nele ilha Atlanta. E por esta razão e pelas mais que alegadas tenho, parece (salvo melhor juízo) que a não houve. E desta maneira não serão estas ilhas dos Açores pedaços dela, porque, ainda que sejam subjectas a terremotos, como querem que era a Atlanta antes de ser subvertida, também muitas ilhas e quase todas as que há em todas as partes, até as terras firmes (ainda que menos vezes), vemos ser cursadas de tais trabalhos. E nem por isso foram, nem são, parte dessa que dizem Atlanta, ainda que a houvera. E estes cartaginenses parece que nesta viagem, que fizeram, acharam algumas destas ilhas dos Açores (como logo adiante direi), porque não se acham outros em escritura antiga que pera estas partes do Ocidente navegassem senão eles, conforme às palavras de Aristóteles alegadas e outros navegantes que ele mesmo diz e logo direi.

Deixando aparte o que disse de Ptolomeu (contra o qual diz João de Barros em sua *Ásia* que os antigos geógrafos, como Ptolomeu e outros, se enganaram, chamando à ilha de Samatra Quersoneso, não sabendo, como agora sabemos, o canal que há antre ela e a terra firme, que na fronteira de Maluco tem doze léguas de largo e tem muitos baixos e restingas e ilhetas com canais, e que daqui procedeu, naquele antigo tempo de Ptolomeu e dos outros geógrafos, não ser aquele trânsito navegável, como agora é, parecendo-lhes ser Quersoneso pegado, com algum istmo, pescoço ou garganta estreita, com a terra firme e não ser ilha, como é, bem sei que muitas ilhas foram subvertidas e outras de novo alevantadas e até na terra firme (como fica dito) muitas mudanças grandes; mas não posso acabar de cuidar que houvesse Atlanta, nem que estas ilhas dos Açores fossem nalgum tempo pegadas com terra firme, mas, sometendo-me no dito e por dizer (como obediente filho) à correição, censura, amparo e proteção da Santa Igreja, nossa piedosa Mãe e verdadeira Mestra, e de seus católicos ministros, e a qualquer parecer que, melhor que eu, acertar pode, digo também o meu, que não valha nada, se não presta.

Que, como Deus, quando recolheu as águas, como em odre, e lhe pôs lei que não passassem seus limites e disse no primeiro capítulo do Génesis: *Congregentur aquae, quae sub coelo sunt in locum unum et appareat arida*, ajuntem-se as águas que estão debaixo do Céu, que é o ar, pera um lugar, ou em um lugar, e apareça a terra em cima delas pera habitação dos homens e animais que nela se criarem, pondo Deus, seu criador, a água e a terra de tal maneira, quando disse estas palavras—*appareat arida*—, que ou alevantou a terra sobre as águas que a cobriam pelas partes em que se vê descoberta, ou, o que se tem por mais certo, dizendo as mesmas palavras, ou logo, quando no princípio criou a terra e a água, de ambas fez um corpo perfeitamente redondo, que tem em circuito seis mil e trezentas léguas, medindo por círculo maior, como está claro antre todos os homens doctos e o trata doctissimamente o nobre e docto cavaleiro Pero Mexia, na sua *Silva de Vária Lição*, no livro terceiro, no capítulo décimo nono. Como se esta bola, ou corpo redondo, feito de água e terra, juntamente se fizera de cera branca e cera preta, por umas partes aparecera a cera preta e por outras a branca, assi ficando as águas por algumas partes deste mundo e globo redondo, apareceu a terra por outras partes dele, em algumas em grandes pedaços, como são os da terra firme, e em outras em pequenos, de diversas granduras, como são as ilhas todas, delas

grandes e delas pequenas, como estas dos Açores, que, ou Deus, então, logo criou no princípio como agora estão, ou depois com alguns incêndios de vezeiros de salitre ou enxofre, ou por outras causas naturais brotaram do centro ou interior da Terra e do fundo das águas do mar, e se alevantaram sobre elas pera habitação dos homens e dos animais brutos. E isto é o que de sua criação ou feitura (salvo o melhor juízo) entendo.

E não criou Deus, nem alevantou ou descobriu tudo terras chãs e férteis, mas também fez montes e vales, outeiros e campos chãos, terras mimosas e pedregosas, algumas secas e outras regadias, sendo só um elemento com tantas variedades, como a espécie dos homens com tão diversos rostos. As criaturas todas com viriudes, feições, cores, propriedades e qualidades tão estranhas e diferentes antre si, e tudo pera fermosura do Universo, pera, como bom pintor, com diversidades de cousas e cores, realçar com umas a fermosura das outras. Assi também, ou quando logo criou o Mundo, no princípio fez terra firme e muitas ilhas, ainda que adiante, ou antes do dilúvio ou depois dele ou com ele, algumas mudanças fossem e se fizessem.

E estas ilhas dos Açores, ou sempre des a criação foram ilhas, ou depois sobre as águas se alevantaram, como sobre a face da Terra se alevantam casas, pera amparo e habitação dos moradores delas, sem nunca depois do dilúvio de Noé serem pegadas à terra firme, nem à Atlanta (se tal houve), pois também elas são lustro e fermosura do Mundo todo. E ainda que pera isto não prestassem, prestam neste grande mar postas, como vendas ou fontes, poços e ribeiras em compridos e despovoados caminhos nalgum deserto, pera escala e aguadas dos cansados mareantes e enfadados passageiros dos importunos mares e das compridas viagens de longas terras, ou pera hospitais dos pobres doentes, que nas compridas viagens adoecem, onde, como soldados feri-dos no exército dos navegantes, servem as ilhas de casas de cirurgiões e médicos, que os curam, e muitos chegariam ao porto antes de chegar a ele, porque, buscando o da terra alongada, lhe ficaria o mar por sepultura muitas vezes, se muitas ilhas não fossem, que, como vemos e sabemos, curam muitas destas faltas, ainda que não todas.

E se ainda pera isto nada aproveitassem as ilhas quanto mais que pera tudo aproveitam, pelo menos serviriam aos navegantes de sinais e balizas de seus caminhos, como se viu no ilhéu do Corvo,

onde (quando ele se descobriu) foi achado, pera a parte do Noroeste dele, um vulto de um homem de pedra, grande, que estava em pé sobre uma lagem ou poio, e na lagem estavam esculpidas umas letras, e outros dizem que tinha a mão estendida ao Nornordeste, ou Noroeste, como que apontava pera a grande costa da Terra dos Bacalhaus; outros dizem que apontava pera o Sudoeste, como que mostrava as Indias de Castela e a grande costa da América com dois dedos estendidos e nos mais, que tinha cerrados, estavam umas letras, ou caldeias ou hebreias ou gregas, ou doutras nações, que ninguém sabia ler, que diziam os daquele ilhéu e ilha das Flores dizerem: Jesus avante.

Desta estátua, ou vulto de homem, e letras que tinha escritas, ou na mão ou na lagem em que estava (as quais, segundo meu parecer, deviam ser dos cartaginenses pela viagem que eles pera estas partes fizeram, como atrás dito tenho, e da vinda, que das Antilhas alguns tornassem, deixariam aquele padrão com as letras por marco e sinal do que atrás deixavam descoberto, que, por não serem conhecidas, ou por estarem já muito gastadas da antiguidade e do rocio do mar, não se puderam ler), afirmam outros que estava com o braço direito estendido, apontando pera o Sudoeste, como que demonstrava que pera aquela parte havia novas terras que descobrir. E que era a lagem, em que este vulto em pé estava, assentada sobre uma rocha que, segundo parece, se foi comendo, solapando e gastando por baixo toda, de maneira que se não podia chegar a ele sem dificuldade grande. E algumas pessoas, daquela antigualha curiosas, a quiseram dali mudar com cordas e aparelhos que pera isso ordenaram, e não o puderam fazer por via alguma; antes se viu que depois caiu dali e se fez pedaços. E entre as pessoas que muito pretenderam alcançar o segredo desta antiguidade, foi o corregedor Quiz da Guarda, ou outro seu propínquo antecessor, estando na mesma ilha do Corvo fazendo correição, como soía. Ou seria outro corregedor, dantes, que as iria tirar por mandado de algum Rei de Portugal, que parecia ser D. João, o segundo do nome.

Mas o docto e curioso cronista Damião de Goes na Crónica deste Rei, no capítulo nono, tratando desta antiguidade notável com mais verdade e curiosidade e falando das ilhas dos Açores, diz delas que a que mais está ao Norte é a do Corvo, que entende pelo ilhéu, que terá uma légua de terra, a qual os mareantes chamam ilha do Marco, porque com ela (por ter uma serra alta) se demarcam, quando vêm demandar qualquer das outras. E que no cume desta serra, da parte

do Noroeste, se achou uma estátua de pedra, posta sobre uma lájea, que era um homem em cima de um cavalo, em osso, e o homem vestido de uma capa, como bedém, sem barrete, com uma mão no coma do cavalo e o braço direito estendido e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamam índice, com que apontava contra o Ponente. Este vulto, que todo saia maciço da mesma lájea, mandou El-rei D. Manuel tirar pelo natural por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas. E depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Itália, que fosse a esta ilha pera, com aparelhos que levou, tirar aquella antigualha, o qual, quando de lá tornou, disse a El-rei que a achara desfeita de uma tormenta que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por mau azo e trouxeram pedaços dela, sc. a cabeça do homem e o braço direito com a mão e uma perna, e a cabeça do cavalo e uma mão, que estava dobrada e alevantada, e um pedaço de uma perna, o que tudo esteve na guardaroupa de El-rei alguns dias, mas o que se depois fez destas cousas, ou onde se puseram, diz o mesmo cronista que o não pôde saber.

E diz mais que esta ilha do Corvo e Santo Antão foram de João da Fonseca, escrivão da fazenda de El-rei D. Emanuel, e dele as herdou seu filho, Pero da Fonseca, escrivão da chancelaria do mesmo rei e de El-rei D. João terceiro, seu filho. O qual Pero da Fonseca no ano de mil e quinhentos e vinte e nove as foi ver e soube dos moradores que na rocha abaixo donde estivera á estátua, estavam talhadas na mesma pedra da rocha umas letras e, por o lugar ser perigoso pera se poder ir onde o letreiro está, fez abaixar alguns homens per cordas bem atadas, os quais imprimiram as letras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cegas, em cera, que pera isso levaram. Contudo, as que trouxeram impressas na cera eram já mui gastadas e quase sem forma, assi que por serem tais, ou, porventura, por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nenhum dos que se ali acharam presentes soube dar razão nem do que as letras diziam, nem ainda puderam conhecer que letras fossem. E a opinião, que o dito cronista desta antigualha tem, é que esta gente, que veio ter a esta ilha e nela deixou esta memória, poderia ser de Noruega, Gócia. Suécia ou Islanda, porque nos tempos passados e muito antes que os habitadores destas províncias fossem cristãos, havia antre eles muitos cossairos e tão poderosos que aos males que faziam pelo mar oceano e de Alemanha se podia mui

difícultosamente resistir, do que dão testemunho Saxo Gramático, antigo escritor, e Joannes Magnus Gothus, arcebispo de Upsália, no reino de Suécia; os quais escritores, ambos, nas crônicas que fizeram das cousas aquilonais, tratam assaz destes cossairos. E o mor argumento, que o dito cronista diz ter desta sua opinião, é que todas estas nações acostumavam fazer talhar e esculpir todos seus feitos, acontecimentos e façanhas em rochas de pedra viva pera mor lembrança e perpetuidade dos casos que lhe aconteciam, como naquelas províncias todas hoje em dia se vê e acham em muitas partes delas imagens e histórias talhadas, abertas, esculpidas e escritas em rochedos e outras pedras altas e de maravilhosa grandeza. E porque esta antiguidade desta ilha do Corvo é do toque destoutras, se pode crer que alguns destes cossairos viessem ter, esgarrados da fortuna do mar, a estas ilhas e, pelas acharem desertas e desabitadas, quisessem deixar de si aquela memória, o que se poderia facilmente tirar a limpo, se a esta ilha fosse ter alguma pessoa, ou a mandassem, que soubesse as linguagens destas terras, o que se faria com pouca dificuldade, se os príncipes e senhores que possuem as províncias fossem tão curiosos de saber como o são de haver e lograr os bens e rendas que lhe delas resultam.

Até aqui, sòmente, são palavras de Damião de Goes acerca desta estátua, e é parecer este, por certo, de um tão docto e tão visto e benemérito cronista de tão altos e poderosos Reis D. João, segundo do nome, e D. Emanuel, de gloriosas memórias (que também faz a caso de não serem estas ilhas dos Açores pegadas com Europa, pois naquele tempo diz que navegavam aquelas nações por este mar do Ponente e puseram aquela estátua na ilha do Corvo), provado por tão boas razões e conjecturas que parece ser esta a verdade daquela antigualha. Ao que eu acrescento que possível será aqueles cossairos, esgarrados com tormenta, irem ter às Antilhas, ou costa da terra firme ocidental, que agora chamamos Indias de Castela, e, da tornada, virem ter à ilha ou ilhéu do Corvo, em que poriam aquela estátua apontando pera o Ponente, onde a terra lá descoberta lhe ficava e demorava.

Mas, porque não se acha escritura autêntica que diga isto e a temos de Aristóteles ou Teofrasto, como atrás tenho referido da navegação dos cartaginenses, se estes cossairos não foram autores desta estátua e me é lícito dizer também meu parecer diante de tão docto e experimentado cronista, ainda que não seja fundado com tão evidentes razões como as suas, digo que o que eu desta estátua

de pedra cuida e suspeito é: que, também, de duas cousas possíveis pode ser uma, que ou deviam ser cartaginenses os que ali a puseram, pela viagem que eles pera estas partes fizeram, como atrás tenho contado, e, da volta que das Antilhas alguns de sua frota fizessem pera dar cá novas do que lá tinham descoberto, deixariam naquele ilhéu aquele padrão de figura de homem, pera mais memória, como por baliza, marco e sinal do que atrás deixavam descoberto; ou também podia este vulto ser obra dos fenicianos, os quais (como diz Aristóteles no lugar e livro acima dito) navegaram quatro dias pera o Ocidente com vento Apeliotes (que é o vento que vem do Oriente, a que os latinos chamam Subsolanus por vir e ventar donde nasce o Sol, situado em o lugar por onde o Sol nasce o dia do Equinoctio, e os gregos pela mesma razão o chamaram Apeliotes que, acerca deles, soa e quere dizer o mesmo, e também alguns deles o chamaram Euro, por ventar do Oriente, ao qual vulgarmente chamamos Levante em Espanha e Itália, e os navegantes Oeste ou Soão) e aportaram a uns lugares incultos, que estavam em continuo movimento e o mar os cobria e descobria e deixava em seco mui grande cópia de atuns, maiores que os que há em outras partes, os quais atuns dizem que acharam depois na ilha da Madeira e Porto Santo e na ilha do Faial ou da Nova Flândria, que é uma destas ilhas dos Açores. E já que estes acharam o Faial, parece que também seriam os primeiros descobridores destas outras, como também o foram (segundo a conjectura dita) da ilha da Madeira e Porto Santo. E depois deles a descobriria o ingrês Machim, como atrás tenho contado e contarei adiante mais largo, e da nau de sua companhia, pela infor-mação que desta ilha deram, moveram a El-rei de Castela mandar buscar ilhas, como depois fez e descobriu as Canárias. E esta nova, que soou depois em Portugal, deste ingrês moveria também ao Infante D. Henrique ao mesmo.

Mas como ia dizendo, parece que não foi este Machim o primeiro descobridor desta ilha da Madeira, senão os fenicianos, segundo o que Aristóteles conta, como já disse; e não somente daquela, mas também de alguma destas sete dos Açores, pois acharam o Faial, uma do seu numero, delas. E pode ser que também passaram estes fenicianos às Antilhas, por serem (como diz Pompónio Mela no Livro Primeiro, capítulo segundo, de sua Geografia) inclinados e dados a navegar, já que chegaram a descobrir o Faial aqui, tão perto, e seriam os primeiros descobridores destoutras ilhas dos Açores, segundo parece, como também o foram do Faial e da ilha da Madeira e Porto Santo. E da tornada das Antilhas fariam

e poriam na ilha ou ilhéu do Corvo, que está no caminho e rota delas, esta baliza e memória tom letras suas na rocha, abaixo donde estivera a estátua, que deviam dizer: em tal ano, em tempo de tal rei, os cartaginenses ou fenices, navegando por aqui, deixaram neste ilhéu esta estátua, apontando com o dedo pera a terra que atrás deixam descoberta, que demora ao Sudoeste, ou outro vento, e está tantas léguas desta, declarando o número das léguas. Uma destas nações parece que havia de pôr ali aquele vulto e letreiro.

E não me afirmei nos cartaginenses logo, por causa que estavam escritas as letras na lajem e na furna ou concavidade da rocha, que ali estava, ou no letreiro que a estátua na mão tinha, porque, ainda que os africanos têm agora outras letras, naquele tempo antigo usavam de outras diferentes, que eram as letras reais e figuras de animais e outras cousas pintadas, costumadas primeiramente antre os egípcios, de que usavam por letras quando ainda as não havia, antes de serem inventadas, como, claramente, diz Cornélio Tácito com estas palavras: *Primi Aegyptii per figuras animalium sensus mentis effingebant, ex antiquissima monumenta memoriae humanae saxis impressa cernuntur, et litterarum inventores perhibentur*, que **Blondo** *Ab urbe condita* e **Célio Rodoginio** e outros autores mais antigos chamam hieroglíficas, como eram as pinturas em que **leu Eneias** a destruição de **Tróia** no templo de **Cartago**, como cá temos histórias pintadas em retábulos, panos, painéis de **Frandes**, lonas e sarjas, e destas usam hoje em dia os índios das **Antilhas**, que bem parece que as tomaram, os desta nossa banda, dos cartaginenses e, da outra parte e costa, dos chins, que quase usam as mesmas, e por isso tem o seu abecedário mais de noventa mil letras, porque pera cada cousa tem os chins uma figura e letra ou sinal, donde parece que quantas cousas houver tantas figuras e letras hão mister. E como as letras da lajem não eram figuras, parece que por isto não seriam letras dos cartaginenses, mas a isto se pode responder que, pois os cartaginenses tiveram ânimo pera navegar tão remotas terras e não sabidas, também alguns dos que ali iam teriam espirito pera em alguma outra terra, fora de sua pátria, onde dantes haviam estado, aprenderem alguma memória de letras que ali na lajem poriam, ou no letreiro da estátua ou nos dedos, como vemos ingreses e framengos e biscainhos criados em **Espanha** falar e escrever espanhol. E o mesmo podiam fazer estes cartaginenses, pois era tão rica e havia tantas minas, mui abundantes, de prata nela que em tempo de fenices, e logo de cartaginenses, e depois de romanos, assi vinham as nações estrangeiras a ganhar riquezas

a Espanha, como agora os mesmos espanhóis vão às Índias. E assi escreveram os cartaginenses, com letras não naturais, mas aprendidas em outra terra, no letreiro que a estátua tinha na mão, ou na lajem em que em pé estava na ilha ou ilhéu do Corvo, ou em baixo na rocha, da tornada que das Antilhas alguns fizeram, pera deixarem memória e aviso pera os que depois ali viessem saberem como havia terra grande e rica daquela parte pera onde o vulto apontava, ou pera o Sudoeste ou Ponente, declarando a terra do Perú, ou ao Noroeste ou Nornordeste, mostrando a grande costa da Terra dos Bacalhaus que do Norte pera o Sul se estende até à Flórida e Brasil; de maneira que, por os cartaginenses não terem em aquele tempo antigo letras, senão de figuras das cousas, disse que, se eles não foram os autores daquele vulto (que também podia ser letra sua de figura pera com ela significarem o que queriam mostrar, principalmente se estava a cavalo, dando a entender que em cavalo de madeira haviam de buscar aquelas terras que com o dedo apontava), podiam ser fenicianos os que aquilo escreveram, pois eles usavam de bedéns, como a estátua o tinha, que em latim se chama pinula, quase frisando com o nome de fenices ou penos, e também costumavam fazer estátuas em memória do que faziam. E foram os que inventaram as letras e sabiam escrever, ainda que não tenho certeza que às Antilhas fossem, como quase a há dos cartaginenses, segundo Aristóteles afirma no seu livro já dito. E, quanto ao que dizem os moradores da ilha das Flores e do ilhéu do Corvo que o letreiro dizia Jesus avante, claro está que dizem o que suspeitam, mas não por as letras o dizerem, pois ninguém as soube ler nem entender, sòmente suspeitar-se que deviam dizer que pera aquela parte, onde apontava com o dedo, estava terra. E não podia ter o letreiro o nome de Jesus (senão se algum Anjo ou profeta nele o escrevesse), pois os fenices, nem os cartaginenses, de que Aristóteles conta as viagens sobreditas naquele tempo antigo, não eram cristãos, nem os havia no mundo antes da vinda de Cristo Nosso Senhor, nem tinham ainda notícia de nome tão santo quando estas viagens fizeram, tanto antes que Cristo Nosso Redentor nascesse.

A qual antiguidade de tempo mostrava bem a imagem de vulto ou estátua, pois os mesmos naturais da ilha das Flores e do Corvo, por tradição dos antigos, dizem que, quando foi achada ali no princípio do descobrimento daquelas ilhas, estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes sumidas, cavadas e quase gastadas do muito tempo que tudo gasta e consume, como brevemente direi,

quando tratar da ilha das Flores e ilhéu do Corvo, em que a mesma estátua foi achada.

E, como não se pode precisamente saber a certeza destas cousas, porque não pode homem adivinhar, digo somente estas razões e conjecturas, que nada valerão diante das que dá o dito cronista, ou quando outros me derem outras melhores que elas, pelo que quis agora dizer e propor estas desta estátua ali achada, esperando o juízo dos que mais dela souberem e atinarem com quem a pôs em lugar tão remoto e não sabido, pera aprender de boa vontade a verdade de quem quere que ma quiser ensinar nisto e em tudo, não querendo, nem pretendendo nunca ser como estaca das habilidades alheias, porque minhas ignorâncias e faltas me têm ensinado a consentir e pedir a todos que quem melhor oração souber a diga. E ainda que se não há-de pedir conselho senão aos sábios, contudo, se um cego me ensinar e mostrar o caminho certo, tomarei e seguirei de boa vontade (como diz Horácio) seu conselho. E nisto uso como o jogo dos mininos que alço minha razão, ou minha palha, onde der em mentira e não der no certo e na verdade, que não valha.

Bem conheço que me detive muito nestas digressões e dissonâncias tão compridas, mas tudo foi (como costumam fazer os músicos) pera vir cair e tocar na consonância do que pretendo, que é contar o descobrimento destas ilhas da Madeira, de S. Miguel e Santa Maria, e o que há nelas, e algumas cousas das outras dos Açores, posto que, como cuido, já nalgum tempo antigo foram vistas e achadas, mas não povoadas, como agora. Porque, segundo conta o notável capitão António Galvão no Tratado referido, já antigamente havia grande navegação, e além desta sabida verdade das antigas navegações, pelas que tenho atrás contadas e pelas autoridades de Aristóteles ditas e pela estátua de pedra do ilhéu do Corvo com o letreiro das letras incógnitas na mão ou na lajem ou rocha, apontando pera o longe, como dizendo haver pera aquelas partes algumas terras, que é certa prova haver sido este mar do Ponente navegado antigamente, sem nele estar ilha Atlanta, nem ser terra apegada com Europa, pelo que podia em tempo de Platão haver notícia da Nova Espanha e do grande mar do Sul, da banda do Perú, como ele diz.

Também pera a banda do Oriente está notório haver navegações, pelas que contei. Além das quais, Estrabom, citando a Aristónico, diz que depois da destruição de Tróia. El-rei Menelau saiu do

estreito e mar do Levante ao Atlântico e costa de África e Guiné, e dobrou o Cabo de Boa Esperança e em certo tempo foi ter à Índia. E Heródoto conta que Neco, Rei de Egipto, mandou fazer por certos fenices, homens experimentados nas cousas do mar, outra navegação, os quais, partindo do mar Roxo, navegaram tanto até chegarem ao mar Austral e daí vieram ter ao estreito de Gibraltar, donde tomaram seu caminho pera Egipto, ao qual chegaram passados já dois anos do tempo que havia que partiram do mar Roxo. E Strabo conta como no mar de Arábia, estando aí César, filho de Augusto, se acharam pedaços de naus espanholas, que ali com tormenta lançara o mar à costa. E o mesmo Strabo, Plínio, Cornélio Nepos e Pompónio Mela escrevem de Eudoxo, astrólogo, que navegou por este mar do Sul da Índia Oriental, por onde se vê que houve antigamente navegações de que a memória era já antre os homens perdida.

E o capitão António Galvão diz que depois que os romanos senhorearam a melhor parte do Mundo se fizeram muitos e notáveis descobrimentos, mas vieram os godos, mouros e outros bárbaros e destruíram tudo. Porque no ano de quatrocentos e doze depois da Encarnação de Cristo Nosso Senhor, tomaram a cidade de Roma e os vândalos saíram de Espanha a conquistar África. E no ano de quatrocentos e cinquenta El-rei Atila destruiu muitas cidades de Itália, e começou-se a de Veneza. E neste tempo os franceses e vândalos entraram em Africa. E no ano de quatrocentos e setenta e quatro se perdeu o Império de Roma. E depois disto vieram os longobardos a Itália.

No qual tempo se diz que andavam os demónios tão soltos pela terra, que tomavam a figura de Moisés e os judeus enganados foram muitos no mar afogados, e a seita arriana prevalecia. E Merlin foi neste tempo em Inglaterra. E no ano de seiscentos e onze foi Mafamede e os da sua seita que tomaram por força a Africa e Espanha. Assi que, segundo parece, nestas idades todo Mundo ardia, por onde dizem que esteve quatrocentos anos tão apagado e obscurecido, que não ousava nenhum povo andar de uma parte pera outra por mar, nem por terra.

Tão grande abalo e mudança se fez em tudo, que nenhuma cousa ficou em seu ser e estado; assi monarchias como regnos e senhorios, religiões, leis, artes, ciências, navegações, escrituras, que disso havia, foi tudo queimado e consumido (segundo contam), porque

os godos eram tão cobiçosos da glória mundana, que quiseram começar em si outro novo mundo e que do passado não houvesse nenhuma memória. Os que depois sucederam, sentindo tamanha perda e proveito como era o comércio e trato das gentes umas com outras e que não podiam gastar suas mercadorias, nem haver as alheias sem este meio, determinaram de buscar maneira como se não perdesse de todo e as mercadorias do Levante tomassem ao Ponente, como soíam. Porque, afora a navegação, que Salamão mandava fazer em seu tempo por qualquer mar que fosse, dizem que no ano de quinhentos e trinta e cinco antes de Cristo Nosso Senhor navegavam os espanhóis por todo o Maré Magnum, até chegarem às praias das Índias, Arábia e suas costas, donde levavam e traziam muitas e diversas mercadorias. E andavam nestes tratos e outros por diversas partes do Mundo em grandes navios, pelo que não é de maravilhar se os mesmos espanhóis se tornassem a restituir nestas navegações, principalmente os portugueses, primeiro, pera o Oriente, e os castelhanos, depois, navegassem pera a parte do Ocidente.

Daqui parece que se espertou o ânimo do Infante D. Henrique e dos Reis de Portugal pera mandar descobrir as Índias e novas terras e estas ilhas, como amanhã contarei, pois as longas e maiores sombras, que já caem dos altos montes, nos convidam a recolher-nos. Senhora, à cova onde moro, onde vos agasalharei, como puder, e não segundo vosso merecimento.

E, dizendo isto com muito doces palavras, comendo das verdes ervas do campo, e das silvestres árvores não tão doces frutos, nos fomos por antre elas, recolhendo à minha sombria morada, em que passamos a noite obscura até o claro Sol com seus dourados raios alumiar o dia seguinte, em que com amorosas práticas nos tornamos a assentar no lugar donde partimos.

E, rogando-me a Fama, lhe comecei a contar alguma parte da vida do Infante D. Henrique, primaz e o primeiro autor e inventor do novo descobrimento da costa de Africa e destas ilhas, e a história das ilhas da Madeira e Porto Santo, que primeiro foram achadas, na maneira seguinte.

